

REVISTA DA SEMANA

N.º 51

16 - 12 - 44

Cr \$ 5,00

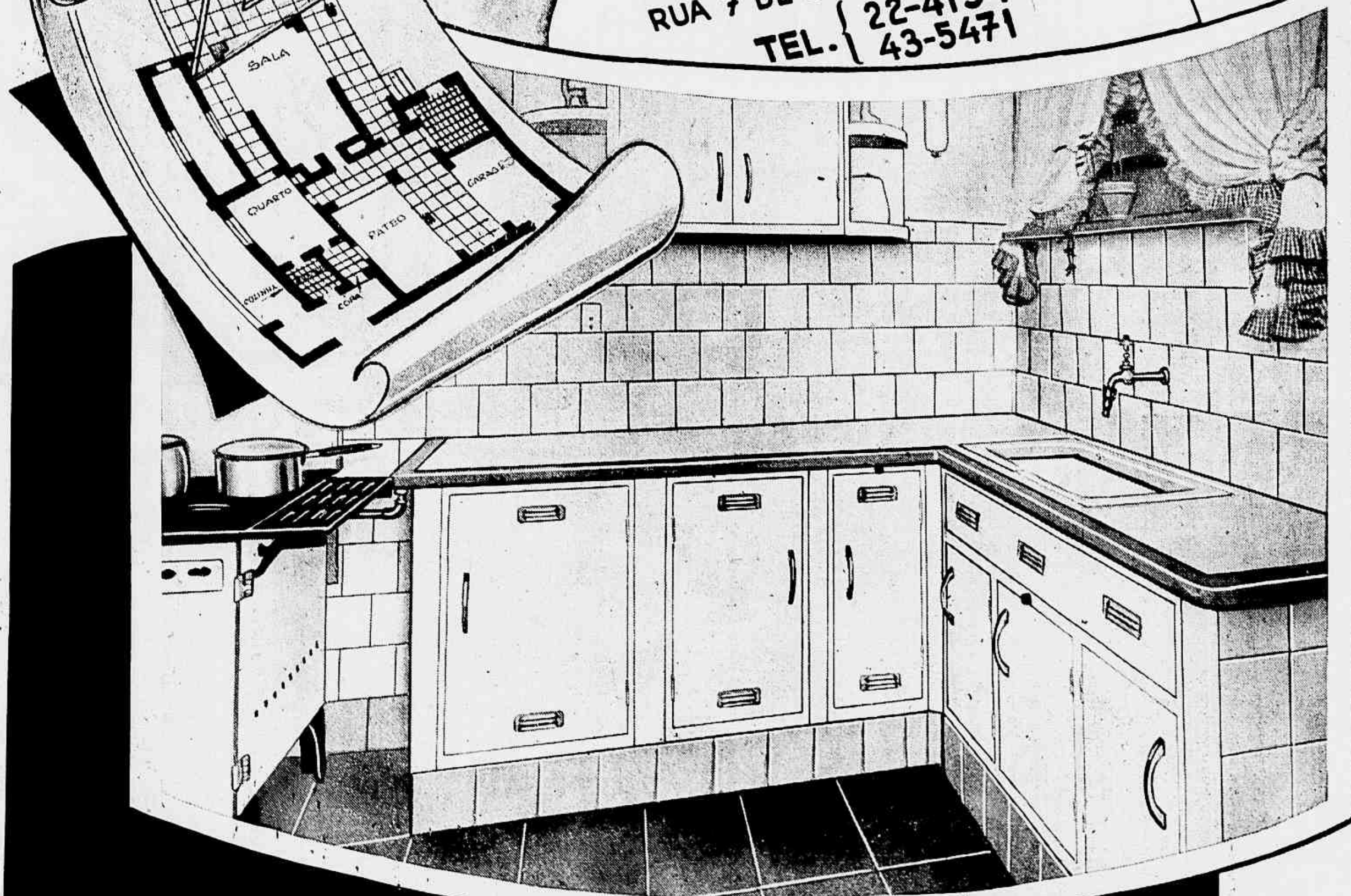
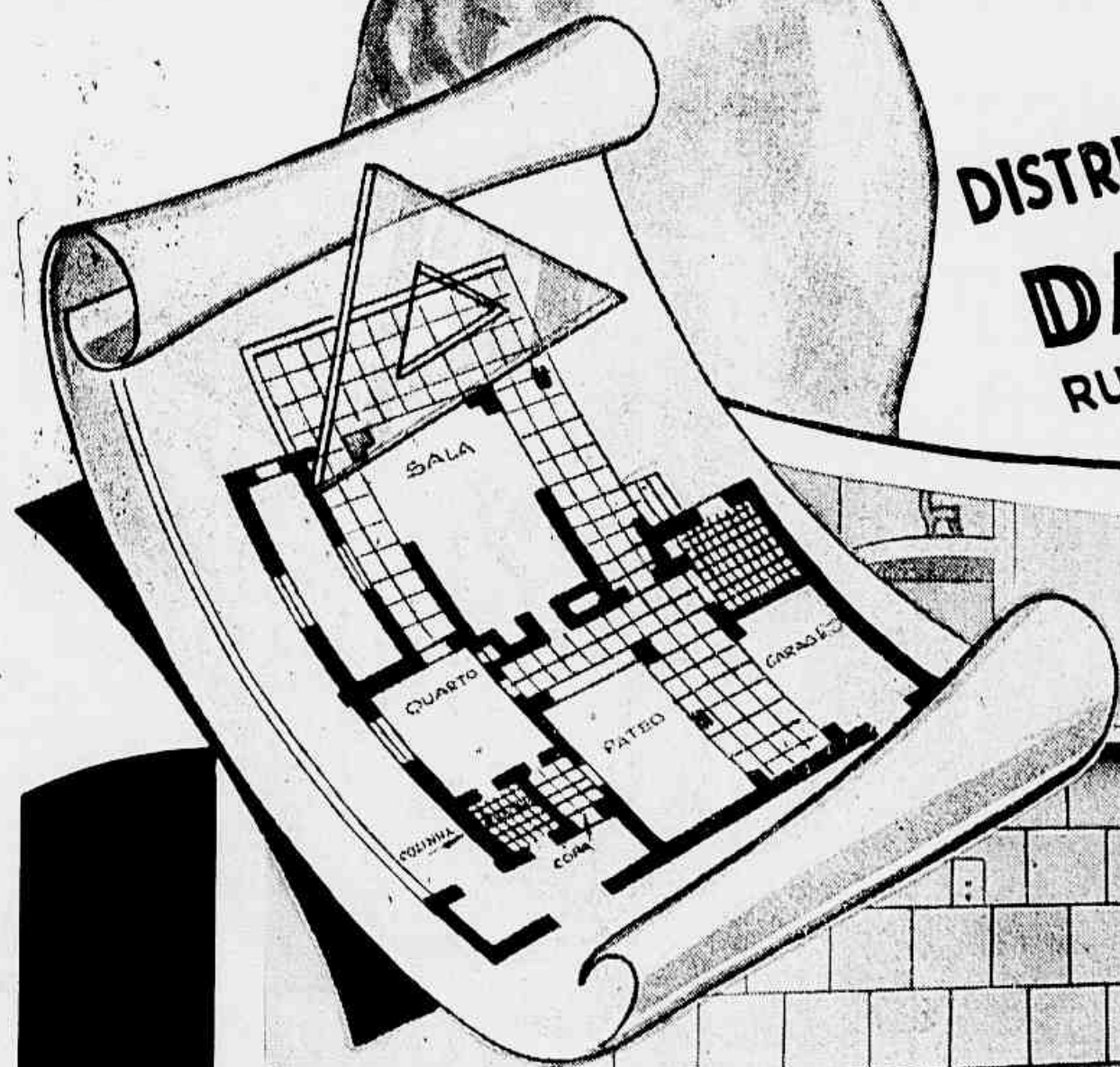
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

Edição de
N A T A L

S^{rs} ARQUITETOS E CONSTRUTORES:

*Tragam-nos seus projetos
ou suas plantas e nós nos
encarregaremos de organi-
zar "COPAS" e "COZINHAS" MODELOS!
Projetamos e orçamos os
conjuntos de aço C.A.S.A.,
sem compromisso.
Ofereçamos a feliz
oportunidade de aju-
da-los a satisfa-
zer aos seus
clientes !*

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA
DE
DAVID & CIA
RUA 7 DE SETEMBRO, III
TEL. { 22-4154
43-5471





*Papai Noel sauda-o,
leitor amigo, desejando-
lhe um*

FELIZ NATAL

*e prometendo continuar
a dar-lhe, todos os
sabados, uma*

*"Revista da Semana"
cada vez mais moça,
mais atual e melhor
correspondendo á sua
preferencia.*

Os aspectos gastronômicos DO NATAL

R. MAGALHÃES JUNIOR — Para a "REVISTA DA SEMANA"

O Natal não é apenas uma festa espiritual. E' também, no Brasil, uma apoteose gastronômica. Herdamos dos portugueses não apenas a tradição de festejar a vinda do menino Jesus a este mundo atribulado, mas ainda a de fazer grandes jantares e ceias de confraternização, em torno das quais se reúnem famílias inteiras. Ao lado do sentimento religioso há o sentimento pagão, o culto à boa cozinha, aos mólhos e aos temperos fortes, aos vinhos e às sobremesas ricas. Não falo com desprezo desses festins gastronômicos, nem desdenho das especiarias, que ativam o gôsto e excitam os paladares. Temperos! Não foi senão por eles — pela pimenta do reino, a canela e o cominho — que os navegadores portugueses se aventuraram tão afoitamente, oceano em fora, dando volta ao cabo da Boa Esperança, para assim descobrirem o caminho das Índias! O Natal, no Brasil, sugere presepes e lapinhas, mas igualmente fartas ceias, lautas consoadas, nozes, amêndoas, avelãs, rabanadas e tôda

a sorte de gulodices. E também acaba por sugerir, às vêzes, asia, arrendimento e bicarbonato.

Quem primeiro escreveu sobre a tradição de glotoneria do Natal brasileiro foi o minucioso Jean Baptiste Debret, na sua "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil". O antigo professor da Academia de Belas Artes já notava que no dia de Natal, como no de Reis, eram "de rigor sobretudo os presentes de comestíveis, caça, aves, leitões, doces, compotas, licores, vinhos, etc." A gravura com que ele ilustra essa observação é ainda mais expressiva do que as suas palavras. Nela vemos três negros e uma negra fazendo entrega de presentes de Natal. Um dos negros conduz um porco, de pés atados, à cabeça. Outro, conduz um enorme cesto cheio de aves, cujas cabeças assustadas apontam de sob uma toalha. O terceiro escravo está ainda mais carregado: na mão direita conduz, pelos pés, um gordo peru; sob o braço direito leva um leitão, e, ainda, à cabeça, tem um taboleiro, miraculosamente equilibrado e cheio de galinhas, pois pelo menos sete cabeças de aves são visíveis. Presente régio — e que faz, sem a menor dúvida, crescer água na boca de todos nós, nesta época de viandas difíceis, de galinhas magras e de perús caríssimos.

Melo Moraes Filho, no seu livro "História e Costumes", falando do Natal antigo, na Bahia, passa mais ou menos por alto no capítulo dos comestíveis e bebestíveis, mas cita uns versinhos que bem demonstram que os baianos também pensavam em consolar o estômago, por ocasião da celebração da grande data cristã. Esses versinhos pertencem a um

"NEGRO VENDEDOR DE AVES" (J. B. Debret)





"O JANTAR" (J. B. Debret)

baile pastoril, o Baile das Lavadeiras, no qual diz um dos personagens, entregando a outro um carneiro:

"Venha p'ra cá, meu carneiro,
Venha p'ra cá, meu amigo,
Que há de servir de fôro
Cá dentro do meu umbigo.

Não há de chegar à rua
E nem tampouco à janela.
Só há de andar no fogão,
Metido numa panela."

E depois de tudo isso, o "mimoso auto" — como Melo Morais Filho o chamou — acaba com a adoração de Cristo menino pelos pastores e pastoras. Perfeita aliança do sacro com o profano, do espírito com a matéria. Vieira Fazenda, o cronista, por excelência, do Rio de Janeiro antigo, tem pitorescas e deliciosas observações sobre o Natal antigo e focaliza, sobretudo, nas suas páginas, a abundância das comidas e bebidas. Ele nos fala de bacalhau com ovos, das papas, das castanhas, os figos, as passas, os pinhões, os vinhos verdes, a água-pé, a geropiga, o succulento sarrabulho e outras delícias culinárias. E nos fala já se lastimando que, na sua época, — o cronista escrevia tais palavras em dezembro de 1896 — essa tradição de bem comer no Natal já estivesse sendo relegada a um plano menos importante. "Há cinquenta anos atrás, aquilo é que eram jantares! Aquilo é que eram ceias!", exclama Vieira Fazenda. "Hoje, — acrescenta — a coisa muda de figura e é mais barata; cifra-se na monomania das folhinhas, dos crômos e dos "blocks", que se vendem nas lojas de papel, ou nos almanaques de anedotas, vindos de França (os quais podem ser encontrados no Fauchon), nos *marrons glacés*, o sonho dos anjinhos de procissão, agora que as nossas *amêndoas* não têm mais cotação na praça".

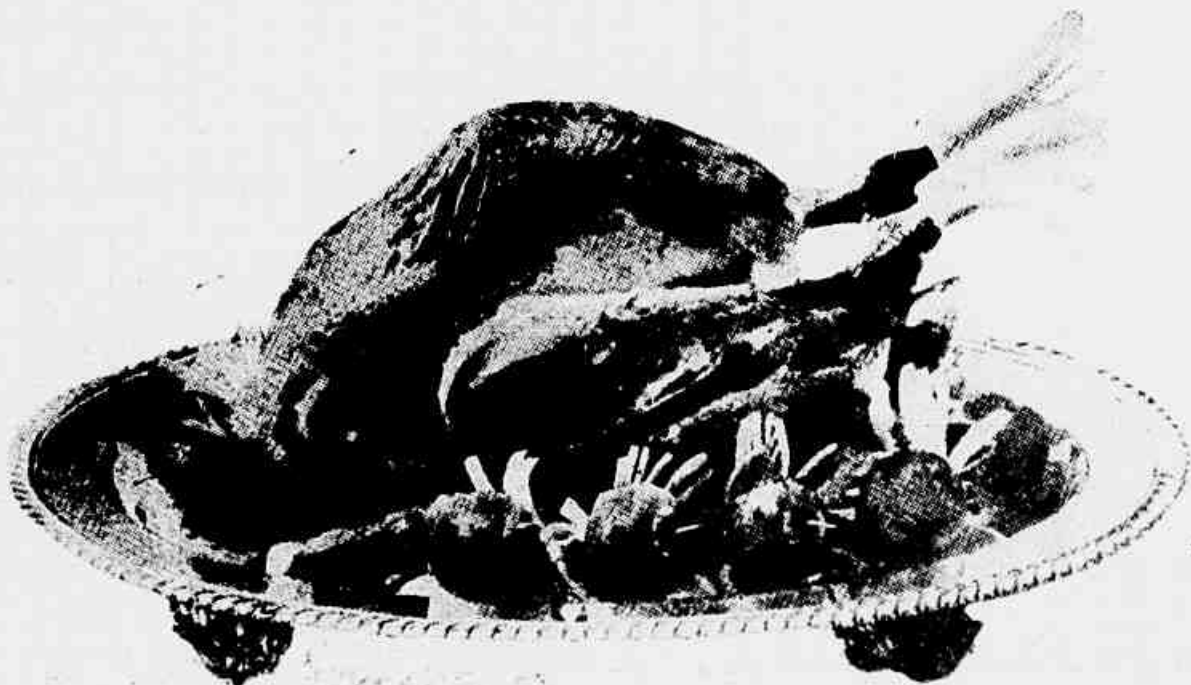
O autor das "Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro" lembrava-se com ternura das galinhas e dos porcos que vira ser sacrificados, no seu tempo de menino, para as grandes ceias e os opíparos jantares do Natal. Chegava a emprestar-lhes, mesmo, atributos quase humanos. "Que havia porco em casa — escreveu — sabia-o toda a vizinhança pelos protestos da vítima prestes a morrer com uma certa facada: jorrava o sangue,

cuidadosamente guardado para diversas petisqueiras. As galinhas mostravam-se tristes e abatidas, prevendo o próximo fim, tais quais candidatos derrotados em eleições. O peru, ao qual se tinha dado cachaça para tornar a carne mais macia, desconfiado de tanta *esmola*, preparava-se para o sacrifício e, bêbado como estava, não devia sentir muito a passagem desta para outra vida. Ali, a preta de confiança tratava do peixe, lá os moleques ralavam o côco para o doce, negrinhas areiavam os talheres ou punham palitos no paliteiro... Aqui um preto velho ou aposentado depenava galinhas depois de um banho de água fervendo, e mais além uma mulata velha tirava os ossos às mãos de vaca para fazer o apetitoso mocotó recheado com ovos e farinha de trigo (um verdadeiro quitute, desterrado, não sei por que, dos cardápios ou *menus* dos nossos burgueses jantares)".

Quanta abundância! Quanta variedade de comedorias! E os gastos eram, por vêzes, astronômicos. Um ricoço scandalizava a vizinhança, dando um jantar em que comiam vinte pessoas e no qual gastava, em iguarias e vinhos, a fabulosa quantia de duzentos mil réis...

Evidentemente, este Natal, que é um Natal de guerra, um Natal menos festivo para todos nós, que temos os nossos irmãos em armas com-

(CONTINUA NA PAGINA 53)





*Donna
Amphibio*

- Olhe... Olhe, José! Papai Noel atendeu ao meu pedido!

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 16-12-944 == N. 51

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 96 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Os aspectos gastronômicos de Papai Noel (R. Magalhães Jr.)	4/5
Menos um ano (Alvaro Moreyra)	9
História de uma árvore de Natal	17
Os Tres Rembrandt (Simenon)	21
Imaginação (João Luso)	22
Livros Novos	38/39
Semana M'ltar (Escagnolle Doria)	42
Um novo ser (Nikolai Tikhonov)	43
Presente de Natal (Gastão de Alencar)	45
Como surgiu Copacabana (Nilza Botelho)	59
Columbofilismo (Sebastião Fernandes)	60
O Louro (Hormino Lyra)	63
Vózes que são a Humanidade e o Mundo (Magdala da Gama Oliveira)	64
Bandido (Fernanda de Almeida)	66
Carta a um detento (Humberto de Campos)	91

REPORTAGENS:

Dacosta, prêmio de viagem de 1944, define a Arte Moderna	10/11
Jockey Clube	14
Malta, o que fotografou Passos e Rio Branco (Raymundo Athayde)	18/20
O campeão da Dança-Hora	23/25
Ao clarão do magnésio (Célius Aulicus)	26/27
Para o teatro, 1944 foi um ano bom (Bandeira Duarte)	28/29
Navarro de Andrade (Celestino Silveira)	31/34
Aconteceu em 1944	35/37
Figuras e Fatos	40/41

FEMININAS:

Noivas de Dezembro	12/13
Modas e Figurinos	70, 72, 92/93

CURIOSIDADES:

Frontispício de Papai Noel	3
Papai Noel Feminino	47
Aquí nasceu Jesus de Bethléem	56/57

SEÇÕES:

A Semana em Revista	8
---------------------	---

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, pêso, dôres e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*.

De Rádio (Djalma Maciel)	55
De Música (Roberto Lyra Filho)	58

CARICATURAS:

Charge	6
De Bom Humor	30
"Charge" de Raul	86

NOVELA:

Covardia (Berliet Junior)	61/62
---------------------------	-------

ILUSTRAÇÕES de: MILTON DACOSTA — SANTA ROSA — MIGUEL H. — JOSÉ ANTONIO

A nossa Capa

Uma das mais belas e fascinantes "estrelas" do cinema de Hollywood, que é também, por muitos títulos, uma das intérpretes mais queridas do grande público, foi distinguida para honrar a sobrecapa da edição de Natal da nossa revista: Heddy Lamarr. A bonita artista da Metro posou especialmente para um motivo festivo de Natal, e por isso seus encantos parecem ainda mais realçar. No texto do presente número, vão os leitores encontrar a mais variada leitura e um número elevado de páginas fartamente ilustradas, com motivos elegantes, cinematográficos e de ordem geral. Farta e selecionada colaboração, com alguns trabalhos assinados por nomes de real prestígio, várias e interessantes reportagens além das seções costumeiras perfazem o sumário desta edição, um número de Natal ainda em plena guerra.



que a nossa revista oferece aos leitores, vencendo todos os obstáculos do momento para mais e melhor correspondência às preferências de quem nos lê.

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

...E ASSIM ELES ENRIQUECEM



Aquela grossa patifaria do leite com água nas "vacas-leiteiras" que servem a população da cidade, descoberta no princípio da semana e divulgada com o necessário sensacionalismo pelas gazetas de segunda-feira, reclama providências imediatas e fulminantes. Não devemos ficar à mercê de criminosos dessa espécie, de indivíduos que, ávidos e insofridos de fazer fortuna, seja por que processo for e no mais curto espaço de tempo, não trepidam em envenenar o povo, aniquilando e tornando ainda mais sub-alimentadas as crianças que tiveram o infortúnio de vir ao mundo em dias tão escassos de alimentação. Certo, as autoridades, a quem compete esclarecer o caso, a esta hora não de ter tomado as providências que este requer, para punir os responsáveis, sejam eles quais forem, sobre cujas cabeças venha a recair o crime. Crime que não terá sido de meia dúzia, mas de algumas dúzias de indivíduos, maiores e menores, pois foi precisa uma quadrilha inteira, com chefes, chefetes e comparsas, para dar execução ao ardiloso plano. As "vacas-leiteiras" saíram da C. E. L. com o leite puro. Encaminhavam-se para uma determinada garagem cujo endereço não é de mais repetir — Garagem Guarani, na esquina das ruas São Cristóvão e Lopes da Cunha — e ali sofriam a operação necessária. Os selos de chumbo da C. E. L. eram destruídos. Tubos de borracha, ligados às torneiras da garagem, completavam o recipiente de cada carro, com água que não havia sido submetida a nenhum processo de esterilização. Outros selos de chumbo eram apostos nos lugares apropriados, e pronto! Servia-se o leite à população incauta. Quando o caminhão estava com o seu depósito pela metade, voltava à garagem Guarani para reabastecer-se... de água. Resultado: um lucro nada desprezível de seiscentos mil cruzeiros por mês. Quer dizer: sete milhões e duzentos mil cruzeiros anualmente. E desde quando estaria a burla em função? Desde um mês, um ano, dois anos? As autoridades cabe também esclarecer.

O importante é que o bando está, no todo ou em parte, nas mãos da polícia. E que essas mãos nunca sejam doloridas pelo castigo que venham a aplicar nos façanhudos indivíduos... Com os seiscentos mil cruzeiros de trinta em trinta dias, quantos deles não ficariam milionários antes da guerra acabar? Vá alguém, mais tarde, levantar a mais leve insinuação sobre a origem dessas fortunas, e os tartufos terão ainda o dinheiro bastante para remeter à cadeia os acusadores... Enquanto isso, a população é escorchada. Aumenta-se o preço do leite — e aumenta-se também a percentagem de água. O vasilhame de cada consumidor doméstico é, por sua vez, lesado na quantidade do leite, sempre faltando cinco ou seis dedos na parte do gargalo. Tudo falsificado, tudo roubado — e tudo mais caro!

E' assim que eles enriquecem. Enquanto a guerra impõe ao Brasil a sua parcela de sacrifício e tantos de nossos bravos e jovens patriotas já derramaram seu sangue moço pela causa da Humanidade, grupos e grupinhos de oportunistas enchem o mealheiro, constroem imóveis de alto preço, adquirem propriedades de encher o olho, por cifras astronômicas cuja existência não se registrava até participarem de qualquer "cavacão" desse estilo. Há, sem dúvida, exceções na regra comum dos que enriquecem. Mas os processos honestos, lícitos, absolutamente comerciais, são muito poucos. A maioria pertence à estirpe dos burladores da C. E. L., sobre quem não deve recair nenhuma parcela de culpa, mas que certamente será a primeira a exigir o justo castigo para os culpados. E a propósito: Que é feito da pena de morte para os traidores? E que maiores traidores senão esses, senhores juizes?

A PROMESSA DE SUOR E SANGUE

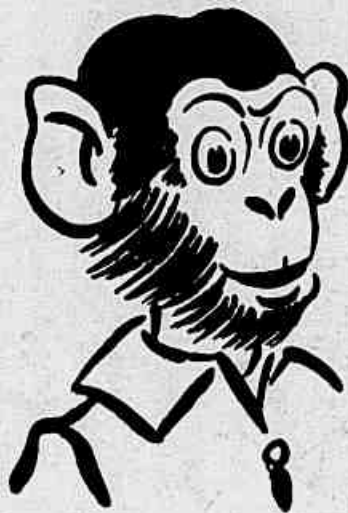


O caso registrou-se no Recife, quando ali se comemoravam os tradicionais e piedosos festejos em honra de Nossa Senhora da Conceição, no mórro do Arraial. Milhares de fiéis acorriam ao histórico local, cada qual desobrigando-se de sua promessa, feita em horas de angústia, quando um fato mais impressionante atraía as atenções gerais. Um humilde marítimo, recentemente vítima de um naufrágio, conseguiu salvar-se. E agora, resgatando junto à Virgem a promessa feita na hora culminante do perigo, o bravo marinheiro fez todo o percurso, íngreme e montanhoso, arrastando-se pelo chão, como que nadando em seco, chegando ao altar-mor completamente coberto de poeira, suor e sangue. Espíritos mais rebeldes e profanos podem ter apreendido na atitude do homem humilde um excesso de fervor místico. E, de si para consigo, não de afirmar que a promessa poderia converter-se em uma determinada quantia entregue à caixa de esmolas da igreja... Sim, talvez. Há muita gente que tudo converte em dinheiro, só e sempre o dinheiro. Mas talvez o naufrágio cuja salvação atribuiu ao milagre da Virgem, não refletisse de igual modo, mesmo dispondo de alguns recursos. Para ele, o valor estaria em sacrificar-se, pagando a promessa, tal como nos dizem os jornais, com o próprio suor e o próprio sangue.

Aqui mesmo, no Rio, por ocasião dos festejos da Penha, são frequentes os casos semelhantes. De nenhum modo devemos censurar os fiéis que a tanto se submetem, porque do sacrifício fala justamente a sua crença. No momento exato de um perigo maior — a enfermidade em pessoa querida, o desacerto de um negócio que pode levar à ruína uma família inteira ou coisa ainda mais grave — quem ainda não apelou para as virtudes de um santo padroeiro, mesmo os mais incrédulos e profanos? Quem, tendo à frente um dilema cruel, do qual possam resultar consequências funestas, não terá erguido o pensamento a alguma coisa de mais alto e mais puro, suplicando que o pior não aconteça?

Também o bravo marinheiro do Recife assim fez. E — porque não conhece outra estrada senão a do dever, reta e infinita, ele, homem do mar, afeito aos perigos e às tenebrosas noites de borrasca não raro convertidas em temporais violentos — apelou para o supremo poder espiritual. Foi atendido. Salvou-se quando outros não o conseguiram... Seria apenas o cumprimento natural de um determinismo? Ou a consumação de um milagre, do qual os célicos terão sorriso eternamente incrédulos?

MENINOS-MACACOS... E SABIDOS!



Do Ceará vem-nos a grande e auspiciosa nova: o reporter de um matutino, em Fortaleza, encontrou no meio da rua, em plena praça do Ferreira, um menino de 9 anos de idade com a cabeça idêntica à de um macaco. Até aí, nada de mais. Cabeçudos e símios, com todo o jeito de seres humanos, não é preciso ir tão longe para encontrá-los. Quantos, mas mesmo quantos, não vivem nas fotografias e nas reportagens cinematográficas, por esse mundo de Deus! Mais singular, porém, está nas declarações da mãe do garotinho, feitas à reportagem. A dar crédito ao telegrama cearense, a boa senhora adiantou que todos os irmãos do pequeno, em número de cinco, apresentam o mesmo defeito físico, ou seja possuem bonitonas cabeças de macacos — e além da alimentação comum servem-se também de bezouros, baratas, lagartos e aves cruas. Os meninos-macacos, finaliza o despacho telegráfico, serão expostos na Feira Trabalhista de Amstras.

Em que pesem e valham as intenções humanitárias do empresário desses garotos, exibindo-os, quem sabe, para dar uma oportunidade à mãe deles de refazer as finanças, somos contra, por princípio, a essa exploração. Os inocentes vão consumir grande estoque de aves cruas, lagartos, baratas e bezouros. Cada espectador, em troca dos níqueis que tiver deixado no "guichet", há de obrigá-los a devorar mais uns tantos "specimens" desses "gêneros" alimentícios que por enquanto ninguém ainda se lembrou de racionar. E, senhores, se a moda pegar, onde é que vamos encontrar sortimento bastante para encher o estômago da população, estômago de tal maneira diminuído com a falta da manteiga, da carne, dos ovos e das verduras! Os prejudicados vão ser os próprios meninos que, por conta própria, vinham solucionando, lá em família, o problema do "pão-nosso-de-cada-dia"... Eles fizeram mal em divulgar o segredo. Porque, se baratas e lagartos não perturbam o aparelho digestivo dos simpáticos cearenses e até os alimentam, o mesmo acontecerá com terceiros. E os exploradores entrarão em ação, açambarcando quantos bezouros e quantos insetos encontrarem pela frente... Haverá uma nova fonte de indústria. Talvez os grandes "magnatas" da exportação se movimentem para remeter, além-mar, esses bichinhos que até aqui, tão negligente e repeliamos... Quem sabe quantas novas e eficientes vitaminas não existissem em uma bonita e lustrosa barata, de longos bigodes e de asas transparentes! Um prato de lagarto "à moda", num restaurante carioca, desses de tirar couro e cabelo, há de custar vinte cruzeiros, na pior hipótese. E com molho branco, vinte e cinco, pois não... Mais tarde, os cinco diligentes garotos de Fortaleza não de torcer a orelha de tão arrependidos e apertar o cinturão mais um furo, de tão esfomeados.

Eis por que a exibição que se anuncia, na Feira Trabalhista de Amstras da capital do Ceará, resulta francamente reprovável. Se ainda estiver em tempo, que seja cancelada. E que os garotos, por intermédio de sua ilustre genitora, divulguem quanto antes não ter fundamento algum o telegrama publicado aqui no Rio. Só assim poderão satisfazer o estômago que Deus lhes deu, com suculentos tutús de barata, deliciosos ensopados de lagartos e maravilhosos bolinhos de bezouros com molho verde. Do contrário, estão fritos. Todos vão querer macaquear os meninos-macacos de Fortaleza...

NATAL...



Sim, Natal. Estamos em vésperas de mais um. Mil novecentas e quarenta e quatro vezes ele já foi comemorado e muitas a exemplo do que estamos vendo este ano. Festa por excelência dos simples, dos humildes e dos pobres, são estes exatamente os que menos satisfação têm para entregar-se aos seus devaneios. A tormenta universal atinge-os mais de perto, porque os outros, os favorecidos da sorte, sempre encontram ambiente para se divertir. E nada lhes falta, ou melhor, quando faltam as castanhas, as nozes e as avelãs, suprem-se de outras guloseimas ainda mais caras. O símbolo do Natal vale pelo sacrifício das populações menos abastecidas. Que é feito de Papai Noel, do bom velho de outros tempos? Se, em dias de paz, Natal não significava a visita de Papai Noel às casas de gente menos favorecida, nestes atribulados dias de guerra é que ele ainda menos há de aparecer. Um quê nostálgico e melancólico se espalha pelas camadas humildes. Não é apenas a deficiência dos gêneros, a falta absoluta do que comer, mas subsiste ainda o estado de alma dolorido e gasto, em muitos lares de onde saiu um membro da família, para a campanha da Itália. Rapazes, jovens patriotas que ainda no Natal de 43 podiam abancar-se na consoadada dos pais, hoje estão longe, e se receberem o clássico telegrama para o expedicionário não de dar-se por infinitamente felizes. Noivas e espôsas, mães e filhas anseiam pela volta de seus entes queridos e, por isso, não têm disposição para se entregarem às comemorações mais festivas que a grande data sugere. Talvez fôssemos mais acertado coibir as manifestações jubilosas daqueles que, inconscientes ou mais herdados da sorte, não sabem por que furtar-se à consoadada, ao "réveillon" e à exibição em público do seu bem-estar moral e material. Sejamos discretos nessas expansões de júbilo e concentremos o espírito nos milhares de homens brasileiros que lá estão, sofrendo as intempéries de um estranho inverno só aquecido pelo fogo das metralhas. São brasileiros que voltarão ou não. E, quando voltarem, não de trazer no peito, para o resto de seus dias, a chama da Liberdade muito acesa, sim, mas também a evocação de horas trágicas agora vividas. E não será mais acertado, assim, comungarmos com os que sofrem separados, em vez de exibir, ostentadamente, um estado de espírito tão inadequado à hora presente?

Não fazem falta as castanhas. Nem as rabanadas. A consoadada da Vitória há de suprir a ausência da santa comemoração.

A data do nascimento de Jesus não foi, nunca, um pretexto para esbanjamentos. E muito menos para ostentações de bem-estar material quando o país está em armas. E quando mães, espôsas e filhas brasileiras aguardam o remate do supremo drama do século...

MIENOS UM ANO

— Faça o favor: tire essa guerra daí. Obrigado. Um médico neurologista me disse a semana passada: "A vida é hoje". Lembrar-me disso, tantos dias depois, já é um pequeno sintoma de que nem todos os médicos neurologistas têm razão. Aliás, antes de um poeta (João de Deus) dizer a mesma coisa, outro poeta (Ronsard) aconselhara: "Vamos colher desde hoje as rosas da vida". O menos duvidoso é que a vida é um sentimento pessoal. Ouça:

**Havia quatro mil anos que o mundo penava
sob a escravidão do pecado, quando chegou o
momento feliz da vinda d'Aquela que tomara para
Si as culpas do gênero humano, revestindo-Se
da nossa carne para nos reconciliar com Deus,
Seu Pai, e nos adquirir a graça da santificação.**

Falam assim os livros eternos. No coração dos homens, até dos que podiam descrever de tudo, o momento feliz deixou uma saudade para sempre — a saudade do menino que cada um foi, e de quem cada um se recorda como do seu companheiro do tempo de criança... como de um irmão que morreu pequeno... Na história cotidiana, só o corpo envelhece. Mas a gente se consola ao entardecer. Um sino calado, um céu sem nuvens, um avião na última claridade... a alma ainda "escuta morrer nela o seu mistério... escuta a vida ao longe como o mar... e o segredo se torna mais profundo..." Estas vésperas do Natal, então, como são boas! Anunciam a festa dos simples, dos humildes, dos pequenos; trazem a festa dos que nunca deixaram de ser simples, humildes, pequenos... Eu, por exemplo — exemplo mais próximo... — não cresci, continuo achando que orgulho é mal da vista, cada vez tenho maior medo de complicações... Ah, se fosse possível pousar as mãos em cima das cabeças agitadas, pará-las docemente, pedir aos donos: — Calma, rapazes... calma... — E pôr depois os sapatos de todos na janela, naquela hora em que o velho Noel há de passar, com o saco cheio de brinquedos... Que é que não é brinquedo? Apenas as formas variam. As bonecas estão menos em uso do que os tanques. Os tanques passam, as bonecas ficam... Estou com o espírito num estado totalitário de inocência... Há de ser por causa do Natal... Jesus renova a infância todos os anos. Ele é o Divino Mestre. Nossa obrigação é imitá-lo. O romancista que espalhou o boato: "A vida começa aos 40" era um exagerado. A vida começa no dia de Natal... O resto não tem importância. Vagamos, de janeiro a dezembro, fora da realidade. Aquela cantiga do Carnaval: "Mãe, eu quero mamar!" — foi um hino humano. Os Americanos já o adotaram. Assim que a Europa tiver tempo também o cantará. E a Ásia, a África, a Oceania, o mundo inteiro cantará: "Mãe, eu quero mamar!". Serão revogadas as disposições em contrário. Mamando, Rockefeller, riquíssimo, conseguiu uma boa morte. José do Patrocínio Filho, paupérrimo, saiu da vida, contente, mamando. No fundo, Abraão era mulher. O seio de Abraão, tão desejado, para a paz e a felicidade, não pode ter outro sentido. O presepe tinha um boi e um burro e muitos anjos. Antes dos Reis Magos chegarem com os presentes deles, o boi deu a paciência, o burro deu a melancolia, os anjos deram tôdas as esperanças... Veja o presepe. Lembre-se. Que adianta protestar? De que serve rir? E se alguma vez você se desesperou, bem sentiu que não devia se desesperar... Não, o "eu" não é odioso, amigo Pascal; nem o "tu", irmão menor do "você"; nem o "êle", coitado! Os singulares são simpáticos. Nos "nós", nos "vós", nos "êles", nesses é que está a antipatia. Hitler, sozinho, era o pior pintor do mundo, acidente comuníssimo: juntou-se com vários piores nos respectivos equívocos... e eis o que fizeram: mataram a Alemanha... a sua Alemanha, Beethoven; a sua Alemanha, Heine; a sua Alemanha, vinho do Reno...

ALVARO MOREYRA



DACOSTA

PREMIO DE VIAGEM DE 1944

DEFINE A ARTE MODERNA

Há alguns meses atrás, uma notícia de Belo Horizonte, "a cidade onde tudo pode acontecer" nos informava de que um amante das linhas serenas e conservadoras do classicismo, armando-se com uma gilete, fizera uma sangria nas telas modernistas do "salon" mineiro, guilhotinando sem piedade retratos e paisagens arrojadas dos mestres da arte moderna. O telegrama discriminava a identidade dos artistas "operados" pela lâmina iconoclasta, entre os quais figuravam Santa Rosa, Portinari e Dacosta, um nome pouco conhecido até então.

O jovem artista porém, há pouco egresso da obscuridade de uma vida de trabalhos e de estudos insanos, lutando contra a adversidade dos espíritos mojados e retrógrados das fileiras defensivas do academicismo, lança-se à luta destemidamente e, no salão deste ano, expõe aos olha-

Ele surpreendeu-se com a notícia de ter conquistado o Prêmio de Viagem, embora tivesse trabalhado nesse sentido. Seus quadros expostos não foram com outro propósito... E Dacosta, a indiferença em pessoa, começa a entusiasmar-se...



"No Estúdio", um dos famosos quadros que sofreram a intervenção da gilete na Exposição de Arte Moderna de Belo Horizonte. Foi agora também exposto no Salão Belas Artes. E' dos mais discutidos.

res maliciosos e reprovadores de uma burlesca "snob" as figuras impressionistas de seus quadros.

Vem o julgamento e, sob os apupos dos acadêmicos, é revelada a maior surpresa do surpreendente "salon" — Dacosta é o detentor do "Prêmio de Viagem ao Estrangeiro"!

Mas, afinal, quem é Dacosta? Que centros artísticos frequentou em sua adolescência, que formação técnica orientou a sua carreira de pintor para que ele merecesse agora tão alta distinção?

Todos se calam... As revistas artísticas, órgãos oficiais da cultura futurista e superficial da nossa "elite" artística não se lembraram a tempo de revelar a seu público "gran-fino" a verdadeira identidade do artista.

Hoje, porém, a REVISTA DA SEMANA, cumprindo as suas diretrizes de semanário informativo e imparcial, mostra aos seus leitores alguns aspectos da vida e da formação artística do laureado pintor através de uma ligeira entrevista.

"MENINO DANADO!"

Encontramos Dacosta, em seu "atelier" providenciando a mudança de todos os móveis e quadros para um novo estúdio que irá ocupar agora com as suas telas os seus pincéis e a sua arte.

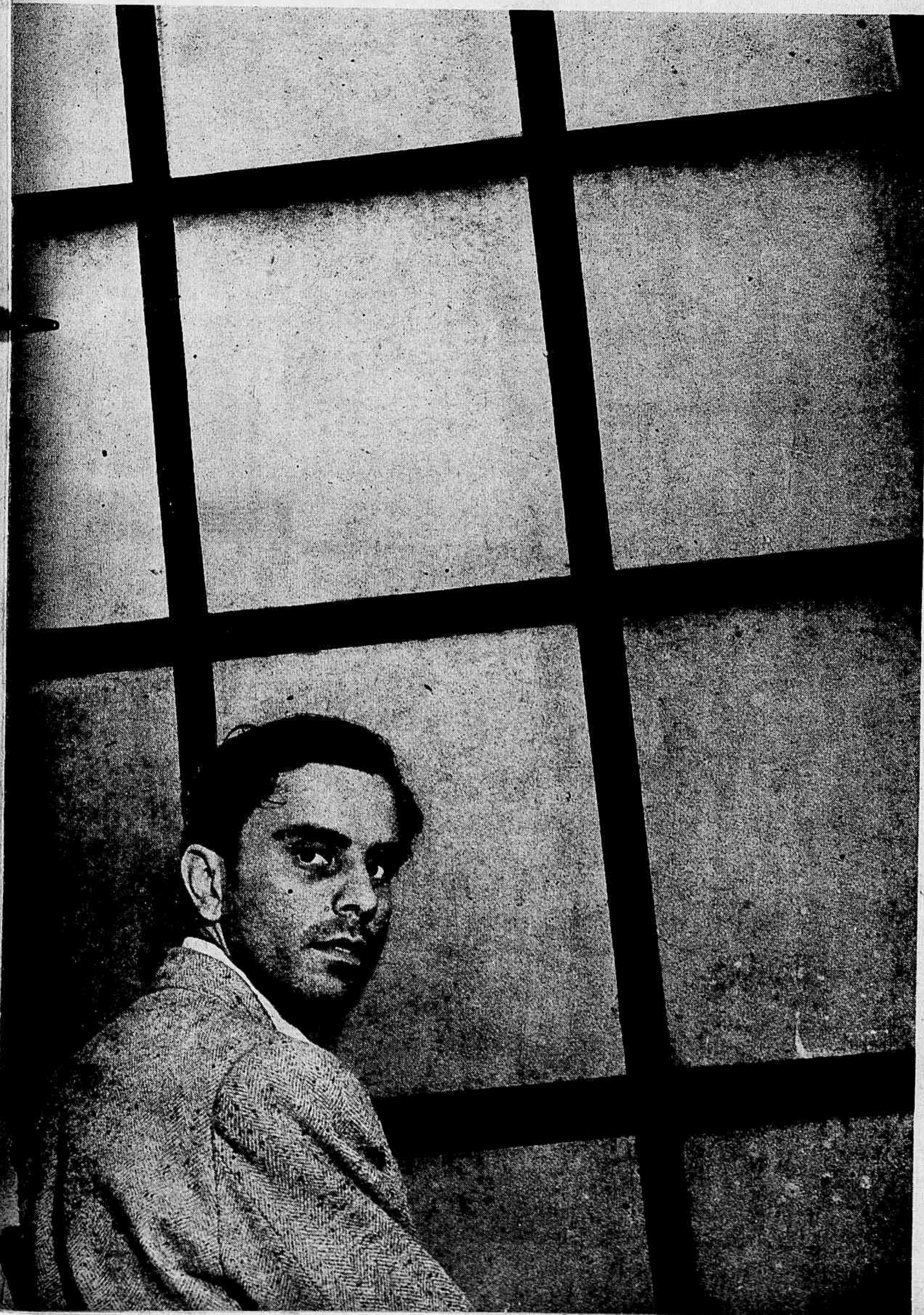
Recebeu-nos afobado, passando o lenço sobre a testa, entre exclamações. E enquanto os quadros entravam no caminhão sob os seus olhares zelosos, iniciou-se a palestra:

— Queremos saber, em primeiro lugar, algo sobre a sua infância, a revelação de seu pendor artístico.

— Nada que cause sensação, nada que impressione de fato o público. Não me revelei com uma pincelada de gênio, nem com um rabisco de carvão na cal de um muro. Fui surgindo aos poucos, me aperfeiçoando gradativamente. Criança ainda, concorria para o êxito das exposições de trabalhos organizadas no colégio de uma de minhas tias. As minhas "habilidades" eram apreciadas, os "lorgnons" se demonstravam sobre as "catitas" coloridas que ali eu expunha. Muitos paravam diante dos meus trabalhos e me concediam de vez em quando um "menino danado!"

— E foi então que você se revelou como um artista nato?

— Foi e não foi. Em verdade, não sei rigorosamente se fui revelado ou se me revelei de "motu-próprio". Lembro-me, entretanto, perfeitamente de que a minha tia, apesar de desejar para mim profissão mais rendosa e mais prática, me enco-





"Moça de Verde". Foi para a Exposição de Arte Moderna de Londres. Foi pintado há dois anos. Também pertence à escola moderna, que todos discutem: uns aplaudem, outros julgam de um absurdo completo.



"Retrato", foi exposto no Salão de 1943. Há, na pintura de Dacosta, um traço de absoluta personalidade. Ele não pinta assim, "por acaso", mas porque sente assim a pintura. "É" muito diferente", diz-nos.



"Cena de Atelier", o quadro que concedeu a Dacosta o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, no Salão recém-findo. Viagem que o artista irá desfrutar, não na Europa, mas conhecendo países do nosso continente.

raçou desde o princípio nos estudos, fazendo tudo para que eu progredisse rapidamente.

Matriculou-me em um curso de desenho e pintura. Tomei gosto pela arte e pouco depois entrava para a Escola Nacional de Belas Artes. Ali fui aluno do Curso do professor Marques Júnior, no qual permaneci pouco tempo. Nunca me arrependi de haver abandonado tal curso.

PRIMEIRA LUTA CONTRA OS "VELHOS"

Um artista, qualquer que seja o seu

ramo de atividade, tem sempre pela frente uma barreira a transpor — a escola contrária. E Milton Dacosta não constitui uma exceção a esta regra.

A uma pergunta nossa conta a primeira fase de sua luta contra os "clássicos":

— Aconteceu justamente ao tempo em que abandonei o curso Marques Junior. Fundava-se na Escola Nacional de Belas Artes o "Núcleo Bernadelli", que constituía então uma vanguarda combatente contra os "velhos". Filiei-me ao Núcleo e fui um dos seus militantes. Este cenáculo procurava resolver todos os casos coletivos ou individuais, solucionando sempre,

dentro de um fraterno espírito de camaradagem, as dificuldades de toda ordem, tão comuns aos principiantes.

Não tinha entretanto ainda um pendor definido por qualquer escola. Era um "novo" contra os "velhos". Apenas isto, nada mais...

— E quando se definiram as suas tendências para o modernismo?

— Ao deixar justamente o Núcleo Bernadelli. Já havia abandonado antes a Escola de Belas Artes. Cezane, Van Gogh, Gauguin começavam a me impressionar. Mais perto, porém, de meu íntimo, alternando-se sempre no ponto alto de minha

admiração, estavam Picasso, De Chirico e Modigliani, cuja veneração tem resistido a todas as transmutações de minhas preferências inconstantes.

Enquanto fala o pintor se entusiasma, mostrando em suas palavras todo o calor fervoroso que os grandes mestres lhe provocam.

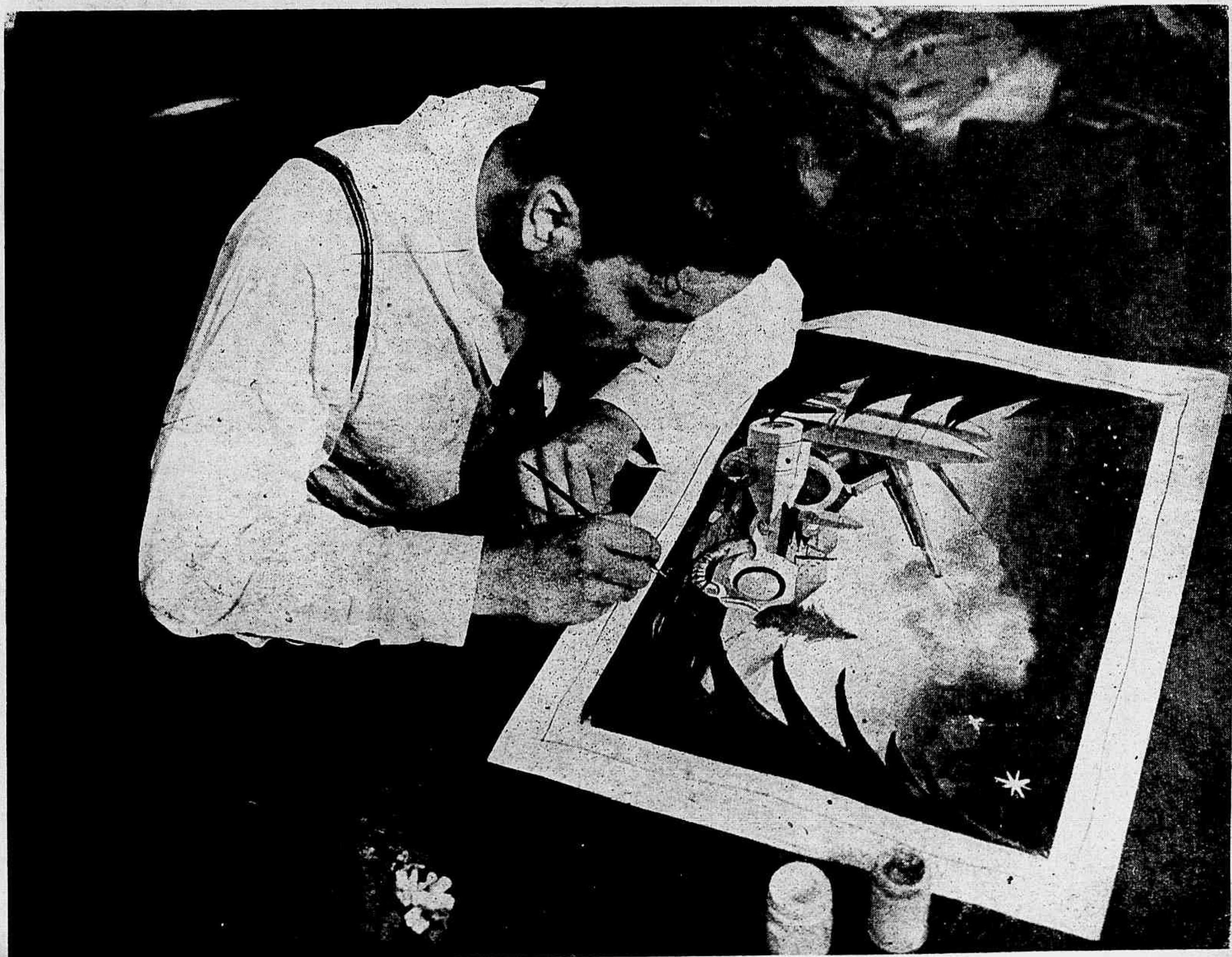
Somos porém curiosos. Queremos saber os motivos que o levaram a filiar-se à ala modernista.

E Dacosta satisfaz cortezmente a nossa curiosidade:

— Questão de temperamento. Sempre,

(Continua na pág. 67).

Pela primeira vez Milton Dacosta executa uma ilustração para revista. É a que o leitor encontrará na tricromia da página dupla central desta edição. Dacosta a terminou aqui mesmo, na redação da REVISTA DA SEMANA. E gostou da experiência...





Reveillon

CAROLE LANDIS, da Columbia, oferece às nossas leitoras um riquíssimo modelo feito em crepe branco, para a blusa, e "tulle" também branco, para a saia. O corpo é alongado, decote em V formando uma larga pala sobre os ombros, com curiosos motivos bordados em missanga. A saia é bastante ampla, com aplicações de lantejoulas.



Modelo para a noite, apresentado por LYNN MERRYCK, da Columbia. Todo em "tulle" creme, com aplicações de margaridas brancas. O "mjolo" das margaridas é feito em pedras de diversas cores. O vestido é ajustado ao corpo, ampliando-se dos quadris para baixo. É sem dúvida de belíssimo efeito esse modelo de Miss Merryck.



Noiva de Dezembro... Não é minha intenção, noivinha de Dezembro, dar a você sugestões para a "toilette" do seu grande dia... Confio no seu bom gosto e na sua simplicidade e sei que, fisicamente, você será uma noivinha encantadora. O que eu quero dizer, hoje, é mais sério: é sobre a sua nova vida que eu quero conversar com você...

Antes de mais nada saiba que o período mais perigoso para um jovem par é justamente esse que chamam "lua de mel"; porque é aí que se inicia o "período de adaptação", do qual depende toda a felicidade futura. É justamente aí que um passa a observar o outro, e então é preciso que ambos sejam condescendentes. Você, principalmente, não deve esperar nunca que ele seja uma perfeição

— seria exigir que ele não fosse humano — e não esqueça de que você também tem os seus defeitos que ele deverá aceitar ou fingir ignorar...

Acima de tudo, não queira corrigi-lo e não queira dominá-lo. Aceite-o tal qual ele é, procurando compreendê-lo em vez de modificá-lo... Tenha sempre em mente que outras mulheres o desejam mesmo com os defeitos que ele possa ter, e é por isso que você deve tornar-se alegre e encantadora; deve preparar-se para recebê-lo com o mesmo cuidado com que se preparava para recebê-lo antes do casamento; deve "criar" em sua casa um ambiente agradável; deve, enfim, empregar todos os meios para torná-lo

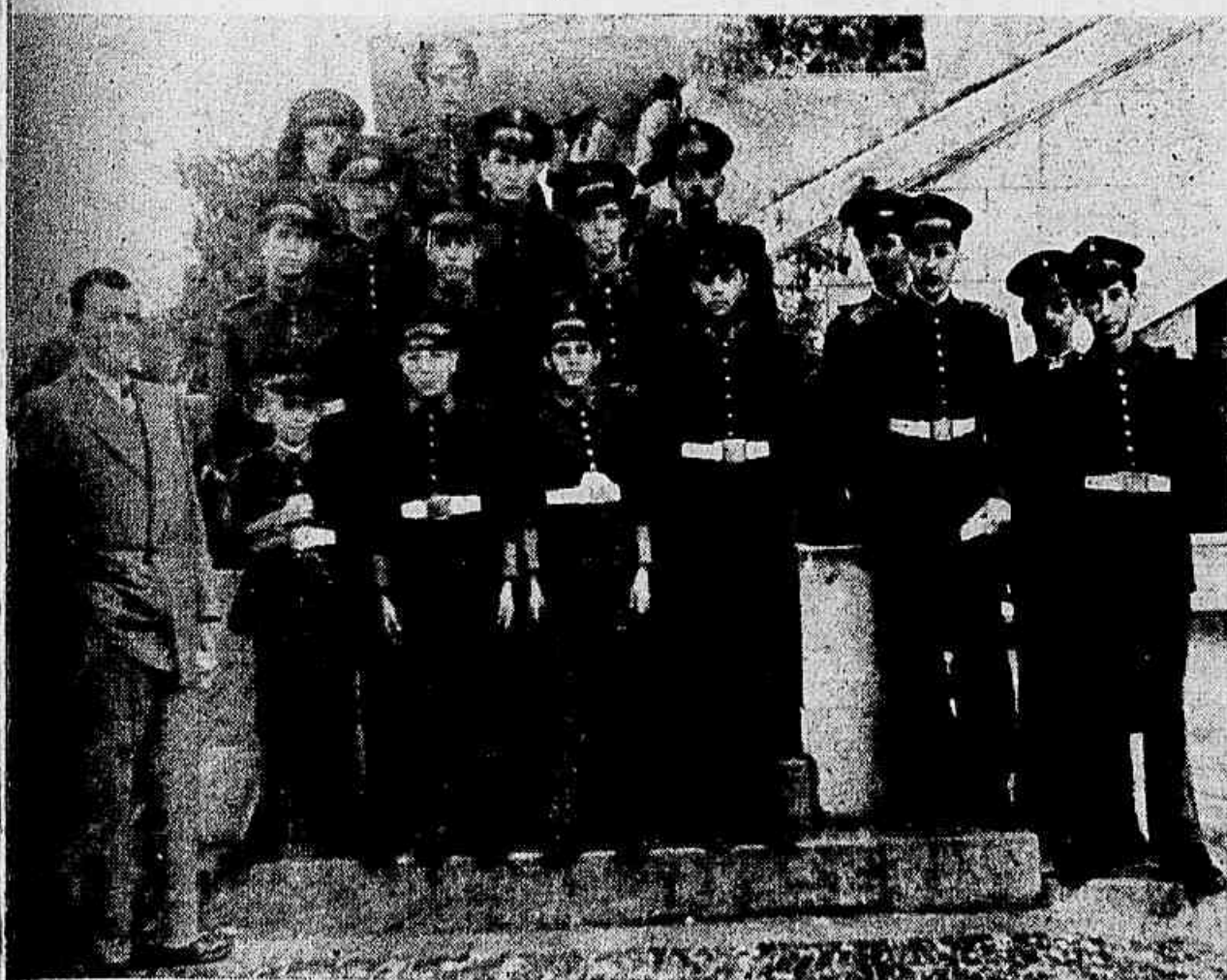
NOS Bastidores Femininos

feliz... E quando você tiver alguma desilusão... "desabafe" sozinha...

Kitty.

MICHELE MORGAN (RKO RADIO)





JOCKEY CLUB MUNDANO

Associados da organização juvenil "A Formiga" estiveram recentemente em visita no Hipódromo da Gávea, onde lhes foi dado a conhecer uma das mais perfeitas e completas organizações turfísticas do mundo. Os jovens tiveram então ensejo de manifestar a bela impressão que lhes causou tudo o que puderam ver no prado do Jockey Club Brasileiro. Desta visita fixamos acima duas fotografias.

Os três lagrantes que aqui reproduzimos, colhidos no prado da Gávea durante a realização das últimas carreiras, são, por si só, uma eloquente demonstração do caráter de requintada elegância de que se revestiu aquela festa social e esportiva.





Nos Maiores Estabelecimentos de Modas
do Brasil, o maior, o mais rico e o mais
variado sortimento de artigos para

Presentes de Natal

CASA ANGLO-BRASILEIRA

Sucessora de MAPPIN STORES São Paulo

AS MAIORES CATÁSTROFES SÃO SEMPRE INESPERADAS

UM curto circuito, uma ponta de cigarro aceso e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo em virtude de ataque traiçoeiro do inimigo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torna-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Cia. que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.

COMPANHIA
MINAS

CAPITAL SUBSCRITO: CR \$ 10.000.000,00
CAP. REALIZ. E RESERVAS: CR \$ 8.088.996,40
SEDE: AV. AFONSO PENA, 526-2.º AND.
BELO HORIZONTE



DE SEGUROS
BRASIL

SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO:
AV. GRAÇA ARANHA, 416-8.º FONE 22-1844
REDE INTERNA - SUCURSAL EM S. PAULO:
R. ALVARES PENTEADO, 153-3.º
TEL. 3 4451

AGÊNCIAS E ORGANIZAÇÕES NAS DEMAIS CIDADES DO PAÍS.

REUNIDAS



ELES foram dar o giro de sempre. Cansados de não fazer nada, resolveram esticar as pernas, caminhar por aí, ver alguma coisa, falar sobre o que fôsse aparecendo pela frente, meter a cara nos cartazes da porta dos cinemas, ouvir rádio no botequim das esquinas, conhecer palpites sobre o jogo do domingo próximo.

— Você acha que eles vão dar mesmo?

— Que dúvida, moleque! Tu não vê logo que o "time" é "bão-são"? E o outro é "frouxo", moleque!

— Tá certo, mas no outro ano eles apanharam do bom!

— Porque o Pelanca foi p'ra cêrca, tu não viu logo?

E o diálogo continuava. As pernas dando p'ra frente, passo e mais passo, o dedão escanchado na calçada, o pé sujo de verdade. De mãos nos bolsos, de queixo erguido, o nariz espetado p'ra cima,

êles caminhavam sempre. Agora estavam mais perto da zona dos arranha-céus.

— Menino, tem cada casa "baita" aí... Espia só!

— Tu acha mesmo que são altas? E' porque tu não viu a altura das casas de Nova York...

— E tu já, Bastião?

(Continua na página 73)

JOE MIRANDA

História de uma árvore de Natal

MALTA

O QUE FOTOGRAFOU PASSOS e RIO BRANCO

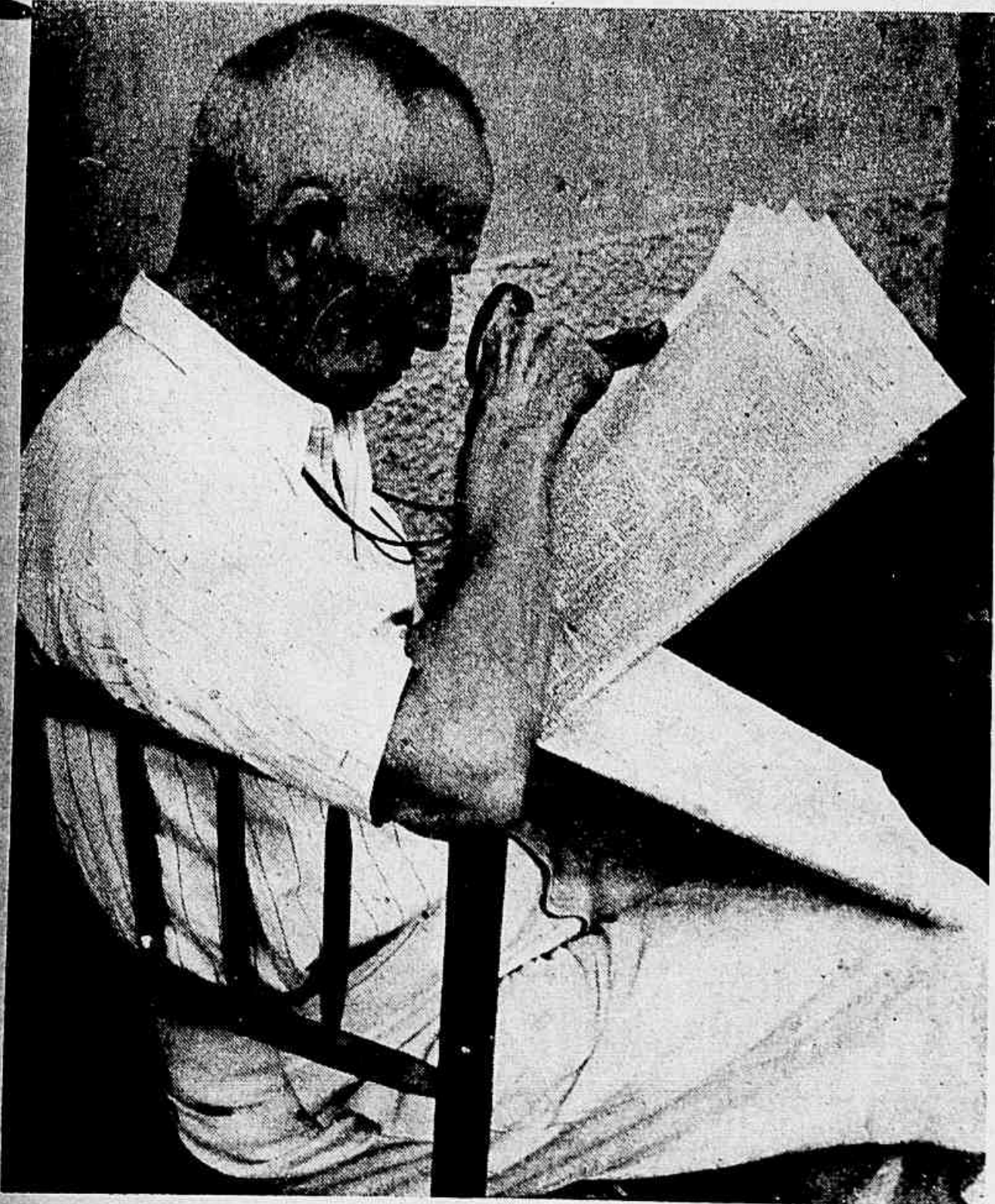
REMINISCÊNCIAS DOS GRANDES HOMENS PÚBLICOS BRASILEIROS, FEITAS PELO MAIS ANTIGO FOTÓGRAFO — A SALA DE TRABALHO DE RIO BRANCO — QUINTINO E O SEU CAVALO BRANCO NO DIA 15 DE NOVEMBRO — SAUDADES DE EMILIO, MACHADO DE ASSIS E DE TODOS — UMA BICICLETA TROCADA PELA PRIMEIRA MÁQUINA FOTOGRÁFICA DE MALTA.

RAYMUNDO DE ATHAYDE



AUGUSTO CESAR MALTA, O VELHO MALTA DAS REPORTAGENS FOTOGRÁFICAS DO RIO ANTIGO, NO SEU RETRATO CLÁSSICO DE QUANDO ESTAVA EM PLENA ATIVIDADE. O CHAPÉU DE CHILE E A GRAVATA "DE IOÉTA" O FAZIAM UMA FIGURA INCONFUNDÍVEL NA CIDADE, PRINCIPALMENTE ONDE SE REGISTRASSE UM GRANDE ACONTECIMENTO RECLAMANDO A PRESENÇA DOS JORNALISTAS.

A MAIS RECENTE POSE DO FOTOGRAFO MALTA, FEITA AGORA, EM SUA RESIDÊNCIA. NÃO SE DESAPEGOU POR COMPLETO DAS OBJETIVAS, AINDA FAZ OS SEUS "SERVIÇOS" PARA MATAR SAUDADES, MAS VIVE EM REPOUSO, ACOMPANHANDO AS ATIVIDADES DOS FOTOGRAFOS MOÇOS, QUE TÊM DE REGISTRAR AS OCORRÊNCIAS SEM A PRESENÇA DO "VELHO" MALTA.



AUGUSTO Cesar Malta, mais conhecido por Augusto Malta, é o fotógrafo mais antigo do Rio Antigo em idade da profissão. Filho de Alagôas, da cidade de Paulo Afonso, nasceu em 1864. Com os seus oitenta e um anos, bem vividos, é forte de espírito e lúcido de memória; acrescenta-se ainda ser um arquivo vivo e preciso. Esse homem conhece toda a história da República não por ouvir dizer, mas, por ter sido testemunha de vista dos acontecimentos do 15 de Novembro aos dias agitados e incertos de hoje. E', por assim dizer, um pouco da própria história ambulante. Filho do escrivão da cidade onde nasceu, Augusto Malta descende de holandeses, daqueles pitúricos de Nassau que se infiltraram pelo Norte a dentro, em aventuras várias. O pai, querendo vê-lo metido numa profissão melhor do que a sua, põe-lhe a carta de A. B. C. nas mãos e o mandou para casa do padre Castilho, de quem era amigo e afilhado. Este piedoso vigário mais tarde foi secretário do bispo de Olinda, o indomável D. Vital de Oliveira, cujo centenário de nascimento o Brasil todo comemorou com verificação, e respeito. Inteligente, o menino aprendeu com facilidade os rudimentos da gramática latina, que o bom padre lhe ensinara, não passando porém daí. O pai de que necessitava o seu espírito adolescente não era, certamente, este. Inquieto, deixou Augusto a companhia do mestre e foi para Recife sentar praça, ser soldado, pois dentro da farda parecia ter descoberto a sua verdadeira profissão; mas não descobriu, enganou-se mais uma vez.

Tocado pela emoção dos acontecimentos públicos, em maio de 1888, andou seguindo a José Mariano e Zé Maria, preletores políticos, nas passeatas e comícios, engrossando a massa de gente, em regozijo à libertação dos escravos. Foi tudo o quanto fez na cidade do Beberibe, porque no fim do mesmo ano vinha para o Rio, em busca de ganhar a vida ou nela se perder. Chegando que foi nesta grande cidade, o rapaz meteu-se no comércio, aliou-se aos portugueses, empregando-se como auxiliar de escrita num armazém. Esse foi o seu primeiro contato com a cidade que ele hoje ama tanto e onde haveria de viver o resto da vida.

NO PRIMEIRO DIA DA REPÚBLICA

Augusto Malta é que conta a história. Está bem viva a sua narrativa, e ele gesticula quando fala, anima-se todo no calor da recordação. Sua cabeça já está branca, a testa ampla confunde-se em parte com o crânio, porque os cabelos vão escasseando. É um nortista tipo perfeito da classificação conhecida: braquicefalo, altura mediana, maxilares salientes, olhos amendoados como os de um mongol. Na verdade, visto de perfil, parece-se com um soldado de Chiang-Kai-Shek, que tivesse abandonado a farda... Há cinquenta anos usa uma gravata borboleta, dessas preferidas pelos pintores e poetas do século passado. Conhecendo, é um "gentleman" — inteligente e culto. A história que ele se compraz em contar tem, às vezes, sabor de um filme de cinema porque a narrativa é sincronizada com as imagens da época, ho-

menes e cousas. Malta mostra-nos as fotos, todas VERÍDICAS, que só ele possui, evocantes e perfeitas, a maior expressão da arte que até hoje maneja com precisão e entusiasmo. Nessas fotografias e no homem que as tirou está fixada a história da cidade, em seus detalhes e minudências.

No dia do nascimento da República, Malta viu de perto quando Deodoro chegou à antiga praça da Aclamação. Estava dependurado nas grades do C. mpo de Sant'Ana, olhando, espantado, o drama que se desenrolava na praça fronteira ao Quartel General. Viu Quintino Bocayuva montado num cavalo branco, viu Benjamin Constant ao lado de Deodoro e viu e ouviu Sampaio Ferraz dar um viva à República, o único que ecoou na praça. No dia seguinte, enfileitou-se no meio do povo que José do Patrocínio e Aristides Lobo conduziam à Câmara Municipal, onde foi assinada a ata-testemunha dos acontecimentos do dia. Sua assinatura lá está no velho documento que se encontra no Museu da Cidade.

CICLISTA ENTREGADOR DE CORTES DE FAZENDA

Passada a excitação do nascimento da República, que ele tão de perto presenciara, Malta volta à atividade normal. Com o tempo toma gosto pelo comércio, e vai, depois de algum tempo, ao Norte, em visita à família. De lá traz algum dinheiro e uma rédea de irmãos. Os rapazes, colocou-os como ponde, e o dinheiro, empregou-o num negócio de secos e molhados, e fundou a "Casa Ouvidor". Nessa empresa, porém, perdeu 20 contos mas não se corrigiu metendo-se noutra negócio e perdendo também muito dinheiro. Por último, rescreveu vendas cortes de fazenda. Tinha vários freguezes, gente boa, os granfinos da época, moradores do Catete. São Cristovão, condesses e baronezas, restos do Império, senhoras de senadores e deputados. Como naquele tempo tivessem chegado ao Rio as primeiras bicicletas, Malta não perdeu a oportunidade, comprou uma para correr a freguezia com rapidez. Subia e descia as ruas do velho Rio, vendendo a sua mercadoria. Essa bicicleta seria o veículo da sua profissão verdadeira que ele só muito mais tarde veio encontrar. Como aconteceu esse caso, eis o que vamos relatar.

UMA BICICLETA VELHA POR UMA MÁQUINA FOTOGRÁFICA NOVA

O caso assim sucedeu: um dos freguezes de Malta, aspirante de Marinha, possuía uma excelente máquina fotográfica, daquelas primitivas, feias e grandes, mas fieis e resistentes como não mais existem. O aspirante ficou com uma certa inveja do caixeiro ambulante, que montava satisfeito no transporte mais veloz da época, a bicicleta. Teve desejo de possuí-la e fez a proposta. Certo dia, ele diz ao ciclista:

— Você quer trocar a sua bicicleta por isto — e mostrou a máquina de tirar retratos.

— Não! disse Malta, sem refletir, acrescentando depois. — Para que eu



UMA FOTOGRAFIA PRECIOSA: O GABINETE DE TRABALHO DO BARÃO DO RIO BRANCO, NO ITAMARATI. OBSERVEM OS CHAPÉUS ESPALHADOS NESSA CONFUSÃO DE PAPEIS, AS CAIXAS DAS CARTOLAS E ATÉ MESMO UM CHAPÉU DE FELTRO, NO CHÃO, À DIREITA, AO FUNDO. NESSE AMBIENTE, APARENTEMENTE INCOMPREENSÍVEL, O GRANDE BRASILEIRO TRABALHAVA — E PRODUZIA!

O RETRATO OFICIAL DO RIO BRANCO, FEITO POR AUGUSTO MALTA. ELE TIROU VÁRIAS POSES — DE FRENTE E DE PERFIL, ATÉ MESMO UM DE COSTAS. MAS O BARÃO DAVA PREFERÊNCIA AO QUE SE REPRODUZ ABAIXO. E DISTINGUIA O VELHO FOTOGRAFO COM A SUA GRANDE AFEIÇÃO. EXEMPLO DO QUE SUCEDIA COM OUTROS IMPORTANTES HOMENS DA REPÚBLICA, JÁ DESAPARECIDOS. J. T. A. M.

quero isto? Não sei lidar com esta geringonça!

O futuro oficial redarguiu mostrando a utilidade do objeto e ao mesmo tempo insinuou ao rapaz que era melhor ser fotógrafo que ser vendedor de fazendas. Nesse mesmo dia Malta não cedeu, estava desconfiado, não fez o negócio, voltou, porém, dias depois e realizou a "barganha". A sua verdadeira profissão e vocação chegaram-lhe naquele momento, por intermédio de um marinho graduado, uma bicicleta e uma boa máquina fotográfica. Por esse tempo só existiam dois retratistas: Bestos Dias e Lettère.

PEREIRA PASSOS. — HOMEM PROVIDENCIAL

Continuando a narrativa, diz o decano dos fotógrafos:

— Eu, no entanto, continuei a vender fazendas, a pé. Quanto à máquina, tomei gosto pela fotografia e, aos domingos, em companhia de um amigo, também amante da arte, tirava vistas da cidade, grupos de amigos, etc. Confesso que sentia grande sensação quando via surgirem no papel as belas e surpreendentes imagens que o sal de prata revelava e o hiposulfito fixava aos meus olhos, na câmara escura improvisada em minha casa. E vivia assim esse ingenuo anadotismo, quando um fornecedor da Prefeitura, meu amigo, levou-me para tirar fotografias

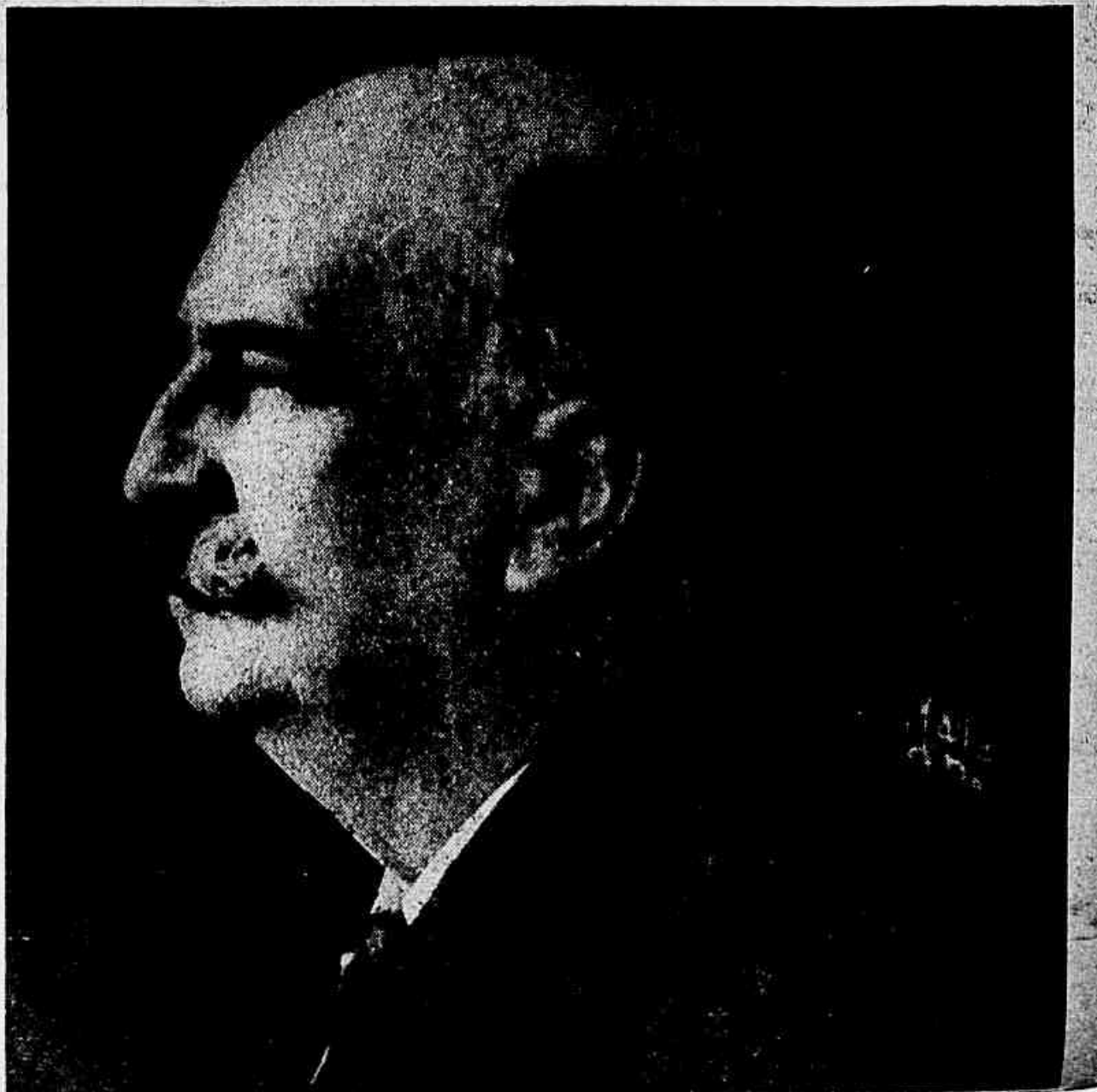
das obras que então o grande Pereira Passos realizava em 1903. Na época o Rio começava a mudar de indumentaria e remeçar. Por acaso o insuperável Prefeito viu as fotografias que eu tirava por esporte e gostou. Propoz-me um emprego na Prefeitura e eu, sem relutâncias aceitei.

FOTOGRAFO OFICIAL

— Daí por diante transformei-me em fotógrafo oficial. Passei a conhecer, "de visu" os grandes homens do país. Desde aquela época comecei a fotografar os chefes da política, as figuras notáveis da República. Escritores, jornalistas, pintores famosos, historiadores, de todos eu tenho a lembrança não só na memória como no meu arquivo. As obras que transformaram a cidade, o Rio antigo, a Cidade colonial e a de hoje, ali se encontram em milhares de chapas e cópias. Passos foi um grande animador da minha arte, dava-me conselhos e protegia-me. Nada passou à objetiva da minha máquina que eu não arquivasse. Cedo compreendi o valor desse trabalho, para a história do Rio.

"GRANDES HOMENS CONHECI"

— Esse meu mistér deu-me enchanças de conhecer, como disse, muitos homens ilustres. Além de Passos que era meu compadre, gozei da amizade de Paulo





PEREIRA PASSOS FOI O "DESCOBRIDOR" DE MALTA. QUANDO SE REALISAVAM AS IMPORTANTES OBRAS DA REMODELAÇÃO DA CIDADE, CONTRATOU-LHE OS SERVIÇOS PARA FIXAR TODA A DÉMARCHE DOS TRABALHOS. E PASSOS ACABOU COMPADRE DO FOTOGRAFO. NA GRAVURA ACIMA, UM SAUDOSO GRUPO ONDE SOBRESSAEM O PREFEITO PASSOS, MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO. MAS OUTROS VULTOS MARCANTES O LEITOR HA DE ENCONTRAR, ALÉM DESSES.

RECORDAÇÃO DE UM ALEGRE DOMINGO DE REGATAS, NA PRAIA DE BOTAFOGO. O DE BRANCO, AO CENTRO, TODOS CONHECEM: EMILIO DE MENEZES, TENDO Á DIREITA JULIO FURTADO. O DE CHARUTO ENTRE OS DEDOS, PAULO BARRETO. E O DE PERFIL, SEGURANDO O CHAPÉU DE PALHA, BASTOS TIGRE, QUANDO AINDA USAVA O SEU VISTOSO BIGODE E NÃO ABOLIRA O COLARINHO DURO, EM PÉ.



de Frontin e Carlos Sampaio, Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco, Oswaldo Cruz, Francisco Glicerio, Afonso Pena, tendo este assinado a patente que possui de major da Guarda Nacional; Campos Sales, Ruy Barbosa, Lauro Muller e tantos outros ilustres e poderosos. Todos eu conheci de perto.

NABUCO E ELIHU ROOT

— Joaquim Nabuco impressionou-me sobremodo. Educado e simples, sua figura era dessas que se fixam na memória de gente para sempre. Eu o conheci, por ocasião da Conferencia Internacional Pan Americana, que aqui se realizou em 1906. Era ele representante do Brasil no Estados Unidos e estava no Rio a chamado do Barão de Rio Branco, para esperar Elihu Root, chanceler norte-americano para representar o seu país nessa conferencia. A ele e a Rio Branco devo todas as facilidades que obtive para ser o fotografo semi-official da conferencia. Graças a eles tirei inumeras fotografias dos membros do Congresso, que representavam todas as nações da América. Tal era a minha atividade que Elihu Root, rindo-se, disse a Joaquim Nabuco ser eu o primeiro fotografo do Brasil. Quando Joaquim Nabuco me contou, perguntei, admirado por que. E o grande diplomata respondeu-me com as palavras de Elihu Root: "Porque você não o larga é o único que ele vê de perto"...

RIO BRANCO

De Rio Branco tambem batí varias fotografias interessantes e curiosas. O barão, porém, jamais consentiu que o fotografasse em seu gabinete de trabalho, no velho palacio do Itamaraty. O gabinete do barão, é sabido, não era precisamente um modelo de boa ordem. Os livros espelhavam-se por todos os ecartos. Tomos de história misturavam-se tumultuosamente aos livros de literatura, revistas, jornais e papeis diplomaticos. Daquele caos aparente, o Barão retirava toda a sabedoria de sua

(Continua na página 90.)



OS TRÊS REMBRANDTS

Adaptação de uma novela
de SIMENON

NADA MENOS DE TRÊS QUADROS E
SOMENTE UM DÉLES TINHA VALOR.
OS PERITOS NÃO SE DECIDIAM...

FOI um caso extraordinário. Creio, mesmo, que um dos mais interessantes que meu amigo investigou. Leborgne, está claro, não lhe dava tanta importância, mas com o intuito de depreciar o próprio trabalho, pois ele desvendara, sozinho, sem conhecer pintura, o mistério dos três Rembrandts. É preciso, porém, para que compreendam bem o caso, que lhes conte os antecedentes. Tudo começou, muito tempo antes do caso, numa província da França...

"Hoje — Grande leilão de quadros —
Hoje — Lafitteau, leiloeiro"

Paul Remar parou e examinou detidamente o cartaz. Estava só. Não tinha o que fazer. Resolveu entrar. Afinal de contas, quem sabe? refletiu. Pode bem ser que, numa pequena casa de interior, eu encontre alguma preciosidade que ninguém, aqui, saiba apreciar.

O salão já estava cheio e o leiloeiro.

no seu posto, sobre uma plataforma, berando, com toda a força dos seus pulmões:

— Um quadro maravilhosos! Uma obra prima de arte! Quem dá mais! Quinze francos me dão pela pintura! Senhores, isto é uma vergonha! Um quadro destes!

Paul sentou-se na primeira fila. O quadro estava sujo e esmaecido. Os compradores provincianos, que gostavam de cores berrantes, nem lhe davam atenção. Um velho, sentado a um canto, oferecera quinze francos. Entretanto, havia qualquer coisa na pintura... Paulo adiantou-se. Examinou-a com atenção. Meu Deus!

— Vendido ao sr. Remar por vinte francos!

Paul recebeu o embrulho com o quadro, pagou e saiu.

Chovia. Ele passara lá dentro mais tempo do que pensara. Antes, quando

entrara, mal caía o crepúsculo e, agora, poucos minutos depois, já era noite. Noite escura. E a chuva continuava, fazendo poças junto às calçadas. Paulo seguiu, evitando os esguichos lançados pelas poças ao passar por sobre elas um automóvel. Já estava quase chegando ao hotel quando, de repente, na escuridão, uma mão avançou e puxou do braço dele o quadro que ali carregava. Paulo, porém, firmara bem e o ladrão não conseguiu retirar o quadro. Imediatamente Remar agarrou o pulso do homem, que livrou-se. Remar viu o brilho de uma faca à luz de um poste. Gritou.

— Qual era seu intuito?
— Roubar-me o quadro.
— Sabia, então, que o que o senhor levava era um quadro?
— Evidentemente!
— Mas não conseguiu arrebatá-lo?
— Não!

No dia seguinte figurava nas primeiras páginas dos jornais parisienses:

"Millionário apunhalado no Interior. Um ladrão audacioso quis roubar um quadro comprado em leilão".

Paul demorou algum tempo na Casa de Saúde. Foi somente depois de um mês que novamente figurou nos cabeçalhos

Quando o guarda se aproximou Remar estava estendido no chão, com o quadro agarrado ao peito e uma ferida nas costas, donde jorrava, abundantemente, sangue.

— O senhor vai dar queixa?
— Lógico. Então o senhor pensa que sou apunhalado na rua de sua cidade e vou deixar de me queixar?

O delegado não respondeu. Perguntou, porém:

— Seu nome?
— Paul Remar...
— Profissão?
— Banqueiro.
— E o senhor declara que...?

— Declaro que, hoje, às dezto horas, saía de um estabelecimento, onde se processara um leilão, e caminhava para o hotel, onde estou hospedado com a minha família, quando um homem, subitamente, saindo das sombras, avançou e me atacou, apunhalando-me!

dos diários parisienses, que anunciaram a sua chegada.

— Marquesa de Challancey!
O mordomo, impertigado, anunciou a convidada. Esta entrou logo depois.

— Marquês de Doubreuil!
O marquês entrou. De pé, no meio do salão, Paul recebia os convidados.

— Dr. Remar, estou ansiosa por ouvir a história do seu ferimento!

— Poupe-me, marquesa. Tenho que contá-la a todos. Mais tarde, quando estivermos reunidos, contarei.

No salão, profusamente iluminado, Remar acabava de jantar. Os convidados conversavam, comentando o fato ocorrido e, ansiosos, esperavam que o anfitrião tomasse a palavra para o relato da sua aventura e dizer qual era a surpresa que lhes prometera.

Continua na pag. 76



JOÃO LUSO

Imaginação

NÃO, não! Quem disse que eu estava sozinho? Que absurdo! Como tal coisa poderia acontecer? E então esta noite!

A rigor, nem em qualquer outra. Graças a Deus, nunca me faltam companhias. E bem mais feliz que o geral dos homens, eu as posso escolher. Conforme o dia ou, por outra, o que se esteja passando em mim, as exigências do meu espírito ou do meu sentimento, recorro a este parente, àquele amigo, àqueloutro, simples conhecido... Sim, sim, os indivíduos com quem mantemos menos relações de afeto, de solidariedade se tornam, às vezes, justamente os mais necessários! Por exemplo: para nos julgarem imparcialmente, quando nos sintamos culpados e ao mesmo tempo não encontremos na própria consciência o castigo, em tal caso, providencial... Vem então um homem ou uma mulher que até àquele dia nos era indiferente e nunca teve razão para nos querer bem, escuta serenamente a nossa confissão e faz justiça. Isso, porém, só de longe em longe me sucede. Ordinariamente, vivo em paz comigo mesmo, sem precisar, portanto, que outrem venha resolver conflitos armados na minha alma. E aqueles a quem chamo, e que jamais demoram a acudir-me, dantemão conhecem a missão que lhes vou confiar.

Chegam, já preparados, orientados quanto à melhor maneira de me prestar o auxílio que o momento torna indispensável. E a verdade é que lhes peço tão pouco... Quero dizer: muitíssimo para mim, mas para eles quase nada. Que fiquem algum tempo — em certas ocasiões bastam minutos — ao meu lado. A maior parte deles é perfeitamente familiar esta sala, onde estou agora e onde, em geral, os recebo. Alguns até aqui moraram. Mas estes e outros igualmente se habituaram ao conforto das duas poltronas do tipo Mapple, largas como leitos, revestidas dum couro macio, que nunca chega a aquecer e dá a impressão de nos afagar, muito de leve, o corpo inteiro. Olham com amizade verdadeira os outros móveis, os livros sempre um pouco desarrumados, os quadros, o velho tapete completamente desbotado que há muito começou a querer desfiar-se e que eu não

substituo, não sei bem por que, talvez por superstição. De onde em onde, alguém se levanta para chamar à ordem uma estatueta que se desviou do lugar. Quando requeiro a presença dum só parente, amigo, mero conhecido, o colóquio vai gradualmente assumindo uma intimidade diferente das efusões, das expansões comuns e que, não só ao interlocutor, a mim próprio chega a surpreender. Amor com amor se paga; ei-lo que às minhas confidências responde com outras, ainda mais profundas... E não raro, aquele cujo socorro invoquei se revela, ainda mais do que eu, necessitado de salvação!

Bom, mas, por via de regra, forma-se uma reuniãozinha amena. Palestra-se um pouco de tudo e de mais coisas ainda. Cada qual conta as histórias que aprendeu em si mesmo ou na vida dos outros, desde a última vez. Não há exemplo de tais narrativas causarem constrangimento ou tédio. Se o epílogo sobrevem doloroso, todos tomam a sua parte de sofrimento e, assim dividida, a visão de infortúnio pouco tempo leva a desaparecer. Se o caso é cruel e alguém vê que mais ou menos diretamente lhe diz respeito, perdoa — ou é perdoado. Só as doçuras persistem; todos os ressentimentos se reduzem a farrapos de nuvem efêmera. Que animação, quanta eloquência e quanto espírito! Velhas recordações, impressões de ontem ou de hoje, alguma anedota para variar — assim vai passando o tempo. E quando nos separamos, também aquilo que, antes, me afligia passou e esqueceu.

Eu, sozinho, que idéia! E esta noite, Noite de Natal! Se tal desdita me viesse ameaçar, bastar-me-ia sair de casa. Não faltariam por essa cidade lugares onde esperar a meia noite e a madrugada. A estas horas... Passa das onze. Em quantos lares de empréstimo não iria eu encontrar o ambiente de alegria e afeto que o meu peito precisasse de respirar... E, se me assaltasse o desejo de festa excessiva, de violência e atordoamento, quantos casinos e àquelas mesas

quantos convivas me não chamariam — mais um para a roda entre aristocrática e farrista, gente de nobre garfo e sede custosa de saciar, de flirt, de ironia e de champagne... Naturalmente uma das damas me distinguiria... perdão, se deixaria distinguir por mim. Fatalmente a orquestra nos arrastaria por entre a balbúrdia espremida dos outros pares. De vez em quando, mudaria a toada, mudaria o ritmo, mas a dança continuaria a mesma. Era o samba-tango-marcha da noite inteira. E, embora até se lhe não pudesse chamar dança, que importava? Em verdade, aquela qualquer coisa, fôsse o que fôsse, ou aquela coisa nenhuma, exerceria no cérebro, no sangue, nos nervos, o prestígio mais empolgante. Nada mais existiria na vida, nem sequer a emotividade que, fora de tal domínio, a aproximação das faces e a troca dos olhares, por força haviam de alarmar. Há que tempo o Galo teria cantado, sem ninguém dar por isso... O próprio champagne ficaria esperando, esquecido nos baldes de gelo. E haveria um assombro indescritível quando o estardalhaço desconexo, estrebuchante do jazz anunciasse, pouco antes do sol de dezembro, o fim do Réveillon.

Não, não! Prefiro ficar em casa. Que o Menino Jesus, Nossa Senhora e S. José, e as palhas sagradas do Presepe me perdoem as sacrílegas reminiscências doutro tempo. Estou na velha sala, a sala de sempre. Sozinho? Quem me levaria a acreditar em semelhante mentira? Sozinho, hoje! E' esperar alguns segundos e nunca na vida estive tão acompanhado. Aí veem eles. Ouço-lhes o andar pressuroso e o borborinho de ternura. Os primeiros a assomar à porta são meus avós: meu avô paterno, mestre de fábrica, com as mãos ainda um pouco grossas e enegrecidas do tempo em que, simples operário, empunhava a ferramenta e lidava com a estopa de limpar as máquinas; meu avô materno, que era padeiro e cozia no forno uns bolos especialíssimos, únicos, para a minha gula

de criança; e minhas avozinhas, qual das duas mais santa... Meus pais, que nunca se ausentaram do grande quarto aqui, ao lado, saem neste momento, com a mesma luz no cabelo branco e um sorriso em cada ruga, para me ajudarem a bem acolher e bem acarinhar os hóspedes da minha saudade. Que romaria, Santo Deus! Lá estão Fernando, Artur, Adalberto, meus irmãos mais velhos, e Maninha Laura, que certo dia de maio partiu de casa, criança ainda, levando consigo, além das nossas lágrimas, tôdas as rosas do mês de Maria. Vocês, todos quatro, ao meu redor... Que júbilo! E mais uma vez me deixem jurar-lhes isto: não foi por vontade minha, oh, não foi, que esta casa me coube nas partilhas do Destino! Mas será ela realmente minha? E de vocês também! Aqui nascemos os quatro, aqui ficaremos sempre.

Meu padrinho, agora... Sua bênção, meu padrinho! Quando deixará de trazer debaixo dos braços essa quantidade de embrulhos? Cuida que me esqueço? Foi o senhor que me trouxe o primeiro livro com estampas, quando eu ainda não sabia ler, quase não sabia ver, e a primeira bicicleta, mal eu deixava de engatinhar. Meus companheiros bem amados, do colégio, da Faculdade, do batalhão, do clube. Entrem, entrem todos! Que é isso, Zé Silveira? Ficando na sombra do corredor... Por que, meu velho? Aqui para nós, eu sei... Por causa da roupa, dos sapatos e das ingratidões da Fortuna sempre a passar-lhe longe das mãos... Deixe lá isso, não há aqui senão pessoas iguais, criaturas irmãs que lhe abrirão os braços, tendo-o apenas na conta... de um de nós... Bem vê, todos estamos como dantes. Nada deixámos pelo caminho. Não sofremos migalha nem sombra nem longe de mudança. Conosco, o Passado continua. Anda em nós. Nem que tal desejássemos, não nos poderíamos separar dele — nem uns dos outros.

Que pena não ficar esta sala vinte, cem vezes mais espaçosa e também a mesa lá dentro, porque ainda vocês me parecem tão poucos e tantos outros viriam com certeza, enquanto lugar houvesse entre estas paredes e no meu coração... Escutem! Está cantando o Galo. Jesus nasceu. Vamos soar!

Foi há mais de vinte anos. Com precisão, completaram-se já os vinte e um... O acontecimento deu-se no dia 30 de julho de 1923. E prolongou-se pelo 31, e foi terminar no dia 1.º de agosto. A idéia, havia partido de Irineu Marinho, que então ainda estava em "A Noite". Pela primeira vez anunciava-se a realização, no Brasil, de um Campeonato Sul-Americano de Dança-Hora. Que significava um campeonato dessa ordem? — indagavam todos. Nada menos que o compromisso, por parte de um bailarino brasileiro, de dançar, sem quebra de continuidade, por espaço de trinta horas, no mínimo.

Dias antes, um rapazinho tímido mas de olhar vivo, bem disposto e sadio, subira as escadas da redação apresentando-se a Irineu Marinho. Quería dançar trinta horas sem parar. Ou melhor: parando um minuto, de tantas em tantas horas, para submeter-se a uma rápida massagem. Fora disso, alimentando-se durante as danças. E sem dormir, principalmente sem a menor interrupção para o sono... Irineu Marinho fixou seus dois olhos penetrantes no rapaz tímido mas prometedo.

— Como se chama?

— Bueno Machado, sim, senhor.

Na manhã seguinte Machado voltava para saber a resposta.

— O senhor sabe, "A Noite" é um jornal de responsabilidades. Não poderá anunciar uma coisa que resulte em fracasso...

— Eu sei, doutor...

— Está certo de que dançará as trinta horas?

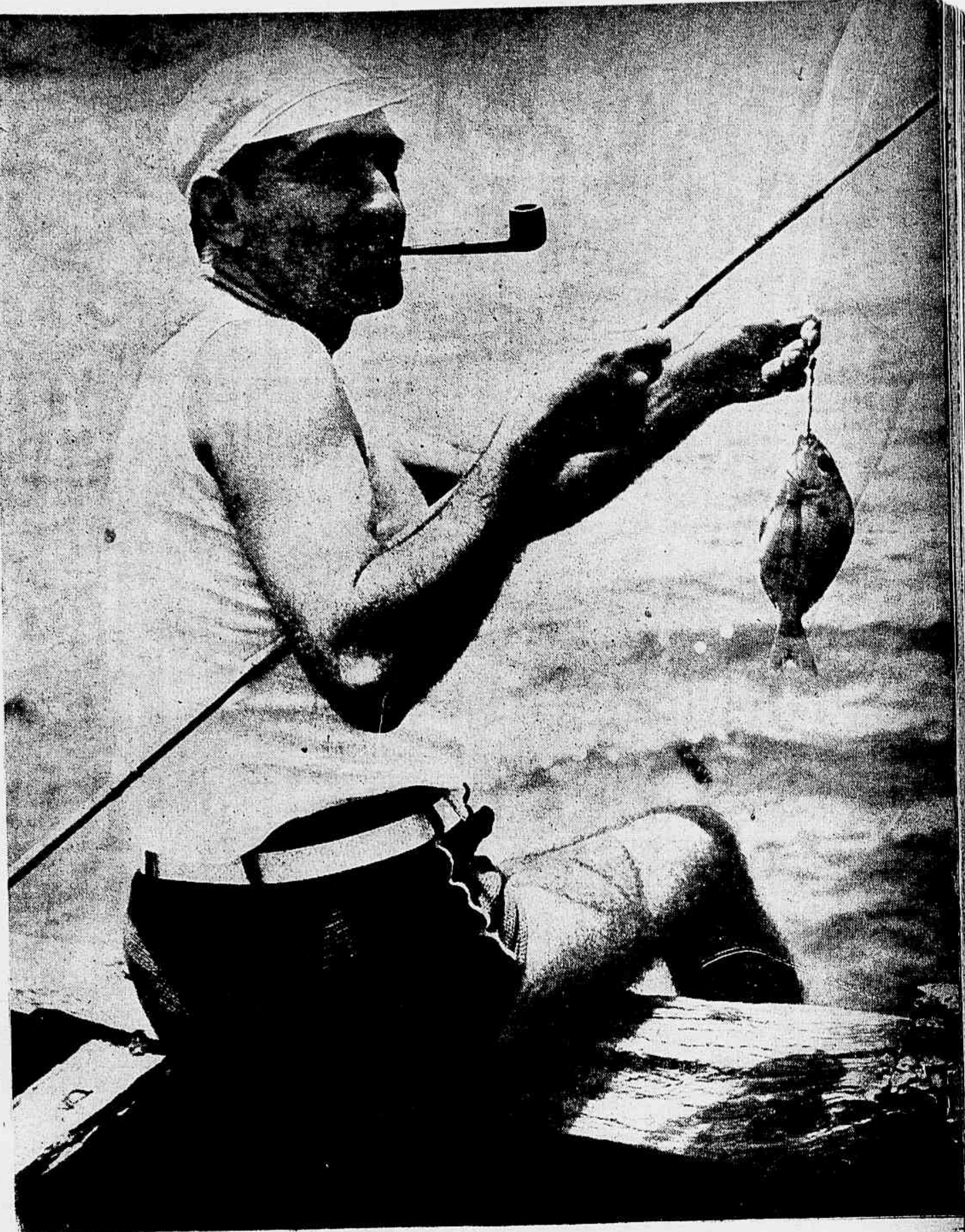
— Se não estivesse não aparecia, naturalmente...

Mas estava presente alguém que depositava confiança no bailarino. Era o jornalista e teatrólogo Simões Coelho. Apontando para Bueno Machado por detrás dos seus óculos de grossas lentes, muito míope mas muito experimentado, Simões Coelho disse a Irineu Marinho:

— Quem? Este aqui? Dança. Tenho certeza de que dança as trinta e mais algumas de quebra, se for preciso...

Irineu Marinho acabou de entusiasmar-se. E Simões Coelho não falhara na sua profecia... O Campeonato Sul-Americano de Dança-Hora, levado a efeito no Teatro São Pedro, hoje João Caetano, terminou precisamente quando Bueno Machado terminava trinta e duas horas e trinta minutos de dança ininterrupta, depois de ter cansado inúmeras dançarinas...

Estava lançado o nome do bailarino. Em novembro do mesmo ano Bueno Machado seguiu, com a Companhia Velasco, rumo à Europa. Lá ficava, estendendo o seu giro por várias capitais européias, para voltar em novembro de



COMO VIVE, HOJE, O CAMPEÃO DE DANÇA-HORA



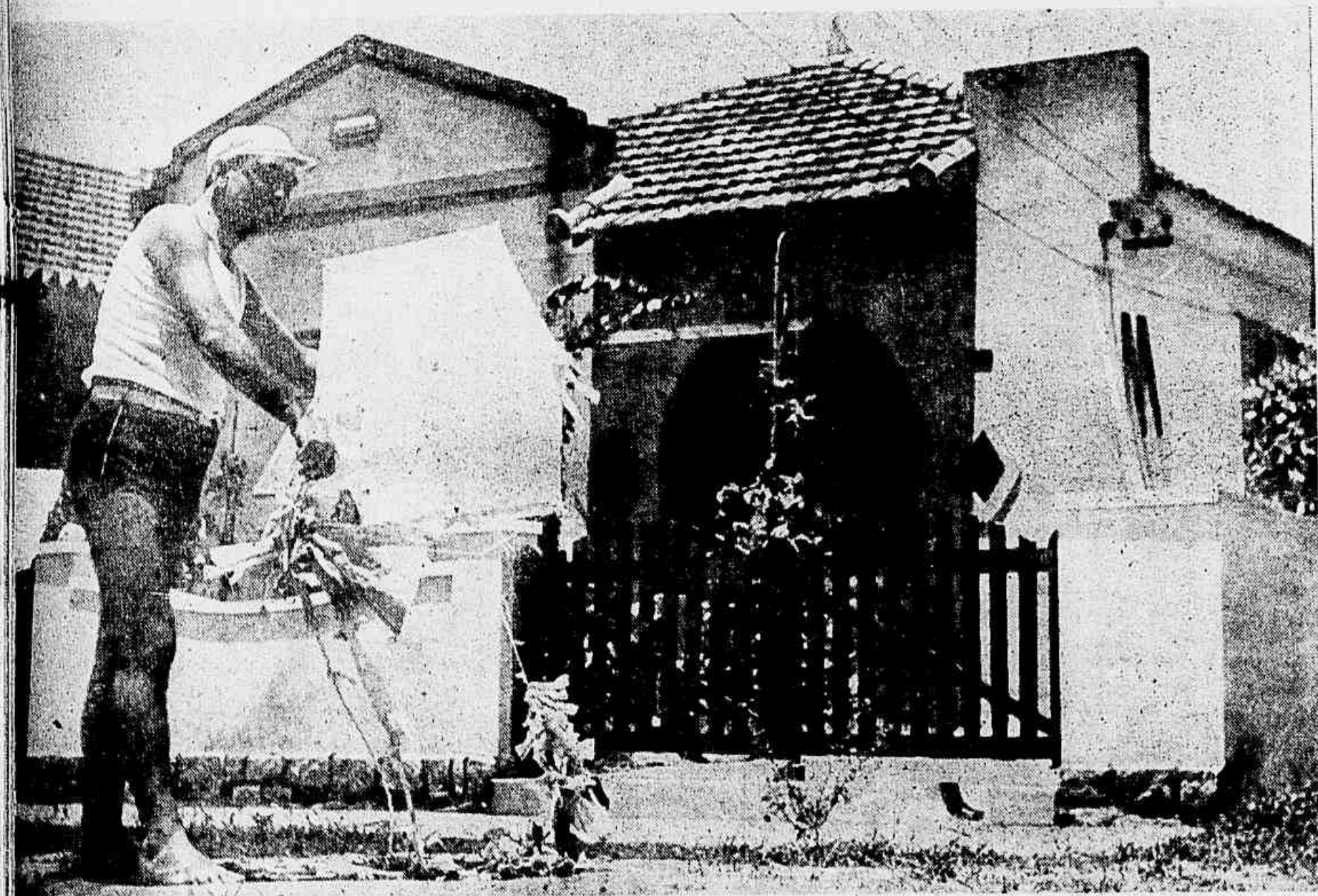
Bueno Machado quando realizava, no antigo Teatro São Pedro, sua primeira façanha coreográfica. Nesse momento completava a 32ª hora de dança continuada. E, na gravura ao alto, o bailarino entregue aos prazeres de uma pescaria, agora na ilha do Governador, onde reside.

1924. Foi, então, conhecer Buenos Aires, integrando a Companhia Francesa de Revistas, dirigida pela famosa Madame Rasimi. Trabalhou no Teatro Opera da capital portenha. E dali foi dançar no Chile, dançou no Uruguai, para reaparecer no Rio, em abril de 1926. Foi quando se deu o lançamento do Charleston, realizado no palco do diminuto Cinema Império... Apresentava-se um filme americano, "Mosca Negra", no qual a bailarina Ann Pennington fazia várias exibições do Charleston, então aparecendo, furiosamente, nos "night-clubs" americanos. Pois Bueno Machado fez o mesmo no Brasil. Dançou no Rio, foi repelir a façanha em cidades vizinhas, e, aliado ao título celebrado de campeão de dança-hora, pôde juntar o de lançador, no Brasil, do Charleston. Dois anos mais tarde, em 1928, seguia novamente para Paris. Dançou com êxito estrondoso nos "boulevards" da Cidade-Luz... E foi, em seguida, num giro prolongado, para Budapeste, Viena, Atenas, Constança, Bucarest, Belgrado, Iaguel, Salônica, Alexandria, Cairo, Beyruth, Damasco, Praga e Constantinopla. Nunca um brasileiro dançarino pôde estender a sua excursão até tão distantes terras...

Foi em Constantinopla que Bueno Machado encontrou Rosita Barros, recentemente contratada por uma emissora aqui do Rio. Lá, Rosita Barros exibiu-se como cantora argentina. E a excursão do bailarino prolongou-se a Zurich, Marselha, Roma, Turim, Nápoles e Barcelona. Em Barcelona deparou com Romeu Silva e sua orquestra, marcando um extraordinário sucesso. Novamente em Paris e Lisboa ele fez barulho.



O casal Bueno Machado e a cachorrinha de estimação fazem o seu giro matinal pelas águas quietas de Governador, no "Apache", um barco feito sob medida para a família



Outrora êle dançava noites e dias. Agora entrega-se à boa vida. Sol, praia, os arranjos do jardim — e nas horas de folga, um "papagalo", uma boa "pipa" mandada para os céus...

Em Atenas, uma noite, Bueno Machado encontrou na platéia um vulto alto, espadado, que incessantemente aplaudia os seus números. E pedia bis... E queria que êles fôsseis trisados... Pareceu-lhe conhecê-la, mas... Quem seria? Não se lembrava de onde. Minutos após, seu camarim era invadido, em plena capital da Grécia, por um brasileiro ilustre. Era, nada menos, que Afonso Lopes de Almeida, que então ali se encontrava como fiscal do Departamento Paulista de Café...

Conversando com Bueno Machado, êle evoca alguns episódios interessantes do passado:

— Fui professor, na Turquia, de duas filhas adotivas de Sua Excelência Mustaphá Kemal (El Fazi), hoje morto. Professor de dança, bem entendido. As lições eram dadas com auxílio de uma vitrola, no Palácio de Dolma Batchy, em Constantinopla.

— E não voltou a repetir a façanha do campeonato?

— Claro que sim... Na Bahia, dancei cinquenta e duas horas e meia... Em Campos, dancei quarenta e duas. Mas onde mais dancei foi na Espanha, no Hotel Ritz, de Madrid, onde atingi as cinquenta e três horas. Isso, referindo-me à primeira fase da minha atividade, pois mais tarde, aqui no Rio, atingi as setenta e duas horas, quando pretendia chegar às cem horas. Não o fiz porque amigos me demoveram desse propósito. Todos os "records" estavam batidos por um brasileiro...

E as recordações continuam:

— A rainha Maria da Rumania, morta há dois anos e mãe do rei Carol, que agora mesmo nos visita, convidou-me a dançar no Corde Militar, onde patrocinava um baile em benefício dos aviadores feridos. E, ao felicitar-me, disse-me: — "O senhor não é um bailarino, é um verdadeiro embaixador do Brasil, dentro da sua arte..."

E Bueno Machado acrescenta:

— Palavras que nunca se esquecem, não é verdade?

Que faz atualmente o antigo campeão de dança-hora? Dança, ainda? Viaja? Faz "tournées"?

Não. Bueno Machado retirou-se das atividades de público e, com algumas economias, comprou uma bonita vivenda no Jardim Guanabara, na ilha de Paqueta. Casou. Sua esposa fez parte do elenco da Companhia Rasimí. É uma distinta senhora que, hoje, ainda conserva acentuada, mas simpática, a prosódia francesa.

O casal passa dias e semanas sem vir ao Rio. Ele ainda aparece, para matar saudades dos companheiros, mas volta cedo para a ilha. Tem os seus "bichinhos" para cuidar... Cães, pássaros, galinhas, pombos... Brinca com as crianças das vizinhanças... Solta "pipas" e enormes "papagaios"... Faz ginástica na praia... Dá seus passeios demorados de bicicleta, por sobre as areias muito alvas da Governador, ou no "caique", singrando as águas algumas vezes tépidas, outras violentas e rebeldes...

— Pensa em dançar novamente?

Bueno Machado estende o olhar pelo horizonte. É

uma linda manhã de princípio de verão. O sol dardeja e faz reflexos luminosos nas águas.

— Quem sabe! Sendo preciso... No entanto, prefiro continuar aqui, no meu canto, eu e a minha "velha"... E com os nossos bichinhos...

Há centenas de pássaros de todos os tipos, no caramanchão da residência do bailarino... Gatolas douradas, prateadas, multicores, penduradas aqui e ali... Pombas penduradas em árvores, em postes apropriados... E uma linda e variada coleção de outras aves, predominando os frangos "Leghorn".

Os cachorros, os gatos, os pombos, os pássaros, os galos, as galinhas distraem e dão trabalho.

— Oh, sim... Também dão despesa — acrescenta madame.

RECORDANDO ASPECTOS CARIOCAS

Este nosso encontro com Bueno Machado fez-nos evocar episódios curiosos e pitorescos do Rio de há três lutos. O mundo andava inteiramente alheio às cogitações da guerra. Mal refeito ainda da hecatombe de 1914, que todos consideravam a última, definitiva e irrevogável, o mundo lembrava, aterrorizado, coisas da "Grande Guerra" e sonhava com um século de paz. Nos países europeus, onde a tragédia tivera curso, a humanidade adormecia e entregava-se a um doce devaneio com a Paz. Devia ser uma Paz fictícia, duradoura apenas por mais alguns anos, muito poucos, pois o germe de outra desgraça ainda maior, capaz de ofuscar as evocações dramáticas da primitiva, já se espalhavam por vários territórios. Não se conformavam os alemães com a derrota que os aliados lhe haviam infligido e surgia, cautelosamente, o vírus germânico agora sob a capa do nazismo, para atormentar-nos.

Mas, por sobre essa aparente tranquilidade dos espíritos, havia uma sociedade que se divertia com as menores e mais frívolas coisinhas... E nós aqui, no Brasil, onde a guerra menos se fizera sentir, nós então, sem o saber-mos, preparávamos uma geração que havia de envergar a larda verde-oliva e rumar para as terras da Itália. Mas, porque o futuro a Deus pertence e ninguém admitia como certa essa probabilidade, nós no Brasil éramos ainda mais inconscientes do perigo que não andava tão longe assim...

Era a época das grandes excentricidades. Na avenida Rio Branco, certa vez, apareceu um Circo de Pulgas. — "De pulgas?" — indagará o leitor, incrédulo. E nós respondemos: — De pulgas, sim, senhor... Era um indivíduo estrangeiro, cuja procedência poucos conheciam, que alugava uma dependência no quarteirão da avenida situado entre as ruas São José e Assembléia, ali adaptando as ins-

Agora não se pensa mais em viagens nem espetáculos. O campeão da dança-hora é amigo do seu cachimbo, adora os pombos e tem uma excelente criação de galinhas de raça.



ulações do tal circo. O circo, pobrezinho, resumia-se a um lago de caixas de papelão, dentro das quais minúsculas e infelizes pulgas, espetadas em leves fios de arame por um processo qualquer que não as sacrificava de vez, meia dúzia de pulgas, caminhavam para a frente, para trás, ou davam pequenos saltos.

Claro que saltar é próprio das pulgas. Mas o habido empresário anunciava saltos de forte equilíbrio. E dava, àquela pequena barbaridade, o pomposo nome de Circo. Milhares de pessoas deixavam na bilheteria, improvisada à porta do prédio, uma prata de um mil réis (não havia cruzeiros) e assistia ao triste espetáculo. Uns reclamavam, outros sorriam displicentemente. E o circo das pulgas, o famoso, desapareceu de um dia para outro, sem mais se falar nele, inesperado e bruscamente, tal como havia aparecido. Da lembrança, ficou apenas o detalhe do empresário que se submetia, frente ao público, à tortura de dar alimento às pulgas. Era fácil. Tirava o casaco, arregaçava a manga da camisa e colocava, cuidadosamente, os bichinhos sobre a pele, na parte onde esta é mais fina, no ante-brço. As pulgas faziam a sua lauta refeição sugando o sangue do homem que as explorava...

De outra feita, foi o Gigante Guerreiro. Um tipo gaúcho, de quase dois metros de altura, as mãos enormes, os pés exigindo a confecção de sapatos especiais, sob medida, pois não se encontravam feitos para o seu número — e um ar triste e melancólico. O Gigante Guerreiro foi exposto no sobrado do Cinema Parisiense. Também se deixava no "guichet" a infalível pratinha de dez tostões. E lá em cima era o homem pálido, de ossos enormes, a face cavada e o olhar baço, que esperava o público, sentado em um estrado de madeira. Não fazia nada, não dizia uma palavra. Quando lhe perguntavam a idade, respondia:

— Vou fazer dezenove anos.

E, para formar contraste ridículo, o empresário contratara um anão de circo, "o menor anão do mundo inteiro", como diziam as taboetas e os prospectos distribuídos na rua. O espectador achava graça e saía comentando aspectos maliciosos quanto às proporções físicas do anão e do gigante. Outras pessoas retiravam-se do sobrado do Parisiense pouco satisfeitas:

— É uma desumanidade! Esse gigante é um homem doente...

Era mesmo. Certo dia, pouco depois da sua exibição na Avenida, os jornais deram a notícia em muito poucas linhas. O Gigante Guerreiro entregara a alma ao Criador. Era tuberculoso.

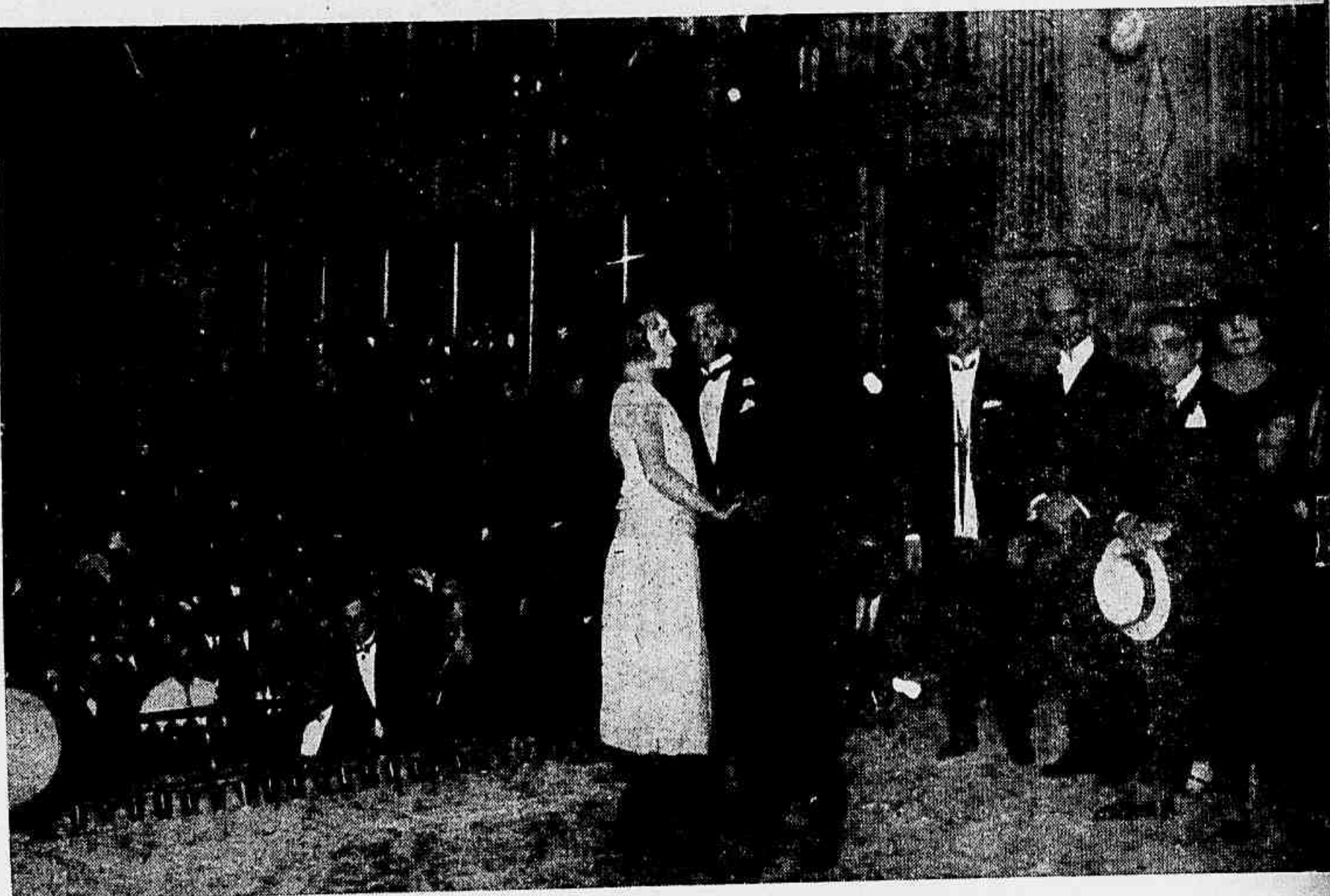
E o empresário pagou-lhe a cova rasa...

Antes, ainda mesmo antes da primeira Grande Guerra, o saudoso Paschoal Segreto se especializara na apresen-

Mas ainda hoje o "campeão" treina, cada manhã, ali mesmo nas areias da praia, para não perder a "forma". E as garotas de Governador sentem-se desvanecidas quando ele as distingue com a sua preferência...



Agora é assim. O bailarino que andou dançando nos quatro cantos do mundo, aplaudido por "testas-coroadas", vive a sua vida quieta e tranquila deste modo, ali, na ilha do Governador...



Outro flagrante de reminiscência. No palco do São Pedro Bueno Machado recebe a visita de Procópio, que então já era o ídolo do Trianon. A gente de teatro estimulava o bailarino...

tação de fenômenos desse gênero, no Pavilhão Internacional.

— Onde ficava "isso"? — indagará novamente o leitor contemporâneo.

Ficava exatamente onde hoje existe o Cinema Eldorado, na Avenida, junto à Galeria Cruzeiro. Era um barracão, construído em caráter provisório, mas um "provisório" que se estendeu por muitos anos. Ali se exibiu a "Volta ao mundo em quarenta minutos"; ali estiveram várias companhias populares de revistas portuguesas, inclusive a mais famosa, com Carlos Leal nos "compères". Mas a especialidade de Paschoal Segreto residia na apresentação dos "fenômenos", das mulheres com barbas, dos conjuntos de luta romana e de box.

O primeiro "ring" de box e luta romana foi, realmente, o que por muito tempo existiu no Pavilhão Internacional, mais tarde demolido para dar lugar à construção do grande edifício do Liceu de Artes e Ofícios. E poucos sabem, talvez, que o Café Nice e o Eldorado, agora também fadados a desaparecer, estão construídos onde, outrora, o saudoso Paschoal divertiu nossos pais, com êsses e outros entretenimentos.

Quando não havia cinema.

Nem rádio. Quando não haviam nascido ainda os cantores e compositores que hoje se reúnem nas mesas do Nice...

Eis por que o aparecimento de Bueno Machado, lançando a novidade dos campeonatos de dança-hora, foi aus-

picioso bastante. "A Noite" era o vespertino das inovações desse estilo. O jornal de Irineu Marinho patrocinando um desses cometimentos, na certa que o êxito estaria garantido.

Quando Bueno Machado subiu as escadas da redação do largo da Carioca 14, particularmente já estava certo de que dançaria as trinta e duas horas, consecutivamente, sem qualquer hipótese de fracasso. Em casa, para um pequeno grupo de amigos, Bueno fizera as suas experiências e estas haviam dado certo. Por que, então, diante do público, não resultariam bem?

O sucesso, devem recordar-se todos daquele tempo, foi espantoso. Ninguém admitia como se poderia dançar noite e dia, sem quebra de continuidade...

O palco do teatro vivia repleto noite e dia. Depois da meia-noite, quando terminava a última sessão nos teatros da cidade, eram os artistas que também rumavam para o São Pedro. Lá estava o Procópio, com os seus colegas do Trianon. Ali mesmo, no palco do São Pedro, Procópio havia aparecido, poucos anos antes, vivendo o seu grande papel de Zé Fogueteiro na peça "Juriti", de Viriato Corrêa. Ali também se haviam apresentado, em caráter definitivo, Jaime Costa e Manuel Durães, e na orquestra da mesma companhia de operetas o maestro Vila Lobos, então sonhando com as suas grandes realizações de nossos dias, era ainda um incompreendido.

Pois também no São Pedro foi que se deu a consagração de Bueno Machado. Seu êxito foi tão acentuado que...

(Continua na pág. 74).



— "Sim, senhor! Furado". E o "cristo" da Imprensa ouve sem resmungar a clássica repreensão do secretário, que lhe mostra a notícia numa folha concorrente.

Ao clarão do magnésio

A REPORTAGEM VISTA POR DENTRO — REPORTER, O MÁRTIR DA IMPRENSA — A VIDA DE UMA NOTÍCIA, ANTES DE SER PUBLICADA

Por CELIUS AULICUS

A CABA de ser assinado o decreto que institui salários mínimos para todo o pessoal das redações dos jornais, revistas e agências telegráficas.

Os felizardos que ganham dez mil, vinte mil e 30 mil cruzeiros por dia no câmbio negro do arroz ou do câmbio super-negro

do carvão, morderam as unhas ao saber da nova. Seria possível? Um reporter, um rapazinho intrometido e sem educação, ganhar Cr\$ 1.100,00 para arranjar notícias para os jornais?

Infelizmente a maioria do povo pensa assim. O reporter, para muitos é um indi-

duo desprezível, farejador de escândalos e de sensações, cuja presença deve ser evitada. E alguns pensam como os comendadores, que seria uma injustiça pagar-lhe mais alguma coisa. E, quando se trata de arranjar argumento para defender tal idéia, declaram sempre que o

reporter é um "malandro que não faz nada".

COMO TRABALHA O HOMEM QUE NÃO FAZ NADA

No entanto, vamos ver se conseguimos dar aos nossos leitores uma vaga idéia do que é necessário para lançar à rua um jornal noticioso.

O reporter está sentado à sua mesa, redigindo umas notíciasinhas para o seu colega da "sociais", que por motivo de doença não compareceu ao serviço.

Há um incêndio no Catete. Lá vai o pobre moço, molhar-se nos jatos das mangueiras, conversar com o tenente comandante do destacamento de bombeiros, pedir informações ao popular que deu o alarme, ouvir desaforos do proprietário do prédio sinistrado, que não quer dizer o valor do seguro.

Há um crime na Favela, lá está o reporter. Há um desastre em Botafogo, lá está o reporter.

Qualquer acontecimento — uma festa, um jogo de futebol, um tiroteio, o fechamento de uma casa de jogo do bicho, a inauguração de uma ferrovia, a comemoração de uma data simbólica — tudo conta com a presença do reporter. E depois, a notícia de tudo isto é calmamente devorada em casa, no bar, no bonde pelos difamadores do jornalista.

Ele no entanto continua a trabalhar sobre os sucessos da noite anterior.

Se uma costureira se suicida no Estácio, é obrigado a ir ao local da cena conseguir uma fotografia da morta contra a vontade da família, colher dados com os policiais, ser humilhado pelos parentes da moça, "que não admitem escândalo em torno do fato".

E o pobre reporter volta à redação, cansado, abatido, recalçando no peito a sua humilhação para redigir a nota do suicídio.

ACROBACIAS, ETC.

Mas outro fato chama à rua o jornalista. Acabam de assaltar o palacete de um granfino. Lá se vai o rapaz para Copacabana. Em geral, não consegue falar com a vítima. Conversa com os criados, ouve o jardineiro, o chauffeur lhe fornece dados. Mas faltam as fotos para ilustrar a notícia. Ao seu lado o inseparável companheiro, o fotógrafo, o interpela impaciente sobre o serviço a fazer. E é ele atônito, desesperado, procura uma saída. Mas nada!

Entrar na casa assaltada para fotografar as janelas arrombadas, não pode: a vítima do roubo "não quer publicidade". Fotografar o palacete seria o mesmo que pedir sua demissão ao secretário exigente.

Há um recurso. E o reporter reconstitui o assalto, pondo-se em cima da árvore por onde o ladrão conseguiu alcançar a varanda do primeiro andar. O fotógrafo não espera. A lâmpada estoura e a silhueta do moço se desenha escura contra a luz da rua, no celuloide da chapa. Está tudo arranjado.

Mas o dono da casa, chegando à janela, atraído pelo clarão da lâmpada, grita para o jardineiro: — "Ó Joaquim! Solta os cachorros em cima destes cana-lhas".

E reporter e fotógrafo lá se vão desabalados pela rua afora.



PAU PARA TÔDA OBRA

Mas nem só na rua trabalha o reporter. Na redação não pára um segundo. Com a mesma cara sorridente que atende ao pedido de um guarda para pôr o seu número na reportagem de um crime, ouve na sala de frente do jornal as babosadas de uma cantora nova que quer publicidade gratuita. E ante sua mesa de trabalho, numa procissão heterogênea e ininterrupta, desfila todos os dias uma multidão eclética: mães cujos filhos desapareceram; campeões de xadrez e de pugilismo; artistas de circo de cavalinhos; vítimas de batedores de carteira; divas decadentes e sem contrato; homens célebres e homens anônimos. E a todos ele atende com a mesma prestimosidade. Na manhã seguinte é por todos insultado, da mesma forma, diante do jornal aberto.

Não tem um minuto de descanso. Volta e meia o secretário da redação, levantando a cabeça, exclama dando um murro na mesa: — "Que diabo! Não temos nada! Mexa-se, homem! Fabrique alguma coisa!"

— "Seu" Michel! Saia para a rua! Lugar de reporter é na rua! Na rua é que as coisas acontecem!"

E lá se vai o "cristo" da Imprensa à cata de novidades. E quando não acontece nada ele próprio tem que "acontecer" alguma coisa para o público. Inventa um romance qualquer, publica uma novidade engraçada ou comovente e, mal sai o jornal à rua, ouve os gritos do redator-chefe: — "Você é um irresponsável! Inventar uma besteira destas! Você desmoraliza a imprensa carioca, desmoraliza a imprensa do mundo inteiro, desmoraliza o próprio Gutenberg! Se isto se repetir você vai direito para a rua!"

A VIDA É SEMPRE DO CONTRA

Mas o reporter não se enfurece com ninguém, não tem ódios, não tem inimigos. Acostumou-se a levar o contra. A vida para ele é sempre do contra. Todos são contra ele. É contra ele o destino, que nem sempre faz acontecer algo de sensacional. É contra ele a multidão, que se nega sempre a informar-lhe o que houve. É contra ele o "caixa", que nunca se prontifica a pagar os seus vales.

Na redação lhe cabem todos os "abacaxis". Se algum inventor aparece para demonstrar a eficiência de sua máquina, ele tem que ouvi-lo. Se, entretanto, se precisa entrevistar uma rainha da beleza, quem o faz é o secretário ou o redator-chefe. Todas as notícias que necessitam retificações foram sempre redigidas pelo reporter.

Se o jornal saiu fraco, a culpa é do reporter. Após uma notícia e antes de uma reportagem a apurar, ele ouve sempre um "sabão":

— "Sim, senhor! Que reporter colosso! "Furado" pelo Dias. Olha aqui! — grita o secretário, agitando no ar uma folha concorrente. — Foi assassinada pelo marido uma dama da alta sociedade e você não me traz uma linha! Sim, senhor! E o Dias deu **manchette**! Você precisa é ir mesmo para a rua!"

Mal acaba o "sabão", o reporter tem que ouvir os insultos e o choro de uma pequena suburbana que reclama contra a notícia publicada no seu jornal.

Lá está ela, frente à sua mesa, limpando as lágrimas na ponta do lençinho e gritando entre soluços:

— "O senhor é um sujeito ordinário! O senhor fez a minha desgraça! É mentira de minha mãe. Eu não fugi de casa! Tinha ido apenas ao cinema depois do trabalho! Agora o Antenor já não quer casar comigo! O senhor tem que desmentir esta notícia!"

porter. Acabado o horário de trabalho, vai ele assistir à "soirée" artística do Mme. X, em substituição ao crítico de arte, que "não veio hoje".

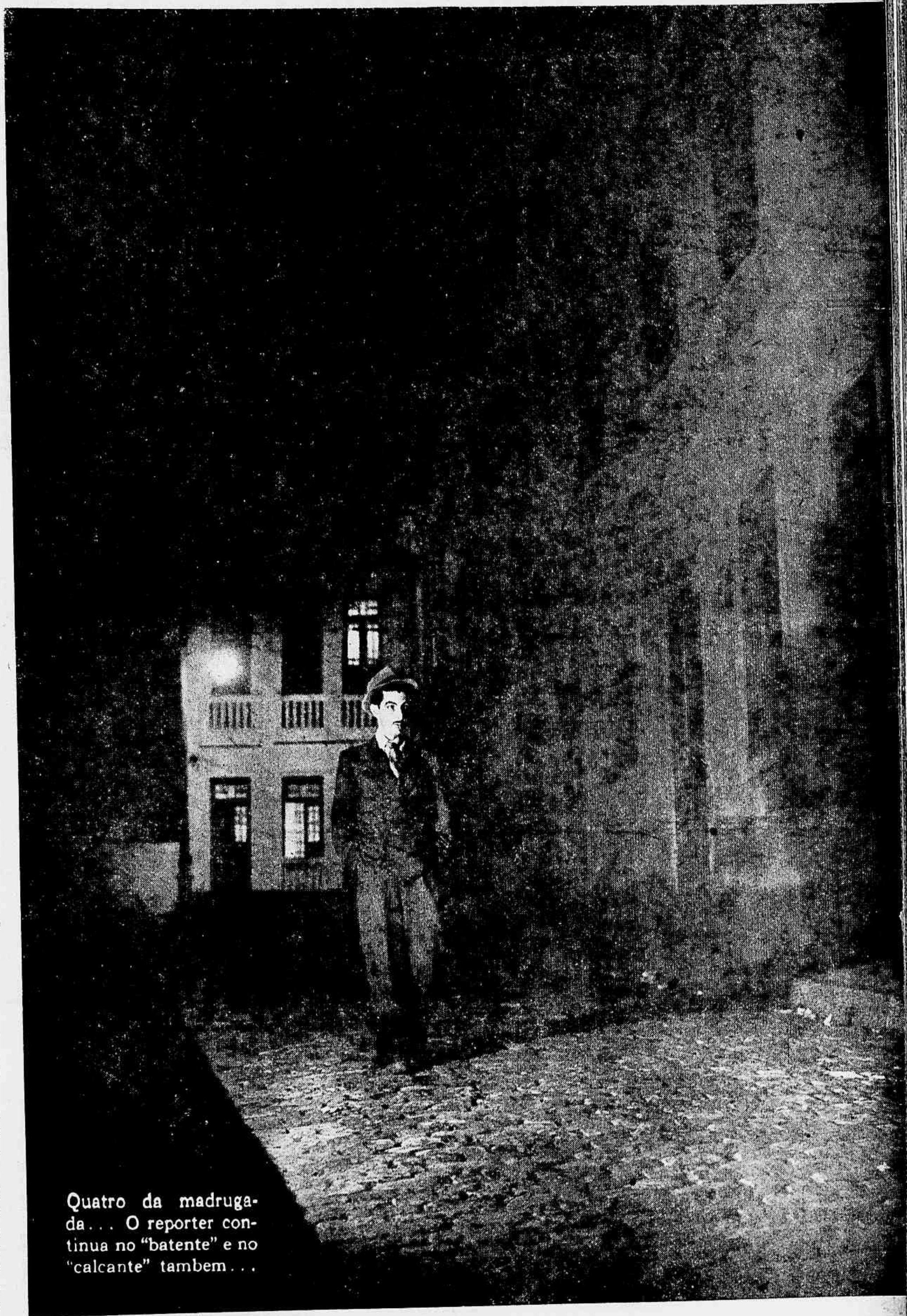
Sentado numa poltrona de luxo durante quatro horas, o pobre moço assiste ao

Mme., promete amavelmente uma bela nota para o dia seguinte e rumo para a redação.

Meia noite...

O reporter foi descansar?

Não! Acontece que hoje é quinta-feira. Dia de seu plantão. Lá está ele sentado



Quatro da madrugada... O reporter continua no "batente" e no "calcante" também...

E o reporter, quase acompanhando a menina no choro, já está redigindo a clássica Retificação nas laudas molhadas pelo pranto.

MAIS SUPLÍCIOS

Mas não param aí os suplicios do re-

desfile das "artistas", mole de sono, morto de cansaço.

Assassinam Beethoven na sua frente, matam pela segunda vez Garcia Lorca sob o seu olhar e ele não dá conta de nada.

Ao terminar o sarau despede-se de

à mesa. O sono passou como por encanto. Diabo! É horrível isto de passar a noite a contar os minutos. Se ao menos acontecesse algo e ele tivesse o que fazer. Mas agora não acontece nada, absolutamente nada.

(Continua na pág. 73).



Bibi Ferreira marcou um dos legítimos sucessos da temporada em "A Morenhinha", de Macedo, que Miroel Silveira adaptou para o teatro.

Ela está bem, graças a Deus, o Teatro Nacional. E andou muito, nestes dias de ano da graça de mil novecentos e quarenta e quatro...

Apesar dos pessimistas, que não encontraram melhoras no seu estado geral.

Apesar dos otimistas, que não encontraram falhas no seu organismo.

Apesar, sobretudo, dos "técnicos" e dos "gêneos" surgidos como que por obra e milagre do Divino Espírito Santo. Apesar e mau grado.

Os outros, que não formam nos extremos nem se acomodam nos meios dessa proporção, e vivem fora de qualquer compromisso, olham satisfeitos para os resultados e concordam com esses resultados, porque a verdade nem está no supremo entusiasmo do elogio fácil nem na barulhenta exibição de conhecimentos "herzatz"...

Vocês conhecem um peixe chamado camboatá? Eu não sei onde ele vive, nem como é. Só sei — porque me contaram — de um hábito que ele tem, muito curioso.

Na água límpida e serena os outros peixinhos, com outros nomes e outros hábitos, brincam felizes, satisfeitos, distraídos com o brilho de suas escamas e a alegria de sua brincadeira. O camboatá, de cara amarrada, roendo o próprio fígado que nele se chama "fel", como em vários outros animais, espia a festa, oculto nas trevas de uma toca. Vai acumulando a raiva, uma raiva sem motivo,

porque ninguém lhe fez nada, ninguém sabe ao menos que ele existe. E para provar que existe, no melhor da festa, o camboatá sai da toca, mete-se no meio dos que são felizes, sacode-se todo, revolve o lodo adormecido no fundo, suja a água, estabelece a confusão, perturba a alegria geral. E volta para a toca, alegre por sua vez, contente consigo mesmo. Está cumprida a sua tarefa.

Este ano que está acabando foi fértil em camboatás no Teatro Nacional...

Felizmente eles, como os outros de verdade, voltarão pouco a pouco às suas tocas. Porque até ser camboatá deve cansar.

Esperemos o momento do cansaço...

Eu conheci um matuto que se gabava de nunca ter ficado doente.

— Nunca?!... Saúde de ferro, hein!...

— Não... É porque quando a doença chega eu saio de perto... Ela fica sozinha, sem mim...

Com o camboatá é preciso fazer isso... Sair de perto.

De todos os aspectos que caracterizaram o movimento teatral de 1944, o mais expressivo foi, sem dúvida, a variedade. Teatro para todos os gostos, como em todos os lugares onde há teatro. Cada qual com as suas razões e com a sua orientação. Do mais comum ao mais requintado. Para rir e para pensar...

E, seja qual for o lado para que nos voltamos, encontramos um público atento, enchendo as salas, aceitando o que, dentro de determinados limites, lhe parecia interessante, recusando o que não lhe agradava, num misterioso trabalho coletivo de seleção e de classificação, situando as suas preferências onde mais lhe convinha, surdo à publicidade espalhafatosa de tigrejinhas literárias e às tentativas de destruição dos ídolos que elegeu e consagra.

Correspondendo à disposição com que o teatro foi procurado, nunca a atividade teatral do Rio foi tão intensa, tornando difícil o levantamento completo das companhias e das peças apresentadas.

Mas onde se satisfizeram todas as expectativas e se premiaram todas as esperanças, foi, sem contestação, na admirável temporada Dulcina-Odilon, primeiro no Municipal, depois no Regina e, finalmente, no Ginástico, com um repertório e uma classe de espetáculos que dignificaram o teatro brasileiro, elevando-o a uma altura que se supunha inatingível dentro do que se chamou "as nossas possibilidades".

Inulgar demonstração da capacidade artística de Dulcina e de seus colaboradores, entre os quais se destaca Odilon, e do respeito com que ela orienta o seu mérito, as realizações que assinalaram a carreira da grande artista patricia em 1944, iniciadas com "Cesar e Cleópatra", continuadas com "Santa Joana", "Anfitrião", "Convite à vida" — o vigoroso original que restituiu Maria Jacinta à admiração do público — culminando com "Bodas de Sangue" e encerrando-se com "Deslumbramento", marcaram outras tantas vitórias, não apenas da genial comediante brasileira, revelando-se ao mesmo tempo uma excepcional diretora, mas sobretudo do nosso caluniado público a quem se atribui um mau gosto agora desmentido.

Um ano chelo e um ano bom, é como se pode resumir este 1944 para o nosso teatro.

A volta de Paschoal Carlos Magno importou diretamente no aumento de interesse pelas coisas do teatro. Empreendimentos novos, conferências, polêmicas...



No gênero popular — revista — Beatriz Costa dominou o ano inteiro. Aqui a vemos em Mine. Chiang Kai Shek, de "Toca p'ró pau", uma excelente composição.



Dulcina de Moraes em Cleopatra, da peça de Bernard Shaw "Cesar e Cleopatra", que foi, no Teatro Municipal, outro ponto alto da temporada.

**PARA O TEATRO, 1944
FOI UM ANO BOM
Mas teve seus dias máus**

Agora Dulcina e Odilon, colocados num plano à parte, nós tivemos ainda a temporada de Renato Viana, no Regina, com Maria Caetana, um dos mais notáveis temperamentos artísticos já revelados ao Brasil nestes últimos anos e com um repertório forte, digno do esteta a quem devemos tantas coisas bonitas do teatro brasileiro.

No Serrador assinalou-se a passagem de Eva Todor, cuja carreira vem sendo marcada por êxitos sucessivos e por uma crescente simpatia pública. De sua temporada é justo salientar "A sombra dos laranjais", uma linda e brasileiríssima comédia de Viriato Correia, e "O Príncipe Encantado", de Ari Pavao, dois legítimos sucessos da produção nacional.

Jaime Costa, campeão dos autores brasileiros, manteve constante o interesse do público, e mesmo para o fim da temporada, com o seu conjunto já desmembrado, sustentou os habituais "records" de bilheteria.

Procópio, Cazarré, Delorges completaram o panorama do teatro declamado, onde é preciso abrir um capítulo especial para falar de Bibi Ferreira.

Reaparecendo quando tudo indicava que estivesse perdida para o teatro a sua esplêndida vocação, depois de uma luminosa e triunfal estréia, a linda garota que a cidade inteira namora e estima impôs definitivamente o seu nome entre os das nossas "estrelas" prediletas. Voltou para vencer e para brilhar de novo, ao lado de um conjunto de figuras consagradas, como Suzana Negri, Jorge Diniz e Ferreira Leite, e de valores novos que o palco soube conquistar e Bibi soube colocar em relevo.

Festas de juventude e de beleza, os seus espetáculos sempre tiveram a prestígio-los as mais numerosas e interessadas platéias.

No teatro musicado, além de Beatriz e Oscarito, da Companhia Walter Pinto, da Companhia de Canções Teatralizadas, registrou-se uma iniciativa que merece destaque: a temporada de operetas, promovida pela Empresa Paschoal Segreto, recebida com um caloroso acolhimento pelo público que aplaudiu no Carlos Gomes um gênero cujo agrado mais uma vez se demonstrou.

Três conjuntos e um casal de artistas estrangeiros, visitaram o Brasil, em 1944: a Companhia Francesa, encabeçada pela nossa grande e querida Rachel Berendt que, embora deslocada no repertório e no conjunto, nada perdeu do seu prestígio, e que teve o concurso de Mme. Henriette Risner Morineau, a notável comedianta aqui radicada; a Companhia Argentina de Revistas, uma alegre e jovial embaixada do Prata; a Companhia Richard Junior, de ilusionismo; Zelmira D'Aguerre e Hector Cuore, dois artistas uruguaios que nos revelaram um gênero de espetáculos pouco comum, apresentando peças em três atos a duas personagens apenas, com um agrado além do qualquer expectativa.

Como vem fazendo há seis anos, o Teatro Infantil da Associação Brasileira de Críticos Teatrais realizou, com um brilho inextinguível, a sua temporada de 1944, depois de lutar contra a irritante morosidade da burocracia do Ministério da Educação, que retardou quanto pôde a decisão



Procópio e Norma em "O Diabo", a peça de estréia do grande ator patricio e sua "partenaire" na atual série de espetáculos do Teatro Serrador.

do pedido de auxílio, mau grado (ou talvez por isso mesmo...) as ótimas informações do Serviço Nacional de Teatro.

Dirigido por Olavo de Barros e administrado por José Lyra, os dois incansáveis e beneméritos orientadores a quem a A. B. C. T. entregou as responsabilidades do empreendimento, o Teatro Infantil passou definitivamente à categoria das organizações teatrais de primeira linha, prestigiado por diversas autoridades e órgãos oficiais, procurado por um público sempre maior, esgotando as lotações do Carlos Gomes, graciosamente cedido pela Empresa Paschoal Segreto.

Vitorioso, único no seu gênero, transbordou dos limites de uma simples experiência, para o campo de uma vigorosa demonstração de capacidades, firmando-se entre as mais belas iniciativas do nosso teatro.

Voltando da Inglaterra, depois de uma ausência mais ou menos longa (mais, para os seus amigos; menos, para os invejosos de sua projeção), Paschoal Carlos Magno, fundador do Teatro do Estudante, não perdeu tempo e provou que também não perdera o contacto com a nossa terra e com a nossa gente.

Mal pôs o pé na Avenida, inventou logo um pretexto para utilizar as suas inesgotáveis reservas de realização,

(Continua na pág. 69).



Odilon Azevedo em Cesar, da mesma peça, um dos mais felizes papéis de toda a sua carreira. Mas Odilon teve outros trabalhos de êxito equiparado.

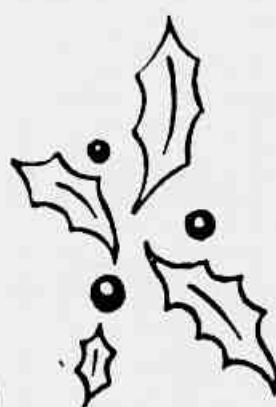
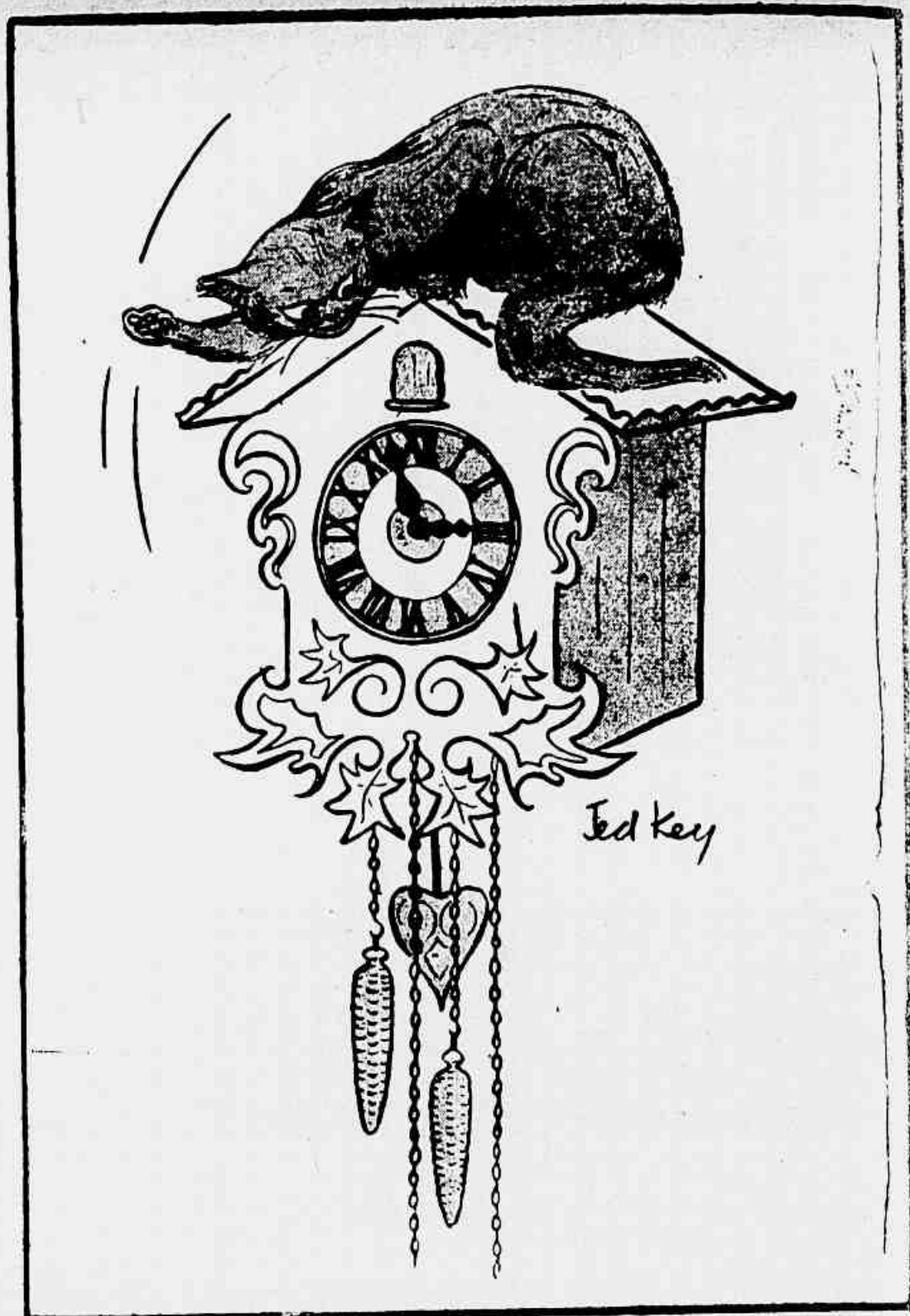
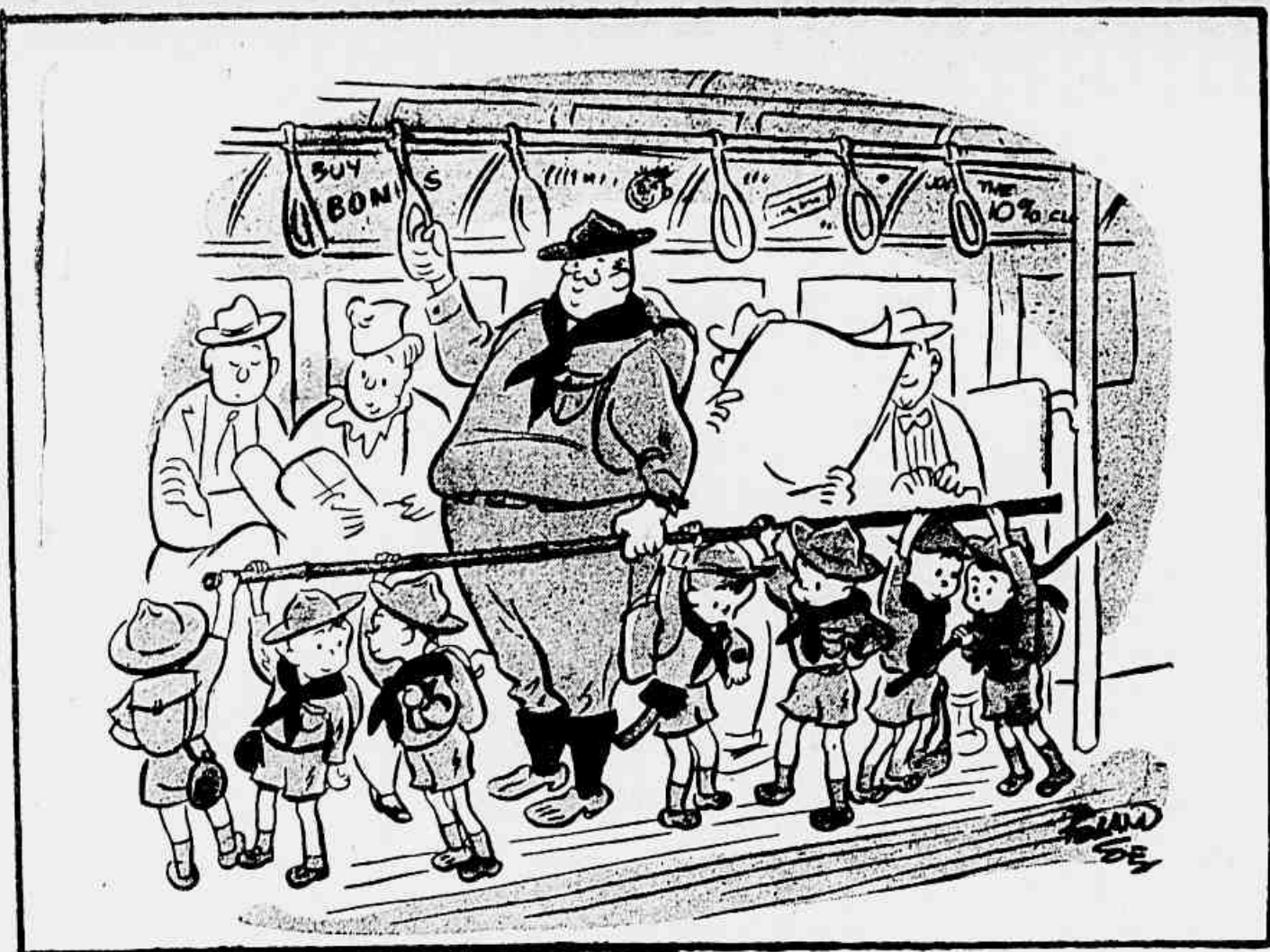
Apesar dos otimistas, dos pessimistas, dos "gênios" e dos técnicos — A história do peixe camboatá — Houve de tudo e para todos os gostos — Dulcina e Odilon, Bibi, Jaime, Procópio, Beatriz simultaneamente — A morte de Jardel — Paschoal Carlos Magno veio animar o ambiente — E agora, é esperar 1945 com muitas esperanças.

Escreveu **BANDEIRA DUARTE**
(Autor teatral e crítico do "Diário da Noite" — especialmente para a REVISTA DA SEMANA).

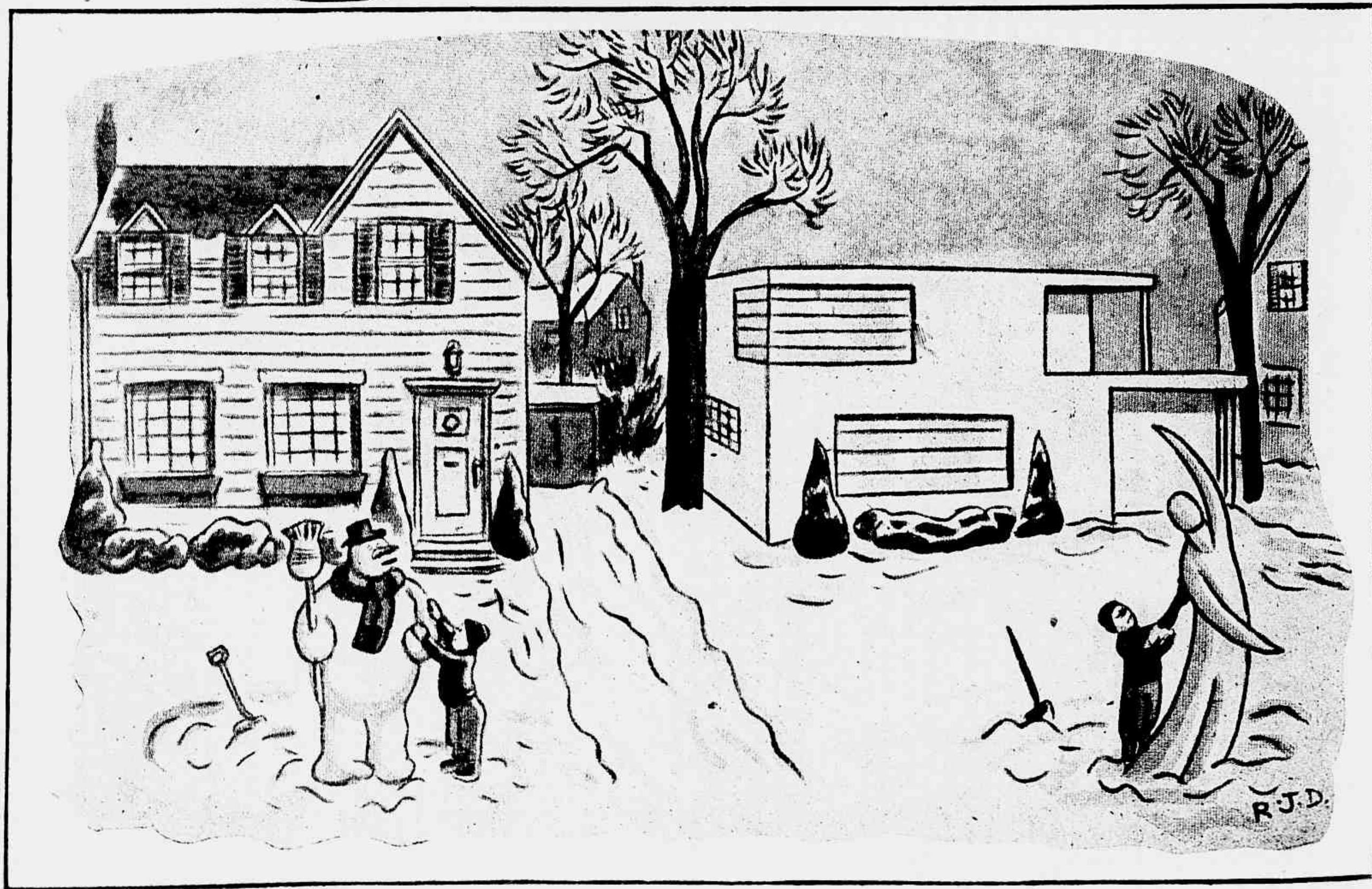
Jaime Costa começou a sua temporada no Glória fazendo teatro ligeiro, para rir. E acabou com "Vila Rica", inegavelmente um dos sucessos merecidos da estação.

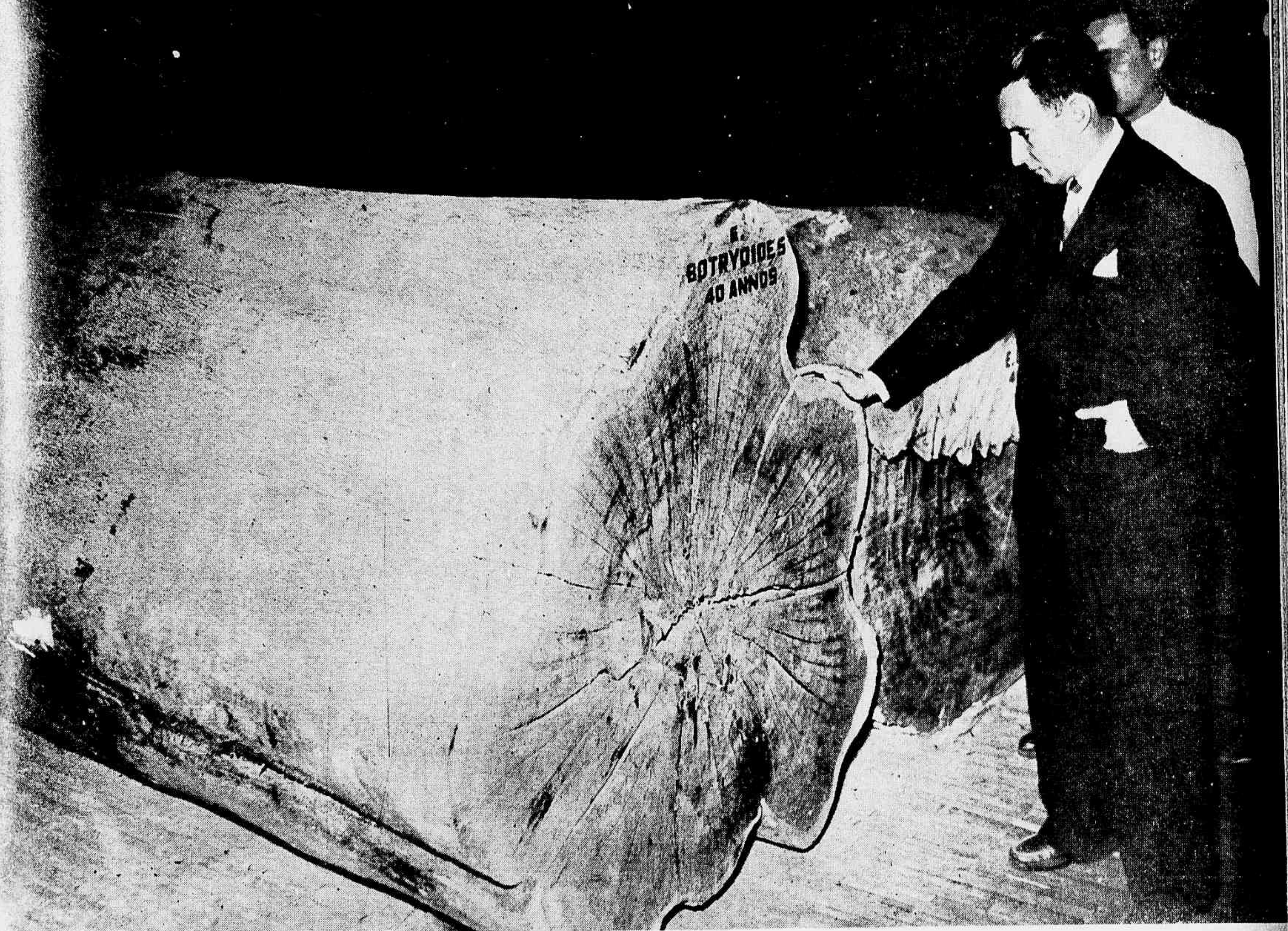


Finalmente, Eva Todor continuou fazendo público e cativando simpatias. Ela tem seu gênero, seus artistas e a sua platéia. Está ganhando terreno de ano para ano.



DE BOM HUMOR





EUCALIPTO DE 40 ANOS TAMBÉM MERECE APOSENTADORIA — QUATRO DÉCADAS DE BONS SERVIÇOS DÃO DIREITO A ESTE MAGNÍFICO TORO DE EUCALIPTO ENTRAR TAMBÉM EM APOSENTADORIA. LEVANTADO EM MEIO DA ESTRADA, ALI RESISTIU A VIOLENTOS TEMPORAIS, ATRAVESSANDO QUARENTA INVERNOS E OUTROS TANTOS VERÕES. AGORA, DEITOU-SE E REPOUSA NO MUSEU DO HORTO FLORESTAL DE RIO CLARO, ONDE O VISITAM TURISTAS E HOMENS DE ESTUDO, SURPREENDIDOS COM AS SUAS PROPORÇÕES E A VITALIDADE QUE AINDA APRESENTA, QUASE UM SÉCULO DEPOIS DE NASCIDA A ÁRVORE.

NAVARRO DE ANDRADE

UM NOME QUE O BRASILEIRO PRECISA CONHECER

SAIAMOS do Rio com o firme propósito de conhecer, em Rio Claro, o Serviço Florestal. Ou melhor — a história do eucalipto no Brasil. Mas foi em São Paulo que mais os nossos desejos nesse particular se fortaleceram, quando manifestando a Monteiro Lobato a nossa intenção, receando porém ter de transferi-la em face da escassez de tempo que sobrevinha, com o aparecimento de outras obrigações inadiáveis, ele pôs em nossos ombros as suas mãos nervosas e fixou-nos com aqueles dois olhos pesquisadores, falando a sério, mas muito a sério, contra seus hábitos:

— Vá, sem demora. Deixe tudo que tiver a fazer. Nada de mais inadiável, porque nada de mais precioso você pode realizar nesta sua viagem a São Paulo, senão conhecer o Horto Florestal de Rio Claro. O resto, tudo, é de reduzidíssima importância, mesmo, insignificante, em confronto com o que espera você em Rio Claro.

E caminhando para trás e para diante, irrequiêto, vivez, por entre as prateleiras de livros — estávamos na Civilização da rua 15 de Novembro:

— Tudo mais importa pouco. Aqui em São Paulo, você está vendo o que há no Rio, o que existe em toda a parte. Casas mais altas, prédios mais modernos, avenidas mais largas... Que importa tudo isso? Os homens são os mesmos. As coisas, iguais às de fora daqui. Mas em Rio Claro, você vai encontrar o que não pode ver em parte alguma. É tudo inédito, tudo gigantesco, tudo majestoso. Si você quer ter mesmo orgulho de ser brasileiro, mas orgulho merecido e justo, e dos maiores — então vá a Rio Claro. E na volta, siga direitinho para o Rio... Não tem mais nada a devassar a quem conheceu a obra maravilhosa de um brasileiro cujo nome tão poucos conhecem: Navarro de Andrade.

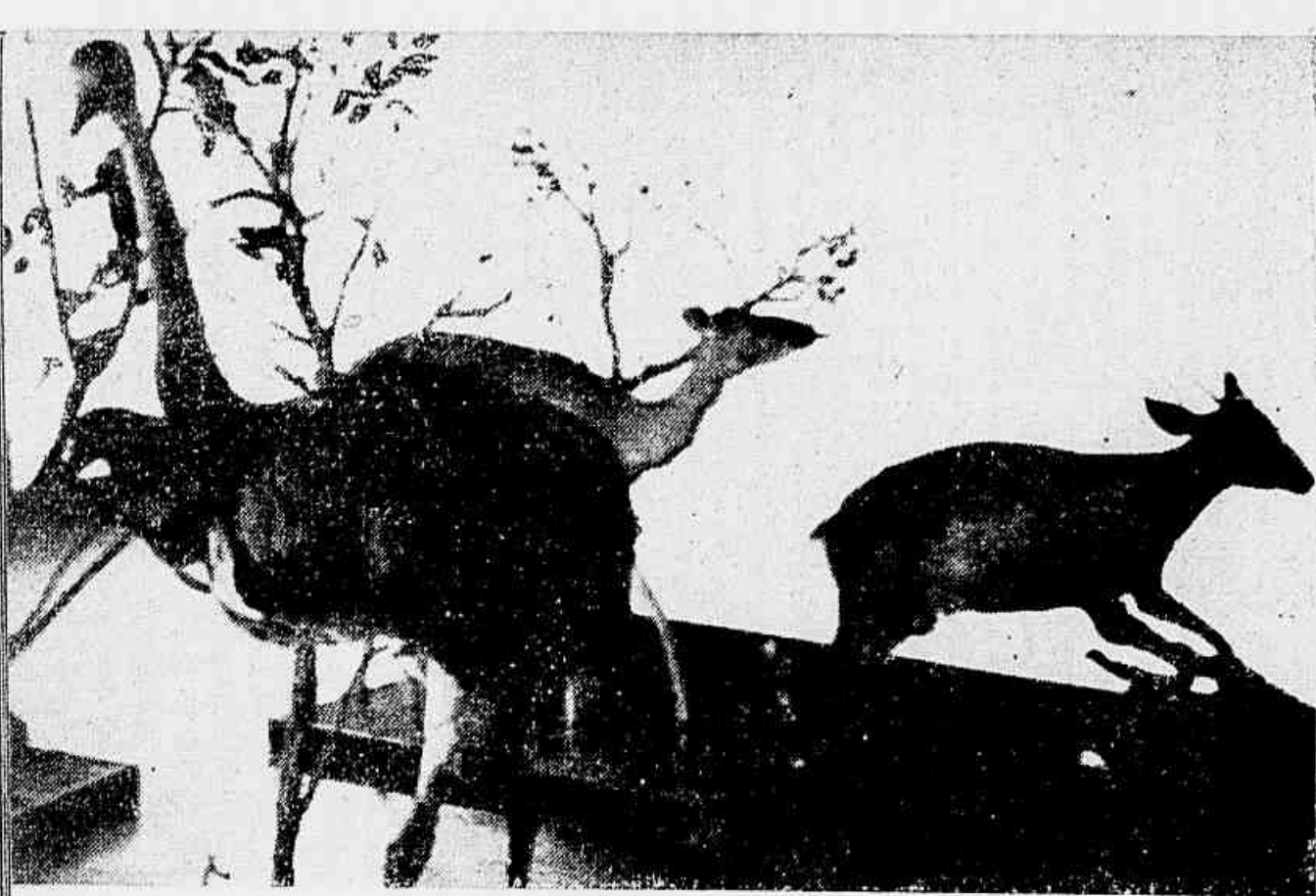
E O EUCALIPTO

Monteiro Lobato e o seu entusiasmo pela cultura da árvore milagrosa — Uma viagem a Rio Claro, que todos precisamos fazer — Quem foi o sobrinho de Eduardo Prado — Solucionando um problema e deixando ficar no Brasil milhões e milhões de cruzeiros — O continuador da obra — Aves e bichos nas florestas que não são melancólicas — Sim, Lobato tem razão — O eucalipto gera entusiasmo.

Por CELESTINO SILVEIRA

Que o entusiasmo de Lobato era justificado, nós o percebemos no dia seguinte, quando o confortável trem elétrico de Paulista nos deixou na tão falada cidade brasileira, após uma deliciosa viagem de poucas horas que nos permitiu conhecer o perfume de Campinas, onde devíamos pernoitar na noite imediata. Mas esse veneração do autor de "Urupês" era, também, antiga. Trazíamos conosco um raro exemplar de "A Onda Verde", editado por Monteiro Lobato há vinte e dois anos, com dois preciosos capítulos dedicados ao eucalipto. E sentíamos invariavelmente essa admiração do autor, deparando estes períodos:

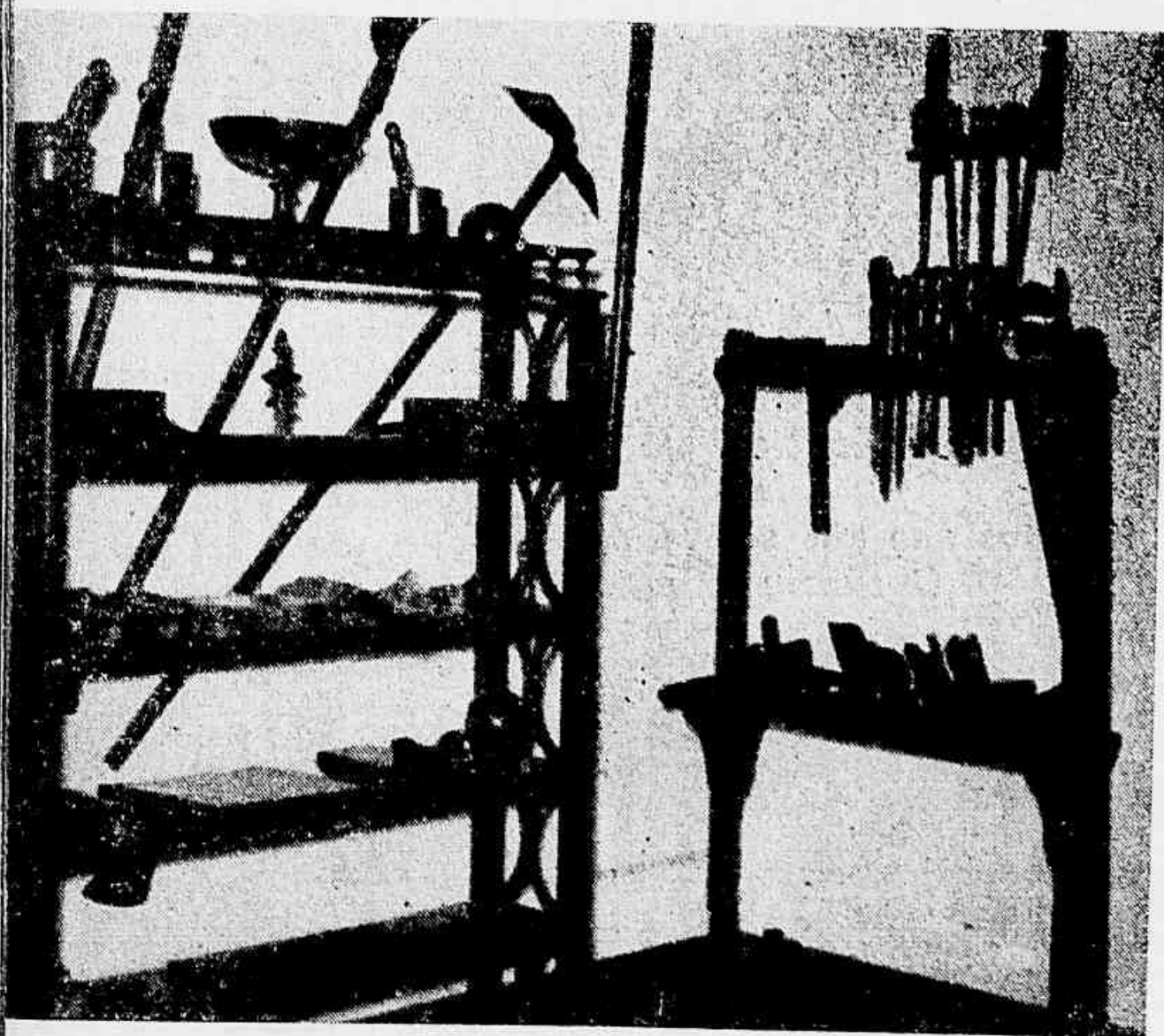
"Se formos médico e penso nos surtos, consultório a dentro, um cliente nas últimas, queixoso de gelidez d'alma, enquiçoso do entusiasmo, indiferença em grau n'vânico, ceticismo marca TPE, recitar-lhe-íamos, incontinentemente, o único medicamento capaz de salvar semelhante desgraça: uma visita ao Horto Florestal de Rio Claro. E daríamos a cabeça a cortar se o infeliz não regressasse enfeitado de esperebas, como um platano de setembro, ou apinhado de flores, como as roseiras de outubro. Porque o Horto não se limita a ser um remédio de efeito atentório: é um tóxico, um portento melhor que o mercurio para a sífilis ou a aspirina para as nevralgias. — Mas que Horto maravilhoso é esse?" — perguntará o leitor. Ah! o Horto é uma coisa séria. É um dos poucos lugares "que só vendem". É dessas coisas vivas de energia que só julgamos possíveis em outros países. É uma prova com os nozes fora do convencimento absoluto. É uma obra, que deixa entrever o que poderemos ser no futuro. É um filio vigoroso e nobremente vivo do trabalho inteligente em conúbio com a ciência do passado. É uma vitória completa, esmagadora!"



AVES E OUTROS BICHOS DA FLORESTA DE EUCALIPTO — UM FAMOSO ESCRITOR AFIRMOU, CERTA VEZ, QUE AS PLANTAÇÕES DESSA ÁRVORE RESULTAVAM MONOTONAS E ENFADONHAS, A PONTO DE NEM OS BICHOS ALI VIVEREM. NAVARRO DE ANDRADE FEZ CAÇAR VÁRIOS "SPECIES", EMPALHANDO-OS, COMO DEMONSTRAÇÃO DO CONTRÁRIO. LÁ ESTÃO NO MUSEU. OS VIVOS ANDAM À SOLTA, PELAS MATAS DE MUITOS QUILOMETROS DE EXTENSÃO.



O BUSTO DO GRANDE DESCONHECIDO — À ENTRADA DO HORTO FLORESTAL, DEPARA-SE COM ESSE BRONZE, ONDE FOI PERPETUADA A MEMÓRIA DE NAVARRO DE ANDRADE, O HOMEM CUJO NOME PRECISA SER DECORADO POR TODOS OS BRASILEIROS. ELE SOLUCIONOU UM DOS MAIS IMPORTANTES E VULTOSOS PROBLEMAS DO BRASIL E DESMENTIU OS CÉPTICOS, OS QUE DUVIDAVAM DA EFICIÊNCIA DO EUCALIPTO. LÁ ESTÃO MILHÕES DE PÉS CONSAGRANDO-LHE A OBRA.



APETRECHOS E UTILIDADES FEITOS DE EUCALIPTO — UM DETALHE DA SALA TODA OCUPADA POR OBJETOS FEITOS DA PRECIOSA ÁRVORE. APETRECHOS DE CAMPO, PEÇAS DE UTILIDADE DOMÉSTICA, OBRAS DE ARTE LAVRADAS NA MADEIRA RESISTENTE, OS PRÓPRIOS ESQUADROS, AS ESTANTES, MADEIRAMENTO DE CONSTRUÇÃO PARA RESIDÊNCIA... TUDO SE PODE FAZER COM O EUCALIPTO.

Para um homem controlado e discreto no gênero de Lobato usar e abusar desse entusiasmo, realmente, é porque o assunto comporta muita importância "de verdade". E, afinal, é acabava de receber-nos esse medicamento, a nós que estávamos longe de ser o último dos delirantes em relação às coisas do Brasil, embora não mais andássemos em maré de entusiasmos delirantes e juvenis...

Aí estávamos, agora, com a curiosidade mais aguçada pelas palavras do escritor embora imbuídos daquela santa ignorância de que se encheva a maioria da nossa gente em relação aos problemas de maior vulto. Enquanto o gasôgênio vencia o percurso de alguns quilômetros da estação ao Horto, procurávamos penetrar um pouco do fenômeno que agora iríamos desvendar. Iamos a caminho do quartel-general do eucalipto, onde o seu comandante supremo, Edmundo Navarro de Andrade, já desaparecido, se havia feito a maior autoridade material no assunto. Era ali a base de operações, do seio daquela formidável floresta artificial de alguns milhões de árvores, que tanto deslumbrava Monteiro Lobato desde vinte e tantos anos atrás, é que partia a idéia coordenadora uniformizando e articulando os demais corpos de exército, acampados em Loreto, Boa Vista, Robouças, Tatú, Cordeiro, Camaquã e Jundiá. No percurso de trem, nossa atenção se prendera ao fato da quase inexistência de plantações de café. Em lugar da "onda verde", eram as florestas isoladas ou contíguas de eucalipto, a perder de vista em longas extensões da linha de ferro. E pensávamos na sabedoria do homem do campo tirando sempre o melhor partido da terra, sem quebras de sentimentalismo inútil. Desde que o café perdera o seu trôco, ali estava a madeira tomando-lhe o lugar. A madeira do eucalipto, essa maravilhosa dádiva da flora australiana — eucalipto para todos os mistérios, para carvão, para lenha, para dormente, para postes, para obras de marcenaria para extração de essências...

A ORIGEM DOS HORTOS FLORESTAIS PAULISTAS

Investigando as preliminares da obra formidável de Edmundo Navarro de Andrade apuramos que data de 1903 o início de hortos florestais na terra bandeirante. Por essa época, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro desejando possuir reservas de madeira de que se pudesse abastecer, determinou o estabelecimento do primeiro horto, nas proximidades de Jundiá. Era então presidente da Empresa o Conselheiro Antonio Prado, que logo verificou a necessidade de colocar à frente desse importante trabalho um homem que, pelos seus conhecimentos e capacidade de realização, estivesse à altura de tão magno empreendimento. Sua escolha recaiu em Edmundo Navarro de Andrade cujo valor e competência eram já bastante conhecidos. E aí se iniciou a monumental tarefa levada a efeito por esse indivíduo de ação e de larga iniciativa. Para colimar o fim que a sua visão larga descortinava, sacrificou uma parte de sua existência. Quando não havia, ainda, decidido sobre que espécie de planta era melhor aproveitar para aquela finalidade, desdobrou-se em experiências estafantes com todas as boas essências indígenas e todas as exóticas de que pôde obter sementes. Foi nesse cotejo preliminar que o Eucalipto, extraordinária essência australiana, veio a sobressair de tal forma que não houve dúvidas em se orientar os trabalhos em relação a esse gênero de plantas riquíssimas em espécie. Nada menos de 500 classificações então apareceram. Estabelecida a superioridade do eucalipto, iniciou Navarro de Andrade o estudo de introdução e aclimação das diferentes espécies, tendo chegado a possuir em coleção 144 delas. Hoje, existem, ao que apuramos, 118 espécies, em virtude das demais terem desaparecido por fenômenos comuns à adaptação das plantas ao nosso clima.

Alcançado completo êxito na experiência de Jundiá, animou-se a empresa financiadora dos trabalhos a estabelecer novos hortos, em Boa Vista, Rio Claro, Tatú, Robouças, Loreto, Cordeiros e Camaquã. Nessa primeira fase foram plantados oito milhões de pés de eucalipto. A crise resultante da débil do café, em 1929, provocou um período de pausa nas plantações, reiniciando-se em 1934, quando, com a fundação de vários outros hortos, elevou-se o número de pés plantados à considerável soma de 24 milhões. Ha dois anos, o serviço florestal contava com 17 hortos, numa área de 9.500 alqueires de terra ao longo das linhas férreas, distribuídas em posição estratégica, em relação ao consumo de lenha, que era já superior a um milhão de metros cúbicos anuais.

Até o desenvolvimento dessa plantação, todas as estações da estrada de ferro eram construídas de pinho de Riga. A Madeira-Mamoré, por exemplo, importava seus dormentes da Austrália. Hoje, o eucalipto resolveu o problema, porque produz e reproduz em reduzido espaço de tempo, permitindo a renovação dos dormentes, dos postes e de todas as utilidades congêneres, feita periodicamente, a preço módico. O dinheiro que deixou de sair do país, em face da obra de Navarro de Andrade, assume cifras astronômicas. Na encantada vivenda que encontramos no horto de Rio Claro, toda a mobília e todos os objetos fazem-se dessa madeira. O rendimento do eucalipto como madeira de construção é notável. Em 1922, ainda sobrecarregada com as dispendiosas experiências iniciais de uma cultura no Brasil, com o alto preço da terra, cada árvore estava pelo custo de 428 réis.

Mas o eucalipto tem outras propriedades. Resiste à geada, como a jarajazeira, também muito difundida a sua cultura nessa região. E não resiste menos maravilhosamente ao fogo. Tróchos destruídos por incêndios em determinada data, ficam completamente rebrotados a três meses de dois meses transcorridos.

QUEM FOI EDMUNDO NAVARRO DE ANDRADE

O benefício que esse cidadão paulista tegou ao país não foi ainda suficientemente avaliado. E seu nome, alheio por completo à maioria de nossos patrícios, merece uma divulgação maior. Colhendo dados biográficos do fundador da cultura do eucalipto no Brasil, sabemos ter nascido a 2 de janeiro de 1881, em São Paulo, na antiga Rua do Chá, hoje Berão de Itapitininga. Era filho de um jornalista, homem de letras e autor teatral — João de Campos Navarro de Andrade e dona Cristina de Affonseca Navarro de Andrade, sendo sua avó materna sobrinha de Marília, de Dirceu. Seu nome vinculava-se a família da antiga nobreza de Portugal, há muito radicada no Brasil. Em 1889, fixou residência no Rio, de onde voltou a São Paulo dois anos após, por motivo do falecimento de seu pai, vitimado pela febre amarela. Em São Paulo desenvolveu seus estudos, matriculando-se no Colégio Militar, da Capital da República, em 1895. Mas aí se deixou ficar apenas um ano, por ter sido designado, como os demais companheiros, por ocasião do motim de 1896, quando Governo Prudente de Moraes. Foi Eduardo Prado, seu padrinho, quem tomou o encargo de cuidar da educação de Navarro de Andrade. Coursou a Universidade de Coimbra, Portugal, e aí, na Escola Nacional de Agricultura, fez o curso de seis anos, diplomando-se em 1903 e doutorando-se com a tese "As Danças". Voltando ao Brasil, foi então convidado pelo Conselheiro Antonio Prado, presidente da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, para resolver o problema da criação de floresta



A ÁRVORE É RESISTENTE — APARENTEMENTE, JULGA-SE O EUCALIPTO UM SIMPLES ARBUSTO, POR DEMAIS FRÁGIL. NA REALIDADE, É UMA ÁRVORE DAS MAIS SÓLIDAS, RECLAMANDO BRAÇOS VIGOROSOS PARA SEREM CORADOS OS TRONCOS. EXISTEM CENTENAS E CENTENAS DE ESPÉCIES. OS LENHADORES, MANEJANDO O MACHADO, CUJO CABO É FEITO DA PRÓPRIA ÁRVORE, SUAM PARA DERRUBÁ-LA!



UMA FIGA RESPEITÁVEL! — TALVEZ EXISTISSE ALGUM SENTIDO MAL DISENCADEADO DE IRONIA NAS INTENÇÕES DO OPERÁRIO QUE CERTA VEZ, UTILIZANDO UM PEDAÇO FORTE DE TRONCO DA ÁRVORE, NO MESMO TALHOU ESSA FIGA ENORME QUE SE ENCONTRA À ENTRADA DO MUSEU, NUM PEDESTAL DE EUCALIPTO. ELA PODERIA AFASTAR O "MÁU OLHADO" DOS QUE DUVIDAVAM DAS EXPERIÊNCIAS DE NAVARRO DE ANDRADE.

artificiais, para formação da sua reserva de madeiras e combustível. E aí com eco então a sua obra de gigante. Desde cedo, Navarro de Andrade se libertara da "ciência pelos livros". Era no coração da terra que ele buscava o segredo da própria natureza, conhecendo as suas leis de regência. Precisava descobrir uma espécie de madeira que se prestasse à reconstituição rápida. O Brasil crescia. As matas eram impiedosamente devastadas. Da flora nacional, surgiam resultados negativos. Navarro optou pelo eucalipto em razão de ser uma essência exótica. No desejo de concretizar solidamente a sua obra, Navarro seguiu para a Europa, e durante sete meses estudou cuidadosa e cautelosamente os serviços florestais de Portugal, Espanha e França. Voltou ao Brasil com um plano assentado de iniciar a plantação do eucalipto em grande escala e uma vontade indomável. Senhor de uma inquebrantável energia, pôs mãos à obra, conseguindo vencer — e vencer sozinho — os azeiteiros hortos florestais da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, com um total aproximado de trinta milhões de pés de eucalipto, representan-

do uma fortuna colossal e constituindo a maior plantação artificial do mundo. Tudo lhe custou grande soma de sacrifícios. Ele teve de selecionar o tipo ou planta de mais rápido desenvolvimento. Selecionou trinta espécies de melhores resultados, destacando-se a "E. Ter-tiornais", que podemos denominar "pai de toda obra", mas de crescimento menos rápido que as suas irmãs-congeneres. Em 1912, Navarro de Andrade iniciou uma série de viagens pelo mundo, que chegou a conhecer o teito, estudando sempre, enriquecendo seus conhecimentos. Surgiram, é claro, os mais ardorosos detratores da sua obra. Todos foram eliminados, quer pela sua tenacidade, quer pela sua lucidez de espírito, respondendo-lhes com o crescimento de milhões e milhões de árvores que ele plantou.

Encontramos em Rio Claro, um museu precioso, que hoje tem o seu nome, visitado anualmente por milhares de pessoas do país e do estrangeiro. É ali se encontram os testemunhos mais palpáveis e eloquentes do que fez a obra desse brasileiro tão útil e coetividade, de quem escreveu Artur Neiva: "Diz um provérbio oriental que o homem

O COMBOIO DA FLORESTA DE RIO CLARO — É UM ESPETÁCULO QUOTIDIANO. O DO TRANSPORTE DA LENHA, EM EXTENSAS FROTAS DE CAMINHÕES, COMO SE VÊ NA GRAVURA. DEZENAS DE CARROS, ABARROTADOS DE EUCALIPTOS DO SERVIÇO FLORESTAL, ROLAM PELA ESTRADA POEIRENTA E AVERMELHADA, INCUMBINDO-SE DA REMOÇÃO DOS TRONCOS JÁ REDUZIDOS A TORAS DE MENORES PROPORÇÕES. OUTRORA, SÓ SE PENSAVA EM PLANTAÇÃO DE CAFÉ, NAS TERRAS DE SÃO PAULO. HOJE, RESOLVE-SE O PROBLEMA DO COMBUSTÍVEL PARA NOSSAS VIAS FÉRREAS NA PLANTAÇÃO EM LARGA ESCALA DO EUCALIPTO, CUJA CULTURA PRODUZ UM RENDIMENTO FANTÁSTICO. ELE É A ÁRVORE MILAGROSA, QUE RESISTE À GRADA E REPRODUZ EM RÁPIDO ESPAÇO DE TEMPO.





ESTUFA PARA TRANSPLANTAÇÕES — DE EUCALIPTO TIPO ECONOMICO, EXISTENTE NO HORTO DE DESCALVADO. AS TRANSPLANTAÇÕES APRESSAM A CULTURA DE NOVOS TIPOS E A INTENSIFICAÇÃO DESSE TRABALHO RESULTA NUM INCALCULAVEL NUMERO DE METROS CUBICOS DE MADEIRA QUE O BRASIL NÃO MAIS IMPORTA. OUTRORA, OS DORMENTES PARA AS ESTRADAS DE FERRO VINHAM ATÉ DA AUSTRÁLIA. HOJE, O EUCALIPTO DE RIO CLARO DEIXA ESSE DINHEIRO NO BRASIL.

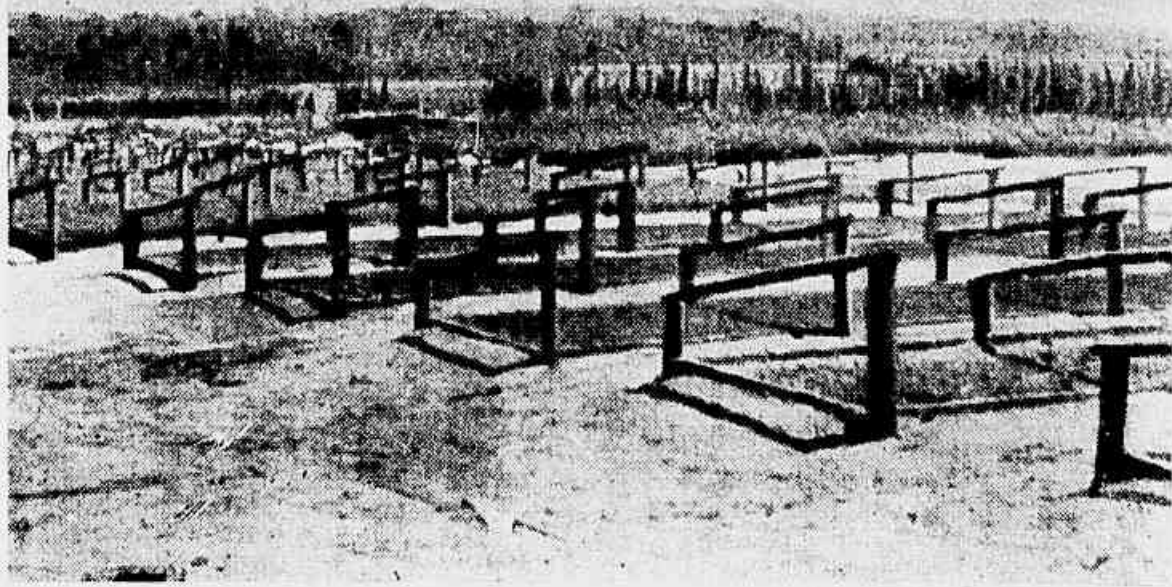
deve, ao menos, fazer uma coisa útil: plantar uma árvore. Si é verdade o conceito, Navarro de Andrade plantou mais de vinte milhões, isto é, ele sózinho trabalhou com uma págo inteira".

Recentemente, o que se observa no "Horto Florestal Navarro de Andrade", principalmente no museu, não se pôde descrever. É preciso vê-lo, mas vê-lo com os olhos bem abertos. Ali se encontram reunidos todos os resultados de uma interminável série de experiências realizadas por Navarro de Andrade em 38 anos de labor. Cada quadro, gráfico e a fotografia, tem uma explicação e uma finalidade prática, que bem identificam o espírito superior e culto de seu organizador. Ali se encontram solos especiais e em cada uma delas o estudo exaustivo de problemas ligados ao eucalipto. Na sala de entomologia nota-se o estudo da biologia de 120 insetos que atacam as nossas madeiras. Ali vemos o eucalipto em pregação, segundo a espécie, para assoalhos, forro, móveis, objetos de uso doméstico, lustres, dormentes, carvão, lenha, apetrechos de esporte, peças de arte, etc. Neste momento, com a falta de combustível, está o Serviço Florestal fazendo grandes fornecimentos de carvão para gásogenio, auxiliando assim, de maneira direta, a campanha do Estado nesse sentido. Ali se emprega a lenha fina proveniente dos ramos e galhos, que não é aproveitada para o consumo das locomotivas e que produz um carvão de proporções excelentes e ótima qualidade para o gásogenio.

Dando o nome de "Navarro de Andrade" ao Horto Florestal de Rio Claro, prestou-se merecida homenagem ao homem que tanto produziu, quer pelo seu amor ao trabalho, quer pelos conhecimentos que aplicou naquelas extensas matas refletindo-se em todos os quadros do país onde também já se cultivava o eucalipto.

Desde a morte de Edmundo Navarro de Andrade, toda essa obra de tão sólida envergadura vem sendo continuada por um herdeiro do nome, o dr. Armando Navarro Sampio. Ainda em vida do grande agrônomo, já seu sobrinho colaborava com ele tornando-se o seu melhor auxiliar. Hoje, efetivado no cargo de tanta responsabilidade, nós o encontramos tocado pela mesma centelha de ideal, movido mais pela intenção de prosseguir na jornada de seu ilustre tio que por qualquer objetivo de industria.

"O HORTO É UMA COISA SÉRIA!" — PALAVRAS DE MONTEIRO LOBATO, UM ENTUSIASTA, O "FAN NUMERO UM" DO HORTO FLORESTAL DE RIO CLARO. "É UMA DESSAS COISAS que se vêendo" — ACRESCENTOU. "É DESSAS LIÇÕES VIVAS DE ENERGIA QUE SO' TILGAMOS POSSIVEIS EM OUTROS PAISES. É UMA PROVA, COM OS NOVES FORA, DE CONVICIMENTO ABSOLUTO, É UMA ABERTA QUE DEIXA ENTRE LUZIR O QUE PODEREMOS SER NO FUTURO". UMA PÁLIDA AMOSTRA, NA ILUSTRAÇÃO ABAIXO, MOSTRANDO QUE TAMBEM ALI SE ENCONTRAM PANORAMAS GENUINAMENTE TROPICAIS.



CANTEIROS DE SEMEACÃO — OBSERVE-SE O CUIDADO, MESMO CARINHO, COM QUE É FEITO ESSE TRABALHO. TUDO É FEITO RACIONALMENTE, ENFRENTANDO O MAIOR INIMIGO DA CULTURA DE EUCALIPTO — A FORMIGA. TODOS OS ANOS, CENTENAS DE MILHARES DE NOVOS TRONCOS SÁEM DOS CANTEIROS E VÃO ENGROSSAR AS FAIXAS DE VETERANOS DE VÁRIOS SETORES: DORMENTES, ACHA DE LENHA, POSTES, MOIRÊS, TABOADOS, CARVÃO ESSENCIAS.

UM EPISODIO PITORESCO

Conta-se que, certa vez, ilustre escritor pátrio após realizar uma peregrinação demorada pelas culturas de eucalipto, fez divulgar substancioso trabalho a respeito, enaltecendo os benefícios da árvore, alinhando algarismos surpreendentes e aplaudindo o incremento da plantação. Mas... Havia um "mas". Na argumentação do plúmbeo, o eucalipto era uma árvore árida, melancólica e realmente triste. Tão triste que os bichos, as próprias aves fugiam das matas onde ele era plantado em larga escala. E a latava ainda que, na sua excursão pelas culturas do eucalipto, nunca se lhe deparara "specime" de passaro ou de qualquer bicho.

Quando Edmundo Navarro de Andrade tomou conhecimento da acusação — para ele era isso mesmo, uma acusação muito séria! — não gostou. E fez o que não seria de seu próprio desejo: Mandou proceder a uma grande caçada nos hortos de Rio Claro. Reuniu a maior soma de aves e de bichos, que ele fez empalhar. Em seguida, remeteu-as "de encomenda", ao acusador...

Claro que a retificação não se fez tardar. E ainda hoje, quem percorre as dependências do museu, ali depara uma sala inteira onde os bichos embalsamados se espalham pelos armarios, ou ficam postados nos cantos, em ar de desafio, como se estivessem prontos para uma fuga á mais leve aproximação de visitante. De tudo, arbustos de eucalipto...

De volta ao Rio, não nos sobrou tempo para agradecer a Monteiro Lobato, a insistência de sua reco indicação. Evidentemente, quem regressa daquele pedaço de Brasil não pode acreditar em gelidez de alma nem aniquilose de entusiasmo pelas coisas da terra.

Sim, nós também voltamos enfiados de esperanças. Tal como sucedeu a Lobato fazem vinte e dois anos. Um entusiasmo tão profundo que ainda hoje o encontramos cético dos homens e de muitas coisas, desiludido das gentes e dos fenômenos que passam desprezando as honrarias e as poltronas acadêmicas, mas pronto a refletir também, como as roseiras de cutubio, tão logo lhe faíamos ao Horto Florestal e de Edmundo Navarro de Andrade — o brasileiro que nós todos, também brasileiro, precisamos conhecer melhor. A ele e ao seu filho dileto — o Eucalipto.





JANEIRO

AS TROPAS DE VATUTIN CRUZAM DESTES-
MIDAMENTE AS FRONTEIRAS DA POLÔNIA.
É O PRINCÍPIO DO FIM PARA HITLER.



FEVEREIRO

COM O FALECIMENTO DO MINISTRO RODRI-
GO OTAVIO, ABRE-SE A TERCEIRA VAGA
NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.

ACONTECEU EM 1944

JANEIRO

Estamos em janeiro de 1944. No largo da Caricca o movimento lembra a entrada de um formigueiro. As agências telegráficas enchem os vespertinos de notícias. Os homens avançam para os jornaleiros, ávidos de emoção. Apenas se conserva calmo e inalterado um cidadão que ocupa o último lugar da fila de um ônibus da zona sul. As notícias começam a melhorar. Chega ao Rio, de regresso de uma viagem de inspeção, o general Mascarenhas de Moraes, que comandará a Força Expedicionária Brasileira. — Deixa o país, rumo aos Estados Unidos, o 1.º Grupo de Aviadores da F. A. B. — Os Carlocas vencem os Paulistas por 2x1, sagrando-se campeões brasileiros de futebol. — Em São Paulo, na localidade de Quatá, houve uma chuva de peixes; Belo Horizonte

perde assim o título de campeã de fenômenos, e o Rio uma boa oportunidade de se abastecer do precioso comestível. — Dia 5 — É nomeado o primeiro governador do novo Território Federal de Ponta Porã, o coronel Ramiro Noronha. — As tropas de Vatutin cruzam as fronteiras da Polônia. — A temperatura no Rio subiu a 38º à sombra, provocando vários casos de insolação. Domingo, dia 9, falece no Rio o professor Fernando Magalhães, membro da Academia Brasileira de Letras. — Dia 11, terça-feira — Morreu Pereira da Silva, também membro da Academia Brasileira de Letras. São duas, agora, as cadeiras vagas no Petit Trianon. — Um incêndio exterminou algumas dependências do Museu Nacional. Mas nem para ver o incêndio o público pode entrar na velha mansão imperial. — Dia

12 — Chegam da Itália notícias alarmantes para os fascistas: o povo de Roma acaba de mandar para o outro mundo nada menos de 75 líderes. — Iniciou-se em Porto Alegre o sistema de "semana inglesa" para o comércio. Os comerciantes do Rio reivindicam também esta melhoria. — Estão circulando hoje notícias tristes para a América: alguns elementos nazistas fizeram "misérias" no Perú; a polícia conseguiu engatolar todos os membros da "gang" hitlerista. — Registrou-se em S. Juan, na Argentina, um violentíssimo abalo cismico; o número de vítimas sobe a mais de quatro mil. — No dia 17 desabou sobre o Rio uma tempestade tremenda. A praça da Bandeira inundou-se. O Catete parece uma sucursal da Baía de Guanabara. Todos se escondem sob as marquises. E' sempre assim quan-

do chove no Rio: ao atravessar uma rua corre-se o risco de ser atropelado por uma barca da Cantareira. — Inaugura-se, no dia 20, o plano inclinado do Outeiro da Glória. — Anuncia-se no Maranhão que o côco babaçu, utilizado como alimento, matéria graxa, fibra para tecido, base para sabão e outras coisas ainda, fornece matéria prima de grande valor para a fabricação de vidro à prova de bala. — Dia 22 — O pessoal do "câmbio negro" está bufando de pura raiva: acaba de ser assinado o decreto-lei que institui impostos especiais contra os lucros extraordinários. — No dia 23, na zona extremo-norte do Brasil, registrou-se um eclipse total do sol. — Dia 28 — Realizou-se em frente ao Teatro Municipal um grande comício em comemoração ao segundo aniversário do rompimento do Brasil com as nações do Eixo.

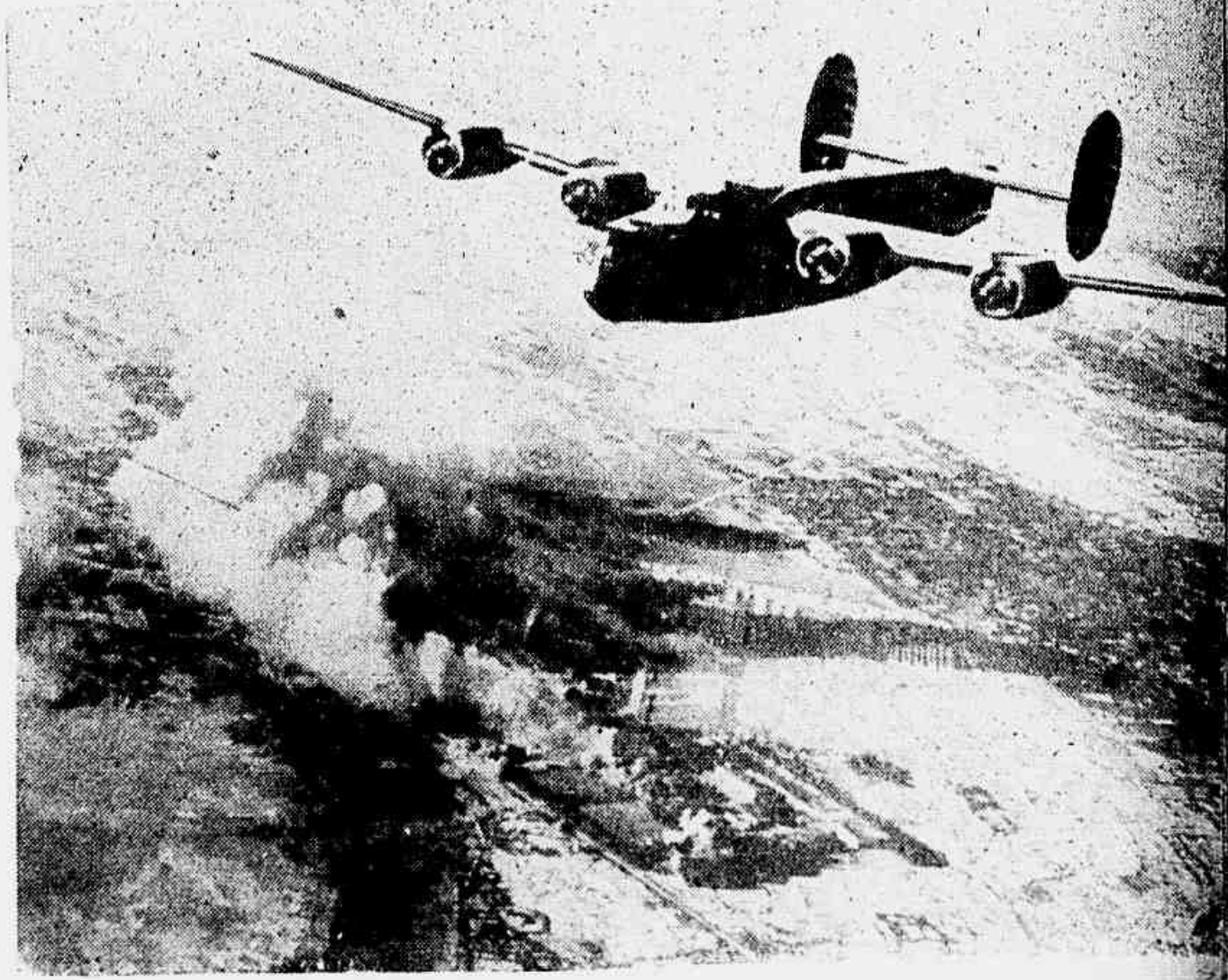
MARÇO

CHEGA AO BRASIL, DESEMBARCANDO EM BELÉM DO PARÁ, A SENHORA ROOSEVELT, A QUEM SÃO DISPENSADAS GRANDES HOMENAGENS.



ABRIL

ESTÁ SENDO DESENCADEADA CONTRA A EUROPA UMA TREMENDA OFENSIVA AEREA. PAISES OCUPADOS E ALEMANHA SÃO VISITADOS.





MAIO

VARIAS LOCALIDADES DE MARAJÓARA, NO ESTADO DO PARÁ, FICAM SUBMERSAS PELAS ÁGUAS DO RIO AMAZONAS. AS ENCHENTES SÃO GRANDES.

FEVEREIRO

1.º — Chega ao Rio de Janeiro o maior transporte militar do mundo, um Douglas C-54, uma das poderosas armas das forças democráticas. — Falece no Estado do Rio o dr. Alberto Maranhão, ex-parlamentar e antigo governador do Rio Grande do Norte. Dia 2 — Mais notícias da Itália: os fascistas acabam de executar o general Garibaldi, sobrinho-neto do famoso guerrilheiro. Parece que Mussolini não gostava do nome da família. Dia 4 — Novas notícias de Roma desmentem o fuzilamento do general Garibaldi. Mas, com ele ou sem ele, os aliados continuam avançando contra a Cidade Eterna. Dia 6 — Outro fortíssimo temporal desaba sobre o Rio de Janeiro. Como sempre acontece, alguns bairros assumem o aspecto romântico da velha Veneza. Dia 16 — A chuva volta a "assolar" o Rio. Por simples 20 centavos da passagem de um bonde Praça da Bandeira se pode fazer uma excursão turística à cidade dos Doges. Volta Redonda também sofre com o temporal: desabou a pequena igreja da vila, recentemente edificada. Dia 19 —

Morre a esposa de Ghandi, com 74 anos de idade. O mahatma, porém, continua forte e rijo como um pinheirinho novo, graças a um copo de leite de cabra tomado aos domingos. Dia 22 — Chega dos Estados Unidos o cientista patricio dr. Nilson de Rezende. O ilustre médico fala em tórno do enxerto de nervos extraídos de cadáveres com menos de 24 horas. Pelo visto vamos ter brevemente uma nova profissão: doadores de grande-simpáticos. Dia 26 — Registrou-se, na seção de impressão da Casa da Moeda um ligeiro incêndio. Dia 28 — Falece no Rio de Janeiro o professor Rodrigo Otávio, ministro emérito do Supremo Tribunal Federal e membro da Academia Brasileira de Letras. São três agora as cadeiras vagas no Petit Trianon. Dia 29 — A polícia de Niterói acaba de varejar as casas de jogo do bicho. Esta tarde o resultado da louvável diligência anuncia o pavão na "cabeça".

MARÇO

Dia 1.º — Corre o primeiro bonde da nova linha "Praça Duque de Caxias-Estra-



JUNHO

O GENERAL CLARK ENTROU SOLENEMENTE EM ROMA. E VERIFICA-SE O INICIO DA INVASÃO. CHEGOU O DIA D E A GRANDE "ARRANCADA" COMEÇOU.

da Ferro". Este veículo é uma espécie de trem internacional: a metade do caminho é feita nos trilhos da "Jardim Botânico"; a outra metade nas linhas da "Ferro Carris Rio de Janeiro". A divisa é a Lapa. E na divisa um guarda aduaneiro: um fiscal da "Light". Dia 6 — E' aberto ao tráfego o primeiro trecho da avenida Presidente Vargas, entre a praça Onze e a praça da República. Dia 7 — Inaugura-se o serviço de rádio-telefonía dos Correios e Telégrafos entre o Rio e Porto Alegre. — Novo princípio de incêndio na Casa da Moeda. Ao que parece não houve baixas entre as notinhas "japonesas". Dia 10 — Acontece em Belo Horizonte: um médico conhecido, ao regressar do trabalho, encontra na sala de jantar de sua residência, em um sobrado, um cavalo que, perseguido pela garotada, conseguiu subir as escadas, instalando-se na casa do facultativo. A extração do bicho para a rua é levada a efeito sem necessidade de intervenção cirúrgica ou policial. — Em Araxá, Minas, descobriu-se, durante uma escavação, a caveira de um animal antediluviano. Nota: ao que parece a cabeça não faz parte do

bicho cuja ossada foi descoberta recentemente em Niterói. Dia 13 — Transferida de outro local, foi colocada na estação D. Pedro II a estátua de Cristiano Ottoni. Dia 14 — Chega ao Brasil, desembarcando em Belem do Pará, a sra. Roosevelt. Dia 17 — A sra. Roosevelt deixa o Brasil, embarcando no Recife, ponto terminal de sua viagem ao nosso país. — Dia 19 — Acaba de ser executado pelos Aliados outro eminente fascista: em Argel, o sr. Pucheu postou-se diante do pelotão de fuzilamento ao romper da madrugada de hoje. Dia 20 — Suicidou-se hoje, no pátio do Hospital do Pronto Socorro, o dr. Calado de Castro, médico daquele hospital de emergência. O dr. Calado de Castro tornara-se um dos mais famosos cirurgiões brasileiros, sendo considerado o maior especialista do país em localização e extração de corpos estranhos dos órgãos internos. Dia 24 — Comemora-se hoje o centenário do nascimento do padre Cícero Romão Batista. Joazeiro deve estar vivendo um grande dia. Dia 26 — Ocorre em São Paulo, com um trem da Cantareira, um desastre de graves proporções que ocasionou 35 mortes, fazendo ainda

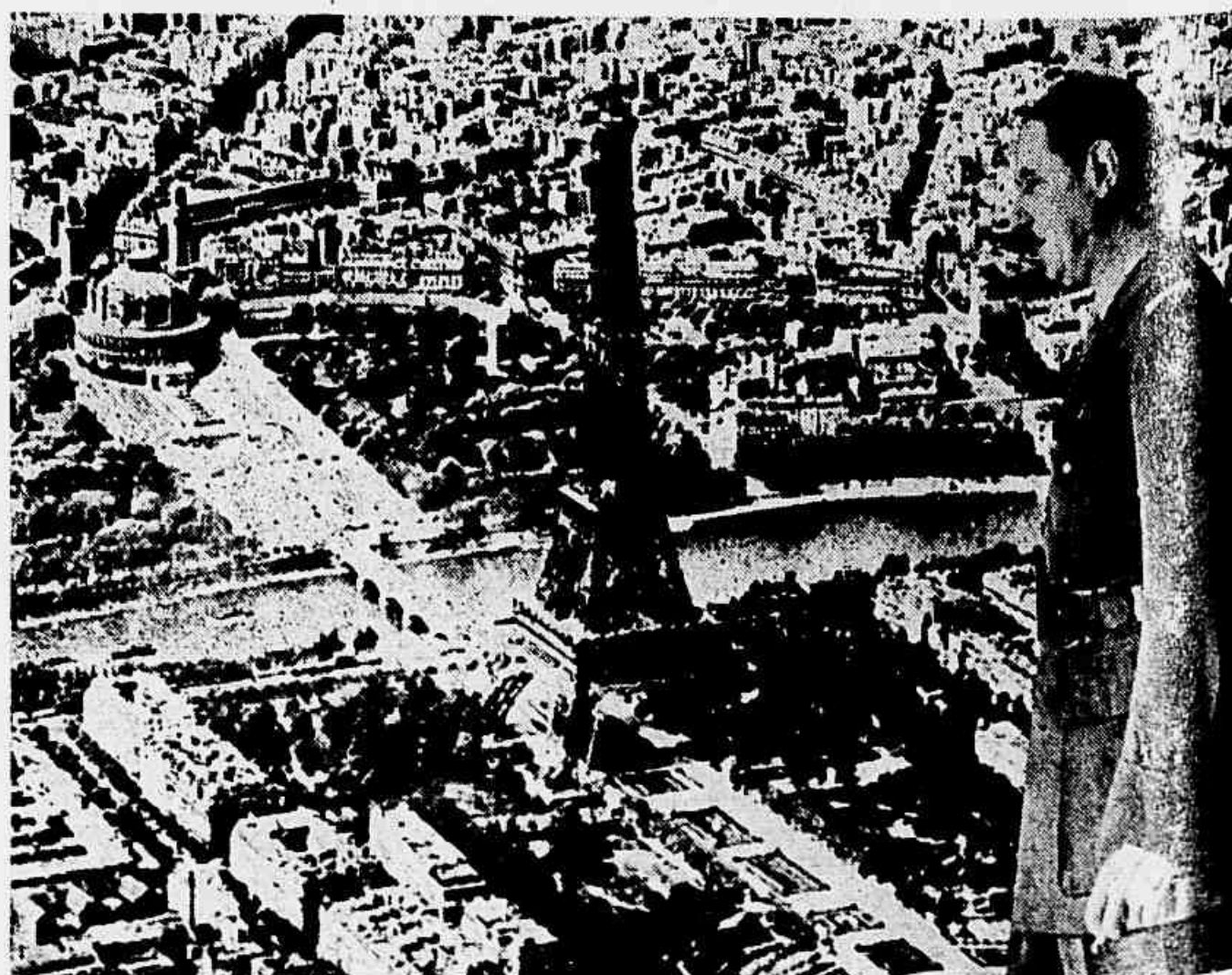
JULHO

O RIO RECEBE, INESPERADAMENTE, A VISITA DE MADAME CHIANG KAY CHEK. MAS POUCOS A VIRAM E AINDA MENOS PUDEAM FALAR-LHE.



AGOSTO

TRIUNFALMENTE, DE GAULLE FAZ A SUA ENTRADA EM PARIS. OS ULTIMOS NAZISTAS TENTARAM CONTRA SUA VIDA NA PRAÇA DA CONCORDIA, INUTILMENTE.





SETEMBRO

AS FORÇAS EXPEDICIONÁRIAS BRASILEIRAS LUTAM COM BRAVURA CONQUISTANDO AS PRIMEIRAS POSIÇÕES EM TERRAS DA ITÁLIA.

mais de 100 feridos em estado grave. Dia 30 — Nada de novo no Brasil. Nada de novo na Itália. Vamos à Rússia. Vejamos o que faz Zhukov. Que coisa difícil encontrá-lo! Ontem ele estava aqui! Ah! Sim! Ele afinal! Sem que a gente percebesse ele atravessou toda a Bucovina e a Bessarábia e prepara-se para invadir a Rumania propriamente dita.

ABRIL

Dia 1.º — Ninguém se lembra mais de que hoje é o dia da mentira. A data se estendeu por todo o ano e perdeu a graça. No entanto o rei Victorio Emanuele, da Itália, fala mais uma vez em abdicar em favor do príncipe Humberto. Vamos, homem! Decida-se de uma vez! Avante, Savoia! Dia 3 — Chega um telegrama que estava fazendo falta: foi dominado na República de Salvador um movimento revolucionário. Caramba! Com essa falta de revoluções a gente corre o risco de esquecer a existência da América Central. Dia 5 — Wendell Wilkie, após comparecer a uma convenção republicana, retirou

a sua candidatura à presidência da República dos Estados Unidos da América. Abandonou a vida pública e trancou-se no seu "mundo só". — Os aliados continuam a avançar na Itália, e os russos estão às portas de Odessa. Dia 9 — Em Juqueri, São Paulo, alguns locatários do manicômio local, em uma sessão de cinema, vendo as brigas do "mocinho" resolveram imitá-lo e "fecharam para concerto" a sala de projeção. Não houve mortes a lamentar. Dia 10 — Instala-se em Porto Alegre o 1.º Congresso Brasileiro de Homoeopatia. Dia 19 — Começa a funcionar a Fábrica Nacional de Motores em Volta Redonda. — E' nomeado o primeiro governador do novo Território Nacional de Rio Branco, o capitão Ene Garcez dos Reis. — Inaugura-se a ponte internacional sobre o Arroio Chuí. Dia 22 — A notícia mais desconcertante de todos os tempos: o governo espanhol declara que os espanhóis que quiserem lutar contra os russos ao lado dos alemães perderão a cidadania. Vê-se agora que a solidariedade anti-komintern era mentira, a divisão azul um engano. Que ingratidão!

NOVEMBRO

FRANKLIN DELANO ROOSEVELT VENCE O CANDIDATO DEWEY NAS URNAS ELEITORAIS, SENDO ACLAMADO NOVAMENTE PRESIDENTE DA REPUBLICA.



OUTUBRO

MORREU A RAPOSA DOS DESERTOS, MARECHAL ERIC VON ROMMEL. O DESESPERO DO FUHRER AUMENTA E AS DERROTAS NAZISTAS TAMBEM.

Hitler nunca pensou em caçar a cidadania aos alemães que lutaram a favor da Falange contra os espanhóis. Dia 26 — Divulga-se o projeto de construção de um grande canal de escoamento da praça Saenz Peña ao calis do porto. Este projeto, para o carioca, tem o valor de uma Arca de Noé. Dia 28 — Falece em Washington o cel. Frank Knox, secretário da Marinha dos Estados Unidos. Dia 30 — Está sendo desencadeada contra a Europa uma tremenda ofensiva aérea. Todas as noites legiões de aparelhos pesados atravessam a Mancha e arrazam qualquer coisa na Alemanha e nos países ocupados. Correm rumores de invasão do continente. Enquanto isto ocorre no oeste, na frente oriental os russos continuam a avançar. Sebastopol está sitiada, ao alcance da artilharia soviética. Na Iugoslávia Tito continua a ganhar terreno.

MAIO

1.º — Dia do Trabalho. No entanto este dia, nas cidades de todos os países americanos, não tem a animação dos outros

primeiros de maio. Os operários estão longe, estão lutando nas oficinas, nos arsenais, nos navios, nos campos de batalha; os operários estão lutando, sem tempo para comemorar o dia do trabalho; estão lutando pelas quatro liberdades, nos cinco continentes e nos sete mares, lutando pelo direito de serem livres, lutando pelo direito de comemorar o primeiro de maio. Dia 2 — Notícias de Belém do Pará informam que várias localidades marajoaras estão submersas pelas águas do Amazonas. Dia 6 — Falece em Buenos Aires o embaixador Rodrigues Alves, uma das mais relevantes figuras do mundo diplomático brasileiro. — E' fundado em Porto Alegre o Clube dos Solteiros. Não sabemos quais as finalidades da nova agremiação. Mas boa coisa não deve ser. Dia 8 — Continua com intensidade a ofensiva aérea aliada contra a Alemanha. — Os russos cruzam a fronteira tcheca. Dia 11 — Admite-se a existência de petróleo em Uruguiana, no Rio Grande do Sul. Dia 18 — Eleições na Academia Brasileira de Letras.

Continua na pág. 80

DEZEMBRO

AINDA RPERCUTEM AS GRANDES REPORTAGENS DA REVISTA DA SEMANA.UMA DELAS "LIQUIDOU" A CANDIDATURA MONTEIRO LOBATO AO PETIT-TRIANON.





Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

PETRÓLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro cabeludo

Livros

A NOVA POLÍTICA DO BRASIL, discursos e alocuções de Getúlio Vargas — Livraria José Olympio, editora — Rio de Janeiro, 1944.

O presente volume é o décimo desta série. Traz, como já trouxe o nono, o sub-título *O Brasil na guerra*, e nas suas trezentas páginas de amplo formato contém as orações preferidas pelo Sr. Getúlio Vargas entre 1 de maio de 1943 e 24 de maio deste ano.

Não há a menor impropriedade nem convenção em se tratar o Sr. Getúlio Vargas exclusivamente na sua feição de homem de letras, deixando-se a outros a tarefa de comentar no caráter de estadista, administrador ou político. Em verdade os seus discursos se diferenciam, na maneira e no tom, da corrente oratória oficial. Primam por dizer alguma coisa que vem do pensamento e do sentimento de um homem, e não da tradição dos secretariados e das cancelarias. Revestem-se de uma forma tanto quanto possível espontânea e sincera; impressionam pelo cunho individual.

GETULIO VARGAS

A NOVA POLÍTICA
DO
BRASIL

O Brasil na guerra

1 de Maio de 1943

24 de Maio de 1944

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

Ha numa peça de R. de Flers e G. A. de Caillavet, *le Roi*, um encontro de certo soberano, vindo de férias, com o Presidente do Conselho francês. Acabados os brindes da pragmática, observa, com esmero, um assistente ingênuo: "Mas eles disseram exatamente a mesma coisa!" ao que outro personagem responde: "É! É! É! É! Nada se assemelha mais à conversa de duas crianças de quatro anos do que a troca de saudações entre dois chefes de Estado". Um epíteto, bem entendido, mas que excelente fundo de verdade! São aqueles os padrões da retórica quer nacional quer internacional, nos quais dificilmente se introduziria uma concepção propriamente nova ou se mudaria uma simples frase, sem o risco de imensas estranhezas e complicações. Tudo ali é fixidez e tabú. Quanto mais, pelo uso e abuso daquelas fórmulas, vão os actos respectivos perdendo o alcance, mais rígidas elas se tornam, e sagradas. São como episódios da História, que nascessem já impressos, paginados, inalteráveis. E já talvez, por efeito da mudança de algumas palavras naqueles *paquets* tipográficos, tenham sobrevivido gerações e revoluções.

Ura, o Sr. Getúlio Vargas consegue, sem outra consequência fora da admiração de quem o escuta ou depois o ha de ler, a proeza intelectual de impor a sua nota própria nas solididades como nas praxes mais singelas, em que a etiqueta ou o costume obrigaria outro a falar como todos os grandes homens na sua situação. E realiza essa espécie de prodígio sem rebuscamentos, sem singularidades chocantes, sem nenhum esforço perceptível. Realmente ele é assim. Ninguém se poderá equivocar, atribuindo um dos seus discursos a qualquer outro orador de vulto e de nomeada: o Sr. Levi Carneiro, por exemplo, o Sr. Edmundo Luz Pinto, o Sr. Marcondes Filho, ou o Sr. Pedro Calmon. Como estes se distinguem entre si, o Sr. Getúlio Vargas se distingue de todos eles. Tudo o que traz o seu nome traz também a sua "garra", como diziam os Franceses quando a tinham e, agora que a readquirem, continuarão a dizer.

Bem cedo o autor da *Nova Política do Brasil*, estudante ainda e porventura preparatório, principiou a exercer as suas faculdades literárias. Não se destinando rigorosamente à carreira dos que escrevem para o público — e que então estava ainda bem longe de constituir, de fato, uma carreira — era necessário que uma ocorrência, uma eventualidade surgisse no momento oportuno para lhe revelar, a ele próprio, a dupla tendência: de pegar na pena, dirigir-se a uma tribuna. Essa intervenção repentina da sorte aproveitou qualquer questão ou fase da política riograndense para o impelir até uma banca de redação. O rapaz de então se sentiu subitamente homem de imprensa. Picara-o a tarântula do "publicismo". E, como já passara o tempo em que a função de jornalista podia dispensar a inspiração, as idéias próprias, a cultura, o estilo, começou o Sr. Getúlio Vargas vencendo na Imprensa por ser autêntica, essencialmente homem de letras.

Entre as falas compiladas nos seus livros, algumas se encontram que obedeceram a circunstâncias de momento: respostas a saudações imprevistas ou extra-programa, entusiasmos ou enternecimentos duma sensibilidade que não pode escolher e muito menos preparar os seus ensejos de expansão; o desejo espontâneo, instantâneo de agradecer, concordar, comentar ou louvar... Mas em todas estas peças de ocasião se afirmam a elevação de conceitos e o apuro expressivo do pensador que, por pensar mais depressa, não deixa de ser artista. Nenhum tumulto de idéias ou perturbação de forma. Os períodos se sucedem sempre em boa ordem, harmoniosamente e com uma correção que não poucos literatos notórios e mais ou menos profissionais — ai deles e ai de todos nós — estão, por precipitação laboriosa ou por mera ignorância, seja pelo que for, abandonando. Todos os discursos do Sr. Getúlio Vargas, grandes ou pequenos, dão ao leitor a impressão de realmente escritos. E de fato! Porque nos menores, nos que resultam das circunstâncias mais fortuitas, é ainda o escritor que improvisa. Assim se pode dizer das páginas que, no presente livro, vêm com os títulos: *A terra fluminense*, *O Chefe de Estado da Bahia no Brasil*, *O esforço progressista dos fazendeiros de Uruguayana*, *A trigésima exposição-feira de B. g.*, *A lavoura de São Paulo e o desenvolvimento econômico do Brasil*, *O espírito progressista das classes conservadoras de Pelotas*, *Nova Terra da Província (Paraná)*, *A preparação e o patriotismo do Corpo Expedicionário* — Outras ainda, em que se assinalam os dotes e recursos duma individualidade à qual, num dos grandes e velhos países da Europa, a literatura em caráter permanente bastaria para assegurar uma bela fortuna e a perfeita consagração.

A propósito dessa eloquência que a estenografia furtou à glória efêmera do rádio, tomemos, ao acaso, um dos referidos espécimes de improvisação. Eis como principia o agradecimento do almoço oferecido pelos lavradores paulistas em dezembro do ano passado:

"Vejo aqui reunidos os agricultores de São Paulo ao lado dos representantes da administração estadual e dos prefeitos municipais, resumindo perfeitamente as atividades gerais do Estado.

Todos os que trabalham a terra desempenham preponderante função econômica e social. O caso particular de São Paulo exemplifica perfeitamente essa afirmativa. Transformados embora pelas influências de uma civilização nova, os descendentes dos Bandeirantes continuam homens da terra, explorando-a no constante empenho de mais completa apropriação das suas riquezas. No ambiente rude em que atuaram, os pioneiros das estradas souberam realizar, com o baco e a espada, uma obra gigantesca, tal como fazem nos modernos tempos, com o arado e a enxada, os paulistas de tempera bandeirante."

Onde, porém, mais poderosamente se patenteia a capacidade do orador-escriptor Getúlio Vargas é, bem entendido, no seu discurso de recependário na Casa de Machado de Assis. Aquela peça oratória ficou, sem possível contestação, entre as mais legitimamente representativas do tipo acadêmico nos anais da Insigne Companhia. Para tal fim, nenhuma condição deixou de lhe assistir. Ali estão a gravidade e a esbelteza, a elevação e a limpidez, a precisão e o espírito. Falando de Gonzaga e da parte que assumiu na conjuração mineira, teve o Sr. Getúlio Vargas, sobre casos bem sabidos, observações a que não faltar originalidade. Recompôs um valioso trecho de História do movimento emancipador do Brasil. E em certa passagem, foi dalgum modo como poeta que se referiu ao fim das *Lírias*, e do fim de *Mil e uma Noites*. Tão o discurso é modelar de erudição, senso crítico, elegância elocuente. E no trecho relativo às responsabilidades acadêmicas ha meia dúzia de linhas que formam toda uma orientação e constituem todo um programa: "Não corresponde, evidentemente, a uma instituição acadêmica"

Nova

dêmica vanguardear os movimentos revolucionários em arte e cultura. Também não lhe corresponde atuar do lado extremo, permanecendo fechada num conservantismo estreito e reacionário. Cabe-lhe, no conjunto das atividades gerais, uma função ativa, coordenadora de tendências, idéias e valores, capaz de elevar a vida intelectual do país a um plano superior, imprimindo-lhe direção construtiva, força e equilíbrio criador".

Na parte relativa ao seu antecessor na cadeira n. 37, Alcântara Machado, ainda o Sr. Getúlio Vargas excedeu as noções até então estabelecidas sobre *Vida e morte do bandeirante* e as outras obras, de jurisprudência ou sociologia que já antes haviam tornado insigne aquela personalidade. O orador fugiu a toda a sorte de chavões apologéticos. Desprezou os lugares comuns do panegirismo arrebatado ou obrigatório. Fez obra ponderada de apreciação e justiça. E assim rendeu o melhor preito a Alcântara Machado, pois vultos como este, quanto mais serenamente encarados, mais se lhes destacam as virtudes de inteligência, de caráter, de sentimento, e os seus direitos à admiração do mundo.

A bagagem literária do Sr. Getúlio Vargas confere-lhe lugar honroso entre os cultores contemporâneos das letras da língua portuguesa. E sem a exagerada modéstia de Raul Pompéia na sua divisa: "Mau mas meu", poderia o autor da *Nova política do Brasil* inscrever no anterosto destes livros o lema: "Bom e meu".



COMENTÁRIOS À HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, ensaio de crítica e de síntese religiosa — por Arnaldo S. Thiago — Rio de Janeiro, 1944.



Ensaio de crítica e de síntese chama o Sr. Arnaldo S. Thiago a esta obra. Em verdade, porém, se trata de alguma coisa mais ou, antes, de muito mais.

Justamente o autor se especializou na matéria como professor que foi de História das Religiões na Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos. Assim, por dever de cate-drático como por tendência de estudioso que se não cansa de aprender, veio a familiarizar-se com os livros notáveis consagrados às crenças, mitos e superstições das raças e dos povos. Sem impropriedade nem exagero se dirá, portanto, que estas trezentas e oitenta páginas, o Sr. S. Thiago, se quizesse, as escreveria, sem maior auxílio ou consulta, ou por, assim dizer, de cóp. E nem por isso o seu trabalho deixaria de se tornar importante e precioso. Do mesmo modo se pode contestar a declaração contida no prefácio e segundo a qual este livro servirá apenas para os estudantes de Religião que não nutram o propósito de se especializar no assunto, pois grandes são as deficiências que nele se encontram e que só mais tarde poderão ser supridas. Realmente, a leitura do livro não confirma a existência de tais lacunas. A impressão que se tem é de uma tarefa largamente desenvolvida e que poderia passar por acabada.

O Sr. Arnaldo S. Thiago remonta ao princípio, à origem verificada ou imaginada de todas as religiões. Caminha, através dos ritos, pelas épocas áquelas, ora se acompanhando de pesquisadores e doutrinadores de sua predileção, tais como Léon Dénis, Salomon Reinach, Edward Clodd, Estevam Cruz, ora criando pontos de vista seus e maneiras de interpretação. E ha numa das primeiras páginas a citação do terceto final do famoso soneto de Bilac *Ouvir estrelas* com a dedução do Sr. Thiago: "Oh, os poetas, os grandes sensitivos da espécie! Eduquem-se eles na doce religião do Nazareno e serão os legítimos educadores das novas gerações que despontam à face da Terra."

No entender do autor, a melhor das definições de religião por ele próprio encontradas nos livros é a de Guyau, Marie-Jean Guyau, que diz: "A religião é um sociomorfismo universal... O sentimento religioso é o sentimento da dependência em relação a determinadas intenções que o homem primitivo distingue no universo" Com toda a franqueza, não nos parece que esses termos expliquem de modo extremamente nítido, com suprema transparência, e a simples estudantes de mais a mais, o que seja religião. Outras definições, bem mais acessíveis, nos dá o Sr. S. Thiago, alheias ou suas próprias, sobre Fetichismo, Politeísmo, Monoteísmo, englobando nesta última parte o Islãismo, o Judaísmo e o Cristianismo. No capítulo Religião dos Japonezes reproduz um trecho admiravelmente sintético de Fukuzawa, célebre reformador do ensino no seu país:

"É inútil lembrar que a conservação da tranquilidade e da segurança no interior da sociedade humana requer uma religião; mas a questão de espécie não importa. Qualquer religião serve para isso. Há diversas sortes de religiões: o Budismo, o Cristianismo e muitas outras que poderíamos nomear. A meu ver não existe maior diferença entre esta religião e aquela do que entre o chá verde e o chá preto".

E dizer que, por causa dessa diferença de paladares intransigentemente habituados a um ou outro sabor doutrinário, tem corrido rios de sangue, cidades e países tem sido arrasados, convertidos os mares e os ares em teatros de imensas hecatombes — e que tudo isso ainda continuará... sabe Deus até quando!

J. L.



FOR STAGE AND SCREEN, por Vinicius da Veiga — 1944.



É um livro em que o Autor reúne tres trabalhos seus de parceria com Edwin Hopkins o primeiro, e os dois últimos com André Dallas.

O primeiro, *The Child and the Canvas*, é um drama muito bem engenhado, com dialogos perfeitamente armados, onde as situações se sucedem com rara felicidade até o desfecho muito bem conduzido.

O segundo, *The darling sin*, uma comedia em tres atos, aborda um assunto relativamente banal, porém o aproveitamento das situações e a perfeição dos dialogos, conduzidas por mão de mestre, suprem aquele defeito, e não explora o comico com as quedas bruscas e mudanças inesperadas no argumento central.

Finalmente o terceiro *The singing ape* é, como diz o autor, a primeira tentativa para fazer um argumento para cinema em que entram cantores sem explorar as situações sentimentais já batidas, e sim pelo lado comico, sem prejuizo, entretanto, das verdadeiras qualidades do cantor, que aliás tem oportunidade para exhibir, pelo argumento, suas verdadeiras qualidades.

Prestam-se os tres trabalhos, devidamente traduzidos, para o nosso radio teatro, que se queixa de falta de argumentos, e que até *Amok*, de Stefan Zweig, pretende radiofonizar.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO





DR. CARLOS LUZ — No dia 25 de Novembro último o dr. Carlos Luz, presidente da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, viu passar o sétimo aniversário da sua investidura no cargo de membro do Conselho Administrativo dessa popular instituição. Por esse motivo, o funcionalismo da Caixa e os seus numerosos amigos prestaram a s. s. significativa manifestação de apreço. No seu gabinete de trabalho recebeu o homenageado os cumprimentos dos manifestantes, falando, por essa ocasião os srs. Luiz Leite Pinto, pelos funcionários; dr. Dario Crespo, pelo Conselho Administrativo; dr. Edmundo de Miranda Jordão, pelo Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, e Edmundo March, pelos funcionários aposentados. Agradeceu o sr. Carlos Luz, em comovida oração.



ADQUIRA A VITALIDADE DE UM INDIO

A razão da resistência dos índios está na sua alimentação, sobretudo nos atributos insuperáveis

do guaraná, fonte de saúde, de energia e de vigor, ao alcance de todos, na deliciosa bebida - Guarana Champagne



3 COPOS
EM UMA
GARRAFA



MATERIA PRIMA
De primeira qualidade
HIGIENE ABSOLUTA
PERFEIÇÃO TÉCNICA

Guarana Champagne
É UM PRODUTO DA **ANTARCTICA**

• Continental

FIGURAS E FATOS

A conhecida e laureada pintora Felicitas, que na última semana inaugurou uma exposição de telas no salão de recepções do Edifício-Hotel Serrador. Na gravura vê-se a artista em companhia de Tosca, uma linda cadela dinamarquesa de alta linhagem, premiada na última exposição canina que se realizou aqui no Rio.





Na véspera do embarque de Ary Barroso para os Estados Unidos, foi oferecido ao popular compositor um banquete, promovido pela U. B. C., na "boite" do Casino Atlântico. Damos na gravura acima um instantâneo batido quando o homenageado palestrava com o sr. Israel Souto, diretor da Divisão de Teatro e Cinema do D. I. P. E, em baixo, os compositores Nássara e Cristóvão de Alencar, antigos companheiros de lides radiofônicas de Ary Barroso, que foi a Hollywood trabalhar em "night clubs", teatros e cinemas. O Casino Atlântico viveu uma de suas grandes noites, e os amigos e companheiros do autor de "Aquarela do Brasil" dêle se despediram com uma festiva e ruidosa festa à qual se associaram todos os presentes.



O menino Antônio José, dileto netinho do nosso amigo e assinante Antônio Rodrigues dos Santos, residente na cidade de Sapucaia, Estado do Rio. Retrato batido no dia de seu primeiro aniversário, comemorado a 23 de Novembro último, quando o bonito garotinho recebeu muitos presentes e mimos de seus amiguinhos e de toda a família.



A SAUDE DA MULHER

QUANTAS vezes um sorriso feminino se transforma num rictus de dôr! O doloroso sofrimento, resultante do funcionamento irregular do organismo, e que tanta mocidade e beleza rouba á mulher, desaparece, no entretanto, com o uso de A SAUDE DA MULHER. A SAUDE DA MULHER é o remedio que traz no nome o resumo das suas virtudes.

CRIAÇÃO DA ESCOLA CENTRAL

(SEGUNDA FEIRA 1.º DE MARÇO DE 1858)

NESTE dia, mez e ano, um decreto do governo imperial do Brasil transformava a *Escola Militar* em *Escola Central*, facultando nesta a matricula de alunos militares e paisanos, embora o estabelecimento não perdesse caracter militar para discentes do exercito, sujeitos a formaturas, a aulas de esgrima e ginastica, cada ano do curso comandado pelo aluno de melhores notas.

Presidio à abertura da *Escola Central* o ministro da Guerra, tenente-coronel Jeronimo Francisco Coelho, um dos mais brilhantes ministros da pasta no Segundo Reinado.

O corpo docente da *Central* foi sempre escol. Nela lecionaram Rio Branco 1.º, Capanema, Freire Allemão, Lossio, Frei Custodio Serrão, Villanova Machado, Inacio Galvão.

Em 1874 um decreto referendado pelo ministro do Imperio João Alfredo dava por sucessora da *Escola Central* a *Escola Politecnica*, com caracter exclusivamente civil. A *Central* vivera dezesseis anos e graduára muita gente boa, nela incluído Carlos de Laet.

Quantos passam agora pela *Escola Nacional de Engenharia* e sabem que o edificio deu sede à *Escola Central*? Não serão muitos, no caso dispensada qualquer estatística, mesmo porque as estatísticas são às vezes maleáveis.

RENDIÇÃO DE URUGUAIANA

(TERÇA FEIRA 18 DE SETEMBRO DE 1866)

No cenario da guerra do Paraguai as invasões foram de primeiro ato. A do Rio Grande do Sul ficou a cargo principal do coronel La Cruz Estigarribia por ordem de Solano Lopez posto à testa da empreza no apoio do *Brasão* de dez mil homens de tropa.

Quem ia discutir vontades de Lopez? Era não ter nenhum amor à vida, e Estigarribia o tinha. Procurou obedecer obrigado porém a fazer alto em Uruguaiana e a render-se, dando ensejo a D. Pedro II de inaugurar, na frase de Taunay, "a guerra humanitaria na America do Sul" semelhante guerra secularmente desconhecida na America do Sul, e porque não dizel-o, no mundo. Em Uruguaiana os vencidos foram respeitados pelos vencedores.

Começam as guerras, em geral, por fêrvido entusiasmo, logo a presagiar faceis vitórias e breve fim de luta. Mostrou-o a campanha do Paraguai. Rendida Uruguaiana houve quem desse a guerra por acabada e a profecia continuava a cada exito bélico.

Mitre, à castelhana, marcou prazo para vitória, quinquena em guardas, quinquena em campanha, quinquena em Assunção. Por sua vez o general paraguaio Dias propoz a Lopez ir buscar D. Pedro II e sua familia no palacio de S. Cristovão para levar-os prisioneiros a Assunção. Mas só em 18868 Caxias entraria na capital paraguaia. Do querer dizer ao poder fazer que espaço!

INICIO DA RETIRADA DA LAGUNA

(QUARTA FEIRA 8 DE MAIO DE 1867)

Segundo palavras suas, Solano Lopez querendo "dar uma lição a el colosso", o Brasil, premeditou e declarou-lhe guerra. Sem preambulos mandou invadir Mato Grosso. Respondeu-lhe o Brasil tentando a invasão do Paraguai por Mato Grosso.

Por isto uma coluna expedicionaria partio de Uberaba para estrada de *via crucis*. Sacrificada, alcançou Mato Grosso, vendo-se nele no Coxim, em Miranda e Nioac, fadada a diversos comandos.

Transpostas aguas do Apa, a coluna pisou sólo paraguaio. Atacou nele o assáz primitivo fôrte de Bella Vista, a tropa vestida com a sua melhor farda, bandeiras ariverdes, novas em folha desdobradas aos olhos de brasileiros e paraguaios.

Vitoriosa em Bela Vista, seguiu a força para Laguna onde Lopez estabelecera fazenda para pecuaria. Já em carencia de viveres, ia a coluna expedicionaria em busca de viveres, encontrando Laguna deserta e devastada.

Cumpria e foi decidido voltar à fronteira para aprovisionamento e recomeçar de luta. A's sete da manhã de 8 de Maio de 1867 começou a retirada por tempo sereno, sól bem de fóra, natureza alegre para inicio da marcha cruciante, iniciada em boa ordem, até com um grupo de mulheres caminhando em sossego ao lado da soldadesca.

O que depois passou a expedição! Iria tudo a olvido? Não, seguiu na coluna joven oficial que em livro-monumento diria de quanto capazes na bravura e no sacrificio os que o escritor chamou "seus irmãos de soffri-

ESCRAGNOLLE DORIA

SEMANA

MILITAR

mento". Não ha necessidade de citar o nome do autor e o titulo do livro. Conhece-os o Brasil e até parte do mundo, a obra primitivamente editada em francês.

NOMEAÇÃO DE MINISTRO DA GUERRA

(QUINTA FEIRA 17 DE JULHO DE 1823)

Póde dizer-se, sem engano, ter tido o Primeiro Reinado um só ministro da Guerra. João Vieira de Carvalho o foi pela permanencia no cargo, com breve interrupção, de 1822 a 1827. Teve a pasta no proprio ministerio de quarenta e oito horas precedentes à madrugada da Abdicação. Não muito depois os regentes Feijó e Araujo Lima valeram-se dos serviços de Vieira de Carvalho nos negocios da Guerra.

João Vieira de Carvalho no Brasil 1.º barão, conde e marquês de Lages, nasceu em Olivença, cidade com praça belica na raia de Espanha. Filho de militar, Vieira de Carvalho encarreirou-se nas armas.

Recusando servir Napoleão, contra ele praticou batalha na guerra peninsular, praticou-a -ia no Brasil nas guerras do Sul. Chegado ao Rio de Janeiro como major de engenheiros, reformar-se-ia em marechal de campo. em 1847, a 17 de Julho de 1823 pela segunda vês ministro da Guerra.

A politica, á cata de personalidades, deu ao marquês de Lages uma cadeira no Senado do Imperio como representante do Ceará. O Senado, de 1844 a 1846, deu-lhe cadeira de presidencia em relevante assembleia.

Falecendo no Rio de Janeiro onde tivera maior vida, o marquês de Lages deixou descendencia digna, hoje maiormente representada por um neto, o Dr. Benvenuto Vieira de Carvalho, funcionario federal aposentado e figura das mais distintas na alta sociedade habitante de Petropolis.

MORTE DE CAXIAS

(SEXTA FEIRA 7 DE MAIO DE 1880)

Morreu Caxias! A noticia correu, celere e triste, o Rio de Janeiro todo a 8 de Maio de ha sessenta e quatro anos, o telegrafo a espalhar a nova pelas provincias do Imperio, em quatro das quais devia perdurar mais a memoria do duque de Caxias, Maranhão, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul.



João Vieira de Carvalho
Marquês de Lages.
(Olivença 1781 — Rio de Janeiro 1847).

A noticia do obito de Caxias chegou à Córte de noite, por telegrama expedido da estação do Desengano, às oito e cinquenta e cinco minutos da noite. O telegrama era dirigido ao conde de Baependy, por seu irmão o barão de Santa Monica, genro de Caxias e dono da fazenda de Santa Monica na qual o sogro expirára.

Obedecendo a desejo de Caxias, repetidamente expresso não se o embalsamou. Levou ao tumulo lembrança de sua vida na farda de gala de marechal de exercito, no peito apenas medalhas de campanha, conferidas ao possuidor das maiores veneras das ordens honorificas brasileiras, singularmente não distinguido com nenhuma venera estrangeira.

Na manhã de 9 de Maio de 1880 partia o feretro de Caxias para o cemiterio da Ordem de S. Francisco de Paula em Catumbi, chegado o prestito funebre do Andaraí Pequeno, leia-se Tijuca, onde tanto Caxias residira.

Tendo dispensado quaisquer honras funebres, mesmo da Casa Imperial ou militares, Caxias ainda assim poderia ter sido levado à terra por grandes do Imperio. Seis soldados romperam multidão para fazê-lo. Assim lhes ordenára por testamento o "general nunca vencido". Mesmo na morte se póde dar lição a vivos.

PASSAGEM DE HUMAITÁ

(SABADO 19 DE FEVEREIRO DE 1868)

Joaquim José Inacio de Barros, no seu tempo e até na historia brasileira ficou conhecido e tratado por seus tres primeiros nomes. Para a maruja era "Tio Joaquim", os lobos do mar se afeitos à disciplina nada sabendo dos salamaleques dos lobos de terra, tais raro são homens.

Joaquim José Inacio era lisboeta como Barroso, mas no Brasil viveu, se fez, e chegou a general da armada, a ministro da Marinha, a visconde de Inhauma, a grande do Imperio.

Substituto de Tamandaré, Joaquim José Inacio comandou nossas forças navais no Paraguai quando a guerra contra Lopez ainda tenaz, o ditador fiado sobretudo na inexpugnabilidade da fortaleza de Humaitá.

Em exclamação orgulhosa, Carlos Antonio Lopez, pai de Solano Lopez, evocára historia grega dizendo: "Atacasse Xerxes o Paraguai e não transporia Humaitá". O rei persa ficou porem só com a magoa de Salamina.

A 19 de Fevereiro de 1869, na audacia e no valor. Delfim de Carvalho e Maurity à frente, a esquadra brasileira, às ordens de Joaquim José Inacio, transpunha Humaitá. Na curvas e aguas do Paraguai alcançava a vitória, negada a Xerxes no plano do golfo de Egina. Vencido o obstaculo invencivel, desvanecia-se uma das maiores, senão a maior esperança de Solano Lopez declarado superno a Cristo, pelos que o temiam.

BATALHA DE RIACHUELO

(DOMINGO 11 DE JUNHO DE 1865)

Domingo é dia do Senhor, Ele tambem tido pelo Deus dos Exercitos. Num dia d'Ele, recomendado à paz, ferio-se a batalha do Riachuelo.

Dois generais ingleses, aos seus nomes historicos juntaram a lembrança de seus feitos militares. Lord Roberts, por uma campanha no Afganistão, foi *lord Roberts of Kandahar*; Lord Kitchener por outra campanha no Sudão, tornou-se *lord Kitchener of Khartum*.

No Brasil o almirante Barroso poderia ter sido Francisco Manoel Barroso de Riachuelo, se entre nós vigorassem usos e costumes ingleses, não nos sendo desconhecido o gosto perigoso de copiar.

Realmente dizer Barroso é dizer logo Riachuelo, embora a fé de officio do grande chefe naval se esmalte com outros triunfos em vida afadigosa.

Horas antes de Riachuelo, Solano Lopez chamou o comandante Meza e disse-lhe: "Vá e traga-me a esquadra brasileira". A primeira parte da ordem cumpriu-se numa descida de rio por espaço de seis horas. A segunda parte da ordem a cumprir, sob pena de morte, dependia de vencer.

Dos quatorze navios vindos de Humaitá, para a vitória e o reboque, só quatro regressaram ao ponto de partida, enquanto a taboa de convez da *Amazonas* punha a avultar Barroso antes do bronze da sua estatua significativamente em face do mar e dos ventos da praia do Flamengo.



UM NOVO SER

Conto de NIKOLAI TIKHONOV
Ilustração de MIGUEL H.

O desconhecido não disfarçava seu mau humor.

Que dificuldade para encontrar este edifício!... Nesta maldita escuridão a gente não encontra nem a própria casa — afirmou, sacudindo a neve que lhe cobria o gorro.

— E' a Maternidade?

— Exatamente. De que se trata, camaradã?

— De que se trata! Perto daqui, na rua ao lado, uma senhora está dando à luz em plena via pública.

— Quem é o senhor?

— Um transeunte. Voltava do trabalho. Venham socorrê-la! Mostrar-lhe-ei onde está. Que surpresa!... Vinha caminhando e, de repente, quase que tropeço com ela, pois se achava sentada no chão. Ao seu lado não havia ninguém; eu a ouvi queixar-se. Mas não sou nenhuma parteira...

Um minuto depois, Irina, uma servente do hospital e o transeunte, tropeçando a cada passo, caminhavam com rapidez em direção ao lugar onde se encontrava a mulher. A noite era muito escura. As casas eram massas sombrias. Não se via uma única luzinha. A tempestade de neve formava remoinhos e um pó branco revolteava no ar, dando a impressão de que na rua cruzavam sombras transparentes, frias, velozes.

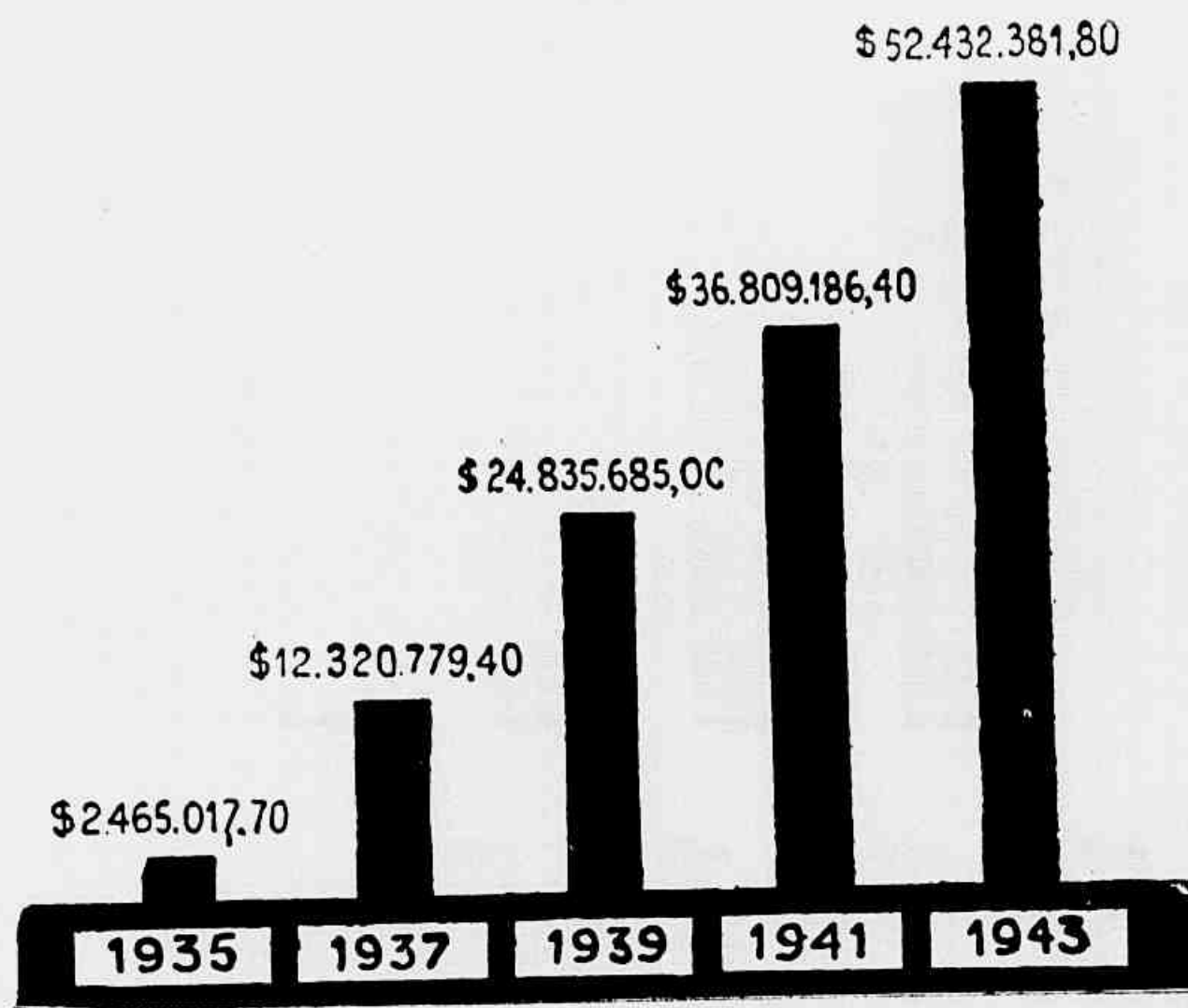
De súbito tiveram que se meter num buraco. Um silvo agudo e prolongado, que ia crescendo, ouvia-se cada vez mais perto. Encolheram a cabeça entre os ombros.

Uma labareda vermelha saltou de trás da esquina próxima e o estampido da explosão percorreu a rua. Do telhado duma casa desprenderam-se uns blocos de gelo que se quebraram na calçada como cristais.

(Continua na pág. 88).



Filiais e Agencias em todos os Estados

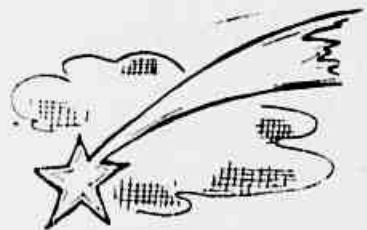


Presidente: DR. SOLANO DA CUNHA

Séde: AVENIDA RIO BRANCO, 110

1.º ANDAR

EDIFÍCIO DO "JORNAL DO BRASIL"



PRESENTE DE NATAL



Conto de GASTÃO DE ALENCAR

"Lia querida:

Se saudade matasse eu já estaria morto desde que daí saí deixando você. Porém, como o dever do militar, principalmente profissional como eu, tem que estar acima da nossa própria vontade e interesse pessoal, sinto-me confortado por corresponder assim à confiança que em mim depositam os meus superiores, e, acima de tudo, o dever para com a Pátria. A nossa jornada é grande e perigosa, mas nada me aterroriza nem diminui em mim o entusiasmo, pois mais grandiosa e ousada é a nossa missão de cidadãos livres em socorro de seus irmãos oprimidos e desgraçados.

Meu anjo de ternura: já pensou, querida, no dia do meu regresso, desfilarão são e salvo pelas ruas do Rio, como no dia 7 de Setembro... Lembra-se? Já pensou, meu amor, naquela próxima futura felicidade, nos nossos filhos, num mundo melhor de paz e amor?... As saudades que tenho de você me assilam. E, porém, às vezes, em vão que luto contra o meu romantismo e consigo dominar tal indisposição. Amor: escrevo a você de uma "preguiçosa" no convés. São três horas da tarde de um domingo calmo, de céu muito azul e mar sereno. Este parece até traduzir tamanha desolação e indescritível sensação de ausência. E' como se segredasse aos meus ouvidos esta bela promessa: "Ela será tua um dia!" Quedo-me pensando em você com os olhos fechados e julgo estar a sonhar: abraço-a e beijo-a muito e muito, sequioso de aeto e paixão.

Carlos."

"Lia, meu anjo:

Já em terra firme lhe escrevo para dizer que estou muito bem e o mesmo desejar ardentemente a você e a todos aí. Lindinha, tem pensado muito em mim? Aqui não faço outra coisa nos momentos de folga, e em sonhos vejo-a todas as noites. Queridinha: quero que me escreva o mais depressa possível. Não suporto ficar por mais tempo sem notícias da pessoa tão bem amada. A correspondência daqui só seque de dois em dois dias, ou seja nas segundas, quartas e sextas-feiras, pois nas terças, quintas e sábados são censuradas. O clima aqui é um pouco frio, mas o tenho enfrentado mesmo com boa vontade e firme resolução (graças às minhas meias de crochê e camisas de lã). Quando me lembro que as suas mãozinhas de fada andaram por aí... Querida: tenho aumentado constantemente a nossa coleção de moedas, já tendo entrado diversas liras para a mesma. Já passei em Nápoles e me confesso encantado. A baía, a colina de Posillipo, a ilha de Capri, onde Calígula gostava de veranejar. Entrei de barco na Gruta Azul. De Castel Nuovo avista-se o Vesúvio fumando, e nas faladas Pompéia, a cidade sepulta banhada de paz e ciprestes silenciosos. Já vi também com os meus próprios olhos a célebre Torre Inclinada. Querida: o tempo, aqui, anda adiantado quatro horas, em relação ao daí. Na passagem do Equador houve festa a bordo, recebendo cada oficial um diploma de marinheiro. E' traquejadíssimo contendo a assinatura do Rei Netuno.

A viagem foi divertida. Jogos e outras diversões. Após o cinema tínhamos o "Cabaret da Cobra". Nesse programa algumas vezes tomei parte saliente, a pedido, executando ao piano a "Polonaise". Mudando de assunto: ontem esive com o Miguel, que vai bem. Penso que tomarei o lugar d'ele, que deixarei de ser censor. Era um tal de assinar que não tinha mais fim. As saudades que sinto de você, minha querida, é que me consmem. Mas a esperança, como é a última que morre... Embala-me constantemente a doce lembrança de que um dia isso acabará e que nunca mais nos separaremos. O seu apaixonado

Carlos."

"Lia, meu amor:

As saudades continuam aumentando, e até agora nem um lenitivo sequer para elas. Será possível que você ainda não me tenha escrito? Já recebeu as duas cartas que lhe enviei, uma de bordo e outra de Nápoles? Minha linda adorada, nesses dias escuros sem sol e com muita chuva eu me recordo mais ainda de você, aumentando em mim a desolação. Naqueles bons tempos... unidinhos e ciumentos um do outro e, às vezes, até brigávamos (de brincadeira, não é, amor?...). Quando de novo estivermos juntos então não brigaremos mais; aproveitaremos ao máximo tudo o que é bom e feliz. Pois, queridinha, sabemos perfeitamente que eu não posso ter raiva de você e nem você de

mim... Como vai o enxoval? Já está pronto? Já falei com mamãe, numa carta que lhe escrevi, das minhas, ou melhor, das nossas intenções: casaremos assim que eu aí chegar. Lembra-se que esse grande dia seia agora a véspera do próximo Natal? Tem estudado muito piano? Como vai de teoria? Ainda no navio toquei ao piano, com muitas saudades, aquela sua música "Prece", que foi muito apreciada pelos camaradas. Sinceramente, interpretei-a com grande inspiração, lembrando-me de você, ao mesmo tempo que sonhava. Hoje bem posso avaliar o quanto o meu amor por você tem aumentado incrivelmente. Nada como a separação para inflamar mais ainda tal chama. Eu não lhe dizia? E você com medo de que



UMA CARÍCIA PERFUMADA!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso, o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido

no Brasil, há mais de trinta anos. O pó de arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: branco, rosa, raquel, ocre-claro e ocre-escuro. Pó de arroz Lady — é o melhor e não é o mais caro!

Pó de ARROZ

Lady

À VENDA EM TODO O BRASIL



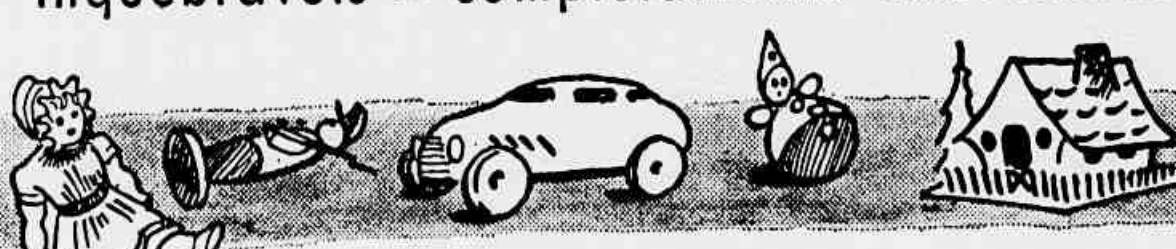
P. Ferraz



BANQUEDOS
EM
TECHNICOLO

BONECAS
em
MATERIA PLASTICA

Inquebráveis - completamente articuladas



MANUFATURA DE BRINQUEDOS **ASTRO** LTDA.

Rua Pereira Nunes, 120 - Rio - Tel. 28-9280 - 48-1419

À VENDA NAS MELHORES CASAS DO RAMO

VOGA PUBLICIDADE

eu fôsse esquecer. Longe é que a gente vê quanto gosta e quanta falta se sente. Minha "gatinha" de olhos verdes: quero receber um pull-over de você... Mas só aceito se for feito por suas mãozinhas de seda! E o seu retrato também. As latas de doces secos e marmelada que trouxe daí já estão vazias. Miguel está aqui perto de mim me pedindo para que você não esqueça de telefonar à dona Angelina lhe dando as suas lembranças e saudades. Vou terminar aqui, porque a correspondência já vai ser recolhida. Lembre-me aos seus e a Vera. Para você, meu eterno amor, um milhão de beijos do seu Carlos."

—♦—
"Querida:

Continuo me distraindo, passeando com a rapaziada, mas nada como se recebesse uma carta escrita por você. Ando sedento de notícias suas. Tem se divertido? Ido ao cinema? Como vê, minha linda, são tantas perguntas que ficam no ar... Isto me tortura... Escreva, amor. Estou definhando por uma cartinha sua, linda! Ontem, à noite, fez um frio de doer. O vinho daqui é uma delícia. Você assistiu ao filme da nossa viagem? Apareço em um grupo pequeno na primeira fila. Fiz questão de ficar bem defronte à máquina, sorrindo para você... Estou de serviço hoje. Não esqueça, ao receber esta, de telefonar à dona Angelina dizen-

do que o Miguel vai indo muito bem. Hoje, de sobremesa, comi pêsco e pera em calda. Ouvia também vitrola que arrumei emprestada com diversos discos ("La Boheme", "Mme. Butterfly", "Cavatina" de Bach, "Lendo Beljo", "Rapsódia n.º 2" e "Concerto" de Grieg. — aquele que eu toco como fox e que você gostava muito). Ontem passei de "jeep", vendo muita coisa bonita. Agorinha mesmo chegaram muitas cartas e fiquei triste quando não vi uma sequer para mim. Escreva, gatinha, de dois em dois dias ou então todos os dias, porque assim diminui esta saudade que me entontece. Nas outras cartas esqueci-me da Angela. Dá-lhe um quebra-costelas que mando daqui deste fim do mundo. Ontem fui ao cinema e vi aquele filme da Deanna Durbin e Charles Laughton, em que ele era doente e gostava de fumar charutos e o médico vivia com receios que ele piorasse e morresse. Não me lembro como se chamava aí tal filme... O céu escureceu de repente como trevas. Faz frio de tremer. Agora mesmo juntou todo o pessoal aqui na barraca. Diz que há "novidades"... Está uma confusão louca. O amor do seu

Carlos."

—♦—
"Querida Lia:

Desta vez, após duas semanas de cruel silêncio, o que tanto me martirizou, dito

(Continua na página 54)



Artigos finos
para cavalheiros
de bom gosto.



Novidades
para as
festas de
Natal e
Ano Bom

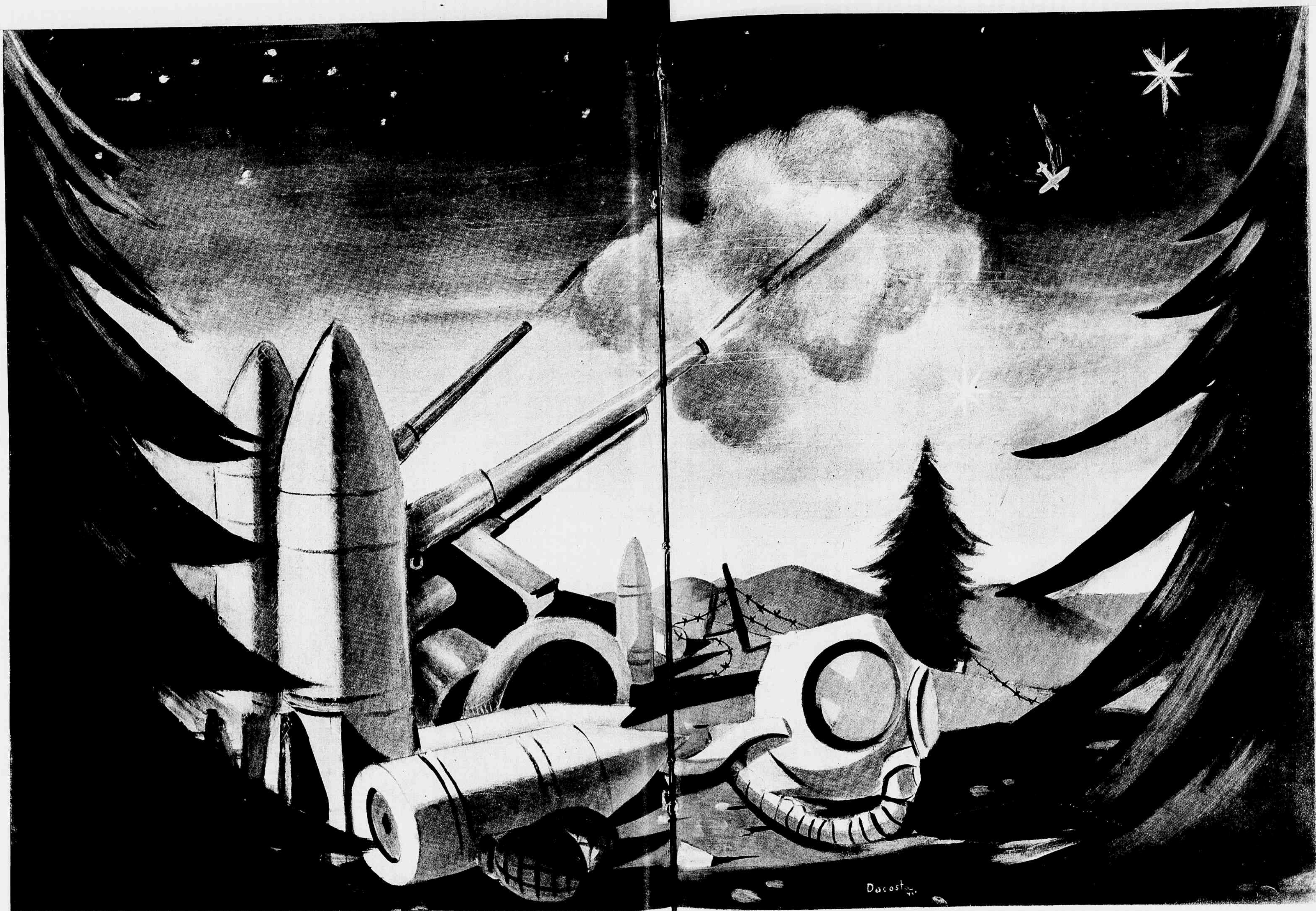
Completo sor-
timento de
artigos para
viajantes.

A TORRE EIFFEL





Na sua febre de cooperação, as mulheres estão substituindo os homens em todos — ou quase todos — os campos de atividade. O próprio Papai Noel, este ano, talvez convocado, cedeu a sua agradável tarefa a Leslie Brooks, da Columbia. E... francamente! Com um Papai Noel assim, vale a pena ser criança...



A guerra completou recentemente o seu quinto aniversário. Mas o de 1944 é, na realidade, o sexto Natal que a Humanidade conhece sob o ambiente de lutas e sangue e suor e lágrimas, no qual se debatem muitos milhões de homens. Seis vezes foi comemorado o nascimento de Jesus com os soldados nas trincheiras, de armas em punho, avançando uns, recuando outros, tangidos pela centelha de um ideal justo e alevantado os primeiros, subjugados mais ao peso dos princípios da Justiça e do Direito, que da própria superioridade bélica do inimigo, os segundos... Enquanto os velhos, as mulheres e as crianças acompanham esse drama quase infinito e são também trucidados, no "front" ou na retaguarda — porque esta é realmente a guerra total da destruição e do vandalismo que impõe revanches em igualdade de forças — os mais

novos expõem o peito às balas e guerrelham com desassombro em terra, nos mares e no espaço. Como são infinitamente pequenas, de uma insignificante proporção as guerras antigas, em confronto com esta que nos estava destinada a assistir! O perigo era mais e maior para os que vestiam os uniformes militares. Hoje, muitas vezes, os soldados são os que menos sofrem. Passam por sobre suas cabeças os bombardeiros que levam a missão de espalhar o terror na retaguarda, incendiando cidades que outrora se chamariam "abertas", quando havia respeito a esses princípios de dignidade, mesmo no campo da guerra. Foram os nossos inimigos que lançaram no mundo caótico destes dias tristes esses novos e traiçoeiros processos de batalha. Eles estão pagando bem caro a sua covardia. E mais ainda hão de pagar, agora que a luta caminha, graças a Deus, para a meta final.

Para nós, brasileiros, este é o terceiro Natal de guerra mais direta. Em 42 acabamos de aceitar, com dignidade e honra, o desafio dos bárbaros fascistas. Em 43 preparávamo-nos para remeter ao "front" europeu nossos primeiros contingentes expeditionários.

Em 44 já existem famílias brasileiras de luto. De um luto glorioso mas, enfim, triste e melancólico. O sangue dos nossos bravos patriotas está sendo sacrificado para a conquista de dias melhores que serão mais dos nossos filhos que propriamente nossos.

O primeiro Natal do Brasil realmente participando dos destinos da Humanidade moderna é este. Um Natal misturando nos céus o luminoso das estrelas de Deus com

o belo-horível, mas sempre bárbaro, das explosões de granadas do Seu dileto filho, o Homem. Rebôa o horizonte com o troar dos canhões de longo alcance. Caem paraquedistas quais anjos portadores de mensagens alegóricas. E as árvores simbólicas do Natal andam "camuflando" as rédeas dos canhões anti-aéreos. Existem máscaras contra os gases por sobre o solo. E mais munições, e mais fogo, e mais sangue...

Senhor! Quando acabará tudo isto, Senhor!

(Ilustração do pintor Dacosta, prêmio de viagem 1944).



INGRID BERGMAN pertence à categoria das "estrelas" cinematográficas que menos e melhor aparecem durante o ano inteiro. Primeiro, foi aquele inesquecível "Intermezzo", obra-prima do cinema de antes da guerra, onde a artista soube marcar, a traços vivos de inteligência, uma deliciosa "performance". Era a moça para quem o mundo encerrava mil surpresas, e que, fugindo embora ao determinismo de um amor inglório, nele devia envolver-se, em que pesassem as suas energias e o seu espírito rígido e forte. Depois veio em "Casablanca". E ali aparecia em um papel de estilo inteiramente novo, mas por isso mesmo cheio de nuances inéditas e ainda mais empolgantes. Ela sentia uma atração maior por Humphrey Bogart, enquanto na realidade procurasse ser fiel à afeição de Paul Heinred, o marido da misteriosa refugiada em terras então perigosas de Casablanca... E com que torturas se dividia entre um e outro, sem querer agir menos dignamente em nenhum dos casos! Este ano, Ingrid Bergman foi a melhor atração de "Por quem os sinos dobram". Se o filme da guerra civil na Espanha deixou de corresponder à expectativa invulgar que em torno do mesmo se desenvolvia, outrotanto não sucedeu com a intérprete do papel de Maria. Com Ingrid Bergman acontece assim: pode-se esquecer as películas onde aparece. Não se desfaz, porém, a impressão maravilhosa de suas criações. Em 1945 ela nos dará "Meia-Luz", com Charles Boyer, da Metro.



Souto
RIO
FERREIRA SOUTO S/A

É O CALÇADO QUE
ACOMPANHA
O RITMO DA
VIDA MODERNA

A VENDA NA
CAPITAL E
NOS ESTADOS

ELIXIR DE NOGUEIRA

O ESPELHO DA SAÚDE



DEPURATIVO DO SANGUE
(Medicação auxiliar no tratamento da sífilis)



20-30 ou 40 primaveras...
e sempre conquistando corações

— Graças a *Um Só Creme!*♥

Uma cutis impecável é o segredo mágico da eterna juventude. E este segredo também pode ser seu... Creme Rugol. Este famoso creme embelezador da cutis remove as impurezas dos poros, fortalece os tecidos, corrige o ressecamento ou oleosidade da pele, sendo perfeita base para maquiagem.

Use Creme Rugol todas as noites, em suaves massagens no rosto e no pescoço, e antes de sair, como base da maquiagem. Em apenas uma semana desaparecem os cravos, manchas, espinhas e outras imperfeições realizando este ideal de beleza e mocidade, que tanto seduz os corações.



LABS. ALVIM & FREITAS. S. PAULO

A EQUITATIVA

FUNDADA
EM 1896

410
730
40

O SEGURO DE
VIDA É A MAIS
COMPLETA GARANTIA
DO FUTURO:
É A PROTEÇÃO DO
LAR E DA
FAMÍLIA

Que melhor presente de Natal para a sua Família que
uma apólice de seguro de vida de A EQUITATIVA?

Não esqueça que
esta Sociedade tem
as suas reservas
técnicas atuariais
subsidiariamente
garantidas pelo
Governo Federal.

A Diretoria de A EQUITATIVA
DOS ESTADOS UNIDOS DO BRA-
SIL, Sociedade de Seguros Mútuos sobre
a Vida, deseja a todos os seus co-
laboradores, segurados e amigos as
maiores felicidades no ano de 1945.



PRESIDENTE: DR. FRANKLIN SAMPAIO
AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS

SÉDE: AVENIDA RIO BRANCO, 125 - RIO - EDIFÍCIO PRÓPRIO

CONVITE

A Fábrica de Chocolates PATRONE tem a honra de convidar a sua distinta freguezia para uma visita aos seus completos e artísticos mostruários de brinquedos, "Papai Noel", caixas de imbuia entalhada e de estilo oriental, fantasias e costureiras em rafia da Tchecoslováquia e a sua mais recente criação em caixas com finíssimos bonbons para as festas de Natal e Ano Novo.

Rua da Lapa 10, 12



Os aspéctos gastronômicos do NATAL

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 5)

batendo no solo da Itália, contra os brutais agressores nazistas, não será farto como os outros. Será um Natal de restrições. Um Natal em que será difícil conseguir um lombo para rechear, a manteiga, o açúcar e o leite para os primores de pastelaria a que tantos se têm habituado. Será um Natal mais sóbrio e menos gastronômico. Nem seria bonito que comêssemos à larga, enquanto há tanta gente ainda, na Europa ensanguentada pela guerra, passando as mais negras privações. O que se deve fazer é encarar resignadamente as agruras do presente e fazer votos para que, no futuro, de novo nos bafeje a abundância do passado. A mesa farta é, aliás, uma das quatro liberdades proclamadas pelo presidente Roosevelt como indispensáveis ao mundo de amanhã — mundo livre e feliz, em que os homens possam se reunir pacificamente em torno de uma idéia como em torno de um perú.

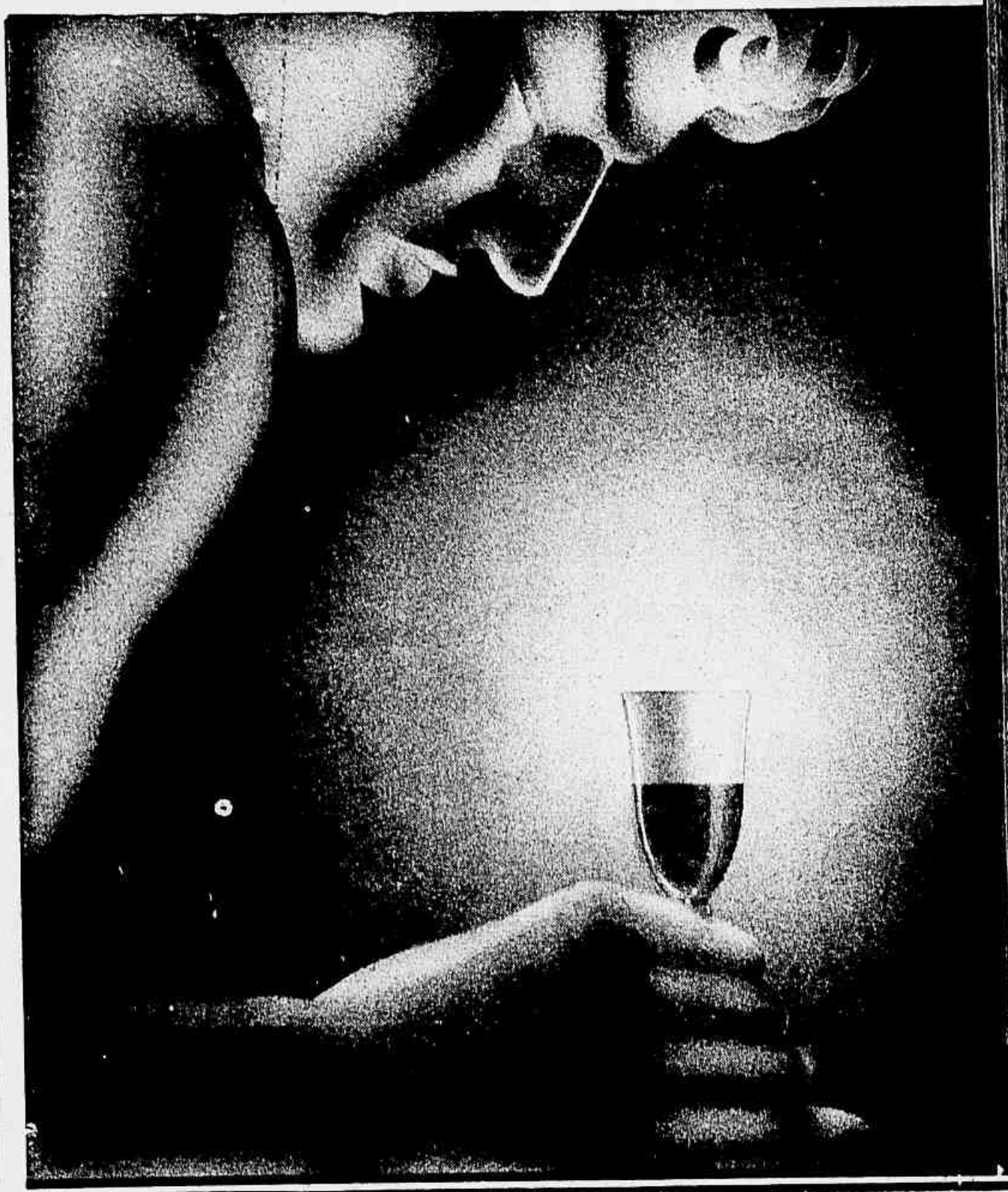
Adriano Ramos Pinto & Irmão Lda.

Vila Nova de Gaia

Prefiram sempre os vinhos Ramos PINTO

Portugal

PORTO



CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí, a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

À venda em todas as farmácias e drogarias.

Neurobiol



HA 50 ANOS



A COLOMBO foi inaugurada em 1894, quando o Rio de Janeiro era uma pequena cidade de hábitos provincianos...

A cidade fez vertiginosos progressos, transformando-se na grande metrópole que é hoje.

A COLOMBO acompanhou pari-passu esse progresso. E, tradicional pela linha impecável da sua atuação comercial, é contemporânea pela sua perfeita adaptação ao ambiente da atualidade.



A COLOMBO acompanha, na primeira linha, o Progresso que marcha.

Colombo



Presente de Natal

(Continuação da página 46)

uma cartinha para você. Quem a escreve é uma dedicada enfermeira da Cruz Vermelha. Sim, porque baixei a um hospital americano de sangue, após algumas facanhas alhures, porém aqui mesmo na Itália. Não temi os "tigres". A nossa carga de infantaria é um fato. Avançamos debaixo de fogo ao mesmo tempo que soprava forte ventania pelas cordilheiras escarpadas. Acontece que aqui se anuncia o inverno, já forte e impiedoso. Mesmo assim investimos e conquistamos! Com os meus próprios olhos bem abertos e revoltados, presenciei a desgraça e a desolação que os tedescos deixaram por aí. Nunca, porém, me senti com maior coragem para continuar até que a infernal máquina nazista seja definitivamente varrida do mundo inteiro. O que está acontecendo comigo, com relação à felicidade de muitos, não vale uma lágrima nem um só "ai". Se tal compreensão parísse de todos a guerra já teria terminado de há muito. Se eu não estivesse aqui abraçando esta cruz e aí me achasse, teria sempre um desgosto na vida... Enquanto dito esta, uma banda executa o dobrado que tocou lá na escola quando desfílávamos para receber a espada. Isto me traz doces recordações. Por exemplo: que eu estava muito "compenetrado", isto dito por você, e portanto foi fácil me reconhecer. O passeio que fizemos de carro, ida e volta, com você ao meu lado, os abraços e beijos que trocamos, enquanto "voávamos"... Agora a banda está tocando "E' a glória troféu do forte... Tijucano Valente..." Aquêles que cantamos no jôgo contra o Tijuca, lembra-se? Estiou e já está chovendo outra vez. E' coisa de todos os dias. Tremo ainda mais de frio. Hoje, de novo, a vitrola esteve aqui e o Miguel pôs muita coisa boa para tocar. Lembrei-me que as Festas veem aí, já anunciadas pelo inverno e primeiros flocos de neve que começam a cair lá fora, sob os ciprestes, que descubro através da janela de vidro do meu quarto no hospital. E nem uma cartinha como presente do meu amor! Nem o retrato, nem o pull-over, nem as meias de lã, nem nada do que pedi! No dia 18 dêste Vera forma-se pelo "Anglo". Não esqueci o

anel. Já escrevi à mamãe afim de que o compre e lhe ofereça em meu nome. Só não vai poder ser a "Valsa da Meia Noite"... Miguel pede à dona Angelina para mandar notícias. Está forte como um touro. Tem "navalhado" muitas "Pepinas" por aqui. Na sua aliança já não cabem mais iniciais. O maior sofrimento tive outra vez neste instante, quando todos receberam cartas e eu nenhuma para remédio. Será que o meu amor me esqueceu? Meu endereço vai sempre nos envelopes, de forma que não há possibilidade de engano. Miguel acaba de chegar afim de mostrar-me uma carta que recebeu de dona Angelina. E também os postais contendo as lindas vistas da Cidade Maravilhosa Manda acusar. O seu saudoso e triste

Carlos."

"P. S. — Quando ia fechar esta, recebi o presente de Natal pelo qual tanto ansiava: chegaram dez cartas suas de uma só rajada. Também o pull-over, as meias, o retrato... Oh, querida, como está linda! Este vou pô-lo em pé aqui sobre a mesinha de cabeceira. Você sabe como dormirei hoje? Por baixo, sweater de lã e uma camisa daquelas de lã. Por cima, capote "grossão" (aquêles que você viu), sua meia de crochê de lã e 2 pares de meias comuns, luvas e quatro mantas por cima! Anoitece rapidamente. Chove fino, cai neve, tempo feio. Que importa tudo isso se dentro de mim abre o sol radioso da vida e da esperança! Diante do seu retrato, aqui na mesinha de cabeceira, fecharei os olhos com você bem clara nas minhas retinas, num bom sonho. Procurarei em espírito transportar-me até aí. E acontecerá outra vez como no Natal do ano passado, em sua casa, na Tijuca. Papai, mamãe e as meninas também lá se achavam. Éramos uma só família em volta da Árvore iluminada coberta de algodão, como se fôsse neve de verdade, sobre a mesa da sala de jantar, colorida de doces e enfeites. Mais tarde, achávamo-nos a sós, no balcão, quando os sinos da igreja de São Sebastião começaram a repicar. Você ouvia-os enternecida e alheia a tudo com os olhos voltados para cima naquela atitude de santa... E assim, com você quer sonhar o seu

Carlos."



Numeros atrasados desta Revista em Ilhéus-Bahia

Procurar na "Papeleria do Sul" --- Rua Marquês de Paranaguá 14

DE RADIO

O cesteiro Ary Barroso

Como todo o mundo que tem vontade de ver estabelecida entre nós uma sadia mentalidade radiofônica, escoimada de certas excrescências impróprias de nossa cultura, ouvi com interesse e alegria a irradiação de "Cine Rádio Jornal", em que o sr. Ary Barroso, fazendo cruzinha com os dedos, jurou pelos seus deuses nunca mais transmitir partidas de futebol quando voltar dos Estados Unidos. Benfazejos os ventos que arejaram a massa cinzenta do locutor da gaita, fazendo-o compreender o ridículo da situação do musicista "doublé" de parcalíssimo "torcedor" de microfone! Em contacto com os autores norte-americanos, assimilando, mesmo sem querer, seus métodos de trabalho, sua clara intuição da importância do compositor popular na vida atual, Ary Evangelista Barroso muito naturalmente vai perder a casca-grossa do homem da Casa Nice, a inconsciência pernóstica do criador de boas melodias, que se ombeira com "maestros" de caixa-de-fósforos por exibicionismo de falsa democracia. Mas — não esqueçamos isto — sobretudo ele vai deixar de descrever partidas de futebol...

Um amigo, que também escutou a transmissão da entrevista de "Cine Rádio Jornal" e conhece melhor do que eu as coisas esportivas, disse-me a propósito:

— Verdade, não sei quem lucrará: se o Ary, não perdendo tempo com o futebol, ou o futebol não mais se irritando com as atitudes impertinentes do Ary... Perda, acho que não há para nenhuma das partes!

Talvez o esporte dos três paus tenha a maior soma de benefícios nesse caso, digo eu, agora. Porque o musicista de "Maria" pode não melhorar nem um ponto na escala do compositor pelo fato de ter abandonado a gaita das canchas domingueiras, mas o chamado esporte bretão ganha a cura de uma velha dor de cheça. E, segundo diz o meu citado amigo, fica "desatuado" do seu espírito de porco n.º 1...

Por outra parte, o afastamento de Ary Evangelista dos microfones cariocas, pelo menos durante uma longa temporada, cria uma solução de continuidade no seu mau exemplo — que já se vai tornando hábito — de um locutor falastrão, desrespeitoso dos ouvintes, impermeável ao bom senso da sobriedade e da parcialidade. Foi ele, realmente, quem introduziu no meio a "charge" de corpo presente, temperada a sal grosso: o debique pseudo-humorístico: a exploração das facetas de ridículo pessoal dos infelizes que se dispõem ao papel de ajudantes de "camelots" radiofônicos. Tendo feito escola nessas práticas, deve-se a ele, portanto, a indesejável existência de meia-dúzia de irreverentes e malcriações hoje espalhados pelos estúdios cariocas. Smpre afirmei que Ary Evangelista Barroso do microfone é — ou era! — o maior inimigo de Ary Barroso compositor. Este último tem méritos que a ninguém é dado negar ou diminuir. Por isso é auspiciosa a jura irradiada por Celestino Silveira aos quatro cantos do Brasil através da onda da PRE-3. Porém, quem nos garante que a cumprirá, ele, o mentiroso da "Sinfonia das Montanhas" — portentosa "blague" de música regional nascida apenas do desejo de reviver a popularidade perdida em sua velha Minas Gerais?... Cesteiro que faz um cesto...

D J A L M A M A C I E L

Alô... Alô...

Encerra-se domingo 24 o concurso instituído por Almirante para escolha de dois bons intérpretes da música popular brasileira. O Campeonato Brasileiro de Calouros, pela honestidade de suas bases, pelo critério estabelecido para a seleção dos valores em desfile, principalmente pelo renome de seu organizador, conseguiu o maior sucesso. No próximo dia 31, encerrando o ano de 1944, Almirante anunciará os nomes dos vencedores, os quais, submetidos a provas tão rigorosas, se não chegarem ao "estrelato" pelo menos terão credenciais que os recomendam ao aplauso do grande público. Serão cantores por concurso...

Com a mudança de ano fala-se em mudanças de pouso radiofônico. E de novo há sussurros a respeito do sr. Erik Cerqueira...

Foi divulgado, com algum alarde, que Betty Grable, "estrêla" cinematográfica, viria ao Brasil. E já estaria contratada para alguns casinos do Rio e de estações de águas. Também cantaria nas emissoras Associadas. Mas tudo não passava de "consta", ou talvez de um tremendo "bluff", pois ao mesmo tempo, na América, Betty Grable estava recebendo a visita da cegonha. Estes senhores palpiteiros, francamente...

A Rádio Globo está apresentando aos domingos, às 12.30, "Cine-Rádio Novela", uma variante de "Cine-Rádio Jornal", com a radiofonização de filmes, que Celestino Silveira produziu recentemente. Uma rádio-filme-novela por mês, em 4 capítulos. No dia 10 foi irradiado o primeiro de "Casablanca", que terminará dia 31. Em janeiro, parece, "Cine-Rádio Novela" apresentará "Rosa de Esperança". Os intérpretes são Sadi Cabral, Zézé, Delorges, Tina Vita, Jorge Amaral, enfim o "cast" da E-3.

E por falar em "Cine-Rádio". Agora, às segundas-feiras, ele é apresentado duas vezes na "Rádio Globo". Às 12.30, um suplemento de gravações, mas sem Celestino, que ocupa o microfone à noite, às 22.30, passando em revista o movimento da semana anterior.



Silvia e Lilia Guaspari (ao alto), dois elementos de escol do rádio carioca. Guiomar Santos (em baixo), que realizou duas temporadas ao microfone da Nacional, possivelmente voltará agora ao rádio, cantando músicas ligeiras.





Em Belém todos os ~~ritos~~
cristãos vivem lado a la-
do, inclusive o Islã.
Prova disso é o minarete
que se distingue ao fundo

AQUI NASCEU JESUS DE BETHLÉEM

Entre duas extensas colinas, tôdas cobertas de "terrasses", vinhas e oliveiras, ergue-se Belem, que significa em siríaco "casa do pão" (Bethléem). Essa é a pequena aldeia, pequeníssima aldeia de Judá, onde o Profeta anunciou que um dia nasceria o Salvador da Humanidade. Efetivamente, sob o reinado de Cesar Augusto, vieram a ser recenseados dois bethlemistas, ambos descendentes de Davi: José e Maria.

A aldeia estava regorgitando e por mais que procurassem não encontraram onde se alojar. Foram, por fim, abrigar-se numa gruta subterrânea que servia de estrebaria. E' o que chamam ainda hoje, "biout", a casa. Ali nasceu o Messias, o Esperado pelo povo de Israel, e que mais tarde deveria revolucionar o mundo. E ali foram adorá-lo os sábios do Oriente, grandes astrólogos, os Magos.

Dali partiram José e Maria com o Menino Jesus para o Egito, afim de O salvar do massacre ordenado por Herodes.

E ali vão os cristãos de todos os ritos — Latinos, Gregos e Armênios — orar na Basílica de Constantino...

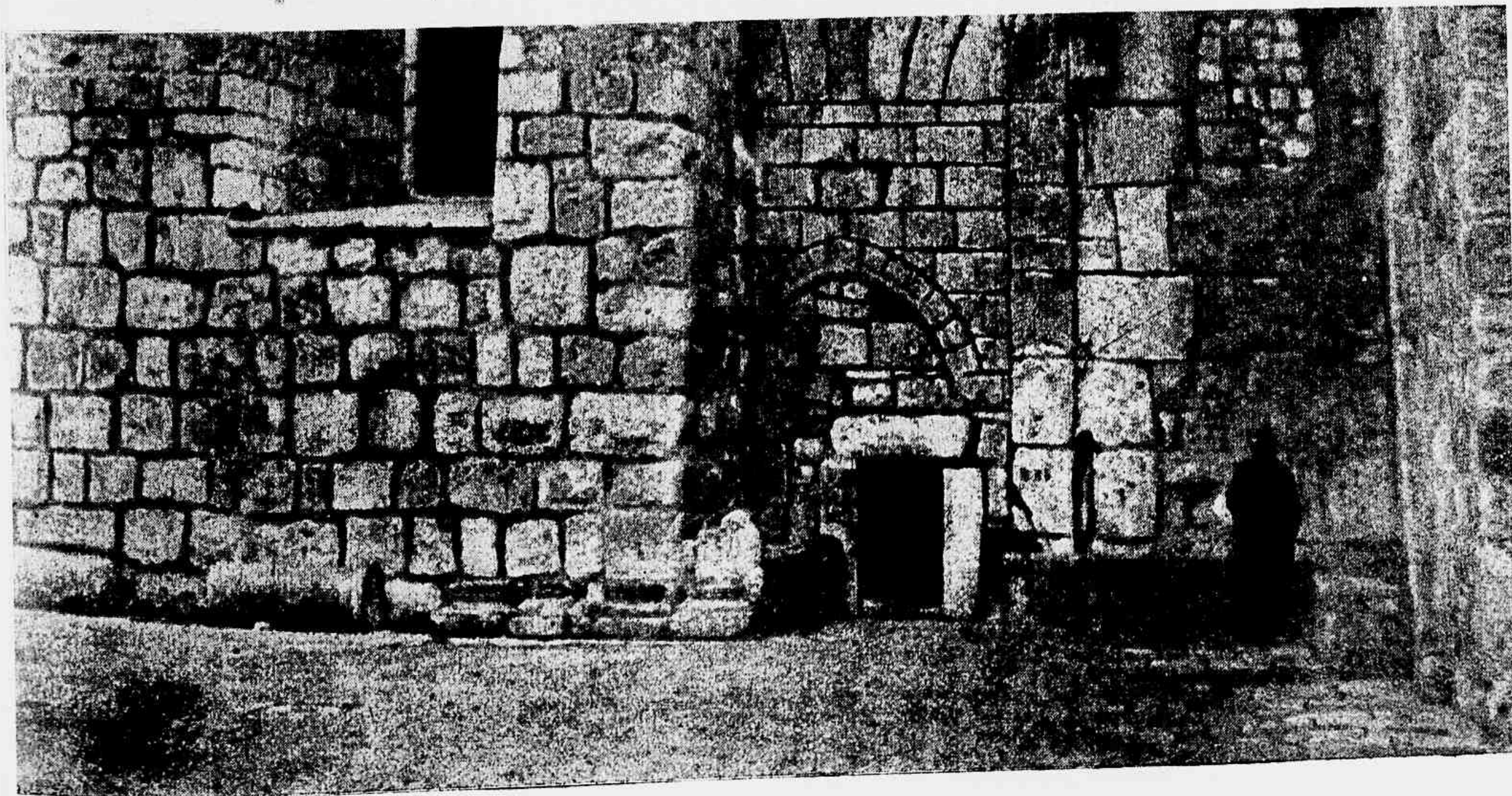
A Missa do Galo em Belem, entre tôdas, é uma hora de recolhimento para a humanidade. No mesmo lugar onde nasceu Jesus Cristo, Santa Helena e Constantino erigiram uma basílica, porém os gregos deixaram-na abandonada e ameaçou ruir. Franceses e ingleses a restauraram, recebendo o teto de sólida camada de chumbo.

As mais solenes cerimônias são celebradas ali, no altar-mor do transepto, na gruta talhada no calcáreo, iluminada por cincoenta e três lâmpadas, onde Maria deitava o Menino-Deus.



Depois de tantos séculos, a gente de Belem percorre o mesmo caminho que José e Maria fizeram por ocasião da fuga para o Egito. Ali tudo é imutável, cada vez mais carinhosamente histórico. E as pessoas assemelham-se, na composição do tipo, às figuras sacras.

A Basílica de São Constantino abriga a gruta onde nasceu o Menino Jesus. Lá dentro, tudo é conservado, inclusive a mangedoura onde Ele nasceu. Existe agora, porém, uma ermida para a prática das grandes solenidades religiosas. A Missa do Galo, à meia noite em ponto de cada 24 de dezembro, no próprio local onde Jesus nasceu, é frequentada por milhares de turistas.



CAIXA GERAL DE EMPRESTIMOS

CAISSE GÉNÉRALE DE PRÊTS FONCIERS ET INDUSTRIELS

Capital Paris: Frs. 25.000.000,00

Capital São Paulo: Cr. \$ 9.000.000,00

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCOS

Rua Senador Feijó, 176 - 7.º Andar

Telefone 2-4722 ♦ SÃO PAULO ♦ Caixa Postal 3206

ORGANIZAÇÃO PERFEITA

Para a Administração dos Prédios de V. S.

em São Paulo — Santos e São Vicente — Sto. André

Empréstimos sobre alugueis, Hipotecas,
Compra e Venda de Imóveis

Compre Bonus de Guerra

Nós já compramos Cr\$ 1.000.000,00

De música

FIM DE ANO

ROBERTO LYRA FILHO

Passar em revista o ano musical, salientando os seus pontos mais altos, é tarefa difícil porque implica uma seleção quase impossível. Em primeiro lugar, o cronista não assistiu a todos os espetáculos e é bem possível que tenha perdido alguns dos melhores. Além disso, um esquecimento desculpável pode resultar na omissão de um nome que bem merecia louvores especiais. É, portanto, somente consciente dessas restrições que se pode falar sobre a vida musical, no Rio de Janeiro, durante esse ano que agora finda.

Contemplando, de longe, o panorama musical do ano, não é difícil tirar uma conclusão pessimista. Tudo o que se realizou foi por iniciativa individual e, se bem que essas se multiplicassem, não se descobre um movimento forte, no sentido de criar, aqui, um meio musical propício ao aparecimento dos talentos, que tem que desbravar seu caminho à custa de sofrimentos e decepções. Que existe, aqui, no Brasil, hoje, um grande número de compositores que poderiam fazer o já fizeram coisas admiráveis, é um fato; que parte da responsabilidade da situação em que se encontram é deles, é outro fato. Porém, infelizmente, também não deixa de ser verdade que noventa e nove por cento da cultura não lhes cabe.

Basta de recriminações. Vejamos o que se realizou de positivo. Tivemos, este ano, entre nós, um grande maestro: Erich Kleiber. E, com a atuação dele, veio a prova da verdade que muitos críticos já tinham afirmado. A culpa da falta de equilíbrio da orquestra do Municipal não é da orquestra: é do maestro. Se Kleiber nos deu concertos magníficos com o mesmo conjunto, a que outra causa atribuir a ineficiência observada com outros regentes?

A Orquestra Sinfônica Brasileira há muito que repousa sobre os seus louros. Se é verdade que conquistou para a música erudita uma série de ouvintes refratários a ela, também é certo que faz cada vez maiores concessões ao mau gosto desse mesmo público, com medo de perdê-lo. E, além disso, dá-nos, por vezes, interpretações descuidadas. Não é assim que se consegue progredir! O entusiasmo da primeira hora se cristalizou: é inamovível. A orquestra é magnífica e Szenkar e o Papa são os dois infalíveis desse mundo. Não. E' preciso não cair nesse exagero, dando razão àquele comentador malicioso que chamou a polticagem do nosso meio musical política de galinheiro.

Não pode haver dois galos... E tanto isso parece ser verdade que Kleiber, no primeiro momento, sofreu uma reação tremenda. Se já temos Szenkar, por que queremos Kleiber? perguntavam os ardentes defensores da O. S. B., que assumia as características partidárias de um clube de futebol. "Eu sou Flamengo; logo, o Botafogo não presta", diziam uns, e, passando à música, repetiam: "Eu sou da O. S. B., por que hei de dar atenção à orquestra do Municipal?"

Mas já prometemos uma vez deixar de lado a crítica e falar do que se fez de positivo. Do que se fez? Vejamos. Iniciativa, propriamente, só houve uma. A da Prefeitura, convidando Kleiber a dar uma série de concertos aqui, no ano vindouro, e pôr ao alcance da grande maioria algumas das localidades do Teatro. Fora disso...

Agora, concertos bons tivemos. Madalena Tagliaferro deu-nos duas amostras magníficas de sua arte. Borowski



MARIA AUGUSTA COSTA.

obteve um grande sucesso. Szing também mostrou-se um artista fino. Alice Ribeiro brilhou num concerto com canções do maestro Mignone.

E a Temporada Lirica? Ah, a Temporada Lirica! Um tenor bom: Charle Kullman. Pobre Kullman! Quase perdeu a voz de tanto cantar! Estou inclinado a dar razão àquele cientista que disse que a voz humana vai se tornando cada vez mais grave. O mestre nos deu a prova científica. Aqui tivemos outra espécie de prova experimental. Para nós passou a era dos grandes tenores. Agora são os barítonos que imperam. E Leonard Warren vem confirmar a regra com sua voz aveludada e possante. Dentro em breve chegará a era dos baixos. Mas, por outro lado, na parte feminina, se Maria Helena Martins, estreante, confirma o que disseram, Maria Augusta Costa, dona de uma linda voz de soprano ligeiro, desmente. E' a exceção que confirma, sem dúvida — esse engenhoso meio, inventado pelos fabricantes de teorias, para furtar-se às suas contradições...

O dr. Imbassahy organizou uma série de concertos. Alguns ótimos, outros menos bons. Entre os melhores, o de Estelina Epstein, pianista de grandes qualidades.

(CONTINUA NA PAGINA 59)

L. B. DE ALMEIDA & CIA.

RUA DOS ARCOS, 28 a 42

TELEFONES:

Expedição 22-0409 e 22-1718

Escritório 22-1342

Escritório Técnico 42-4675

Particular 22-2549

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Cofres e portas para casas fortes.

Chapas pretas lisas.

Chapas galvanizadas lisas.

Chapas para portas de aço.

Esmaltagem e pintura a duco em
qualquer cor

Fogões a gás, óleo, lenha e carvão

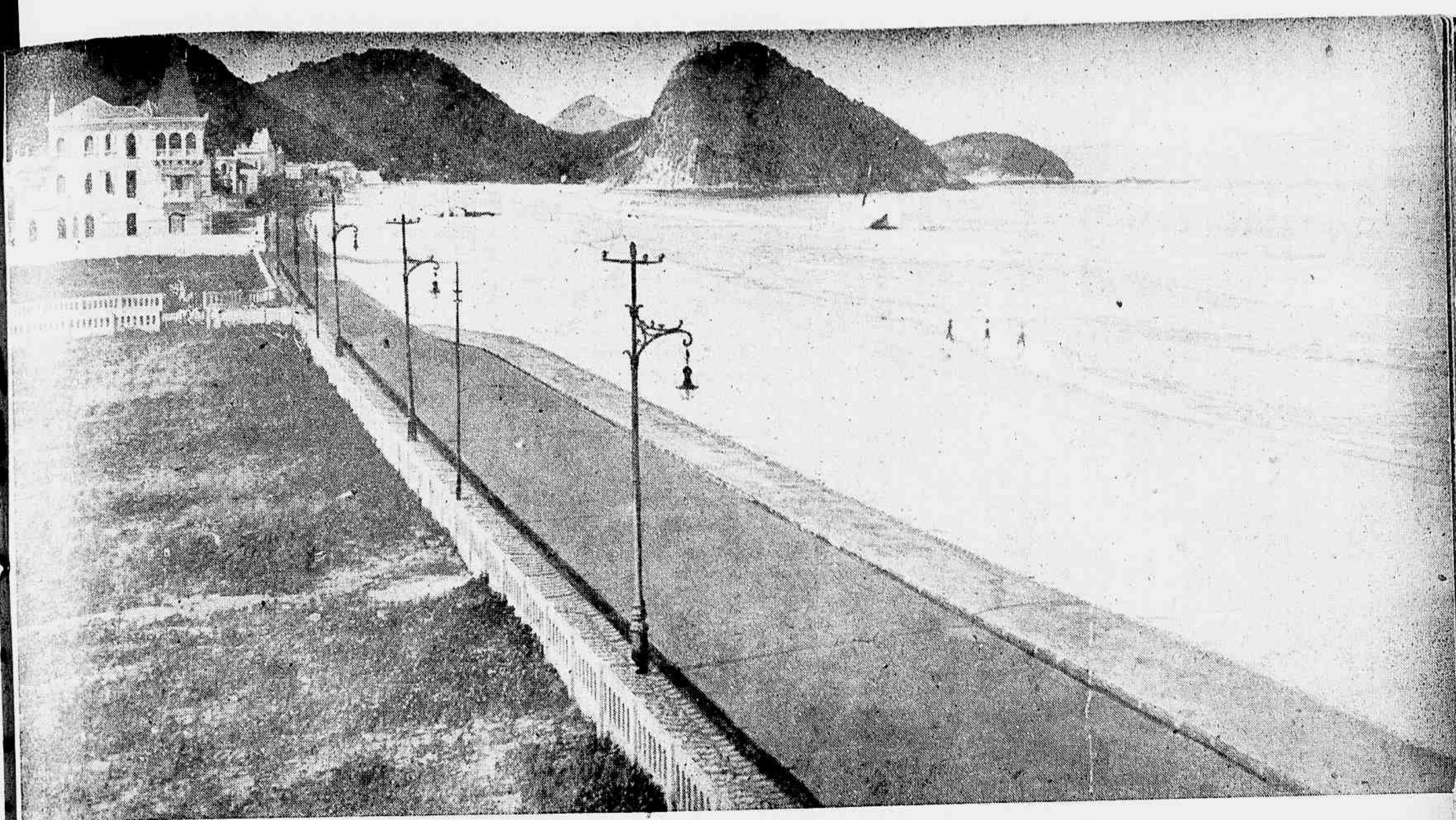
Ferro em barras, vergalhões, cantoneiras, T. molduras, etc.

Ferro de engomar "IDEAL".

Serralheria e mecanica em geral.

Secção galvanoplástica de níquel,
cobre e cromo.

Tubos galvanizados.



COMO SURGIU COPACABANA

Por **NILZA BOTELHO**

QUANDO olhamos hoje a moderna Copacabana, com sua praia coteada de arranha-céus, mal podemos imaginar a Copacabana do século passado, quando apenas uma ou outra casinha quebrava a monotona amplitude das areias de praia.

O panorama do movimentado bairro de nossos dias resumiu-se na igreja dedicada a Nossa Senhora de Copacabana, construída no penedo do Arpoador (onde hoje se acha o forte) e, em algumas habitações, ou melhor casbres de pescadores, disseminados por entre a alvura das areias que se perdiam na encosta dos montes cobertos de vegetação.

No início do século XIX, a antiga praia de Sacopenopam era apenas vagamente conhecida por causa da igreja que lhe deu o nome, cuja construção embacia-via-se na memória dos tempos, e que, segundo a tradição, foi edificada em cumprimento de uma promessa feita a esta santa, de devoção boiuviana.

Em 1858, correu o boato de ter dado à praia de Copacabana uma baseia. A notícia produziu tal curiosidade e causou tanta sensação, que muitas pessoas que nunca tinham saído do Rio, afrontaram a distância que as separava da longínqua praia, para ver o enorme estacoe. Ninguém viu a baseia, entretanto, apesar do "conto do vigário", foi desta época em diante que Copacabana começou a despertar algum interesse. Até a igreja, que já se achava em ruínas, pôde ser reformada, ou melhor, reconstruída à custa de esmolas.

Os longos e mal conservados caminhos que levavam a Copacabana, assim como os meios de condução de século passado, vagabundos e sem conforto, dificultavam muito o desenvolvimento deste bairro. Dos três caminhos que iam ter àquela praia, o mais fácil para o tráfego dos tilibuis, coches, etc., era o que circundava a lagoa Rodrigo de Freitas e passava pelo Arpoador, porém a viagem era muito longa, pois dava uma volta enorme.

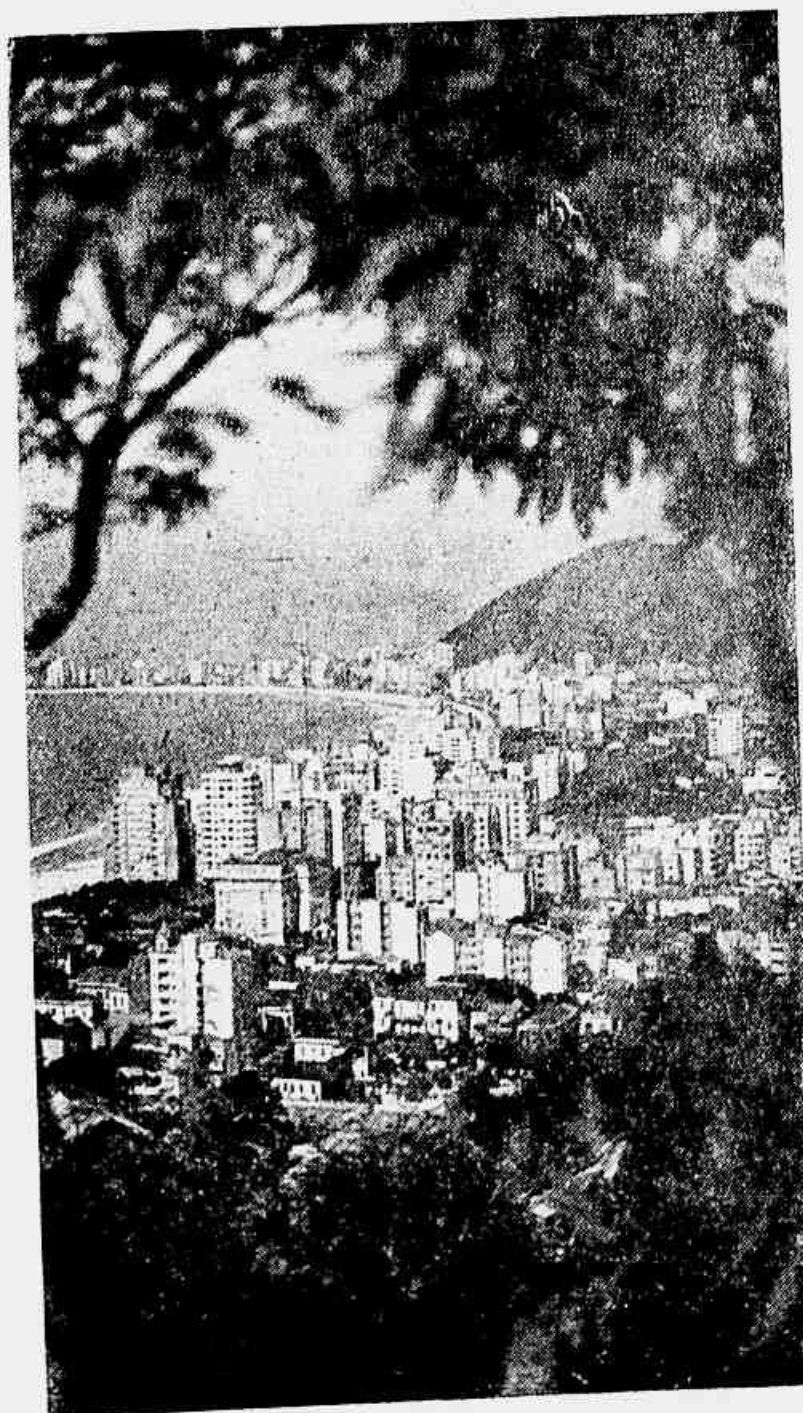
A estrada que continuava a rua da Real Grandeza, subindo e morro de S. João e descendo pela lateral do Barrão, era penosa por ser muito íngreme e, por isto, só era frequentada pelos moradores do lugar. O caminho mais usado era o da rua de Copacabana (atual rua da Passagem), que passava pela já abandonada fortaleza do Leme, da qual ainda restam hoje os alicerces.

O fator que mais contribuiu para o desenvolvimento de Copacabana foi a abertura do Túnel Velho pela Companhia "Jardim Botânico", que pôde assim levar seus bondes até os rochedos da Igreja. Nesta época em que o bonde elétrico era a condução da moda, a antiga praia de Sacopenopam ficou sendo conhecida por

muita gente, atraída não pela beleza natural mas apenas pela novidade de andar de bonde.

Em 1906 foi aberto o túnel do Leme, e, mais ou menos nesta época, durante o governo do presidente Rodrigues Alves, iniciaram-se as obras da Avenida Atlântica; iniciativas estas que precipitaram o avassalador progresso de Copacabana.

O bonde, além de ser por si próprio uma propaganda, trazia ainda nos cupons das passagens, versinhos encomendados pela "Jardim Botânico" a Olavo Bilac, Emílio Meneses, Guimarães Passos, e outros poetas da época que cantavam as belezas e as atrações de Copacabana. Estes versinhos de propaganda eram dirigidos a pessoas de todas as idades, tanto crianças como velhos, e refletiam-se a todas as vantagens de Copacabana, desde o seu clima saudável, até o emprego de capital.



Começaram chamando a atenção da mocidade para os passeios:

GRACIOSAS SENHORITAS, MOÇOS "CHICS"
FUGÍ DAS RUAS À POEIRA INSANA.
NÃO HA LUGARES PARA "PIC-NICS"
COMO COPACABANA.

E lembrando aos velhos o cuidados com sua saúde, diziam:

OH! VELHOS QUE NÃO TENDES ENERGIA,
JÁ PRESTES A DEIXAR A VIDA HUMANA,
IDE BUSCAR VIGOR NAS ONDAS FRIAS,
TOMAI O ELÉTRICO TODOS OS DIAS
PARA COPACABANA.

Os negociantes e capitalistas recebiam, pelos cupons, propostas que os animavam a atirar seu dinheiro numa empresa de risonhas perspectivas. E nem tiveram tempo de antepor-se as que seguitam tais conselhos, pois os preços dos terrenos do novo bairro decuplicaram nestes trinta anos.

Grande parte dos capitalistas que andavam nos bondes da "Jardim Botânico", às vezes tiveram sob seus olhos a seguinte quadrinha:

PROPRIETARIOS E CAPITALISTAS
APROVEITAI MELHOR A VOSSA GANA.
OH! QUE MINA, LANÇAI AS VOSSAS VISTAS
SOBRE COPACABANA.

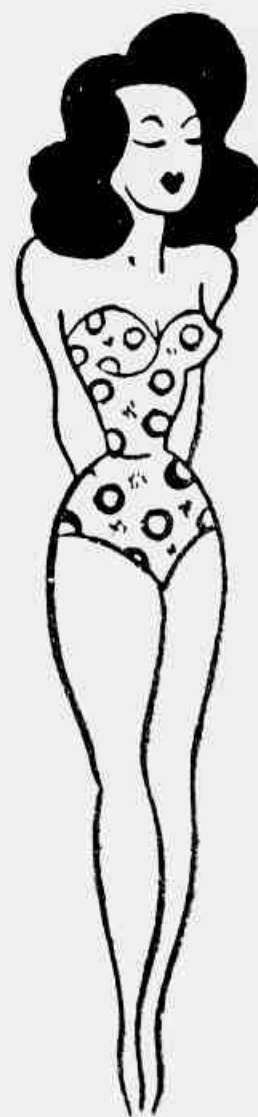
Também os artistas e sonhadores não foram esquecidos por esta propaganda que lhe, mostrava na beleza daquele sítio, uma fonte de inspiração:

VIVEIS DE SONHO? IDE ELEVAR EM
CISMA
A ALMA QUE EM VOSSOS CORAÇÕES
SE ANINHA,
VEREIS A VIDA POR ESTRANHO PISMA
NOS ROCHEDOS PARDOS DA IGREJINHA.

E assim, a propaganda foi inflando para tornar Copacabana um dos bairros mais movimentados do Rio de Janeiro, cujo progresso não pôde ser comparado com qualquer outro bairro de nossa cidade.

Em 1923, o Túnel Velho foi alargado e modernizado, tomando o nome de Alvarista, e hoje, o Túnel Novo (atual Coelho Cintra), está em obras de duplicação e alargamento, pois já era pequeno para o intenso tráfego de Copacabana. Ha vinte anos atrás muita gente deixou de ali morar por dificuldades de gêneros e falta de condução, quando atualmente é um dos bairros mais bem servidos em meios de transporte e em co-

Continua na pag. 88.





FORAM publicados avisos pelo Departamento de Defesa Nacional prevenindo que incorrerá em pena todo aquele que fizer mal aos pombos correios. A capacidade dessa tão delicada avezinha em mostrar sua grande resistência e sua intuição do que desejamos ensinar-lhe seriam por si motivo de respeito e admiração. Pois basta que seja um animal pequeno e fraco para os perversos se aproveitarem dele e o destruam na primeira ocasião. Boa razão tem o gato que, mesmo gostando dos que lhe dão comida, uma vez ou outra mostra que dispõe de unhas e que saberá fazer respeitar sua integridade física... Já com o pombo o caso é diferente porque sua fragilidade

Diante dos exemplos da falta de humanidade que impera em todos os setores da vida, já é tempo de começarmos a olhar para os mais humildes com uma dose melhorada do nosso egoísmo. Por exemplo: por que cultivar o esporte de matar pombos quando existem tantos alvos móveis inventados pelos homens de boa-vontade? Mete-se o pombinho numa gaiola e, quando se abre a portinhola e o animalzinho puro, inofensivo, crente da ilusão de sua liberdade, parte diante do céu alto e azul, em sua frente está o astuto homem que, abraçando uma arma, verdadeira maravilha de precisão, espera o momento de indecisão para fuzilá-lo como se matar fosse uma grande façanha. Haverá prêmios, e até crianças, adolescentes quasi puros, baterão palmas para serem educados na ilusão de que a vida é assim...

O garoto que apedreja o alado mensageiro num telhado merece igual castigo ao campeão que, descansando sobre a mira duma arma formidável de exatidão, vá num stand ferir um pombo pela grandeza de mostrar boa pontaria. Aliás, tanto o menino perverso como o homem que levanta arma para tais animalzinhos cometem a mesma maldade, sendo que o adulto pode não ter mais remorso.

Desde os tempos de Noé, ou quando ao descer das águas diluvianas foi um pombo que prenunciou a alviçareira notícia com um ramo de oliveira, é esta ave respeitada como um símbolo.

Interessante nota o paradoxo com relação ao pombo que, sendo designado o pássaro da paz, é escolhido para servir de alvo móvel e seja tão útil nos episódios guerreiros como mensageiro.

Oré, estando sujeitos à pena os malvados que, na solapa, tirem a vida a um animal tão humilde e sabendo de sua grande utilidade como para servir em sagrado mistério, é digno de lastima que em tempo de paz seja só ele o inocente animal que se presta a ser alvo do passatempo de esportistas.

contentamento para o coração. E saber que existem pessoas educadas que, depois de tanto estudo e de conhecer a marcha da História, falam dos povos bárbaros e vêm armados de armas de fogo para eliminar um pássaro que só é útil e oriado de beleza, desorienta-nos e arraza qualquer parcela de ilusão. E na libertação de um pássaro não há só a felicidade que damos ao animalzinho mas também o regozijo que existe em sentirmos a liberdade. Não só devemos falar da beleza do pombo quando em vôo ou pousado, mas também do seu lado útil na paz ou na guerra, quando muitas vezes substitue com vantagem a máquina elétrica que paralizou a irradiação de ondas heitizianas no momento mais urgente.

Razão tinha aquele admirável Axel Munthe quando, com todo o sacrifício, comprou uma ilha só para que os pássaros tivessem um instante de repouso e tranqüilidade na sua jornada de fugir do inverno europeu.

Que os homens se matem e se esfaquelem, é sempre possível e é mesmo vocação inata; mas que ao menos evitem as chacinas aos bichinhos mais ou menos inocentes.

Afastem-se as armas de fogo, atiradeiras ou gaiolas de açaço e permitam que a mais suave e linda das aves realize o seu destino e pureza entre a terra e as nuvens.

Se por um lado o columbofilismo é uma distração bastante útil de fins incalculáveis na defesa de nossa terra, serve aliás à própria reeducação do homem para ampliar seus sentimentos de respeito aos mais fracos. Se tudo que fazemos tem um sentido de espiritualidade e mais e mais tentamos fugir das misérias terrenas, nada tão digno como aprendemos a ter doçura e humanidade para com os pássaros.

E, se as autoridades competentes estão tomando o controle de ave preciosa como é o pombo correio, devemos avisar os chamados caçadores-amadores que as outras aves também são animais belos e, mais do que bonitos, dignos de nossa não só compaixão mas respeito por tudo que, dignificando a natureza, representa também um

COLUMBOFILISMO

e sua incapacidade para beliscar os que o acariciam são motivos para o tornar alvo dos mais fortes.

Sempre se empregou o pombo como condutor de mensagens; mas, com o suposto progresso que a humanidade tem feito no ramo material, seria razoável que também houvesse alguma melhoria no ramo moral. Puro engano. Espiritualmente vivemos retrogradando. Julgamos que só a força é capaz de construir alguma coisa. E damos todos os dias plenas e cabais manifestações de nossos modos de sentir terra a terra. Haja vista o que se refere aos pombos. Se as autoridades avisam que devemos respeitar os pombos, é porque todos os dias fazemos o inverso.

Vivem os homens destruindo os pequenos animais silvestres e só respeitam os que mais facilmente se domesticam julgando que só esses são úteis a nossos aliados. Pois são também os pequenos animais e principalmente aves que não prendemos, ou que vivem um tanto afastados de nós, os que muitas vezes são úteis para a agricultura principalmente.

O homem covardemente ataca os seres fracos ou indefesos. Raro é o indivíduo que apenas com seus braços enfrenta numa luta leal um simples cachorro, para não citarmos uma "pintada". Procuramos eliminar os outros animais, porém bem armados e sempre de tocaia.

Estamos perdendo nossa fauna e não damos o devido apêgo ao que é nosso; e só quando sentimos perigo nosso bem-estar é que corremos para nos lastimarmos. O morticínio de animais silvestres é enorme. E' a volúpia dos caçadores profissionais que está extinguindo nossa fauna indígena, mas — muito pior — dos chamados esportistas que estão sempre atentos nas suas atividades venatórias e provocando verdadeira chacina no raro patrimônio faunístico de nossa terra.

POR

SEBASTIÃO FERNANDES

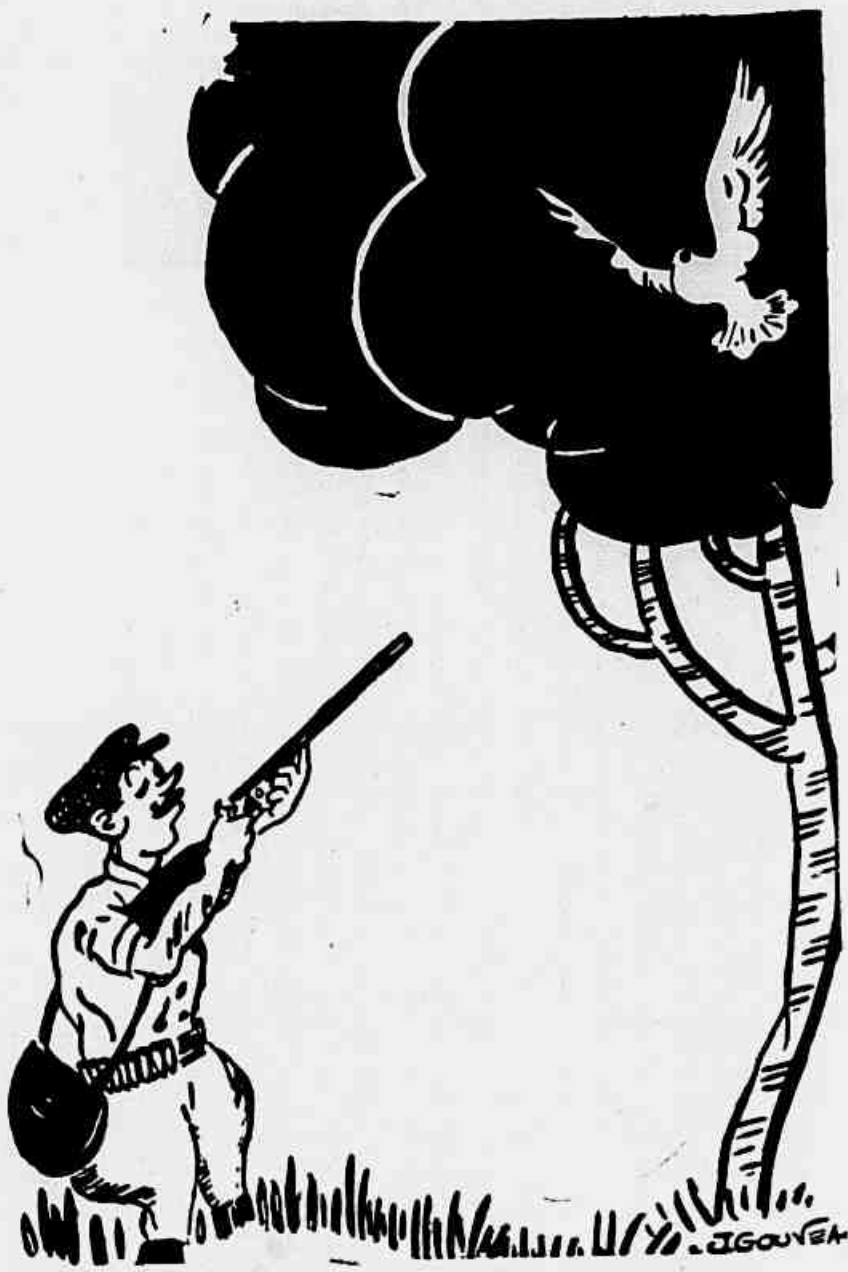
Se é condenável o ato daqueles que se armam de todos os apetrechos para iludir os pássaros silvestres e depois prendê-los, o que acontece raramente, porque a intenção primordial é matar, que diremos dos que trucidam covardemente um pombinho que leva uma mensagem?

Comemorando-se a data de São Francisco de Assis, que se tornou santo por conhecer profundamente a maldade dos homens e tratou os animais por "irmão", para ver se alguém seguiria o belo exemplo, vemos que muitos escrevem sobre o santo e seu apostolado mas ninguém na prática realiza tão nobre ação. E o homem, quando resolve apedrear-se, é porque as súplicas são muito fortes e a voz do semelhante chega até o carasco, o que não acontece com seres que não sabem pedir nem chorar.

Vivemos sempre em contradição com as leis do direito e da dignidade. A maioria jamais se lembrará de que existiu alguém que tratava os outros seres de irmão e muito menos seguimos seus conselhos de bondade, doçura e simplicidade.

Constantemente se dá à criança um sentido de liberdade e beleza, e mesmo de grandeza de alma soltando um pássaro. Em todo tempo que se quer apresentar em público um sentido de esplendor, soltam-se pombos. Neto também como minha filhinha gosta de ver os pombos que passam em revoada, lá na Tijuca. Uma revoada que, para o pai e para filha, é alegria para os olhos e

atestado de nossa boa índole. Não é que procuremos só distinguir uma ave que é um símbolo mas ainda nossa sensibilidade que, pelo menos, pela educação, já temos sentimentos nobres. Ferir de morte uma ave é dos sentimentos mais humilhantes para a espécie humana.



PICOT — Sim... Ele não saiu do castelo... está escondido aqui...

ZIMMERMAN — Não!... O senhor Alain é amigo nosso... colaboracionista, Picot!

PICOT — Não é muito... eu não confio...

ALAIN — Doutor Eric Zimmerman, peço-lhe encarecidamente que evite que esse seu auxiliar esteja constantemente me aborrecendo...

ZIMMERMAN — Por que? Acho que Picot não faz isso por mal... É um tanto... como direi, excesso de zelo... muito natural ao sentimento daqueles que trabalham pela grande Alemanha!

PICOT — Não é verdade que vou ganhar a cruz de ferro?

ZIMMERMAN — Claro... Como não, Picot!... Você vale por um valente soldado alemão!

PICOT — Ah!... Eu desconfio daquele sujeito que tem um moínho logo fora da aldeia...

ZIMMERMAN — Aquê! velho...

PICOT — Sim... aquele velho que quis me bater com a bengala... Chamou-me de sujo e traidor!...

ZIMMERMAN — Não te incomodes, Picot... faremos uma visita amanhã à casa daquele velho...

Contra-regra: passos que se aproximam.

DENISE — Oh!... Perdão... pensei que Alain estivesse sozinho...

ZIMMERMAN — Queira entrar, madame Westbury... Vamos sair dentro em pouco...

DENISE — Com licença... (passos) Eu vim aqui, meu irmão, saber se queres chá...

ALAIN — Por que? Onde está o velho Ives?

DENISE — Não está passando bem... está de cama...

ALAIN — O que tem êle?

DENISE — Não sei... Veio-lhe uma febre ao cair da tarde...

PICOT — O velho... se a febre não o levar... o pelotão está esperando...

DENISE — Perdão, senhores... Vou me retirar...

ZIMMERMAN — Oh!... madame... Por que se zanga com o nosso bom amigo Picot?

DENISE — Não posso suportar a presença desse monstro, senhor... Com licença!

PICOT — A senhora não vai sair!...

DENISE — Não vou sair! Por que? Quem é o senhor para me dar ordens?

PICOT — A senhora está insultando um agente da Gestapo... um funcionário alemão!

DENISE — Insulto você... e não o dr. Zimmerman!

PICOT — Sou eu o funcionário...

ZIMMERMAN — Realmente, madame Westbury... a senhora tem atitudes um tanto rudes com Picot!

DENISE — E esse homem é um funcionário alemão?

ZIMMERMAN — Meu auxiliar de confiança...

PICOT — Eu sei... a senhora... está arrufada... zangou com seu namorado...

DENISE — Que está dizendo, trapo?

PICOT — Não se zangue, viúva!... O capitão Wehringer!...

DENISE — Este homem está me insultando!

PICOT — Estou dizendo a verdade!

ALAIN — Doctorr Zimmerman... isto é insólito!... Este monstro aproveita-se demasiada e indignamente da proteção que o Estado Maior está lhe dispensando...

ZIMMERMAN — Não!... Não é insulto...

DENISE — Oh!... Isto é de mais!... Onde está o espírito de cavalheirismo dos senhores? Aproveitam-se da situação para oprimirem criaturas indefesas...

PICOT — Indefesas, hein! Indefesas... mas não vai dizer que não beijou o capitão Wehringer no salão do castelo outro dia!...

ALAIN — Miserável!...

ZIMMERMAN — Abaixar a muleta, senhor Alain de Kergueven!

ALAIN — Eu esmago esse verme imundo!...

ZIMMERMAN — Serei obrigado a prendê-lo e privá-lo de todas as regalias que o nosso serviço de segurança lhe dispensa!...

ALAIN — Pouco me importa!... Retirem este monstro, esta serpente venenosa da minha frente!...

PICOT — Serpente... eu mostrarei a você a serpente, Kergueven!...

ZIMMERMAN — Picot!...

ALAIN — Faça sair este corcunda do meu quarto, doutor Zimmerman!...

DENISE — Pelo amor de Deus, Alain... fique quieto... deixe-o falar!...

ZIMMERMAN (pausa) — Um instante!... Todos calados!... (pausa) Picot!...

PICOT — Doctorr!...

ZIMMERMAN — Você não ouviu um barulho estranho...

PICOT — Barulho! Barulho! Onde?

ZIMMERMAN — Aqui... do lado da parede... aqui... atrás deste armário...

PICOT — Parece que ouvi... parece que ouvi um barulho... sim... Eu não disse que esse homem sabia de coisas... Ouvi mexer alguma coisa atrás desse armário... Vamos afastar o armário, doctorr...

Contra-regra: passos e arrastar lento de um móvel.

ZIMMERMAN — Mais um pouco, Picot... (riso de Picot) — Fôrça... mais!...

ZIMMERMAN — Vamos afastar o armário donde está, Picot... Fôrça... eu ouvi um ruído aqui...

PICOT — Eu também... eu também...

ZIMMERMAN — Fôrça!...

Contra-regra: arrastar de armário lentamente, até nova rubrica.

PICOT (gritando) — Doctorr!... Doctorr!...

ZIMMERMAN — Que foi?

PICOT — Uma pessoa correu no corredor...

ZIMMERMAN — Alguém correu no corredor...

PICOT — Oh!... Outra vez!... Alguém está fugindo pelo corredor...

ZIMMERMAN — Ligeiro!... É o espião... Estava escondido dentro do castelo...

PICOT (rindo) — Pegamos êle!... Pegamos êle!...

Contra-regra: passos cambaleantes.

ZIMMERMAN — Vamos, Picot!...

Contra-regra: passos precipitados.

ALAIN — Fecha a porta, minha irmã... Ligeiro!...

Contra-regra: passos femininos que se afastam e bater de porta e passos femininos que se aproximam.

DENISE — E êles? Estiveram aqui?

ALAIN (baixinho) — Pelo amor de Deus!... Denise... não diga uma palavra agora...

Contra-regra: voz distante de Zimmerman.

ZIMMERMAN (cinco metros distante) — Todas as saídas do castelo rigorosamente vigiadas!... Fritz e Schwartz... comigo!... Rápido!... Picot e Wilhelm... para o térreo do castelo!...

DENISE — Estão distantes... e êles?

ALAIN — Por um pouco estariam perdidos...

DENISE — Onde estão?

ALAIN — Desceram pela porta secreta que dá para o meu apartamento...

DENISE — E se êles afastassem o armário...

ALAIN — A porta secreta está disfarçada no papel que cobre as paredes deste quarto...

DENISE — Oh!... Esse corcunda na sede de maldade que lhe queima o coração salvou-os sem querer... Quem

teria passado no corredor? Ele ouviu naturalmente passos de alguém...

ALAIN — Provavelmente...

DENISE — Teve sorte, Picot...

ALAIN — Sorte?

DENISE — Sim.

Técnica: música apreensiva.

DENISE — Muita sorte.

ALAIN — Por que? Por que diz você que Picot teve sorte, minha irmã?

DENISE — Acreditei que havia chegado a sua hora...

ALAIN — Não a compreendo, Denise...

DENISE — Olhe!...

ALAIN — Que quer dizer isso?... Por que traz esse revólver no bolso do seu capote, Denise?

DENISE — Picot teve sorte, meu irmão...

ALAIN — Você... você...

DENISE — Fuzilar-me-ão, Alain... mas os dias de Picot, dêsse verme imundo, dêsse canalha e traidor estão contados...

ALAIN — Você...

DENISE — Vou matá-lo!

ALAIN — Denise!... Por Deus! Não!... Não faça isso!

DENISE — Não há força humana que possa me vencer ao contrário... Meu pai já sabe desta minha resolução... Na França, todo francês é um soldado, Alain!... Minha vida vale tanto como aquelas que morreram nos campos de luta!... Picot deve morrer!... E vou matá-lo!... Logo que o encontrar...

ALAIN — Denise!... E seu marido?...

DENISE — Está também com a sua vida correndo risco... Devo trabalhar como Leslie pela vitória!... E Picot é um elemento terrível!...

ALAIN — Suplico-lhe... não faça isso...

DENISE — Não se interponha nas minhas decisões, Alain!...

ALAIN — Denise, dê-me o revólver...

DENISE — Não!

ALAIN — Não permitirei tal coisa!

DENISE — Nada tem a ver... Henry morreu combatendo... Você fugiu da luta!... Farei o que não fez você, Alain!... Pagarei o meu tributo à pátria!...

ALAIN (passos) — Dê-me esse revólver!... Não matará Picot!... Ouviu? Não matará Picot!

DENISE — Nada o salvará da minha mão, Alain de Kerqueven... Sei que pensa como ele!... Se não fôsse o respeito ao sangue, creio que teria coragem de fazer o mesmo com você!

ALAIN — Denise!...

DENISE — Saia da frente dessa porta... Quero sair! Pela segunda vez... deixe livre a porta!

ALAIN — Se quer sair não hesite... Não sairei!...

DENISE — Estou disposta a tudo, Alain!...

ALAIN — Está louca!

DENISE — Talvez!... Enlouqueci de vergonha... Um irmão desertor... que vive trancado num quarto... falso inválido... Um francês traidor... Esse corcunda miserável... denunciando e levando para o pátio das execuções os seus compatriotas... Meu marido entre a vida e a morte no serviço arriscado de uma missão!... Não é loucura!... É a necessidade de fazer alguma coisa pela pátria!...

ALAIN — Dê-me esse revólver, Denise!... Não matará Picot!

DENISE — Não sabia que tão forte laço de amizade ligava-o a esse sórdido corcunda!

ALAIN — Nada fará a Picot!

DENISE — Matá-lo-ei logo à primeira ocasião... A queima roupa... como se mata um cão raivoso!... Sem remorsos, ouviu?... Saia da frente senão não me responsabilizarei pelo que fizer!

ALAIN — Atira!

DENISE — Não farei isso!... Pior ainda... denunciá-lo-ei... Desespêro de causa contra desespêro de causa... Sai ou não?

ALAIN — Mais uma vez, Denise...

DENISE — Passagem livre, desertor!...

ALAIN — Pode passar, Denise... Nada mais posso dizer-lhe...

DENISE — E nem o ouviria...

Contra-regra: passos que se afastam.

INTERLÚDIO

LESLIE — Espere, Detang... sempre deitado...

DETANG — Não abriram a porta...

LESLIE — Eu ainda tive tempo de ouvir arrastar o armário...

DETANG — A queda do meu revólver no chão, denunciou-nos... Tenho vontade de estourar minha cabeça com uma bala por tamanha estupidez!

LESLIE — Invoco a sua inseparável serenidade, capitão Detang...

DETANG — Leslie Westbury... Volte imediatamente para o seu barracão... Sua ausência poderá despertar suspeitas...

LESLIE — Mas não posso abandoná-lo agora.

DETANG — Não se cogita disso... Cada um de nós aqui tem sua missão a cumprir... Portanto trabalhamos coordenadamente nos momentos que forem possíveis e isolados quando a situação assim exigir... Agora precisamos nos isolar... Não podemos prejudicar o conjunto do plano. Pode ir...

LESLIE — E se o surpreenderem?

DETANG — Matarei o que for possível... guardando a última bala para mim... Bem vê, que esse final é de uma simplicidade magnífica!

LESLIE — Você é um bravo, Detang...

DETANG — Vire do seu posto, jardineiro Leon Vestraet...

LESLIE — Felicidades, Detang...

DETANG — Para você também...

LESLIE — Se ouvir... Se eu ouvir o tiro?

DETANG — Mais um aviso de que a França continua resistindo!...

— Quero abraçá-lo, Detang!

DETANG — Adeus, Leslie!

LESLIE (emocionado) — Adeus, capitão Detang!

INTERLÚDIO

ALAIN — Quem as mandou, Ives?

IVES — O hortelão... esse belga...

ALAIN — Essas peras foram colhidas no pomar do castelo?

IVES — Foram...

Técnica: disco de explosão distante.

ALAIN (sobressaltado; passos) — Que foi? Será que os ingleses estão fazendo uma excursão em dia claro?

IVES — Não, senhor Alain... A explosão vem da pedreira dos Deux Chenes.

ALAIN — E que fazem os alemães nessa pedreira, Ives?

IVES — Eles estão fazendo excavações para arranjar pedras. Os alemães querem alargar a estrada 83...

ALAIN — A estrada departamental?

IVES — Sim... A pedreira está trabalhando dezoito horas por dia... Submetem quase toda a população masculina de Benoet e de outras aldeias vizinhas a um verdadeiro regime de escravos!

ALAIN — Preciso visitar essa pedreira, Ives...

IVES — Visitá-la? Não vai se cansar, senhor Alain?

ALAIN — Preciso andar, meu velho... Preciso dar um pouco de circulação ao sangue... Anquilo-se-me, neste retiro... sem me mover... Isto é demasiado monótono... Quem está dirigindo os serviços de excavação? Técnicos mineiros alemães?

IVES — Não... O senhor Messin...

ALAIN — Messin... o empreiteiro de obras públicas de Brest?

IVES — Sim... Requisitaram-no... Ele a princípio recusou... mas foi obrigado a aceitar... Os alemães são capazes de tudo... Mas como pretende o senhor meu amo se transportar até lá? Bem sabe que a pedreira é um pouco distante do castelo!

ALAIN — Arranja-me um veículo... um transporte qualquer, Ives... Não conhece ninguém que tenha um veículo?

IVES — Larson... o velho Larson, senhor...

ALAIN — O cultivador vizinho?...

IVES — Sim... éle mesmo... tem um carro...

ALAIN — Quero que vás comigo, Ives. E coloca no carro alguns sacos vazios. Apanha-os na adega do castelo...

IVES — Sacos vazios?

ALAIN — Sim... Desejo colher fragmentos de rochas dessa pedreira para estudos... Quero que mos tragas aqui para o castelo. Tu depois os colocarás na adega e eu os procurarei quando tiver tempo para começar as minhas análises químicas...

IVES — Está bem, senhor Alain...

Contra-regra: pancadas na porta.

ALAIN — Abra, Ives!...

Contra-regra: passos que se afastam e rodar de maçaneta.

IVES — Madame... Madame...

IRENE — Pode ir, Ives... Quero falar algumas palavras com meu marido em particular...

ALAIN — Pode ir, Ives... Não se esqueça do que recomendei, meu velho...

IVES — Sim, senhor... À hora aprazada virei avisá-lo, senhor...

ALAIN — Entre, Irene...

Contra-regra: correr de chave na fechadura.

IRENE (preocupada) — Por que fechou a porta à chave, Alain?

ALAIN — Não se assuste, minha cotovia... Você falou em particular... e as particularidades sempre se expõem com portas fechadas... De que se trata?

IRENE — Eu queria falar-lhe um instante... (pausa e receiosa) mas dê-me essa chave... eu não gosto de ficar trancada... Não a ponha no bolso... dê-me essa chave!

ALAIN — Vamos!... Esse nervosismo não fica bem a uma ladra!

IRENE — Hein?

ALAIN — Chantagista mul vulgar!... Que quer falar-me você, vamos!...

IRENE — Nada receia de mim?

ALAIN — Acho que em breve estarei imunizado de seu veneno, cobrinha... passemos ao assunto, porque não estou muito disposto a aturar a sua presença... Bem sabe que enoja!

IRENE — Abra essa porta... Que quer fazer comigo?

ALAIN — Oh!... Pensa então que eu cairia na estupidez passional de passar a minha mão nessa garganta muito branca e muito infame? Não!... Desceu tanto, menina, que seria indigno estrangulá-la... que quer?

IRENE — Onde quer chegar, Alain!... Despache-se!

ALAIN — Eu não!... Quem me procurou foi você...

IRENE — Venho falar-lhe de negócios... O que resolveu sobre o dinheiro que lhe pedi?

ALAIN — O dinheiro?

IRENE — Sim... Não se faça de esquecido, meu caro; bem sabe o que eu quero dizer... A minha parte...

ALAIN — Ah!... Sim... (rindo maldosamente e baixinho) Ah!... Sim... a sua parte. O dinheiro que tenho oculto no bosque de Guenant... 220 mil francos...

IRENE — E trinta, querido... E a metade dos dólares...

ALAIN — Ah!... Sim... trinta, desculpe-me o erro... Foi sem intenção... sou um homem honesto, bem sabe disso... O fato de eu ter desertado... fugido ao dever... não quer dizer que seja um ladrão ou um chantagista... e disso você bem sabe... possui experiência própria...

IRENE — Não vim aqui para ouvir insultos ou afrontas.

ALAIN — Está exagerando, querida... Estou simplesmente dizendo uma verdade. Bem sabe que não faltaria ao cavalheirismo que se deve tributar a uma dama... não a estou ofendendo, Irene Michon... estou dizendo o que realmente é...

IRENE — O dinheiro?

ALAIN — Deu-me o prazo até meia noite de quinta-feira para refletir no seu pedido, esqueceu-se, meu bem?

IRENE — Sim... e daí?

ALAIN — Quer então entrar na posse desses 230 mil francos?

IRENE — Mais do que nunca.

ALAIN — Mas não sabe onde está escondido o meu dinheiro, não é verdade?

IRENE — Por que faz essa pergunta?

ALAIN (rindo) — Estranhou, querida?

IRENE — Bem, não me importa com que sentido foi feita essa pergunta, e de um desertor de sua marca pode se esperar tudo!... O que me importa no momento é que me dê o dinheiro.

ALAIN (suspirando) — Em suma, sou um homem infeliz... que deve entregar uma fortuna para salvar a sua cabeça...

IRENE — Não vamos recomeçar essa discussão, Alain!...

ALAIN — Refleti desde que me disse com franqueza o que pensava de mim e de minha família. Você me arranca essa gorda soma como um gangster de saias.

IRENE — As suas apreciações morais neste momento e no caso presente para mim são supérfluas.

ALAIN — Nem tanto!... Por esse preço eu tenho o direito de julgar a sua maneira de agir.

IRENE — O seu crime contra o seu país...

ALAIN — Nosso país... Melhor ainda, Irene... Nossa pátria invadida... massacrada... vilipendiada pelos invasores...

IRENE — Oh!... Os brios ressuscitaram no meu querido espôso...

ALAIN — Quem sabe, minha querida espôsa... Quem sabe...

IRENE — Torno a dizer, Alain de Kergueven, não pode me julgar!

ALAIN — Acha?

IRENE — Sim... O seu crime contra a nossa pátria... (transição e com um sorriso irônico) Está satisfeito?

ALAIN (sereno) — Mais ou menos... Ficou melhor assim a expressão... Continue...

IRENE — O seu crime contra a nossa pátria priva-o de todo o direito de julgar os outros. Está decidido a pagar? (pausa) Sim ou não?

ALAIN — Quinta-feira... Sabê-lo-á quinta-feira à noite... Você me deu esse prazo, não é verdade? Não há de querer voltar a sua palavra.

IRENE — Quinta-feira... à meia-noite...

ALAIN — Aliás estou tranquilo até quinta-feira, querida Michon...

IRENE — Tranquilo... conheço-o... Quando fala assim mordendo os lábios insensivelmente... sei como está o seu estado de alma...

ALAIN — Não... estou bem calmo... Mas, suponhamos que num impulso de cólera... Oh!... Não empalideça assim, meu amor... Continue sentada... Suponhamos que num impulso de cólera ou de impaciência, você me faça prender, denunciando-me... Poderá então dizer adeus aos 230 mil francos... Eu levaria o segredo do meu esconderijo comigo, e poderiam pôr a floresta de Guenant de pernas para o ar, mas não encontrariam o tesouro. Não é mesmo, querida? Ein?... Estamos portanto prontos um ao outro.

IRENE — Onde quer chegar, Alain de Kergueven?

ALAIN — Um gesto prematuro de sua parte e as suas belas notas de mil francos... adeus!... Desapareceriam por um encanto!... Não creio que fará isso, porque sei que me detesta, Irene!... Despreza-me até o fundo dos meus ossos, sei disso, mas não quer perder esse belo capital, ein?

IRENE — Para que essas hipóteses, Alain?

ALAIN — Para fazer compreender à minha bela que se me fizer prender antes de quinta-feira... ficará... (rindo) Ficar de mãos a abanar.

IRENE — Eu lhe repito que nada tem a temer antes de quinta-feira!

ALAIN — Obrigado!... (pausa) Outra coisa, querida... Se eu não pagar?

IRENE — Entregá-lo-ei à polícia, tão certo como estamos os dois aqui.

ALAIN — Bravos!... Assim está bem...

IRENE — Bem, abra a porta que me quero ir...

ALAIN — Ah!... Sim... Como estou distraído, meu amor!... Acredita que estava crente de que estava no seu quarto e não no meu?

IRENE — Abra a porta!...

ALAIN — Nervosa... O que! Irene!... Olhe, querida... olhe... aquela estrêla a menos de um palmo da lua... Não observou isso? Olhe!...

IRENE — Estou cansada, Alain... eu quero ir...

ALAIN — Onde botei a chave?!...

IRENE — No bolso... no bolso esquerdo... nesse aí!...

ALAIN — Neste... neste aqui... Que bela memória!... Ah!... Sim... está aqui!...

IRENE — Por favor!... Está me pondo nervosa, Alain!...

ALAIN — Quer um copo de vinho?...

Contra-regra: ruído de vidros e gorgolejar.

ALAIN — Bebe, meu bem... é um ótimo cordial... Está tão pálida... coitada... Como antes impressionava esta tua palidez, Irene!...

IRENE (apavorada) — Não se aproxime de mim... Alain... Não se aproxime de mim...

ALAIN (passos lentos) — Oh!... Que é isso!...

IRENE (gaguejando) — Não se aproxime de mim...

ALAIN (entre dentes) — Que é isso, querida?... Quero dar-lhe apenas o vinho... tome. Segure o cálice, Irene Michon!...

IRENE — Não se aproxime de mim... Não quero beber... não quero beber!

INTERLÚDIO

Técnica: música característica da novela.

IRENE — Não se aproxime, Alain de Kergueven.

ALAIN — Por que esse pavor, minha linda mulher? Por que?

IRENE — Não quero beber esse vinho!

ALAIN — Por que recusa um brinde?

IRENE — Porque não confio em você, Alain!... Avalio o seu ódio por mim!

ALAIN — Ah!... Então reconhece a profundidade de sua infâmia?

IRENE — Quero sair daqui.

ALAIN — Beba um cálice...

IRENE — Não.

ALAIN — Ah!... Já sei... julga que o vinho está envenenado... Pronto... Beberei o primeiro gole, filhinha... (bebendo) Está aí... E então? Ainda suspeita?

IRENE — Não quero beber.

ALAIN — Bem... isso é com você, Michon... Voltando novamente ao nosso assunto. Suponhamos, Irene Michon... Como minha esposa já deve estar familiarizada com o meu caráter... não é verdade?

IRENE — Continue, Alain... Suponhamos... Suponhamos o que?

ALAIN — Suponhamos que na quinta-feira... o nosso prazo, não é? O prazo que foi estabelecido para a entrega

da quantia que quer me extorquir, eu me recuse a entregar essa importância...

IRENE — Não pagar o que já foi tratado?

ALAIN — Sim... recusar-me a comprar o seu silêncio... Sabe, nós, geralmente, mudamos de pensar oitenta vezes por minuto... Principalmente um indivíduo temperamental... assim como eu... Aliás não é novidade para você, dizer o gênio esquisito que tenho...

IRENE — Vamos...

ALAIN — Se eu me recusar a pagar na quinta-feira, Irene?

IRENE — E depois... Sei que tem ainda mais alguma coisa a dizer, Alain?

ALAIN — Analise a minha situação, minha querida Michon... Sou um homem cuja vida está na mão da mulher que mais o odeia... apesar de ser minha esposa... Enfim... um homem... que come... que dorme... que respira... a prazo limitado... Não é verdade?... Amanhã... daqui a pouco, a matreira Michon... cisma... e cisma com maldade, avalia o efeito. Chega diante do Estado Maior alemão... e diz simplesmente... Capitão... coronel... ou... general... O primeiro oficial graduado... Senhores... meu marido é um falso inválido... trama contra a segurança da Grande Alemanha... etc... etc... Ou é preciso que eu continue, querida Irene?...

IRENE — Mais um pouco... quero alcançar o fundo do seu pensamento, meu querido marido!

ALAIN — Dou-lhe uma bofetada se tornar a me chamar de seu marido...

IRENE — Continue.

ALAIN — Irene!... Já refletiu na terrível situação em que fica uma mulher cujas revelações podem levar um homem à morte?

IRENE — E' uma ameaça, Alain? Descubra de uma vez os seus pensamentos.

ALAIN — Irene!... A sua situação é terrível... Dor-me sobre um vulcão!

IRENE — Quem?

ALAIN — Você!

IRENE — Por que essas suposições estúpidas?

ALAIN — Por que?

IRENE — Sim... Os seus olhos dizem muita coisa neste momento... Nunca os vi assim!

ALAIN — Porque muita gente em casos semelhantes suprime o acusador. Sabe que eu leio muito em meu quarto. Pelos anais judiciários soube de um caso interessante... que data de 1896. Um agricultor da região de Douarnenez estava à mercê de uma mulher que o viria praticar um crime.

IRENE — E esse homem?

ALAIN — Ainda pergunta?

IRENE — E esse homem? Que fez a mulher?

ALAIN — Estava como eu, naturalmente... Obsecado pela idéia fixa de que essa mulher poderia denunciá-lo... O agricultor entrou na casa de... um caso verdadeiramente curioso... (sorrindo) Li todos os detalhes...

Técnica: música impressionante.

ALAIN — Deixe-me abrir um pouco a janela... Está sufocando aqui dentro, não acha, querida Michon?... O carrasco mais delicioso da minha vida... um segundo Deus... Sabe que você é um segundo Deus!... A minha vida depende de você... Quem manda no destino dos homens é a providência divina... Logo, faz concorrência à Onipotência divina (rindo) Deixe-me abrir a janela... Como está banhada em suor, meu bem... (passos).

Técnica: abrir de janela; correr de cortina.

ALAIN — Uff!... Melhorou... Esse ar da noite faz um bem louco nessas situações, não? Porque o calor vai até a alma...

IRENE — Termina, Alain de Kergueven... E que fez o agricultor a essa mulher que testemunhara o seu crime?

ALAIN — Já vai... Quer um cigarro?

IRENE — Não.

"O LOURO"

SENHORITAS casadoiras possuíam bonita arca de bela plumagem curvada e com asas guardadas de uns vivos rubros e negros retintos, genuína da avefauna brasileira.

Moravam no segundo andar de antigo sobrado da rua do Chile, no ponto destruído para, num surto de renovação urbanística, dar-se estrutura à Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, e em cuja sacada de frente costumavam colocar a gaiola da grande ave trepadeira. Esta, não obstante os esforços empregados pelas donas em lhe ensinarem a dizer alguma coisa, quase nada aprendera. De espaço a espaço abria o bico torto para articular apenas estas duas palavras inteiras e bem perceptíveis, como se fôsem elas uma sentença plena de reflexão filosófica:

"Está claro".

E nela mais nada daquêlo bico adunco senão:

"Está claro".

Foram alguns estudantes para a vizinhança, como habitantes de outro segundo andar, e logo implicaram com o ararão por levar o dia inteiro a repetir na sua voz grossa e roufenha:

"Está claro".

Quando não era isso, era inevitavelmente isto:

"Rá! Rá! Rá!"

E ficava horas inteiras a gritar implacavelmente:

"Rá! Rá! Rá!"

Horrísono! Tinha que desaparecer dali aquela ave gritalhona, tão linda quanto importuna.

Por sugestão de sádilo estudante, comprou-se no mercado um papagaio falador afim de as senhoritas serem

obrigadas a recolher a arca, transportando-a para os fundos do sobrado.

O louro era palador terrível. Muito engraçado, muito desabusado, estava sempre a cantar uma versalhada aprendida no sertão:

*Há muito tempo,
eu não como carne frita;
triste de mim
se não fosse a Benedita!*

*Há muito tempo,
eu não como tapioca;
triste de mim
se não fosse inhã Maroca!*

Os estudantes ensinavam certas frases ao louro e levavam-no para a sacada.

De chegada, sacudia as asas e cantou os versinhos artanhos.

Correram as senhoritas à janela e riram gostosamente.

Em seguida veio, por ordem, a lição dos estudantes que ele repetia mecanicamente:

"Estas donzelas precisam casar..."

As senhoritas já não tinham de bom grado; saíam apenas.

Afirmou a arca na sua sentença invariável:

"Está claro".

Continuou o papagaio:

"Porém são feias!"

As senhoritas ficaram sérias.

Confundiu o ararão:

"Está claro".

Proseguiu o plumoso tagarela:

"Já são bem velhas..."

As senhoritas saíram bruscamente da janela. Daí a pouco, desapareceu a arca.

II

Vitoriosos, ficaram os estudantes querendo muito bem ao papagaio que trouxe tranquilidade à república, tornando-se para eles uma espécie de amuleto vivo. Não só nem chegava um só estudante sem lhe ir fazer festa. E para cada qual a ave imitadora da voz humana tinha eminhos frases, que havia escutado pois estava sempre atento para ouvir...

"Já chegaste, Bentinho?"

"Vais sair, Carlos Aurélio?"

"Mas como estás chique, Luiz Paulo?"

"Estudaste a noite inteira, Jonjoca... Papagaio!"

E algumas vezes acontecia agir com acerto, ligando o nome à pessoa.

Era a grande alegria dos jovens e a sua maior distração.

De repente, deu para entristecer, tatemudeou, até deixar de se fazer ouvir. E os rapazes andavam impressionados com aquela melancolia que lhe não era própria e procuravam os meios a debelar. Por fim, teve um deles a idéia de comprar um papagaio fêmea. Talvez o pobre louro se renunciasse com a presença de uma companheira. De fato, ficou muito alegre e de novo perdoava o dia inteiro. Até alta noite só ouvia o casal tagarelar, voltando ao mesmo tempo gritadas gostosas.

Certa manhã, o silêncio era profundo na república. Um estudante achou estranha aquela ausência de ruído vocal e foi observar o que se passava com as aves queridas e encontrou o papagaio agitado, erguido, golpeando, dependendo a companhia.

Teria enlouquecido? Chamou os colegas, e vieram estes presenciar aquela cena incompreendida e, comovidos, repetiam todos:

"Enlouqueceu o pobre louro... Coitado."

Após estirpa as últimas penas que restavam na cauda da companheira submissa, voltou-se para os estudantes, rindo freneticamente, ruidosamente, e repetiu:

"Coitado!"

Zombeteiro, profereu em seguida:

"Eu gosto do nu artístico!"

Imitando bem a voz humana, faz-se digno o papagaio do aprego do homem; nada obstante, repente apenas o que ouve. Vivendo então num ambiente escolar, já ouvia aquela frase e repetia inconscientemente; mas, em ocasião oportuna, jactava, dando a ilusão de ter dela sabido aproveitar-se.

(Continua na pag. 65)



VESTIDO DE MC MODAS

Jóias CRIACÕES EXCLUSIVAS DE
Mappin & Webb

RUA DO OUVIDOR, 101 - RIO

BY APPOINTMENT
LONDRES
BUENOS AIRES
JOHANNESBURG
BOMBAY

Estou apaixonada pelo radio-teatro. Conheço todos os instrumentos da orquestra, do violino ao xilofone. Nasci, cresci, botei salto alto, procurei os primeiros cabelos brancos—sempre ouvindo música. E detestava o radio-teatro porque não o podia conceber musicalmente, instrumentalmente, sinfonicamente. Às vezes, quando as peças eram melhores, os artistas bons, tolerava tudo, mais por um esforço do cérebro do que pelo toque da sensibilidade em vibração.

Ouvindo alguns capítulos de novelas, chegava até um estado de irritação doentia, quando os personagens falavam e gritavam no empenho estéril de copiar a vida. Nada de mais anti-musical. Dentro, mesmo, da arte dos sons propriamente dita, encontramos essa espécie de tortura. Uma orquestra desafinada, um piano deformando um trecho da *Cravo bem temperado*, um violino mutilando a *Sonata* de Cesar Franck.

"A voz", pelo radio, na pre-história da minha conversão, era o "ruído" segundo os indivíduos *amúsicos* concebem a harmonia sonora. Quer traduzindo amor, a gostosura de uma pasta de dentes, ou o *goal* decisivo do Fla-Flu, a tonalidade não ultrapassava a pauta da linguagem trivial, sem os sustenidos e bemóis subjetivos que dão às vogais e consoantes o sabor da transfiguração melódica.

Ouvindo, porém, a "Canção de Bernadette", senti o abalo interior de uma revelação. Jesus batizado por João Batista às margens do Jordão. Beethoven enxertando

o corno no final da *Nona Sinfonia*. Sansão sacudindo as colunas do templo de Dagon. Não importa quais sejam os homens e as causas. Todos nós temos esses momentos culminantes de descoberta, embora mesquinhos comparados aos que experimentaram os super-heróis cujos nomes figuram na História. O fenômeno é semelhante. Os instantes passam. Ficamos tremulos, mudos de espanto, esmagados pelo que acabou de acontecer e, ao retornar à realidade, adquirimos a sabedoria consciente daquilo que até então ignorávamos, senhores absolutos de uma experiência que nos emancipou da dúvida e que agora já é posse, dadaiva e fé.

E por que razão a "Canção de Bernadette" de tal modo repercutiu em mim? Encontro-me agora quase nas mesmas condições quando, em 1942, comecei a fazer crítica de radio. O samba estava, então, no auge. Lía o que, na época, escreviam os cronistas e sentia um terrível complexo de inferioridade. Como eram entendidos! Existiam ídolos que eu devia louvar. O samba estava querendo impôr o Brasil ao mundo, numa propaganda estrondosa, entrelaçados os ritmos populares com as riquezas do nosso sólo e as opulências da nossa mentalidade. Era preciso desbravar essa potencia que nascia nos morros, tomava as cidades e pretendia se projetar nas fronteiras internacionais.

Foi aí que comecei a ouvir, no radio, os grandes interpretes do samba, magestades intangíveis no crédito do povo e até entre a elite nacional. Eu falaria deles, como

VOZES QUE SÃO A HUMANIDADE E O MUNDO

os outros cronistas. Chegaria a distinguir a arte, a personalidade de cada um. E empregaria os recursos que usei, quando descobri Chopin, Napoleão, Freud. Passaria noites em claro, lendo, estudando, enchendo fichas para um novo arquivo.

Durante longos dias não me afastei do radio. Inutilmente solicitei às livrarias obras sobre o assunto. Acabei comprando, na porta, o "Jornal de Modinhas". Aos poucos, já distinguia, pelas vozes, os deuses da batucada. A medida que progredia na matéria, verificando a fragilidade dos seus méritos, nascia em mim uma paixão profunda, inabalável, pela oposição que eu devia erguer aos deuses sambeiros, contribuindo para afastar definitivamente do Brasil o perigo de se tornar famoso, perante as nações civilizadas, como "a terra do samba".

Marcando uma sensível evolução intelectual, o povo elegeu depois outro gênero radiofônico: o radio-teatro. A vulgaridade das novelas desiludiu-me tão depressa como a musiquinha plebéia.

E chegou, sem eu esperar, a "Canção de Bernadette". Foi a resposta, o argumento firme que, dessa vez, me fez capitular ao gosto do povo, num reajustamento perfeito ao "conceito sinfônico" que eu tenho do universo. A "voz" assumiu o relevo de "instrumento" na orquestra dos sentimentos humanos. Pela voz, tive a visão de Bernadette, aflita, atravessando campos húmidos em busca de lenha. Pela voz, pude "ver" a polifonia dos personagens, cada qual exprimindo um tipo, um caráter, uma conformação psicológica e física.

As vozes vêm de longe, dos estúdios, e chegam vivas, intactas, aos nossos ouvidos. Como as *Toccatas* de Bach e os *Preludios* de Debussy. É uma verdadeira maravilha. E, como todas as inovações, no início, não se definem benéficas ou maléficas à coletividade, eu quero acompanhar a trajetória do radio-teatro, já, que, intimamente, vejo nele a fórmula ideal para a mensagem simbólica que guiará os povos nos territórios do pensamento e da ação no mundo moderno.

Desde agora, condeno a literatura de mera ficção, os "clichés" extraídos do monturo folhetinêsco e passional usados em novelas e outras peças. Refugio a exploração de complexos que, por muito enraizados nas multidões, não deverão encontrar margem de consistência. Indico as fontes inspiradoras da moral, das atitudes históricas, dos conflitos contemporâneos nos quais os interesses gerais sobrepujam os interesses individuais, a literatura clássica—base de todos os conhecimentos.

Surgirão, do radio-teatro, inteligências a se movimentar numa técnica especializada, em fase experimental talvez mais exigente do que a que vier depois. Autores, atores, sonoplastas, adaptadores, etc. formarão, em futuro próximo, uma classe participante da engrenagem social.

Cabendo à voz, exclusivamente, a tarefa de criar cenários, sentimentos, reconstruindo épocas, ambientes, climas, luxo, miséria, transições políticas, homens e coisas, espaço e tempo, a palavra radiofônica assume um poder ilimitado e, em torno dela, somente, o radio-teatro poderá subir ao infinito da arte ou cair nos abismos de imperdoável degradação.

Adotando a voz nesse sentido primordial e amplo, Celestino Silveira estabeleceu um princípio que me parece definitivo: escolhida a peça, deverão ser procurados interpretes que, pelo timbre vocal, e temperamento, se prestem aos diversos papeis. Desaparece, assim, a rotina de "casts" permanentes para a irradiação de teatro.

Eis, em traços gerais, os motivos que influíram para valorizar o radio-teatro na apreciação crítica, estendendo o seu sentido artístico e filosófico. É um mundo novo que atrai os cronistas suscetíveis de contaminação aos imperativos das massas.

Junto ao radio surge a aurora. Ao lado, minha sombra parece refletir a paciente vigília de quem espera contemplar o sol para inundar o espírito de luz.

MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA



"O LOURO"

(Continuação da pág. 63)

Parecendo haver certa conexão entre o ato de deprezar e a frase em causa, é forçoso reconhecer a mais coincidência entre estas muitas vezes confere notabilidade ao papagaio falador, proporcionando temas aos contistas e poetas. Entretanto, e não há coisa mais verdadeira, nunca o psitaco exprime idéias, mas com as palavras por ele pronunciadas. Nunca.

Se, em tomo da crendice cabocla, se conta a história do louro que, aprendendo na cidade o têgo católico, fôra transmitido liturgicamente à papagaia, quando voltou à selva; sabe-se outra acrécia da paixão extrema de Hamon pela glória, não o célebre general cartaginês, mas o compatriota do périplo famigerado que só ensinava as suas aves imitadoras a bradarem — *Hamon é um deus sem*, contudo, conseguiu o êxito imaginado, pois, uma vez restituída ao primitivo *habitat*, nada transmitiram as outras da sua espécie em liberdade nas florestas.

Agora, uma exposição sumária em tomo da literatura papagaia:

Papagaios faladores há que cantam estes versos aprendidos em cidades nordestinas, de tradição indiana, vindos aqui através de Portugal:

*Papagaio rico,
do bico dourado,
me leva esta carta,
ó meu louro,
ao meu namorado!
Ele não é frade
nem homem casado;
é moço solteiro,
ó meu louro,
o meu namorado!*

Também do Oriente, através de Portugal, vieram muitos contos e cantos, trazendo-os deturpações inevitáveis.

Aqui vão estes versos introduzidos no Brasil-colônia, de tradição luso-brasileira; mas, desta feita, declamados com potapa:

*Papagaio Real,
para Portugal!
Quem passa, meu louro, quem passa
É El-Rei que vai à caça.
Toca a trombeta em aça
Toca, meu louro!*

É a trombeta como que imitando:

A beleza é obrigação

Uma mulher tem obrigação de ser bonita. Em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o crême de alface ultra-entrado que se caracteriza por sua rápida para embranquecer, afinar e frescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e as rugas e a tendência para pigmentação.

Visto, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante". Experimente-o.

*Tró-ló-ló. Tró-ló-ló.
Tró-ló-ló. Tró-ló-ló
Tró-ló. Tró-ló.
Tró-ló. Tró-ló.*

Como se sabe, no século XVIII da era cristã e II do descobrimento do Brasil o antecipado nativista cronista e historiador brasileiro Frei Vicente do Salvador já escrevia: "...neir depois da morte de El-Rey Dom João Terceiro, que o mandou povent, e soube estimá-lo houve outro que dele guassse, senão colher suas rendas e direitos; e deste mesmo modo se ham os povoadores, os quacs, por mais arraizados que na terra estejam e mais ricos sejam, tudo pretendem levar a Portugal, e se as fazendas e bens que possuem souberem falar também lhes houveram de ensinar

a dizer como os papagaios, aos quacs a primeira cousa que ensinam é: Papagaio Real para Portugal; porque tudo querem para lá, e isto não só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceem, que uns e outros usam da terra, não como Senhores, mas como usufrutuários, só para a desfrutarem, e a deixarem destruída". (*História da Custódia do Brasil*, L. I., Cp. I).

Foi frei Vicente do Salvador, natural de Salvador da Bahia, o primeiro brasileiro que escreveu sobre história e o primeiro prosador do Brasil com a sua maneira própria de se exprimir, usando não raro, de expressões populares que dão muita graça a sua narrativa.

A obra de frei Vicente de Salvador, na colaboração com João Ribeiro com abarca, como diz Sylvio Romero na

colaboração com João Ribeiro com *Literatura Brasileira*, o período de 1500 a 1627, dividindo-se em cinco livros, publicados nos *Anais da Biblioteca Nacional*.

Há contos e cantos indianos acrécia do papagaio político, existindo, de épocas remotas, o *alconeta*, telembrado por Alberto Faria. Em feitos amorosos, é de desvenda segredos, com a luz ou aquela estrela de *O Amor descoberto*.

Nos *Cantos Populares* de Sylvio Romero, 3.ª edição melhorada, encontra-se *O Papagaio de Limão Verde* (pág. 19) e também se encontram duas histórias com o mesmo título, *O Príncipe Cornudo* com uma e outra versão de Sergipe (págs. 94 e 255) de origem européia.

Hormino Lyra



FERNANDA
DE ALMEIDA escreveu

O BANDIDO



Ora, se eu iria gostar com tão mau defunto... Que se arrumem o Gustavo, a Lavinia, o noivo da Lavinia, o pai da Lavinia e o avô da Lavinia! A mim pouco se me dá...!

— Mas porque teria a Lavinia de corda ao Gustavo? Ele é bonito?

— Bonito? Não faltava mais nada!... O Gustavo bonito! Ah, ah, ah! Com aquele queixo quadrado e aquele nariz adunco!

— Não, adunco? Sufa! É horrível um nariz adunco!

— Bem, o do Gustavo não chega a ser horrível porque também não chega a ser adunco. Tem um feitiço todo dele. Em outro rosto ficaria feio; mas ao dele até vai bem. O queixo é que é mesmo quadrado. Quadradíssimo! Mas isto dá-lhe um ar voluntarioso que não lhe vai mal... E como tem bonitos olhos e boa estampa, enfim, perdoa-se que o seu rosto não se pareça com o do apolo de Belvedere...

— Mas olha, filha: se tu concordas que o Gustavo é bem educado, inteligente, culto, que o ar dominador lhe

vai bem e o modo de conversar não é desagradável, porque, afinal, antipáticos com ele?

— Eu... eu não disse nada disso!... Não tenho feito outra coisa senão falar mal do Gustavo...

— Não precisas ficar tão confusa. Dize-me que eu estou curiosa: porque essa antipatia pelo pobre rapaz? Há de haver algum motivo.

— Nenhum especial...

— Há algum?

— É que... enfim... Tu me achas feia?

— Acho-te linda.

— Estúpida?

— Vivaz.

— Sem graça?

— Encantadora.

— Pois o Gustavo é capaz de passar um dia inteiro ao meu lado sem me dizer um único galanteio, sem me lançar um só olhar mais significativo.

— O que te não importa, visto que o aborreces...

— De certo que o aborreço. Mas nem por isto tolo que ele me pague na

mesma moeda. As mulheres bonitas acostam-se a receber galanteios, habituam-se a admitir, como algo de obrigatório. O Gustavo não me pagando o tributo da sua vanidade comete uma descafeza porque sei da prece.

— Toda essa retórica não me afasta de uma interessante ideia que concebi. Queres ouvi-la?

— Naturalmente.

— Tu amas o teu Gustavo. Senhores! Não precisas dar esse pulo. Cálma, menina. Tu mesmo ainda não tinhas percebido, hein? Mas criatura não me olhes com essa enxada!

— Tu estás louca!

— Louca estás tu... pelo Gustavo, já se vê.

— Ele não me ama, o bandido!

— Mas há de amar-te, querida. Há de amar-te. Se pensa que não, está muito enganado. Nem que seja à força, havemos de obrigá-lo. Dizes bem: bandido!

— Bom!... Bandido... Própriamente bandido ele não é...

Pois é como te digo: o tal amigo do meu irmão sabe ser antipático! Chega a ser desagradável lidar-se com gente assim.

— Mas porque? Ele é mal educado?

— Não. Ao contrário. Nem queiras saber. É todo rapapés, todo mesuras. Até demais; tudo tem um jeito.

— De fato; essas pessoas muito cheias de salamaleques deixam as outras constrangidas.

— Bem, até esse ponto não vai o Gustavo. Não chega nem mesmo a ser excessivo... eu, na minha antipatia, fui injusta; ele é até muito discreto, muito comedido.

— Ah! então é perfeito em maneiras de boas maneiras?

— Perfeito. Mas estraga tudo com o modo de conversar. A conversa dele corre, corre, corre, espreguiça-se. Não tem vivacidade, não tem colorido, não tem variedade. Fala sempre no mesmo tom, dogmático e monótono.

— Realmente enua.

O Gustavo propriamente enua não enua. Isto porque é inteligente e o que diz, embora o diga sem fibra, sem verve, não é desprovido de interesse.

— Então...

— Mas sabes que nós, mulheres, não nos contentamos com uma bela frase. Queremos as bonitas palavras acompanhadas de um olhar eloquente, e ditas num tom de voz que, só por si, já diga tudo. Ora, o tal senhor que tem diploma de medicina e de direito e conhece não sei quantas línguas, fala sempre na mesma toada.

— Tens razão; o modo de dizer é tudo. Deve ser um horror conversar-se com o amigo do teu irmão.

— Ora essa! Horror porque?

— Que é isso? Ficaste aborrecida?

— Eu? Aborrecida? Eu não...

— Parece-me; mas é claro que me enganei, uma vez que eu estava até concordando com o que tu me dizias...

— Mas eu não disse que era um horror conversar-se com o Gustavo. Dizia, sim, que "eu" não gostava do seu modo de conversar. Mas isto sou eu. Há até quem ache que lhe vai as mãos maravilhosas aquela maneira grave de falar. De fato há qualquer coisa de autoritário na sua voz que talvez tenha certa sedução.

— Queres dizer que quando o Gustavo fala, tu ficas sob o império dessa "sedução"?

— Eu? Deus me livre! Pois se te digo que o aborreço! que chego quase a detestá-lo! Aquele eterno ar dominador enua! O homem está no alto da sua superioridade como num pedestal. Trata os seus semelhantes como um Deus magnânimo que se dignasse de falar com um mísero mortal...

— Isso, realmente, é mesmo antipático.

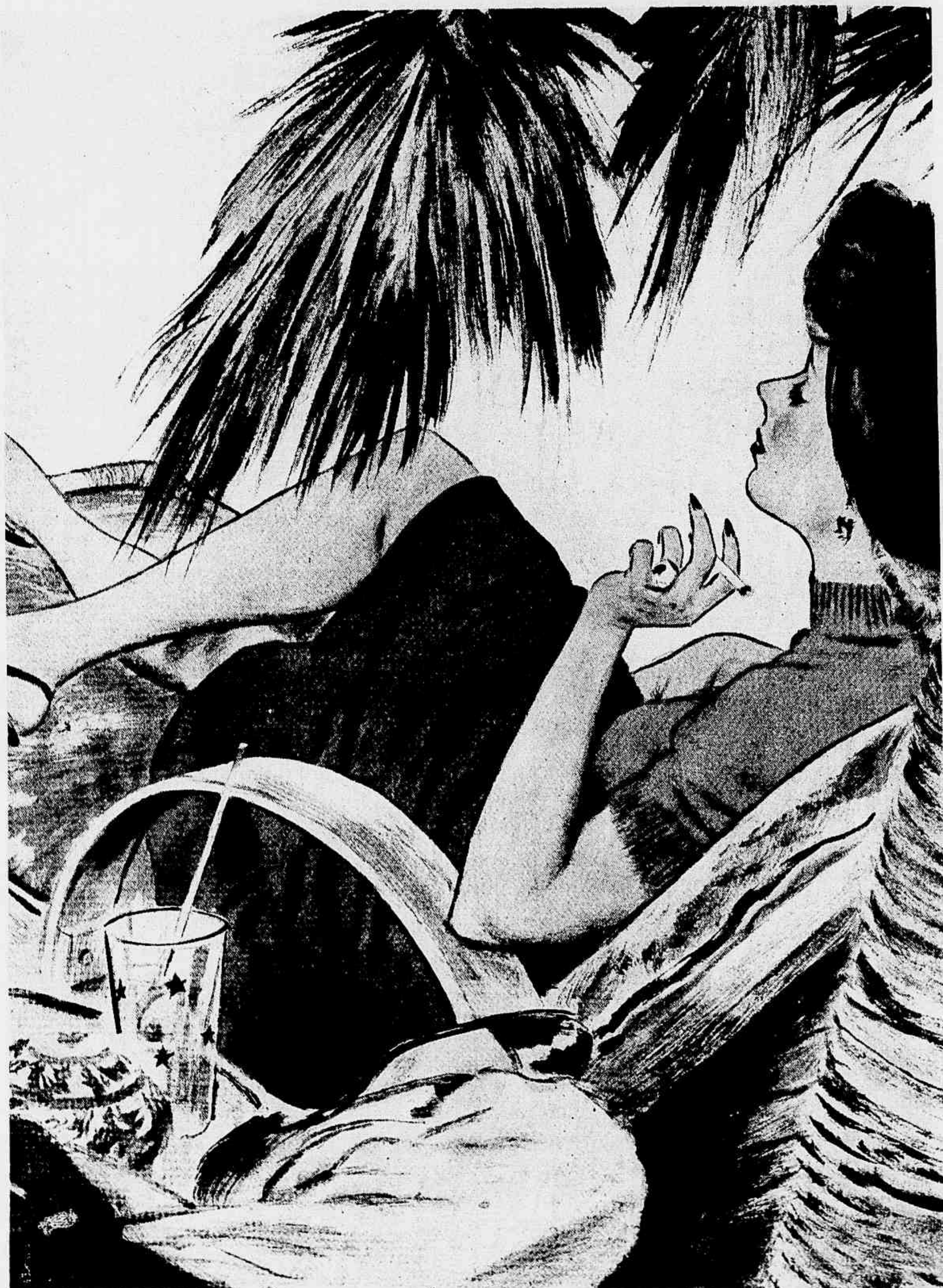
— Eu porém não quero dizer com isto que ele seja como uma estatua. Ontem até disse vários galanteios àquela pamonha da Lavinia, que lhe deu uma trela incrível! Só queria que tu visses. Estava de indignar!

— Indignar porque? Tu não és o noivo nem o pai da Lavinia...

— Indignar? Eu disse indignar?

— Disseste.

— Que bobagem! Foi distração...



DACOSTA

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11)

no íntimo, fui um renovador. Comecei a minha carreira expondo na Divisão Antiga, onde obtive menção honrosa e medalha de bronze. Creada que foi a Divisão Moderna, passei a expor ali, não por mero cabotinismo exibicionista, mas porque a feição da Divisão Moderna correspondia plenamente à minha evolução artística.

— E no seu modo de ver, Dacosta, quais os maiores valores da escola modernista no Brasil?

— Portinari em primeiro plano. Seguem-se Santa Rosa, Clovis Graciano, Pancetti, Segall. Entre os mais jovens e mais nitidamente representativos valores da arte moderna no Brasil, não podemos deixar de citar os nomes de Bury Marx, E. Siqueira, E. Bianco, Carlos Scliar, J. Moraes, Percy Deane, Iberé Camargo, na pintura. E na escultura José Pedrosa e Sechiatti. Goeldi, Divio Abramo, Percy Lau e Poly, na gravura.

EXPOSIÇÕES E O SALÃO

Dacosta conta-nos agora como começou a expor os seus quadros:

— Em 1936 e 1937 expus vários trabalhos em duas mostras individuais por mim próprio organizadas. Foram quadros pintados em fases que considero superadas.

Fera disto somente expus no salão deste ano.

— E qual é a sua opinião a respeito deste certame?

— Acho que, tratando-se de comemorar o cinquentenário do "salão", devia-se ter feito coisa melhor. E podia-se ter feito, em verdade. Issi porém quanto à Divisão Moderna, pois a Divisão Antiga nada deixou a desejar.

— E o que pretende você fazer, agora que alcançou o prêmio de viagem ao estrangeiro?

— Aproveitar o melhor possível esta oportunidade, para adquirir novos conhecimentos técnicos, observando e estudando o movimento da arte pictorial nos grandes centros. Devo viajar pelos Estados Unidos e México, uma vez que não me é possível ir à Europa.

— E os seus projetos para quando regressar?

— Espero realizar, dentro de minha arte, tudo o que até agora as condições materiais não me permitiram fazer.

— Mas é possível viver-se exclusivamente da pintura no Brasil?

— Não. Mas não me refiro a isto. Farei o que até agora não pude fazer. Penso porém que a minha pintura viverá de si, e não eu dela. Não é possível viver-se hoje da pintura, no Brasil. Qualquer exemplo em contrário seria uma exceção, não uma regra.

— E que acha você da pintura moderna entre nós?

— Na infância... Agora é que se prin-

cipia algo realmente vivo e significativo no terreno da arte moderna.

— Mas a sua concepção de arte não é, com certeza, a mesma dos leigos. Queríamos que você nos fizesse, se possível, um esboço ligeiro de sua definição de "arte moderna".

— Para satisfazê-lo farei uma definição de "pintura moderna": a verdadeira e genuína pintura moderna é aquela que

reflete o espírito de nossa época, com os seus múltiplos problemas individuais e coletivos. Toda arte que estiver fora destas diretrizes é uma arte falsa e instável.

O FIM DA CONVERSA

Dacosta ainda nos contou muita coisa a respeito de sua arte e de seus sucessos. Seria difícil transcrever aqui toda a palestra.

Falou-nos de suas lutas e de suas vitórias. Esclareceu-nos que é estritamente pintor, que nunca havia feito uma ilustração sequer, até que desenhou a tricromia que vai estampada na página central desta edição. Mais valor tem por isto mesmo esta notável alegoria do Natal de Guerra, executada pelo jovem artista.

Falou-nos ainda o pintor da adversidade

Perfume
MARCISO AZUL
de
GALLY

Água de Colônia
Brilhantina
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Arroz
Sabonete

P. Ferraz

Narciso Azul de Gally eterniza os momentos
sublimes com as mais doces recordações!...

À VENDA EM TODO O BRASIL

BRISTOL apresenta para este
mês as últimas novidades para
homens, senhoras e crianças.

RUA SÃO JOSE, 108-110 FONE 22-1062 RIO DE JANEIRO

SAPATARIA *Bristol*

Comp. América Fabril

Fiação e Tecelagem

ESPECIALIDADES EM TECIDOS FINOS



VERIFIQUEM NA OURELA DOS NOSSOS TECIDOS O NOME

América Fabril

Dar preferencia aos vinhos Ma-
deira Borges é ter bom gosto

H. M. Borges, Sucrs. Lda.

FUNCHAL

ILHA DA MADEIRA

A Caixa de Previdencia dos Funcionarios do Banco do Brasil e o seu vasto programa de construções

Entre as instituições de beneficência, uma das características do progresso do nosso sistema de assistência social, figura em primeiro plano, quer pela sua organização interna, quer pelos empreendimentos arrojados e seguros a que se lança, a Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil.

Do que tem feito a atual administração da Caixa, é um atestado eloquente o relatório apresentado pela Diretoria à última assembléia geral reunida em 16 de setembro de 1944, do qual aqui reproduzimos um trecho, que diz bem alto dos empreendimentos daquela grande instituição de previdência e da segurança que orienta o emprego de seus capitais:

"Examinemos agora a nossa situação econômica e financeira em face dos documentos anexos ao presente relatório: os elementos líquidos do ativo patrimonial da Caixa se apresentaram no exercício findo com um total de Cr\$ 123.264.000,00. O cotejo com o total apurado no exercício anterior revela um aumento de Cr\$ 19.058.000,00. Os valores passivos que constituem as nossas reservas cresceram de Cr\$ 18.578.000,00. Foram reajustadas as nossas reservas técnicas, de conformidade com o parecer contido no último estudo atuarial, com um reforço de Cr\$ 60.000.000,00, retirados da verba "Reservas de Contingência". O "Fundo de Garantia", que representa o nosso seguro para os sinistros com os tomadores de empréstimos hipotecários, ficou acrescido de 21% (mais Cr\$ 290.000,00). Os resultados financeiros do exercício se revelaram um **superavit** de Cr\$ 18.288.000,00, que foi totalmente incorporado às reservas de contingência. Em relação ao período anterior, o excedente apresentou-se

ampliado de Cr\$ 3.211.000,00. O total da receita foi de Cr\$ 21.654.000,00 contra Cr\$ 17.813.000,00 do exercício de 1943, o Ferreira Viana & Cia. Ltda., apresentado 3.841.000,00."

Por esta transcrição pode-se ter uma idéia do quanto tem feito a Caixa em prol de seus associados.

Muitos edifícios de apartamentos já foram pela Caixa construídos em diversos bairros residenciais da cidade. Dando prosseguimento agora a este programa de edificações, por iniciativa de sua atual administração, foi há pouco aberta concorrência pública para a construção de mais dois edifícios de apartamentos para funcionários do Banco do Brasil, um na Tijuca, outro no Andaraí.

O Edifício Santa Carolina, na Tijuca, a ser construído em local muito aprazível, constará de 24 apartamentos, tendo a firma que venceu a concorrência, Milton Ferreira Viana & Cia. Ltda., apresentou um orçamento de Cr\$ 2.565.000,00 para a respectiva construção.

Foi aprovado o orçamento de Cr\$ 903.000,00 para a construção do Edifício Poly, no Andaraí, com 12 apartamentos, apresentado pela firma G. Werneck & Cia. Ltda.

Por tudo que tem feito a Caixa de Previdência em prol do bem-estar dos funcionários do Banco do Brasil, bem se vê como andaram acertados os seus associados, entregando em boa hora a direção dos destinos daquela grande instituição de auxílios ao espírito dinâmico e progressista do dr. Orlando Cardoso, a quem se deve o desenvolvimento da economia da grande sociedade e o emprego compensador e seguro de seus vultosos capitais.

Mesbla

PRESENTES e
BRINQUEDOS

DOMINGO

EXPOSIÇÃO
E VENDAS

das 14 às 22 hs.

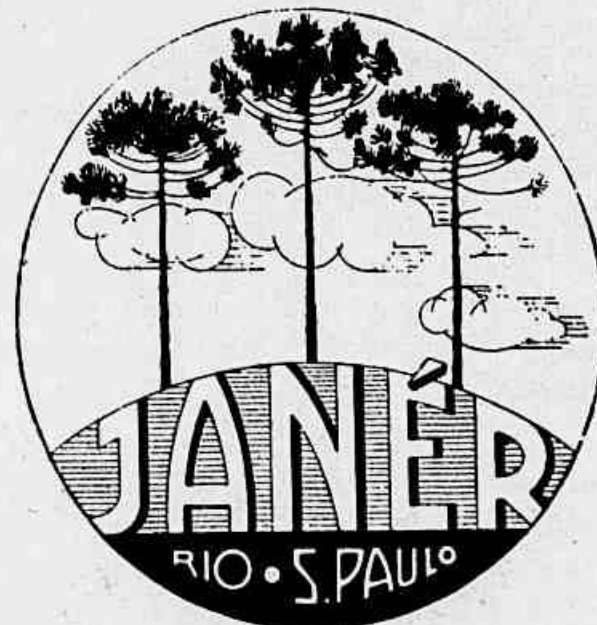
★
Rua do Passelo, 48/54
Cinelandia

COMPRE EM 10 PRESTAÇÕES
COM CARNET CREDI-MESBLA

CIA. T. JANÉR,

Comércio e Indústria

**PAPEL EM GERAL
CELULOSE**



EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS NACIONAIS

RIO DE JANEIRO

--

SÃO PAULO

BELO HORIZONTE

--

RECIFE

PARA O TEATRO, 1944 FOI UM ANO BOM

(Continuação da pág. 29).

promovendo o Curso de Férias de Teatro, uma série de palestras com debate público.

Iniciativa original entre nós, valeu a idéia de Paschoal por uma afirmação do interesse que o Teatro e seus problemas já despertam no Brasil e demonstrou uma vitalidade que muitos negavam entre os curiosos das coisas teatrais.

PAPELARIA, ARTIGOS DE ENCANTO, LIVROS
COMERCIAIS, FICHAS PARA CONTABILIDADE, ETC.
LARGO DA LAPA, 54-B
TELEFONE 22-4487



TIPOGRAFIA — ENCADERNAÇÃO
PAUTAGEM — DOURAÇÃO
TRAVESSA DO MOSQUEIRA, 13
TELEFONE 42-6494

Miveste

VESTIR BEM COM ECONOMIA

MIVESTE MADUREIRA
MIVESTE PIEDADE
MIVESTE ESTACIO
MIVESTE CATETE
MIVESTE PENHA
MIVESTE NITEROI

DEPOSITO
DE
RETALHOS

RUA DO COSTA, 8
Vendas em quilos e frações

Mas não parou aí a ambição construtora do nosso al-nâmico patricio.

Convidado por "O Globo", está organizando o "Teatro do Gibi", sob o patrocínio do grande vespertino.

Uma vez realizado, esse teatro que se destina à infância. Convidado por "O Globo", está organizando o "Teatro sileira de Críticos Teatrais há seis anos e mantida até hoje com resultados morais de largo alcance.

1944 foi um ano cheio e um ano bom... Mas teve seus dias maus...

(Continua na pág. 74).

FIM DE ANO

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 58)

A política de boa vizinhança da Cultura Artística não teve muito bons resultados. Socorrito Moraes, que nos visitou, e Herminia Raccagni, que ainda está entre nós, não são, sem dúvida, a expressão da arte de suas pátrias. Socorrito, dona de uma vozinha afinadíssima porém inexpressiva, passou despercebida. Herminia teve mais sorte. Alguns concertos permitiram que ela mostrasse tôdas as suqs qualidades e, infelizmente, também todos os seus de.eitos. Dona de uma técnica muito segura, falta-lhe um maior equilíbrio, uma compenetração maior que a obrigue a um estudo mais sério das obras executadas e uma pesquisa mais profícua afim de que à sua concepção não falte unidade nem equilíbrio na exteriorização.

Citámos vários nomes. Fizemos algumas considerações gerais. Mas nada dissemos a respeito de uma das maiores sensações da temporada e um dos "casos" do nosso meio musical: Jennie Tourel. Sofrendo severas restrições por parte da crítica e do público, por ocasião da sua estréia, Jennie Tourel teve defensores ardorosos e, mais tarde, foi consagrada definitivamente, quando se apresentou como cantora de câmara — uma das maiores que já tivemos entre nós. Porém os ecos da sua passagem ruidosa não se extinguíram com a sua partida. Depois de terminada a temporada lírica, juízos sobre ela ainda serviam de argumento numa polêmica entre críticos.

Mais um ano que passou. Um passo à frente? Não. Decididamente, não demos um passo à frente. Visitaram-nos alguns verdadeiros artistas e alguns verdadeiros artistas nacionais deram ao público uma oportunidade de admirar sua arte, mas, como realização, como movimento, talvez somente a Música Viva, grupo formado com a melhor das intenções: popularizar a música moderna. Uma boa intenção e uma tarefa mais do que difícil. Comô se sairão os jovens músicos que a empreenderam?



UM DESODORANTE DE AÇÃO DUPLA

**ARRID EVITA MANCHAS
E ODO NAS AXILAS**

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Proteja *you* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende

PLACAS ESMALTADAS

ALFAIATE
MEDICO
PORTARIA

**A FOGO PARA
TODOS OS FINS**

FUNDIÇÃO INDIGENA

Tel - 43-0387

Beleza Irresistível!

★ Realmente, um sorriso radiante conquista os corações e um encanto sedutor torna-se irresistível! Experimente Kolynos se quiser ter uma dentadura bonita. A espuma penetrante de Kolynos limpa bem os dentes, refrescando e embelezando a boca. Adquira um sorriso gracioso e provocante... usando Kolynos.

Use-a com Confiança

**Triple
Ação**

1. LIMPA
2. EMBELEZA
3. REFRESCA

KOLYNOS
CREME DENTAL

PRESENTES

fidalgos!

Revele a sutileza da sua personalidade, presenteando com MIRAGE ou POURQUOI-PAS, duas jóias perfumadas de Atkinsons!



LOÇÃO MIRAGE
Grande CR\$ 50,00
Médio CR\$ 28,00

EXTRATO MIRAGE
Grande CR\$ 70,00
Médio CR\$ 35,00

POURQUOI-PAS
CR\$ 100,00

PRODUTOS

ATKINSONS

LINTAS AM-PP 4-0339 C

Loção DISCRETA
CONTRA CASPA
Rua Flack, 153 — Rio
T. 29-2840

Dra. HELENA N. DAHER
CLINICA DE CRIANÇAS
Avenida Copacabana, 209
Apart. 704
TELEFONE 27-0252



Vestidos Práticos

Da esquerda para a direita: 1 — Lindo modelo de linho ou seda azul, tendo a parte superior da blusa e as mangas em listas azul e branco; 2 — Muito original é este vestido em seda quadriculada e lisa, com grandes botões do tecido quadriculado; 3 — Este vestido de corte muito original pode ser feito em linho ou piqué branco; 4 — Vestido juvenil, em piqué branco adornado de bordado inglês.



O TEATRO LONDRINO

Por BEVERLEY BAXTER (do B.N.S.)
para a REVISTA DA SEMANA

Londres, Dezembro. — Certa noite, há mais ou menos um ano, James Agate, um dos mais severos críticos londrinos, e eu, tomávamos um whiskey durante o intervalo de uma peça muito mal escrita, deploravelmente representada e pobremente apresentada.

— James — observei-lhe — não continue a fazer crítica dramática. Pense no quanto somos desprotegidos: obrigamos a ver peças que nenhum membro do público toleraria um momento sequer.

Agate bateu-me animadamente sobre um ombro: — Todos nós, de Shaw e Archer para baixo, já dissemos isso muitas vezes. Mas não perca a esperança. Uma destas noites você ainda se sentirá orgulhoso de estar ligado ao teatro londrino. Lembre-se do que estou dizendo.

Pois isso aconteceu. O teatro londrino arrou vida, subitamente, e tivemos uma série de representações que foi uma série de triunfos. Nunca, nestes últimos vinte e cinco anos, o West End esteve tão deslumbrado e tão estimulado. O reavivamento teve início com o ballado e a ópera. O Ballado Internacional inaugurou a sua estação com "Everyman", maravilhosamente dançado, e com uma orquestra sinfônica que nos deu o deleitoso semi-modernismo de Richard Strauss. Na noite seguinte, no Princes Theatre, a Sadler's Wells Opera levou à cena uma nova produção de Mozart — "Così Fan Tutti" (Assim fazem todos), que veio nos lembrar a alegre Viena dos tempos em que reinava um imperador e não um gauleiter.

Essa representação foi seguida, nas 24 horas seguintes, no Aldwych, de uma peça de Nova York — "To-morrow the World" — em que um rapazinho de Londres de 14 anos, David O'Brien, que nunca aparecera no palco anteriormente e que quase eclipsou os atores adultos. Representou o papel de um pequeno nazista de 12 anos que certas pessoas bondosas levam para os Estados Unidos. A sua atuação foi tal, que alguém sugeriu que David O'Brien podia deixar imediatamente o palco e abrir uma escola de Arte Dramática.

No New Theatre, no West End, a Old Vic Company levou à cena "Peer Gynt" de Ibsen, com Ralph Richardson como astro e com uma perfeita orquestra para a execução da música de Grieg. A velha obra-prima de Ibsen está cheia de obscuridades e frases de meio sentido, mas assim mesmo é uma obra-prima, e Ralph Richardson excedeu-se a si mesmo num papel quase tão longo quanto o de Hamlet. O público aclamou-o delirantemente e com toda a razão.



— complete suas refeições com Malzbier da Brahma

Pode um dia faltar ovos... pode faltar carne... Mas o uso diário de Malzbier da Brahma às refeições vem completá-las, porque a sua riqueza em malte da melhor qualidade e de alto valor energético, faz dessa admirável cerveja um verdadeiro alimento. Um copo de Malzbier da Brahma tem o valor energético de um belo ovo de granja ou de um bom bife. Complete as suas refeições com Malzbier da Brahma, que, pelo valor nutritivo e pelo baixo teor de álcool, é a cerveja do lar.



*PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA

Na noite imediata a mesma companhia deu-nos "Arms and The Man", de Bernard Shaw. Shaw não esteve presente, mas se tivesse assistido à sua peça sentir-se-ia abalado, perturbado e encantado ao mesmo tempo. Essa oportuna sátira da guerra e do caráter búlgaro sobreviveu de tal maneira aos seus 50 anos de vida, que poderia perfeitamente ter sido escrita há um mês.

Mas desta vez Laurence Olivier deixou atrás qualquer outro intérprete do papel, pois raramente um ator teve caracterização tão fantástica e engraçada como ele, encarnando o bigodudo oficial búlgaro que se vê forçado a dirigir uma carga de cavalaria porque o seu cavalo dispara com ele.

Em todas essas representações não se observou uma só coisa que destoasse.

Para o homem ou a mulher de bom gosto, que pensa não serem o "humour" e a delicadeza coisas antagônicas, que prefere a vista de gente verdadeira e som da voz humana à fotografia animada e aos sons monstruosos do cinema falado, Londres, que começa a deixar de ser uma cidadela e vai novamente se tornando a capital do mundo, pode deliciar-se com a nova idade de ouro do seu teatro.



Monte Carlo

RUA DO OUVIDOR, 118 - FONE 22-6050

Para as Festas
ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES
CAMISAS -- GRAVATAS
NOVIDADES EM ESTOJOS EM
COURO PARA PRESENTES

Hoje,
amanhã
e todo
o ano

CINZANO
VERMOUTH

BLONLINE
FAZ OS MAIS LINDOS CABELOS LOIROS

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

**ALGUNS
MODELOS**

- 1 — VESTIDO SIMPLES DE SEDA GROSSA, ENFEITADO DE ARGOLAS OU LAÇOS DA MESMA SEDA. O PEITILHO DE NERVURAS E BOTÕES.
2 — VESTIDO COM O DECÔTE EM V, ENFEITADO DE PEQUENOS LAÇOS.
3 — ORIGINAL VESTIDO COM O CÔRTE JAPONÊS DAS MANGAS E PESPONTOS; NA SAIA DRAPEADO.

72



inencarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 * UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO * RIO

AO CLARÃO DO MAGNÉSIO

(Continuação da página 27)

Na mesa da frente o contínuo dorme. Tenta imitá-lo, mas tudo é em vão. Finalmente o relógio bate as quatro da madrugada. O reporter se levanta e vai para casa. O que acontecer de agora em diante é propriedade dos vespertinos. Antes de tomar o bonde é impellido pela fome para um café. Um sanduiche e um chopp, ou uma média e pão com manteiga constituem sua lauta ceia, prêmio da noite de trabalho e de vigília.

ÚLTIMA ETAPA NO CAMINHO DO CALVÁRIO

Assim vive e trabalha um reporter. Todos lhe são adversos. Para o homem do povo êle é sempre um camarada olhado com desconfiança. Para os intelectuais moçados êle é sempre tido como um "sensacionalista" que vive à cata de escândalos.

E, como se lhe não bastasse tudo isto, como se lhe fôsem leves os dias de trabalho ingrato na rua, sob a inclemência das intempéries e as noites de vigília na redação, sob a luz morta das lâmpadas — surge agora um filólogo, tipo daquele Aldevandro Cantagalo tão bem fotografado pelo gênio de Monteiro Lobato, que lhe quer mudar o nome.

E este "amigo da onça" exclama indignado:

— "Reporter! Anglicismo de má sonoridade. Para substituí-lo, outro termo empregemos que melhor sôe e mais autoctone seja. Em vez de reporters vamos chamar "alviçareiros" a estes fazedores de escândalos."

Não! Esta é de mais! Concordamos com tudo, mas com isto não!

Que nos mandem apurar um crime na Favela em dia de 40° à sombra; que nos mandem ver a enchente da praça da Bandeira em noite de tempestade, sem chapéu e sem capa; que nos mandem ouvir inteiro o concêrto de uma cantora lírica da alta sociedade; que nos encarreguem de assistir a um filme de Fred Astaire; que nos abaxem o salário; que o "caixa" se negue a pagar nossos vales; que nos chamem sensacionalistas; que nos chamem malandros; que nos chamem escandalosos... Mas que nos chamem "reporter". "Alviçareiro" nunca!



SEAGERS GIN
(DIGA - SIGA)

DESDE 1805

Seagers Significa Superioridade

QUANDO PEDIR GIN "DIGA-SIGA" E TERÁ O MELHOR

GRANDE FABRICA DE BRINQUEDOS DE MADEIRA

CASA PINHEIRO



O MAIOR EMPORIO de brinquedos mais bem sortido da AMERICA DO SUL

Brinquedos nacionais e estrangeiros das melhores procedências nas suas originais e ultimas novidades.

VENDA POR ATACADO

A. J. Gonçalves D'Oliveira & Cia.

113, RUA DA ALFANCEGA, 115 — FONES: 23-2451 E 43-9072 — RIO DE JANEIRO.



PHOSPHOROS

USEM DAS MARCAS

SOL

E

YPIRANGA

SÃO OS MELHORES E POR TODOS PREFERIDOS

IDEALISE O TYPO
e
O ENCONTRARA' NA

CASA DA



CALÇADOS
URUGUAYANA, 72-74
Tel. 43-5140

DACOSTA

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 67)

agressiva que cerca ainda a arte moderna no Brasil.

Contou-nos o caso da "gilete montanha" que andou abrindo as suas telas em Belo Horizonte.

E terminou com o sorriso característico dos lutadores vitoriosos:

— Tudo porém foi compensado. Maiores fôssem os dissabores e eu me sentiria recompensado de tudo, apenas pela emoção causada pelo "Prêmio de Viagem" e pela solidariedade dos amigos.

Grande coisa a amizade. Grande coisa a arte...

Como vive hoje o campeão de dança-hora

(Continuação da pág. 25).

mais tarde, outros dançarinos apareceram. Uns dançando duzentas horas, ou anunciando que dariam conta desse compromisso... Mas não davam, não.

E quem aparecesse, madrugada alta, de inesperado, no salão do desaparecido Casino Beira-Mar, localizado na parte do Passeio Público que dava para o mar, talvez encontrasse o concorrente de Bueno entregue a um pequeno repouso de quinze ou vinte minutos...

Mas as trinta e duas horas de Bueno Machado, que depois, em outras provas, foram a setenta e duas, e quase a cem horas, essas eram autênticas.

O bailarino que ainda não se aposentou, mas que vive a sua existência agora quieta e confortável, no seu vilão de Governador, fala-nos com entusiasmo das proezas daquele tempo. A seu lado, a esposa prepara um almôço para o repórter. Os pássaros trinam, nos caramanchões, felizes e dançando também, de galho em galho, dentro da gaiola. A um canto, a "pipa" que o bailarino vai soltar com a garotada, na praia. E o caíque, para o passeio marítimo... E as aves de criação...

Bueno Machado dançou muito. Foi consagrado. Hoje, está feliz vivendo das reminiscências gloriosas — e pronto para outras ainda...

Dois Estrelas Dois Símbolos

Uma delas é antiga, ali está todos os anos. A outra é nova, aparece pela primeira vez. Uma é a tradição centenária, o símbolo que as gerações conservam porque é parte do próprio Natal, festa da Redenção da raça humana. Não menos brilhante, a outra representa o bravo que foi chamado para lutar pela Redenção.

Fitando as estrelas que brilham no seu próprio estandarte, a General Electric deseja a todos os seus amigos: paz, saúde, felicidade... E promete, quando houver passado a tormenta, que toda a experiência adquirida no esforço de guerra será empregada ainda mais decisiva e eficientemente na sua tradicional tarefa de cooperar para o conforto e o bem-estar da humanidade.

GENERAL  ELECTRIC

GRANT

6015

PARA O TEATRO, 1944 FOI UM ANO BOM

(Continuação da pág. 69).

Entre eles, o pior foi aquele em que sobremos aqui do desaparecimento de Jardel, o encantador e excepcional Jardel, que fechou os olhos lá longe, numa viagem que nunca mais terá fim...

Valerá a pena lembrar que ele morreu?... E teria morrido mesmo quem ainda existe de tal maneira vivo e palpitante na nossa memória, quem anda tão presente na lembrança diária da gente de teatro do Brasil?...

O incêndio do Regina... As promessas do Prefeito... Os auxílios do Ministério da Educação... Mais dez por cento no imposto das localidades... Teatros transformados em cinemas... Ajudas dos "amigos da onça"... A *boa vontade* do sr. Dodsworth... A *boa vontade* do sr. Capaema... A Escola Dramática nos orçamentos da Prefeitura e nos planos astrais da Municipalidade...

Ao lado de tanta coisa boa, quanto coisa desagradável, Santo Deus!...

Vamos mudar de assunto...

1945 vem aí...

Talvez os camboatás fiquem cansados... Ou apareça um tubarão para enqui-las, livrando-nos deles...



VIDA TÔNICO SAÚDE

DYNAMOGENOL

DE FORÇA TODOS VIGOR

A árvore de Natal

(Continuação da página 17)

— Nas "fita". Quanta vez, moleque! Aquilo é que é casa alta!

E caminhavam mais. Sempre mais. Na porta de um café-expresso pararam atraídos pela luz e o borborinho lá dentro. Gente em pé, sorvendo a sua xícara escaudante servida por pequenas de gôrrô cinematográfico e rostinhos de artista de Hollywood.

— Deve ser bom um cafezinho assim, Bastião. Essas garotas são do barulho...

— Tu é bôbo, moleque. Garota boa é do cinema. Essas são imitação.

E passavam adiante. Na esquina seguinte, um ponto de revistas exibía as capas das publicações ilustradas de cinema. Havia uma fotografia bonita de Deanna Durbin.

— Tá vendo aquela ali? Foi ela que fez aquela fita que a mãe da moça queria casar com o namorado da filha...

— Tu viu a fita, Bastião?

— Bem... Ver, eu não vi. Mas me contaram. O Anacleto, aquele que vende bala no cinema, me contou direitinho.

— Ah, pensei que tu tinha visto ela.

De novo alongavam o passo. Nem reparavam que as ruas estavam mais vazias e silenciosas, essa noite. E não era domingo nem feriado. Agora, embrenhando-se pelas avenidas transversais, menos iluminadas e mais repletas de prédios altos, de apartamentos luxuosos, perdiam-se em divagações. Contavam coisas sem importância e nem se lembravam da fome. A fome que os privara de almoçar e jantar nesse dia, mas que devia ser mitigada, mais tarde, quando voltassem ao morro onde os esperava a meia-cuia de queijo Palmira, com o resto do feijão apanhado pela "velha" nos "botecos" da cidade. E caminhavam mais, sempre mais, rumando para a frente, atraídos sem saber por que — por coisa alguma, talvez.

De repente estacaram o passo. Bastião, o casaco abaixo dos joelhos, a cabeça ao vento, a ponta do cigarro nos lábios secos, descobriram algo de novo lá em cima, através da janela iluminada de um prédio mais alto. O moleque também vira.

— Que é aquilo, Bastião? Tá vendo só?

— Não vê logo? Aquilo é a árvore de Natal.

Foi quando se lembraram...

Era véspera de Natal mesmo. Por isso as ruas não acusavam o movimento maior das outras noites; por isso, sem ser domingo nem feriado, podiam caminhar à vontade.

— Menino, deve ter brinquedo à vontade naquela árvore!

— Ora, brinquedos! Você é criança dêsse tempo? Brinquedo p'ra que? Não enche barriga... E dá pêso...

Mas dessa vez não queriam caminhar mais. As pernas pregavam-se ao asfalto, as mãos continuavam remexendo nos bolsos vazios, os olhos lá estavam, quietos, espetados na janela iluminada do prédio alto. E a arvorezinha, tentadora, à maneira de um fruto proibido, indiferente aos dois garotos do morro.

— Escuta, Bastião. Você já viu árvore de Natal de verdade?

— Tá claro.

— Onde? Não vai dizer que tombem foi no cinema. De fita não vale.

— Pois num foi memo, moleque. Foi em casa do "seu" Joaquim da padaria. Ele comprou uma para o filho, no outro ano, e curvidou a gente para ir ver a "bicha" tôda iluminada, cheia de bolinhas de prata e de ouro, com brinquedos pendurados.

— E você ganhou algum?

— Não vê que "seu" Joaquim é dêsse? A árvore, com tudo que estava em cima, era para o filho. P'ra mais ninguém.

Fez uma pausa, sorriu, cuspiu a bagana do cigarro e falou:

— Tombem, foi só porque o garoto estava doente...

— E ficou bom?

— Não. Morreu no dia seguinte. Com árvore e tudo.

— Morreu?

— Morreu, sim. E desde então eu fiquei desconfiado que árvore de Natal dá pêso, moleque.

— Tombém acho.

Agora, mais conformados, retomavam o caminho à toa, por entre os prédios altos. Não olhavam mais para o quadrado luminoso daquele que já ficava para trás. Iam satisfeitos e relativamente felizes. Enganavam-se propositadamente. Desde que árvore de Natal não era para eles, dava pêso.

E voltaram para o morro devorar o resto de feijão frio, grudado ao fundo da cuia de lata velha.

Siteria

RECEBEU AS ÚLTIMAS CREAÇÕES
PARA A PRESENTE ESTAÇÃO

RUA GONÇALVES DIAS, 51

FAQUEIROS DE PRATA
E ALPACA "WOLFF"

Talheres e ARTE-
FACTOS DE METAL

NELLO GARAVINI

Rua do Senado, 10

PRODUTOS QUÍMICOS PARA
INDÚSTRIA TEXTIL,
GALVANOTECNICA,
GALVANOPLASTIA,

TINTURARIAS e LAVANDARIAS
FARMACIAS e DROGARIAS
FOTOGRAFIAS e GRAVURAS
ACIDOS — ANILINAS

C. DA SILVA ARAUJO WOLFF

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 998

Deposito: RUA DO LAVRADIO, 126

RIO DE JANEIRO

TELEFONES 43-7915
23-2618
23-1324

*Lábios preciosos
como joias*



As mulheres que usam VANESS fasci-
nam com seus lábios delicadamente
pintados.

Se o baton que V. usa não empresta
a seus lábios esse encanto vital que
conquista a admiração de todos os ho-
mens—experimente o baton VANESS.

A superioridade do VANESS consiste
em sua base de "Creme-Veludo", que
nunca resseca, conservando indefini-
damente o frescor e a suavidade dos
lábios—preciosos como joias.

Van Ess
Baton - Rouge
Pó

**EMFIM, LIVRES
DAS
HEMORROIDAS**



Quaisquer hemorróidas
desaparecem, sem ope-
ração, com o uso das Pi-
lulas de Herva de Bicho,
extraídas da nossa flóra.



CUSTAM
FOUQUE...
VALEM
SAUDE!

**PILULAS DE
HERVA DE BICHO
COMPOSTAS IMESCARD**

Os três Rembrandts

Continuação da pag. 21

Finalmente, depois de beber o licor que
acabava de ser servido, Paul levantou-se:

— Meus amigos:

Reuni-os, hoje, aqui, para dar-lhes uma
novidade sensacional. Quis que fossem os
primeiros a saber do que, por um acaso
feliz, encontrei. Na minha recente viagem
ao interior da França, onde fui fundar
filiais das minhas casas bancárias, acon-
teceu-me uma estranha aventura. Certa
tarde, tendo eu acabado de inaugurar a
primeira dessas filiais, passeava pelas
ruas da cidade, quando deparei com um
cartaz enorme: era o anúncio de um lei-
lão. Nada tinha a fazer. Entrei, na espe-
rança de uma descoberta. E, senhores,
foi essa descoberta maravilhosa que eu
fiz. Imaginem a minha surpresa quando,
num quadro esmaecido, necessitando ur-
gentemente uma restauração, reconheci o
estilo de Rembrandt, assinatura que ele
trazia e nome que o leiloeiro, muito igno-
rante, desconhecia. Imediatamente arre-
matei o quadro pela quantia de vinte
francos.

Houve um murmúrio de admiração da
parte dos convivas.

— Sim, meus amigos, por vinte fran-
cos eu comprei um Rembrandt desconhe-
cido, de valor extraordinário. Já o fiz ava-
liar por um perito. Mais tarde, um ladrão,
que não sei por que, queria apoderar-se
da obra, assaltou-me e apunhalou-me.
Meus amigos, apresento-lhes Fouquet,
negociante e diretor da Galeria Laffayette,
que vai lhes mostrar o quadro e dizer
algumas palavras sobre o seu valor.

Fouquet era um homem de baixa es-
tatura, magro, de aparência insignificante.
Tinha porém um traço dominante, que im-
pressionava: os olhos pretos, grandes, bri-
lhantes.

— Meus senhores e minhas senhoras:
eis o quadro!

Com um gesto teatral Fouquet tirou o
pano que cobria um cavalete colocado
ao fundo.

— Reparem bem. Está datado 1669.
Isto significa que é um dos últimos qua-
dros de Rembrandt. Não existe outro qua-
dro dele datado do mesmo ano. O valor
do quadro é portanto dobrado. Restau-
rada, esta obra prima vale, hoje, pelo
menos, um meio milhão de francos!

Houve um murmúrio de espanto.

— Meio milhão de francos! repetiu o
perito.

Paulo, de pé, vendo a expressão de es-
panto dos convidados, sorria.

— Que negócio magnífico! Quanto não
irá você ganhar com isso? comentaram.

— De maneira alguma! Não pretendo
ganhar um tostão sequer com a pintura!
Não a venderei.

— Nem por um milhão?

— Por preço algum!

No dia seguinte, uma comissão do Mu-
seu de Belas Artes veio, em nome do go-
vêrno, fazer uma oferta que foi, pronta-
mente, recusada. Mais tarde, outros mi-
lionários e colecionadores imploraram a
venda do quadro, mas Paul não lhes deu
atenção.

Cinco anos passaram, rapidamente, e
poucas mudanças trouxeram na vida de
Paul. Um pouco menos rico, em virtude
de umas transações desastrosas, ele ainda



**CHAVES - FERRAGENS - FERRAMENTAS - ELETRICIDADE - CUTELARIA - TINTAS
ARTIGOS DOMESTICOS**

Executa-se qualquer tipo de chaves. Especialistas em consertos de
fechaduras e trabalhos de cutelaria em geral

RUA DA CARIOCA, 75 - TELEFONE 22-7565

— RIO DE JANEIRO —

Fabrica de Tintas para impressão

Tipo - Lito - Offset - Folhas de Flandres



MasFas para rolos tipográficos

"VITORIA"

TINTAS VITORIA LIMITADA

(EM LIQUIDAÇÃO)

Escritório e Fábrica:

RUA CONDE DE LEOPOLDINA, 644

Telefone 28-8110

RIO DE JANEIRO

FILIAL:

RUA DUQUE DE CAXIAS, 555

Telefone 4-1082

SÃO PAULO

**MADEIRAS E MATERIAIS
PARA CONSTRUÇÃO**



Albino Mesquita & Cia.



Rua D. Manoel, 22 e 26

Telefone 42-1427

: RIO DE JANEIRO :

se equilibrava, mais ou menos, quando ocorreu o desastre. De um momento para outro, perdeu toda a fortuna. Nada mais restava a ele senão o belíssimo palácio, as joias da esposa e a galeria de quadros.

— Papai, eu preciso falar com você.
Paul levantou os olhos do trabalho e viu a filha, de pé, à sua frente.

— Que há?
— Papai, nós tínhamos uma combinação. O senhor me disse que confiava em mim e que eu tinha toda a liberdade, mas que, assim que eu achasse que estava seriamente apaixonada por alguém, deveria confessar...

— Você não quer dizer que...
— Sim, papai. Estou apaixonada por Jean Duparc.

— Jean Duparc?
— Sim.
— Mas, minha filha, esse rapaz é muito rico e você sabe que eu não posso lhe dar um dote como a família dele, sem dívida, há de exigir. Você sabe muito bem que nós perdemos tudo. Nem o que eu tinha separado para você pude salvar. A moça olhou para o pai e disse lentamente:

— E o Rembrandt?
Era preciso coragem para pedir, de um homem, esse sacrifício. Mas Jeanette, vendo o seu casamento em perigo, nem hesitou.

Paul levantou os olhos e encarou a filha:
— O Rembrandt?!

“O ex-milionário Paul Remar resolveu, finalmente, vender o precioso Rembrandt. Hoje à tarde será entregue à Galeria das Artes o quadro para o exame dos peritos e a avaliação”.

Em quatro horas da tarde quando um homem baixo, calvo, envergando uma fita, chegou à galeria com um embrulho debaixo do braço. Era o Rembrandt. O diretor assinou um recibo.

Às quatro e quinze, um homem de meia idade trouxe para o diretor um embrulho pelo qual exigiu fosse passado recibo. Era o Rembrandt. O empregado, que não sabia da encomenda já chegada, assentiu, sem desconfiança.

Em quatro e trinta quando chegou Paul acompanhado por dois policiais. Trajava um quadro. O seu Rembrandt.

O diretor da Galeria levou as mãos à cabeça e teve uma exclamação de impaciência.

— Mas eu digo que não é possível!
Leborgne levantou-se da cadeira e, encaminhando-se para os três cavaletes encostados à parede, apontou para os quadros.

— Perfeitamente idênticos. Eis a sua exclamação desmentida pelos fatos.

— Perfeitamente iguais, observou Remar, em tom pensativo.

— E agora, neste momento, já não podemos dizer mais nem qual foi o que o

senhor trouxe. Ninguém se deu ao trabalho de marcá-lo.

— Meu Deus!

Estava o problema oferecido aos peritos. Três quadros perfeitamente iguais, dos quais dois eram falsificações e um verdadeiro. Qual seria o verdadeiro? Os leigos observavam e achavam os três perfeitamente iguais. O próprio dono não podia mais dizer qual era o que lhe per-

lencia. Houve uma convocação apressada de todos os críticos de arte de Paris. Houve pareceres, sempre contraditórios. Os críticos não só discordavam quanto ao qual seria o quadro autêntico, como baseavam as suas afirmações em considerações diferentes. Os peritos arrancavam os cabelos, desesperados, na discussão. Leborgne sorria.

Enquanto isso ocorria na Galeria de Arte, uma outra galeria, em outro recanto

de Paris, era o local onde uma tragédia sangrenta consternava a todos.

Na Galeria Lafayette, Fouquet, o diretor, aquele mesmo que fora o primeiro a ver o Rembrandt de Paulo, era assassinado no seu gabinete. Leborgne foi imediatamente chamado.

A secretária, encolhida a um canto, tremendo de medo, com os olhos muito arregalados, fitava o cadáver.

Laminação Federal de Metais Ltda.

Alpaca - Alumínio - Cobre - Latão - Zinco
em chapas, bobinas, discos e tiras.

Representantes em:

Manáus
Belém
São Luiz
Parnaíba
Fortaleza
Natal
João Pessoa
Recife
Maceió
Aracajú
Salvador
Ilheus
Vitória

Belo Horizonte
Juiz de Fora
Campos
S. Paulo
Joinville
Porto Alegre
Laguna
Pelotas
Caxias



Rua Franco de Almeida, 62
Tel. 28-9298 - Rio de Janeiro

Endereço Telegrafico - L A F E M E L

Nenhum RELOGIO lhe dará
tanta SATISFAÇÃO

como o
CYMA



— Conte-me tudo o que aconteceu.
E ela, com voz trêmula:
— Hoje, por volta das duas horas, o patrão recebeu uma telefonada. Era mlle. Remar...
— Jeanette Remar?
— Sim...
— Ela costumava vir aqui?
— Vinha, às vezes...
— Comprar quadros?
— Não; vender. O pai tinha, além dos Rembrandt, uma coleção de que se desfazia, aos poucos, à medida que ia precisando de dinheiro...
— E ela trazia um quadro nesse dia?
— Telefonou para o patrão, dizendo que traria um, mas, na realidade, veio sem nada na mão...
— E entrou para falar com Fouquet?
— Sim, senhor...
— Quando saiu? Demorou muito?
— Uma meia hora...
— E depois?...
— Depois que ele foi-se embora eu continuei meu trabalho até à hora do lanche... Entrei no gabinete para dizer ao patrão que ia sair, quando vi... no chão...

— Senhorita Remar, é verdade que, na tarde de ontem, visitou o sr. Fouquet?
Jeanette olhou para o pai, que ouvia

tudo, surpreso. Leborgne repetiu a pergunta. Ela, então, com exasperação, respondeu:

— Não!
— Como! Então a senhorita não telefonou para ele pela manhã?
— Telefonei, mas acabei não indo lá.
— Que queria com ele?
Jeanette olhou, novamente, para o pai e respondeu, depois de uma pequena hesitação:
— Queria saber se o Rembrandt de papai era, de fato, verdadeiro!
— Duvidava?
— Duvidava, por causa da relutância dele em vendê-lo.
Paul protestou:
— Minha filha!
Mas ela não lhe deu atenção. Prosseguiu:
— Telefonei para Fouquet, mas, depois, mudei de idéia. A possibilidade de uma falsificação foi só uma idéia que me ocorreu.
— Nesse caso está, agora, convencida, de que não se trata de uma falsificação?
— Estou.
— E nega, ainda, ter estado na Galeria?
— Negol!
— Nega que esteve lá?
— Já lhe disse que sim!

— Repito uma pergunta para lhe dar uma oportunidade de dizer a verdade!
— Pois se eu lhe disse a verdade!
— Não. A senhorita não me disse a verdade, porque eu sei que a senhorita esteve na Galeria hoje.

— Não estive!
— Onde passou a tarde, então?
— Em casa...
— No seu quarto?
— Sim. Tinha uma enxaqueca e resolvi deitar-me um pouco.
— Muito conveniente. Quer dizer que ninguém a viu durante várias horas?
— Sim.
— E persiste em negar ter estado lá?
— Persisto, está claro!
— Sabe que Fouquet foi assassinado? Jeanette teve um sobressalto.
— Impossível!
— A pura verdade.
— Mas...
— E tenho mais uma coisa a dizer-lhe, senhorita...

— Sim?
— Houve uma testemunha que a viu entrar, não só na Galeria, como no gabinete de Fouquet...

— E' impossível!
— E' o que declara a secretária dele!
— Mentel!
Leborgne fixou o olhar na moça. Ela perdeu a calma:

— Pois bem, estive. Estive, sim!
— Então sabia que...?
— Encontrei-o morto...
— Por que não disse nada?
— Não sei... Estava tonta... saí...
— Mas por que, então, quando a interroquei, não confessou, logo, que estava lá?
— Porque tive medo...
— Medo?
— Sim. Medo de ser acusada do crime...

Leborgne estava feroz. Aliás, eu nunca o tinha visto daquele jeito. Era nova, para mim, aquela atitude. Em geral ele interrogava as testemunhas com a maior polidez. Mas naquele momento ele tomou uma expressão teatral e, apontando, acusador, a moça, disse:

— Dou-lhe um pequeno prazo para confessar, senhorita...
— Para confessar?
— Sim. O crime que cometeu...
Ela estremeceu.
— Mas eu não cometi crime algum...
Eu...

— Amanhã, pela manhã, virei interrogá-la novamente. E' inútil tentar fugir. A casa está vigiada.

— Oh!
Sem mais uma palavra, Leborgne saiu.

— Francamente, eu não entendo o teu procedimento — censurou.
— Tudo tem a sua razão. Você está muito preocupado com uma coisa que não tem a mínima importância...
— Mas qual a razão da sua atitude?
— Dentro em breve você saberá!

**A SENHORA
JÁ PENSOU...**



**NOS ANOS
DE VIDA
QUE PERDE?**

A senhora já pensou nos anos de vida que perde, afastada das reuniões elegantes, longe das vistas ávidas de seus admiradores, entregue aos sofrimentos periódicos que a tornam alquebrada, pallida, sem animo de viver? Si não pensou ainda, conte, mensalmente, os dias que a tomam afastada do convívio social, nas festas, nos chás, nas reuniões elegantes da cidade e verá quantos annos a senhora perde, sem o direito de gozar as delicias da vida. Elixir das Damas é o preparado que lhe augmenta a vida, eliminando os seus sofrimentos mensaes, dando-lhe o prazer de gozar os encantos multiplos de seu sexo e fazendo avultar a belleza de seus predicados.

**ELIXIR DAS
DAMAS**

Indicado nas dismenorréas

— Estou aqui, senhorita, para ouvir a sua confissão!
Jeanette olhou para Leborgne, e disse:
— Confesso.

Continua na pag. 87

BANCO DO COMERCIO, S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

SÉDE: RUA OUVIDOR, 93-95
TELEFONE 43-8966
END. TELEGR. "BANCOCIO"
CAIXA POSTAL 633

FUNDADO EM 1875

CAPITAL E RESERVAS { Cr\$ 81.892.162,40

AGENCIA MEYER: RUA 24 DE MAIO, 155
TELEFONE 29-5538

AGENCIA TIJUCA: PRAÇA SAENZ PENA, 9
TELEFONE 48-4015

AGENCIA S. CRISTOVÃO: RUA S. LUIZ GONZAGA, 45
TELEFONE 28-3895

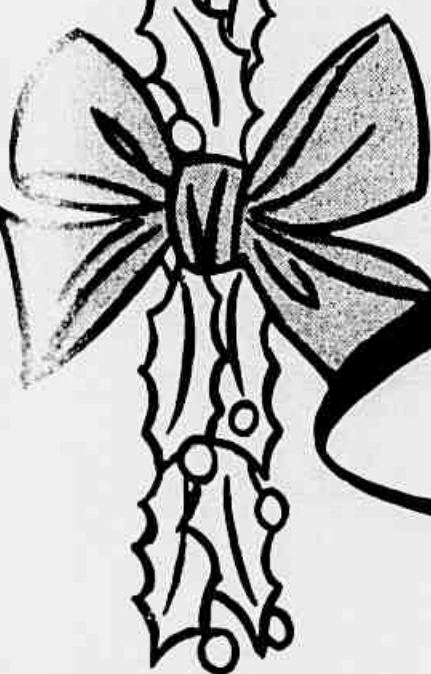


Para os
"reveillons",

de
Natal

e
Ano Bom!

O departamento de **toilettes** de grande gala da Casa LÚ-Modas oferece às damas elegantes os modelos mais a-LÚ-ci-nan-tes para os grandes bailes, recepções e festas de formatura. Visite o sub-solo da Casa LÚ-Modas e peça para ver, sem compromisso, as grandes sensações da moda feminina.

 Casa LÚ modas

ASSEMBLÉIA esq. GONÇALVES DIAS

ACONTECEU EM 1944

(Continuação da pag. 57)

leira de Letras. Três cadeiras vagas. Vagas imensas de candidatos às três cadeiras. Votação. Torcida... Emoção... Empate... Está ocupada apenas a cadeira deixada por Fernando Magalhães: Luiz Edmundo é o novo imortal. Vamos pensar em Monteiro Lobato. Dia 19 — E' encontrado num garimpo do município de Rio Verde, em Minas, outro fenômeno mineral: um diamante lilás de 16 quilates. A pedra

foi avaliada em Cr\$ 1.500,00. Dia 30 — Poucas notícias de sensação: os aliados estão alargando a cabeça de ponte de Anzio. Na frente russa a ofensiva continua como de costume. Os chineses capturaram Sharaw. Ah! Sim! fica ao norte de Kamaing. Mas onde fica Kamaing? Em verdade, onde fica a China? Com a guerra estendida por todo o mundo, a gente se esquece da China. No entanto diariamente os chineses tomam uma Sharaw das mãos dos japoneses.

JUNHO

Dia 1.º — Estão falando insistentemente de invasão. As tropas do 5.º Exército

Americano avançam para Roma. Os russos ameaçam Jassy. Dia 3 — Começa a derrocada nazista em Roma: o comandante militar da cidade abandona o campo e foge para as paisagens serenas da Baviera. Dia 4 — O general Clark entra em Roma. A Cidade Eterna é a primeira capital européia a ser libertada pelos aliados. O povo de Roma recebe os americanos com delirante entusiasmo. Ontem os nazistas ainda eram senhores absolutos da cidade. Mas Roma caiu num dia. E sem grandes combates. Dia 5 — E' completada pelos aliados a ocupação de Roma. Dia 6 — Dia "D". Forças navais alia-

Que Dôres De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalham-se e aliviam-se friccionando as fontes e a têta com Mentholum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM

das, com proteção de colossais formações aéreas da R. A. F. e dos Estados Unidos desembarcam na França. Os paraquedistas descem em nuvens dos céus da Normandia. Os desembarques se sucedem. Em todo o mundo, isto é em todo o mundo civilizado, as populações estão em festa. As multidões entusiásticas percorrem as ruas das cidades, em delirantes aclamações aos heróis da liberdade. Dia 7 — Continuam os desembarques aliados na França. Os exércitos invasores investem sobre o Havre e Cherburgo. Começa a debacle. Vitorio Emanuele, após mais de trezentas ameaças neste sentido, abdica hoje. — Portugal suspende as remessas de volfrâmio para a Alemanha. Hitler deve estar clamando a estas horas: "Eloi! Eloi! Sama sabatami?" Dia 9 — Sabe-se que Rommel está no comando dos exércitos alemães na França. Eis aí um aspecto característico desta guerra. A estratégia de um grande general contra milênios de civilização. Dia 11 — Começa a levantar-se a França contra os dominadores nazistas. A alma de Robespierre volta a viver nas velhas cidades gaulesas, onde os franco-atiradores se emboscaram nos becos escuros, à caça de tiranos. Dia 12 — Anuncia-se que o general Weygand foi morto pelos alemães quando tentava fugir da prisão onde se encontrava. Dia 13 — Chega à França o general De Gaulle, chefe do Comité Français Libre. Dia 14 — Os alemães começam a empregar contra a Inglaterra a sua arma secreta: as bombas voadoras. Dia 23 — O Brasil reconhece o novo governo boliviano. Dia 26 — Cai em poder dos aliados o porto de Cherburgo. Esta é a primeira cidade importante da França a ser libertada pelos invasores. Dia 29

Tratamento de Beleza em sua própria casa...

com produtos importados da América

A sua fabricação nos Laboratórios de New York e as suas qualidades inigualáveis, fazem os produtos HARRIET preferidos pelas mulheres mais lindas.

NIGHT CREAM - Especialmente preparado para nutrir a pele seca.
LUXURIA CRFAM - Creme de limpeza que amacia a pele.
SPECIAL SKIN (TEXTURE) CREAM - Rico e suave creme de massagem que nutre e alisa a pele cansada.
SPECIAL ASTRINGENT - Tonifica os tecidos e fecha os poros.
SKIN LOTION - Delicioso estimulante que tonifica os tecidos.



Harriet HUBBARD AYER
(NEW YORK — U. S. A.)

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Fornecemos nosso indicador "GRATIS" CAIXA POSTAL 602

ENCONTRADA EM TODAS AS

HOMOPATHIA

prefira



FARMACIAS DO BRASIL

1858 COELHO BARBOSA 1944

Rua da Carioca, 32
RIO

BRONZISOL
ANTISOLAR
 De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

passa a ser posta em prática uma novidade há muito anunciada no Rio: a cidade conhece agora as primeiras "troncas" de ônibus. Muitos passageiros, em presas de sorridente expectativa, sentam desiludidos: "Que bruta de-rola!" Dia 30 — Termina, assinalado por significativas vitórias aliadas, o mês junho de 1944, mês histórico da invasão na França.

JULHO

Continuam a progredir no solo os exércitos aliados. — Deixa o posto de Chefe de Polícia do Distrito Federal o cel. Nelson de Melo, que foi substituído pelo sr. Coriolano de Gois. Dia 2 — O edifício Regina é devorado, em parte, por um violento incêndio. É total o prejuízo sofrido pela Cia. Dulcina-Odilon, que ali perde todo o guarda-roupa e cenários. Dulcina e Odilon vão agora para o Ginásio Português. Dia 5 — É inaugurado, com grande alarde ou propaganda, o monumento aos 18 do Forte, em frente à fortaleza de Copacabana. Ali estão aglomerados os heróis mais silenciosos da história, os maiores heróis do Brasil. Dia 7 — O sul do Brasil está sendo castigado por violenta onda de frio: congela-se a água nas torneiras de Ponta Grossa, neva em Curitiba. Registra-se no Rio Grande do Sul o frio mais intenso destes últimos anos. Dia 14 — Esta semana foi como as outras em geral: poucas novidades. Sinais, porque o avanço sistemático e fulminante dos exércitos libertadores do Este e Oeste da Europa já não constitui novidade. Os russos estão dentro da Letônia, os ingleses e americanos estão no interior da Normandia. Dia 15 — Chega ao Rio inesperadamente Mme. Chiang-Kai-shek. A notícia, uma vez divulgada, causa mais desencontrados comentários. Ninguém sabe o que trouxe a esposa do generalíssimo chinês até as praias da Guanabara. Dizem que vem em viagem de negócios. Todos duvidam. Dia 20 — Há atentado contra Hitler na Alemanha. Murtam várias pessoas mas o "fuehrer" continua vivo. Dia 29 — Morre em Cambray Grande (Paráiba) o célebre cangaço Antonio Silvino, outrora rei do banditismo nordestino. Agora o velho Adolfo Hitler é o rei absoluto e único do banditismo. Dia 31 — Mais um mês de vitórias para os aliados. Nestes trinta dias rençaram as forças da liberdade, somando as ofensivas dos russos, dos exércitos da frente ocidental e do Pacífico, mais de mil quilômetros. A famosa "blitz-krieg" alemã utilizada contra os povos indez da Europa, é "pinto" perto desta campanha.

AGOSTO

Dia 2 — Dizem os jornais que o posudo marechal Erwin von Rommel, antigo chefe de ofensivas relâmpagos, atual chefe de velocidade em marcha-ré, sofreu um "acidente" na França. Os ale-



Apresentamos aos nossos
 amigos e fregueses sinceros
 votos de Feliz Natal e Prós-
 pero Ano Novo.

DEZEMBRO 1944

CHAPELARIA JURITY
 Rua Arq. Cordeiro, 277
 Tel. 29-1479

LOUÇAS E CRISTAIS
 Rua Arq. Cord., 285/9
 Tel. 29-1786

CASA JURITY
 Rua Arq. Cordeiro, 279
 Tel. 29-1850

CAMISARIA CASTRO
 Rua Arq. Cordeiro, 275
 Tel. 29-1479

PERFUMARIA MEYER
 Rua Arq. Cordeiro, 293
 Tel. 29-0968

FAB. PROD. QUIMICOS
 Rua 2 de Maio, 152-A
 Tel. 29-0756

Vieiras de Castro, Ltda.

MATRIZ: RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275/79 — 285-93 — Tel. 29-1786 — RIO DE JANEIRO

mães não dizem que espécie de "acidente" vitimou von Rommel. Mas nós podemos imaginar... — O sr. Luiz Edmundo tomou posse na Academia Brasileira de Letras. A propósito, fala-se entre os acadêmicos em convidar Monteiro Lobato para uma das cadeiras vagas na casa de Machado de Assis. Dia 6 — O cavalo Albatroz vence o Grande Prêmio Brasil

pela segunda vez. Agora dizem que ele vai ser posto de lado. A imprensa ouviu o jóquei, o proprietário, o tratador, que falaram sobre o grande craque nacional. Ninguém porém se lembrou de saber a opinião de Albatroz sobre o "turfi" e seus segredos. Foi pena, pois talvez ele tivesse muito que contar. Dia 9 — Registram-se grandes enchentes em Alagoas. Enquanto

isto, verifica-se no Maranhão o aparecimento de um monstro marinho. A ciência explica o fato a seu modo, a superstição de outro. A curiosidade do público entretanto não ficou satisfeita, pois nenhum jornal informa quantas cabeças tem o terrível bicho do Maranhão. Dia 10 — É eleito para a Academia Brasileira de Letras o escritor Rodrigo Otavio Filho, na

JOIAS - RELOGIOS
ARTIGOS PARA
PRESENTES



O PINCE-NEZ DE OURO
LUIZ RICART
 28, RUA DA CARIOCA, 28 - TEL. 22-4690

Uma organização
completa em
Ótica

vaga de seu pai. Ainda há vagas no Petit Trianon. Monteiro Lobato continua na "motta". — Inaugura-se no Rio o busto de Francisco Serrador. Dia 12 — Os aliados já estão avançando em direção a Paris. Os "maquis" começam por sua vez a combater na retaguarda as forças alemãs de ocupação. As tropas que invadiram o sul da França avançam entre Nice e Marselha. Dia 18 — Os russos cruzam a fronteira da Prússia Oriental. A Alemanha conhece pela primeira vez no século a guerra de perto. Dia 19 — O governo de Petain muda-se de Vichy. Ninguém sabe para onde. Nem mesmo Petain. Dia 20 — É incorporado ao 5.º Exército Americano o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira desembarcado na Itália. O Brasil é a primeira república americana, depois dos Estados Unidos, que toma parte ativa na luta em solo europeu. Dia 21 — O primeiro feito importante dos "maquis" franceses é divulgado. Estes bravos partzans acabam de tomar Toulouse. Dia 22 — Lyon cai também em poder dos "maquis". Dia 23 —

Demite-se do cargo de ministro das Relações Exteriores do Brasil o sr. Oswaldo Aranha. Dia 25 — A Turquia corta relações com o governo de Vichy. Deve ter sido difícil a entrega da nota a Petain, que ninguém sabe onde está. — Os alemães rompem o armistício firmado em Paris com os "maquis" e atiram contra multidões indefesas nas ruas da Cidade Luz. Combate-se agora nas ruas da capital francesa. Todos combatem: velhos, mulheres, crianças. Está vivo ainda o espírito das barricadas de 1830. Os "maquis" atacam de pistola automática em punho, e, às vezes, armados com pedaços de pau. Os alemães estão perdidos, pelo menos em Paris. Cessa na tarde de hoje toda a resistência organizada na capital. Mais uma vez a liberdade vence a tirania nas barricadas do "Quartier Latin". Dia 26 — De Gaulle entra triunfalmente em Paris. Os alemães, emboscados, atentam duas vezes contra a sua vida na praça da Concórdia. De Gaulle mantém-se calmo, enquanto as metralhadoras nazistas varrem as ruas apinhadas de gente. Final-



SUA NOTA de DISTINÇÃO
NOS *revellions*
LHE SERÁ DADA POR

Gambier

UM CALÇADO DA MODA
PARA O MUNDO *Elegante*
URUGUAIANA, 52 - RIO



Tão bonita...

Isso é porque
ela ainda possui os verdadeiros aliados
do encanto: Cremes de Beleza Yardley e
Pó-de-Arroz Bond Street. Certamente,
todos os produtos de toucador Yardley
virão de novo com a paz.



Yardley
de Londres

mente, viu-se que o grande general escapara ileso. — Fala-se no fuzilamento de Petain. Isto faz pensar na falta de sorte do velho militar: se ele houvesse morrido há quatro anos morreria herói. Fuzilado agora, morre traidor. Dia 1 — Verifica-se em São Paulo um terrível desastre de aviação, com a aeronave da linha noturna da Panair. Morrem doze passageiros e quatro tripulantes. — Os exércitos de Tito alcançam Belgrado. Esta é a terceira capital da Europa Continental libertada pelos aliados.

SETEMBRO

Dia 1.º — Os alemães ocupam a capital de sua aliada, a Hungria. Em represália os russos ocupam a capital da aliada Alemanha, a Rumania: Bucarest está redimida. A quarta capital libertada do continente europeu. Dia 2 — A Finlândia pede a paz. E espera que a Rússia seja clemente. Dia 3 — Falece Alcides Maya, escritor riograndense e membro da Academia Brasileira de Letras. Dia 4 — Eis a guerra mais relâmpago até hoje verificada: a Rússia declara guerra à Bulgária pela madrugada. Ao meio dia a Bulgária firma a paz com a U. R. S. S. e, às quatro horas da tarde Sofia declara que os seus exércitos estão lutando ao lado dos bravos soldados soviéticos. Esta é de se tirar o chapéu. Ganha todos os records do século da velocidade. Dia 6 — Forças russas acabam de cruzar as fronteiras gregas, atravessando a Bulgária. Dia 9 — Deixa o Brasil a sra. Chiang-Kai-shek. Até hoje ninguém sabe ao certo o que a trouxe à nossa terra. Dia 14 — A Finlândia firma a paz com a Rússia.

Moscou foi camarada. Entretanto, dizem os telegramas que os finlandeses estão tristes com a derrota. Naturalmente eles estariam alegres se Hitler lhes tivesse dado a Ucrânia ou a Rússia Branca como prêmio de sua colaboração. Mas, infelizmente, não pode ser. Desculpe o mau jeito, sr. Manheim. Dia 16 — Os russos cruzam as fronteiras da Tchecoslováquia e da Iugoslávia. Dia 20 — Embarca para a Europa em viagem de inspeção à Força Expedicionária que combate na Itália, o ministro Eurico Dutra. Dia 21 — Pietro Caruso é condenado à morte por um tribunal popular de emergência. A mesma sorte não tem o seu comparsa Donato Caretta, que cai nas mãos do povo, enfurecido, sendo linchado. Dia 22 — É fuzilado, de madrugada, o ex-chefe de polícia de Roma, Pietro Caruso, verdugo dos patriotas e assassino de reféns. Muitas vozes se erguem a lamentar a sua morte. Sacodem sobre o seu corpo de carrasco a túnica ensanguentada de Cesar. São os mesmos que acompanharam Mussolini na pantomima da Marcha Sobre Roma que erguem este clamor. As vozes que defendem Caretta e Caruso são as mesmas que vilipendiaram Sacco e Vanzetti. — Circula uma notícia que nos enche de orgulho. As nossas tropas expedicionárias, lutando em duas frentes, conquistam

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Não descurideis da vossa Beleza

Só pode ser de fato, bonita a mulher dotada de uma pele boa. Assim, quando dizemos "FULANA É BELA", estamos, implicitamente afirmando as boas condições de sua pele!...



LEITE de
AMENDOAS

DE

Mendel

Tem a propriedade de restaurar a vitalidade da pele, corrigir as suas imperfeições, tornando-a aveludada clara e com a cor saudável da juventude.

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

LEONCITO AMBRAN

Av. Rio Branco, 109-4 andar-Telefone 23-3947-RIO

São Paulo: SANTOS NEVES CO.—Telefone 2-1046
Libero Badaró, 443-5.



as localidades piemontesas de Firenzuela e Pietra Santa. Dia 23 — Em uma localidade do Rio Grande do Sul registra-se inédito fenômeno: após o escurecimento quase total, cai sobre o logarejo uma tremenda tempestade, arrasando casas e destruindo plantações e rebanhos. A água que despenca em grandes trombas tinha uma cor verde-escura. Dia 24 — Outro feitiço que se volta contra Hitler: a Finlândia acaba de declarar guerra à Alemanha. — Chega à Itália o general Eurico Dutra, ministro da Guerra do Brasil. Dia 26 — O general Clark, representando o presidente Roosevelt, condecora os generais Zenobio da Costa e Mascarenhas de Moraes, comandantes da Força Expedicionária Brasileira em ação na Itália.

OUTUBRO

Dia 3 — Inaugura-se no Rio de Janeiro, na praia de Botafogo, o monumento ao professor Miguel Couto. Dia 5 — Morre em Tóquio, aos 90 anos, o conhecido Mitsuru Toyama, chefe da sociedade Dragão Negro, uma das mais nitidamente fascistas organizações secretas do mundo. Como todos os apologistas do "slogan" "viver perigosamente", Mitsuru falece quase centenário, comodamente instalado em uma macia esteira de papel crepon, longe das linhas de fogo, e com a barriga bem cheia de bom arroz branco. Guerra à sua alma! Que a terra lhe seja pesada!

Dia 6 — Voltaram a cair sobre Londres as bombas voadoras germânicas. Como se vê, Hitler prefere bombardear os civis das cidades, a impedir o avanço esmagador dos exércitos da liberdade. Dia 8 — Morre Wendell Wilkie, ex-candidato republicano e adversário de Roosevelt. Wilkie, por sua lealdade e por sua sinceridade, como pelo seu elevado senso de justiça social e espírito combativo, conseguiu que o acompanhasse ao túmulo a admiração de todos os americanos, republicanos ou democratas, brancos ou negros, ateus ou religiosos. — Realiza-se o "Circuito da Amendoeira", prova automobilística para carros a gasogênio. A prova foi vencida por Catarino Andreotta. — Dia 10 — A Academia de Medicina da França concede um prêmio ao médico paulista dr. Carlos Boteiho pelos seus trabalhos sobre o câncer. Os jornais brasileiros não noticiam o fato. O campeonato brasileiro de futebol ocupa agora as principais páginas dos nossos diários. — O cel. Batista deixa a presidência de Cuba. O novo presidente da república irmã é o sr. Ramon Grau San Martin, que seguirá a política de boa vizinhança iniciada pelo seu antecessor. Dia 12 — Falece em Buenos Aires o sr. Ramon Castillo, ex-presidente da República Argentina. Dia 13 — Os alemães, segundo notícias de Paris, roubam da Fundação Curie 8 gramas de radium. Não se sabe o que irá fazer Hitler com o precioso elemento, pois o radium se con-

ta entre um dos raríssimos agentes terapêuticos que não se prestam a fins de guerra. E até hoje não se tem notícia de que o "fuehrer" ou Hitler se interesse pela cura do câncer ou experiências em torno da radioatividade. Dia 14 — Chega à Itália novo contingente de tropas brasileiras. Dia 15 — A Hungria pede armistício, segundo uma transmissão da Rádio Oficial de Budapeste. — Divulga-se a notícia da morte do arrogante marechal de campo Erwin von Rommel, uma das figuras mais nitidamente representativas da mentalidade militarista dos "junkers" prussianos, a serviço do nazismo. Mais um trunfo que perde Hitler. A brilhante inteligência e senso tático de Rommel seriam talvez as únicas possibilidades de um retardamento na vitória das Nações Unidas. Mas o comandante de campo dos exércitos ocidentais repousa em paz. Oraí por ele! — Morre Eliseu Visconti, um dos mestres da pintura brasileira. Dia 1 — As autoridades americanas negam permissão ao ex-rei Carol da Rumania para desembarcar no território dos Estados Unidos. O rei alegre deverá estar em apuros, sem saber onde guardar agora os seus seis mastins de luxo, as suas duas corças de brilhante e ouro e as seiscentas e tantas malas de sua pequena bagagem. Dia 21 — É entregue ao Museu da Aeronáutica, comemorando a Semana da Asa, o escrínio onde se guarda o coração de Santos Dumont, o coração do Pai

da Aviação, um grande coração de brasileiro. Dia 23 — O governo De Gaulle é oficialmente reconhecido pelo Brasil, Estados Unidos, Inglaterra e Rússia. A China associa-se também a essa atitude. Dia 25 — Os brasileiros em ação na Itália acabam de apoderar-se da maior parte do curso do rio Secchio. Dia 29 — Tropas brasileiras ocupam Monte Fayette, ficando assim a 27 quilômetros de Carrara. — O Flamengo, logrando vencer o Vasco da Gama por 1x0, sagra-se tri-campeão de futebol carioca. Dia 31 — Os brasileiros da F. E. B. capturam Colomini, perto de Carrara.

NOVEMBRO

Dia 1.º — Divulga-se que o sr. Juarez Furtado, diretor do Departamento Agrícola do Ceará, está realizando experiências visando o emprego do óleo de castanha de caju como veículo terapêutico na cura do mal de Hansen. Dia 2 — Fala-se que o ex-rei Carol da Rumania, cuja permanência nos Estados Unidos foi proibida pelo governo, tenciona residir no Rio de Janeiro. Naturalmente sua majestade augusta alugará um apartamento no Copacabana Palace para ele e os seis mastins de luxo. A notícia não fala em Mme. Lupescu. Dia 3 — Entra em ação no front italiano os aviadores do Brasil em missão de guerra junto às forças aéreas americanas. Dia 7 — Com lágrimas nos olhos

CALÇADOS FINOS
URUGUAYANA, 68
— FONE 43-5709 —



Cativa a todos os seus clientes
e lhes deseja um Feliz NATAL
— e próspero ANO NOVO —

BRITO OLIVEIRA & Cia.

RUA UBALDINO DO AMARAL, 93

Tel. 42-7046 — RIO DE JANEIRO

TINTAS PARA IMPRESSÃO**ARTIGOS GRÁFICOS****ARAMES ESTANHADOS A FOGO E COBREADOS PARA:****ENCADERNAÇÃO,
CAIXA DE PAPELÃO
E FABRICA DE CALÇADOS**

* * *

Stock permanente
para entrega imediata**HOMENAGEM****DE****J. RASINA****A°****REVISTA DA SEMANA****P A P E L**

De todos os tipos

Fornecedores da

REVISTA DA SEMANA

Representantes:

COMPANHIA**IMPORTADORA****SUECA Ltda.****Av. Rio Branco, 52 - Tel. 23-0632****RIO DE JANEIRO**

o candidato republicano Dewey acaba de proclamar, embora muito a contragosto, a esmagadora vitória de Franklin Delano Roosevelt contra a sua candidatura. Mais uma vez vence o campeão da Democracia um adversário forte, obtendo uma maioria de votos que fala bem alto do seu prestígio entre o povo norte-americano e os soldados em ação nos cinco continentes, que, pela primeira vez na história, votaram na própria linha de fogo. Dia 10 — O Presidente Getúlio Vargas assina o decreto que institui o salário mínimo para os jornalistas. Dia 16 — Num edifício de apartamentos do Catete o encarregado da portaria, mordido pelo mico de um dos moradores, atirou um pau de lenha no macaquinho, fazendo-o em pedaços. O dono do animal quer do proprietário do prédio uma indenização de trinta mil cruzeiros. Todos acham absurdo que o touro Canadá seja avaliado em 5 milhões de cruzeiros; mas, a preço por péso de carne, se este mico fôsse um chimpanzé magro custaria nada menos de Cr\$ 800.000,00. Muito caro para carne de macaco. Dia 20 — Bummmmm!!! Bum!!! Bum!!! Chegou, afinal. Quem? perguntam alguns curiosos que se encostam à amurada do cais do porto. Chegou o homem! Mas ninguém o vê. Desembarcando às escondidas, ele aparece por fim, seguido por seis mastins de luxo e dois caminhões de bagagem. No apartamento

de super-luxo do Copacabana Palace ele descansa agora das fadigas da viagem, longe da Europa ensanguentada, longe da política externa, longe das tropas russas. Descansa e sorri. A Guarda de Ferro tomou conta do poder, Hitler tomou conta da Guarda de Ferro. Mas tudo continua bem. O rei é vivo! Viva o rei! Dia 21 — Está faltando água no Rio. Começou o calor. As torneiras estão mais secas que o Ceará. Desapareceu a água no leite. Desapareceu o leite na água. Telegramas de New York dizem que também ali falta o precioso líquido. Em S. Francisco também. Em Miami idem. Mas em Buenos Aires não falta água, segundo as mesmas notícias. Senhor Deus dos desgraçados: não permiti que alguém se lembre de importar água argentina.

DEZEMBRO

Chegamos enfim a dezembro de 1944. Mais um ano se passou. Um ano como todos os outros. Os jornais abriram novas "enquetes" para saber se devia ou não haver Carnaval. Devia e não devia. Mas o Carnaval teimou em sair para a rua, com dinheiro ou sem dinheiro. O ano continuou. Houve a ofensiva russa, houve a invasão da Europa. Morreu Wendell Wilkie, Roosevelt foi reeleito. Roma caiu. Paris caiu. A folhe da morte levou muita gente, o bico da cegonha trouxe gente

Ch. Lourilleux & Comp.**PIONEIROS, NO BRAS'L, DA INDUSTRIA DE TINTAS PARA IMPRESSÃO.
MASSAS PARA ROLOS E ACCESSÓRIOS EM GERAL.****CASA FUNDADA EM PARIS EM 1818
FABRICA NO RIO DE JANEIRO:****Rua Pereira de Almeida n. 27 - (Matoso)**TELEFONES { **VENDAS — 28-2606**
ESCRIT. — 48-8501**RIO ELEGANTE****ALFAIATARIA****SOUZA & CHAPETA LTDA.****EXIMIO CONTRA-MESTRE H. W. CHAPETA****Corte Londrino****AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2.º ANDAR — SALA 202****TELEFONE 43-3234****INDUSTRIAS QUIMICAS DUPRAT**
RIO DE JANEIRO — BRASIL.**Duprat & Cia. Ltda.****QUIMICOS E INDUSTRIAIS****Desejam aos seus amigos e clientes
um feliz Natal e prospero Ano Novo**

nova. Mais um ano que passa, mais esperanças que se desvanecem. A REVISTA DA SEMANA acompanhou de perto a evolução do ano. Foi a "furota" dos dois assuntos magnos do ano: O "caso" Humberto de Campos e a casa de Machado de Assis. Acompanhando de perto o desenvolvimento da ação movida pela família do grande escritor, o nosso semanário foi o único órgão que forneceu ao público completo noticiário fotográfico em torno das decisões jurídicas e da opinião dos estudiosos acerca do movimentado processo. Acompanhando o outro caso, a nossa revista fez mais. Ouvia os acadêmicos, ouvia os candidatos às três vagas, ouvia finalmente, em São Paulo, por intermédio de Celestino Silveira, o único homem que não quis ser candidato. Monteiro Lobato conversou longamente com Celestino e expôs os motivos de sua recusa em aceitar a cadeira do Petit Trianon. Ele tinha responsabilidades. Era o pai de "Emília", era o anjo da guarda de "Negritinha", era o reporter de "América" —

não podia aceitar a imortalidade remunerada da avenida Presidente Wilson. Já havia ganhado com o "Jeca Tatú" a imortalidade compulsória dos gênios. Foi assim que a Academia Brasileira de Letras desistiu da candidatura Monteiro Lobato.

"FINIS"

Estamos em fins de dezembro de 1944. O Rio espera novamente Papai Noel. No largo da Carioca o movimento continua intenso. Mais um ano se acaba, outro ano vai começar. Chegam novas notícias e com elas novas esperanças. Lembra-se o leitor do cidadão que deixamos no princípio desta história no último lugar da fila de um ônibus da zona sul? Pois ele acaba de arranjar um lugarzinho em pé, entre um mulato gordo e um garoto carregado de embrulhos, e lá se vai alegre e sorridente em direção a Botafogo. E ainda há quem fale que o tráfego urbano constitui um problema no Rio de Janeiro!

PAPEL COUCHÉ NACIONAL KLABIN



Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

A FORNECEDORA DE PAPEL

Tobias Arongaus & Cia.

RIO DE JANEIRO

RUA VISCONDE RIO BRANCO, 29

TEL. 22-0172

RUA GENERAL PEDRA, 203

TEL. 43-9271

SOCIEDADE ANÔNIMA MARVIN

207, Avenida dos Democraticos, 207

Endereço telegrafico MARVIN — RIO — Telefone 30-3800

REDE PARTICULAR LIGANDO DEPENDENCIAS

RIO DE JANEIRO

FUNDIÇÃO E REFINAÇÃO DE METAIS

Bronze fosforo marca **ANCORA e CORÔA**

Cobre eletrolítico marca **ANCORA e CORÔA**

Estanho — Chumbo — Zinco

Soldas de todos os tipos

METAIS PARA TIPO

Para linotipo **PERFECTION e EXCELSIOR**

Para estereotipo **ANCORA e CORÔA**

Para monotipo **STANDARD e CORÔA**

METAIS DE ANTIFRICÇÃO

Broneon, Niqueline, Niqueloid, e

Kailway Brand, Marine Brand,

Special N. 1 Railroad

Wheel Brand

IMPORTAÇÃO DE :

Cobre, latão, aço e ferro em

Chapas, Vergalhões, Tubos,

Eixos, Vigas, Cantoneiras.

FABRICAS DE :

Arame de cobre — Latão e Chumbo

Cabos de aço e cobre trançados

Pontas de Paris—Canos de Chumbo

Chumbo em lençol

Dobradiças de aço

Parafusos e porcas

Rebites de ferro e cobre

Pinos para isoladores

COTTOBLANC

UM BRANQUEANTE
PARA SAPATOS!



APLICAÇÃO FACIL
E ECONOMICA
2 TAMANHOS
SECAGEM
RAPIDA!

Um produto COTTOMAR

**EMFIM, LIVRES
DAS
HEMORROIDAS**



Quaisquer hemorróidas
desaparecem, sem ope-
ração, com o uso das Pi-
lulas de Herva de Bicho,
extraídas da nossa flora.



CUSTAM
FOCOE...
VALEM
SAUDE!

**PILULAS DE
HERVA DE BICHO**
COMPOSTAS IMESCARD

Massa para rolos
SERVIÇO ESMERADO DE FUNDIÇÃO
DE ROLOS PARA TIPOGRAFIAS

G. M. LEITE

Rua Evaristo da Veiga n. 111

(FUNDOS)

Telefone 22-2414 — Rio de Janeiro

OS comprimidos
DE

Piralgina
GRANADO

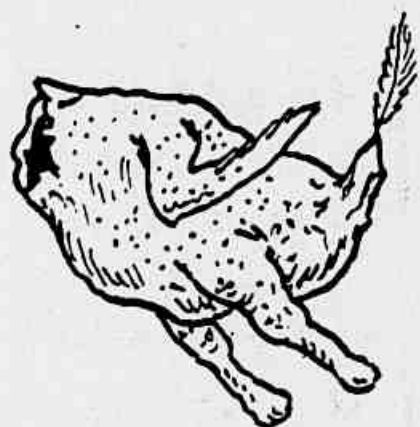
LIVRAM
DE QUALQUER
DOR

TARQUINO

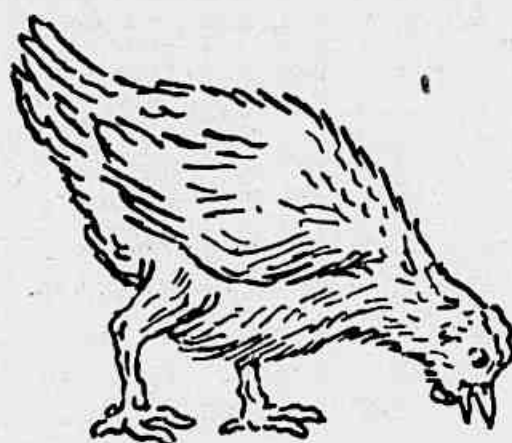
**REGULADOR
XAVIER**

• O Remédio da Mulher •
N.º 1-Fluxos abundantes
N.º 2-Falta de fluxos

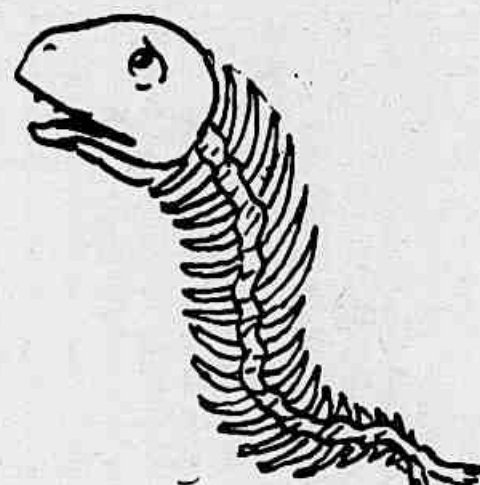
O elemento alimento



Galinha vasta



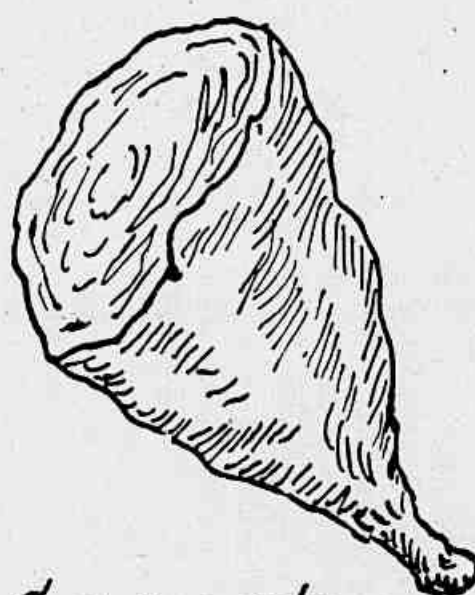
Galinha cheia



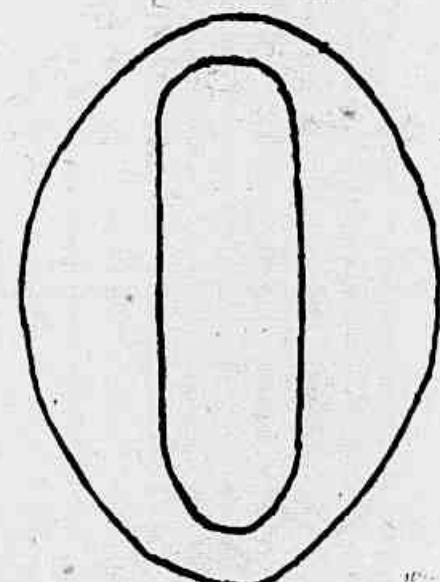
Peixe "escarnado"



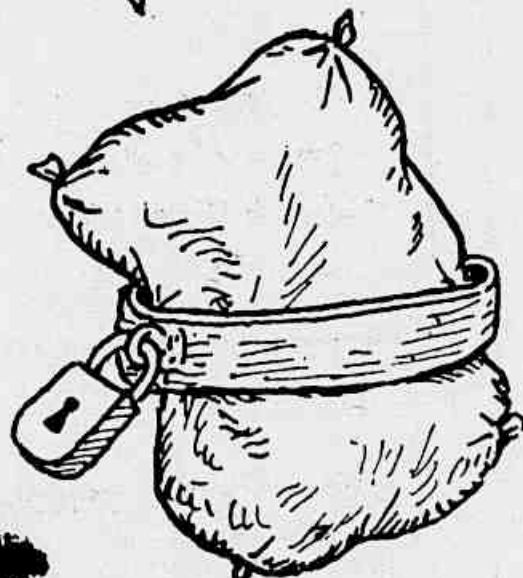
Peixe fidalgo



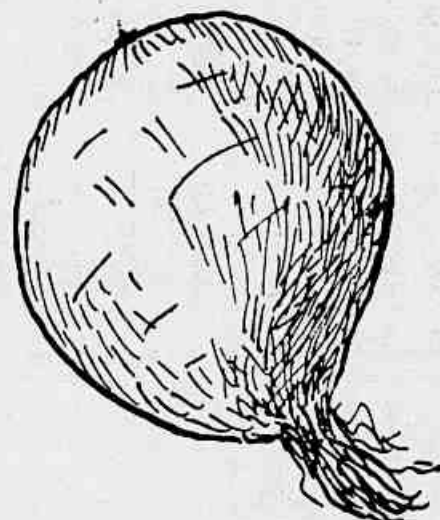
*Carne verde
(Para as raposas...)*



Carne "azulada"



*Assúcar assu careiro
(Sem cedilha)*



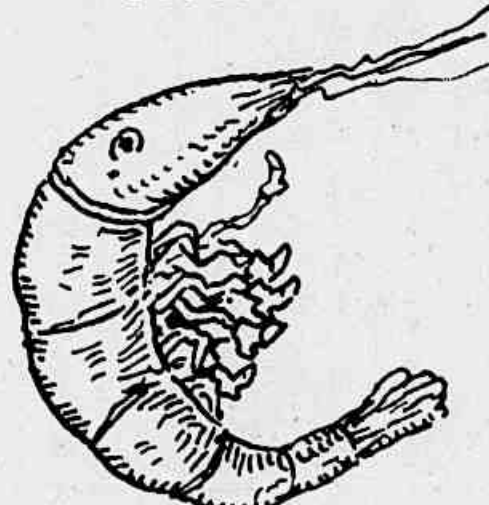
cebôla cruel



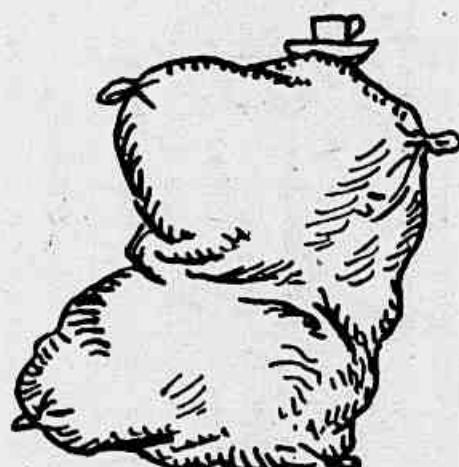
Batata grelada



Feijão miúdo



*Camarão seco
(Feito de ouvido)*



Café pequeno



O cristo



faz a gente virar linguica



e ficar "no arroz"...

CALÇADOS FINOS

Gongalves Dias, 40-A
Fone 42-6938

Londres

DESEJA BÔAS FESTAS
E FELIZ ANO NOVO
A TODOS OS SEUS AMIGOS
DO BRASIL E DO UNIVERSO

Os três Rembrandts

Continuação da pag. 78

Ninguém poderia parecer mais surpreso do que meu amigo, que, havia algumas horas, estivera atormentando aquela moça para que confessasse. Mas Leborgne, quando alguém o pega desprevenido, logo recobra a calma.

— Senhorita, eu...

— Um momento. O senhor pediu uma confissão. Te-la-á. Ontem, pela manhã, meu noivo veio à minha casa dizer que a família dele se opunha ao casamento, em vista da situação de papai e que ele não poderia casar comigo, para vivermos na miséria. Eu disse que não me importava, mas ele insistiu. Fiquei desesperada. Corri ao cofre de papai e ia tirar o quadro, quando ele veio chegando. Queria vender o quadro a Fouquet, sem que papai soubesse...

— Mas ele já não estava disposto a vendê-lo?

— Porém eu queria o dinheiro logo, para fugir com meu noivo. Mas papai chegou...

— Sim...

— E eu fui à casa de Fouquet sem o quadro. Pedi que me desse o dinheiro... Ele riu. Ofereci qualquer garantia e ele não aceitou. Abri o cofre. Eu vi o dinheiro! Puxei o revólver e matei-o.

— Senhorita, cumprimento-a pela coragem, mas sua história é fraca. Diz que a fugir com o noivo... e não fugiu. Diz que queria dinheiro... e não roubou nada de Fouquet...

— Mas...

— A senhorita não o matou... Eu fiz uma experiência para ver se, acusando-a, sabia com que o culpado confessasse. A experiência não deu resultado. Usarei outros métodos. O criminoso, como sabe, é seu pai!

— É simples. Remar comprou um quadro que parecia um autêntico Rembrandt, mas não era. Pagou a um perito para que dissesse que era um autêntico. Queria passar por descobridor de uma preciosidade. Mas uma coisa o traiu, logo de início. Foi a punhalada. Que ladrão mis-

terico era aquele? Ninguém... Não acredita que Remar tivesse coragem de se apunhalar, para dar um aspecto mais convincente à aventura? Você não conhece essas perversões... Ele seria capaz de suicidar-se para ganhar publicidade! Mas uma coisa restava: o seu amor pela filha. Muito tempo depois de adquirir o quadro e pagar bem a um perito, perdeu a fortuna. A filha precisou de dinheiro para casar. Ele imaginou um curioso estratagemas. Se desse aos peritos o quadro, eles diriam que se tratava de uma falsificação; mas, da maneira que ele arranhou, fazendo a confusão de

três quadros, ele confundiu a todos. Ninguém tratava de ver se havia um Rembrandt, mas qual era o Rembrandt. Um caso interessante de sugestão. E, além disso, as imitações eram bem feitas! Mas o dinheiro, que era para o dote da filha, teria que ser repartido com o perito, que se prestara à primeira mistificação e já estava exigindo a sua parte. Remar matou o perito, para poder dar a filha o dinheiro que ganhasse com o quadro...

— Mas como explica a confissão falsa de Jeanette?

— O pai tinha aquele vício da publicidade. O amor pela filha, única coisa

mais poderosa, impedia-o que contasse tudo ao mundo, mas não que contasse tudo a ela...

— Pobre moça!

— Afinal de contas, ela não era tão santa assim... Não hesitou em pedir a venda do Rembrandt e foi a causa de tudo...

— Mas compensou. Quando o pai confessou tudo e suicidou-se, ela resolveu confessar, para que ele não fosse acusado depois de morto.

Leborgne fez uma careta.

— Sentimentalismo tolo!

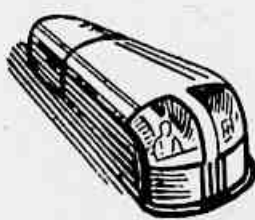
Leborgne detesta os sacrifícios inúteis.

O BRASIL DE HOJE

é uma só máquina resultante da coordenação de todas as forças morais e materiais que farão o BRASIL DE AMANHÃ



UMA INSTITUIÇÃO
BANCÁRIA QUE SE
PÕE A SERVIÇO DA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO



CONSTITUE UMA
FONTE DE ENERGIA
PARA A MÁQUINA
DO PROGRESSO
NACIONAL.

BANCO ECONÔMICO DO BRASIL S/A

RUA 1º DE DE MARÇO Nº 13 (SÉDE PRÓPRIA)
TEL. 23-1940 RÉDE INTERNA-END. TEL "ECONÔMICO"

apa
RIO

O preço desta
edição é de Cr\$
5,00 em todo
o Brasil, não
podendo ser
vendido por
preço maior.

Fixa, tonifica e dá novo vigor ao cabelo

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador do cabelo

ROGERIO GUERRA & CIA. LTDA.ÚNICOS DEPOSITÁRIOS DO
PAPEL AEREO E CARBONO**IMPORTAÇÃO**

Caixa Postal 1512

Telefone — 23-2804

EXPORTAÇÃO

End. teleg. PAPER

Code : BENTLY'S

Representações de Fábricas Americanas de Artigos para
Papellaria e Escritório**64 - RUA TEOFILO OTONI - 64****RIO DE JANEIRO****EBERHARD FABER PENCIL CO.**
New YorkA fábrica de lapis mais antiga
da AméricaLAPIS — BORRACHAS —
ELÁSTICO — CANETAS
— LAPISEIRAS**THE ESTERBROOK PEN CO.**
CAMDEN N. J.A maior e mais antiga fábrica de
penas da AméricaPENAS PARA TODOS OS FINS
— CANETAS-TINTEIRO COM A
PENA RENOVAVEL — BASES E
JOGOS DE SECRETARIA**S. S. STAFFORD INC. NEW YORK**Papéis-Carbono — Tintas para es-
crever — Artigos para escritório.**THE BATES MFT. CO. ORANGE,**
NEW JERSEYMáquinas de numerar
GRAMPEADORASINDICES — PRENDEDORES DE
PAPEL E ALMOFADAS PARA
CARIMBO**THE AUTOMATIC PENCIL**
SHARPENER CO.

CHICAGO — ILL.

A maior fábrica de máquinas de
apontar lapis do mundo

MAQUINAS

GEM — GIANT — CHICAGO —
PREMIER E OUTRAS**FRANK A. WEEKS MFT. CO.**
NEW YORKTINTEIROS — PARAGON E
ARTIGOS EM GERAL PARA
ESCRITÓRIOS**Como surgiu Copacabana**

Continuação da pag. 59

mercio, pois todas as boas casas da cidade estão esta-
belecendo filiais neste local.Copacabana é também um dos bairros mais alegres
e divertidos do Rio de Janeiro, com seus cinemas, con-
feitarias, e com sua praia animada pelo colorido dos
guarda-sóis e dos "maillots", assim como pelos esportes
ali praticados, entre os quais salientam-se o "volley-
ball" e o flut.A' noite os "passeios moles" na praia, de vai e vem
de lá pra cá, mostram que ainda hoje é confirmado um
dos versos mais espalhados nos cupons de propaganda
dos bondes da "Jardim Botânico":TEVE EM COPACABANA A NATUREZA,
AO FAZE-LA, TAIS MIMOS, TAL RIQUEZA
QUE NADA NOS DEIXOU A DESEJAR.
ENTEDIADOS, DEIXAI TEATROS E CEIAS,
IDE FITAR-LHE AS ROCHAS E AS AREIAS
E OUVIR O OCEANO EM NOITES DE LÚAR.Foi pois á intensa propaganda dos bondes que deve
grande parte de sua popularidade o bairro preferido
pela sociedade carioca, que o considera como um pedaço
do céu, colocado sobre uma das praias mais lindas da
Cidade Maravilhosa.E ainda hoje podemos repetir com certeza o que já
se dizia há quasi meio século:NOIVOS QUE O CÉU GOZAIS EM PLENO JUÍZO
ALMAS QUE A MAGUA NEM DE LEVE EMPANA,
QUERERIS DE VOSSAS NOIVAS NO SORRISO
LER A MAIOR FELICIDADE HUMANA?
PROMETEI-LHES MORAR NUM PARAISO
ROSEIO EM COPACABANA.**UM NOVO SER**

Continuação da pag. 45)

— Oxalá não a tenha atingido! —
disse Irina.— Não, está do outro lado. A poucos
passos daquele farol — disse o transe-
unte apontando para um determinado
lugar. — Eu, por minha parte, tenho
que ir embora. Apreciem como atiram
hoje! Ainda nos matarão...Irina não era diplomada em partos.
Prestava seus serviços na Maternidade.
Mas agora, seu dever, desafiando as trevas
e as explosões dos obuses, era procurar
a parturiente e, custasse o que custasse,
prestar-lhe auxílio. Não havia tempo
e perder, ninguém mais poderia socor-
rê-la... A noite era tenebrosa: borrasca,
frio intenso, bombas... Por cima de suas
casbecas passavam silvando projéteis e
mais projéteis. Irina seguida do pedio-
leiro evitava os buracos detinha-se e
escutava.Da direita partiu um gemido. Corre-
ram para o local e efetivamente atrás
do lampião, como dissera o transeunte,
com as cortas apiciadas na parede duma
casa, ao lado dum portão fechado, a
mulher estava sentada sobre a neve.Irina fincou os joelhos diante da par-
turiente, e esta lhe tomou um braço
com sua mão trêmula e ardente.Já era tarde para levá-la á Mater-
nidade. Estava em pleno parto. Dava á
luz sobre a neve em meio das negras
sombrias daquela noite hibernal, ilu-
minada pelos clarões dos obuses.Irina olhou em redor de si. Tudo lhe
parecia um conto de terror. A neve en-
trava-lhe pela gola do abrigo, as rajadas
do vento cortavam-lhe o rosto, as mãos
se lhe gelavam e o coração batia com
tanta força que sentia sua pancada.
Era como se Leningrado não existisse,
como se estivesse num deserto inóspito
sumido na escuridão, varrido pela tor-
menta de neve e pelos canhões inimigos.
Tornava-se inútil bater á porta daquela
casa desabitada, que, como as vizin-
has, estava em ruínas; o trânsito pa-
recia ter cessado por completo, e bem

Continua na pagina 90

BANCO DO BRASIL**O MAIOR ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO DO PAÍS**AGÊNCIAS EM TÔDAS AS CAPITALIS E CIDADES MAIS IMPORTANTES DO PAÍS E
CORRESPONDENTES NAS DEMAIS CIDADES E EM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO**CONDIÇÕES PARA AS CONTAS DE DEPÓSITOS:**

Sem Limite	2% a. a. (retiradas livres)
Populares (limite de Cr\$ 10.000,00)	4% a. a. (" ")
Limitados (limite de Cr\$ 50.000,00)	3% a. a. (" ")
Prazo Fixo — de 6 meses	4% a. a.
— de 12 meses	5% a. a.

Prazo Fixo com renda mensal —

— de 6 meses	3,½% a. a.
— de 12 meses	4,½% a. a.

Nota — Nesta conta, o depositante retira a renda, mensalmente, por meio
de cheque**De Aviso —** Para retiradas (de quaisquer quantias) mediante prévio aviso:

— de 30 dias	3,½% a. a.
— de 60 dias	4% a. a.
— de 90 dias	4,½% a. a.

Letras a Prêmio (sujeitas a sêlo proporcional)

— de 6 meses	4% a. a.
— de 12 meses	5% a. a.

NESTA CAPITAL, ALÉM DA AGÊNCIA CENTRAL, SITA NA RUA 1.º DE MARÇO,
N.º 66, ESTÃO EM PLENO FUNCIONAMENTO AS SEGUINTE METROPOLITANAS:TIRADENTES — Rua Visc. Rio Branco, 52
GLÓRIA — Largo do Machado (Edifício Rosa)
BANDEIRA — Rua do Matoso, 12
SAÚDE — Rua do Livramento, 63MADUREIRA — Rua Carvalho de Souza, 299
MEIER — Av. Amaro Cavalcanti, 27
CAMPO GRANDE — Rua Campo Grande, 100
RAMOS — Rua Leopoldina Rego, 78

ESPECIALISADA

ÓTICA CENTRAL

RUA RAMALHO ORTIGÃO, 9 - RIO

AS CASAS DE DEMONSTRAÇÃO DO GOVERNO BRITANICO

Londres, Dezembro. — A velha pergunta: "O inglês médio prefere uma casa ou um apartamento?" surgiu mais uma vez quando visitei recentemente as treze casas de demonstração construídas pelo governo em Northolt, na orla ocidental de Londres. A dona de casa que acompanhei na visita, a essa pequena propriedade que não constitui senão uma amostra do que pretende fazer o governo, desejava definitivamente uma casa para ela e o esposo depois da guerra. "Um bonito jardimzinho", para empregar as suas próprias palavras, era absolutamente essencial.

As primeiras seis casas que percorremos tornaram-na ainda mais firme na sua preferência por uma casa. Sentimo-nos profundamente impressionados com as numerosas comodidades de que era dotada cada construção. Os prédios diferenciavam-se muito pouco na planta. Alguns eram de tijolos, outros de material diferente; uns possuíam sala de jantar e sala de estar, ao passo que em outros as duas salas combinavam-se num vasto aposento. Todos tinham três dormitórios e sala de banho com água quente.

A minha companheira mostrou-se encantada com os tanques de água quente, envoltos num tecido de amianto, que conserva a água aquecida durante duas horas depois de apagado o fogão. Talvez os dormitórios fôssem um tanto acanhados e a minha amiga não o deixou de observar — mas não manteve a crítica por muito tempo. E nenhum de nós considerou que o único mobiliário necessário em cada dormitório era um leito, uma pequena mesa e uma cadeira. Os cabides, as gavetas e os guarda-roupas eram todos embutidos nas paredes.

Frequentemente nas casas antigas a cozinha é o aposento mais escuro, o que não deixa de ser surpreendente, porquanto é na cozinha que se passa a maior parte do dia. Os arquitetos modernos levaram esse fato em consideração e, conseqüentemente, construíram cozinhas claras e arejadas — observação essa que minha companheira não deixou de fazer ao ver as duas amplas janelas existentes em todas as cozinhas das casas de Northolt.

A sétima casa que visitamos surpreendeu-a — muito embora não fôsse em realidade uma casa. Do lado de fora parecia duas vilas semi-separadas, com as portas de entrada abrindo-se lado a lado no centro do edifício. Uma delas dava para um apartamento no andar térreo e, a outra, para a escada comunicando com o apartamento no andar superior. As paredes e teto tinham isolamento contra o calor e o barulho. Os

"Vôa, Alazão! O jóquei de traz é o **tal** que não usa **LIFEBUOY!**"



Muitas vezes, o seu futuro pode estar seriamente prejudicado por odores desagradáveis, que você não sente, mas os outros sim. Salvaguarde o seu sucesso pessoal! Use Lifebuoy, cujo elemento purificador especial, **ASSE-GURA SEU ASSEIO CORPORAL!**



O ODOR DE LIFEBUOY **DESAPARECE** ANTES DE VOCÊ SE VESTIR, MAS...

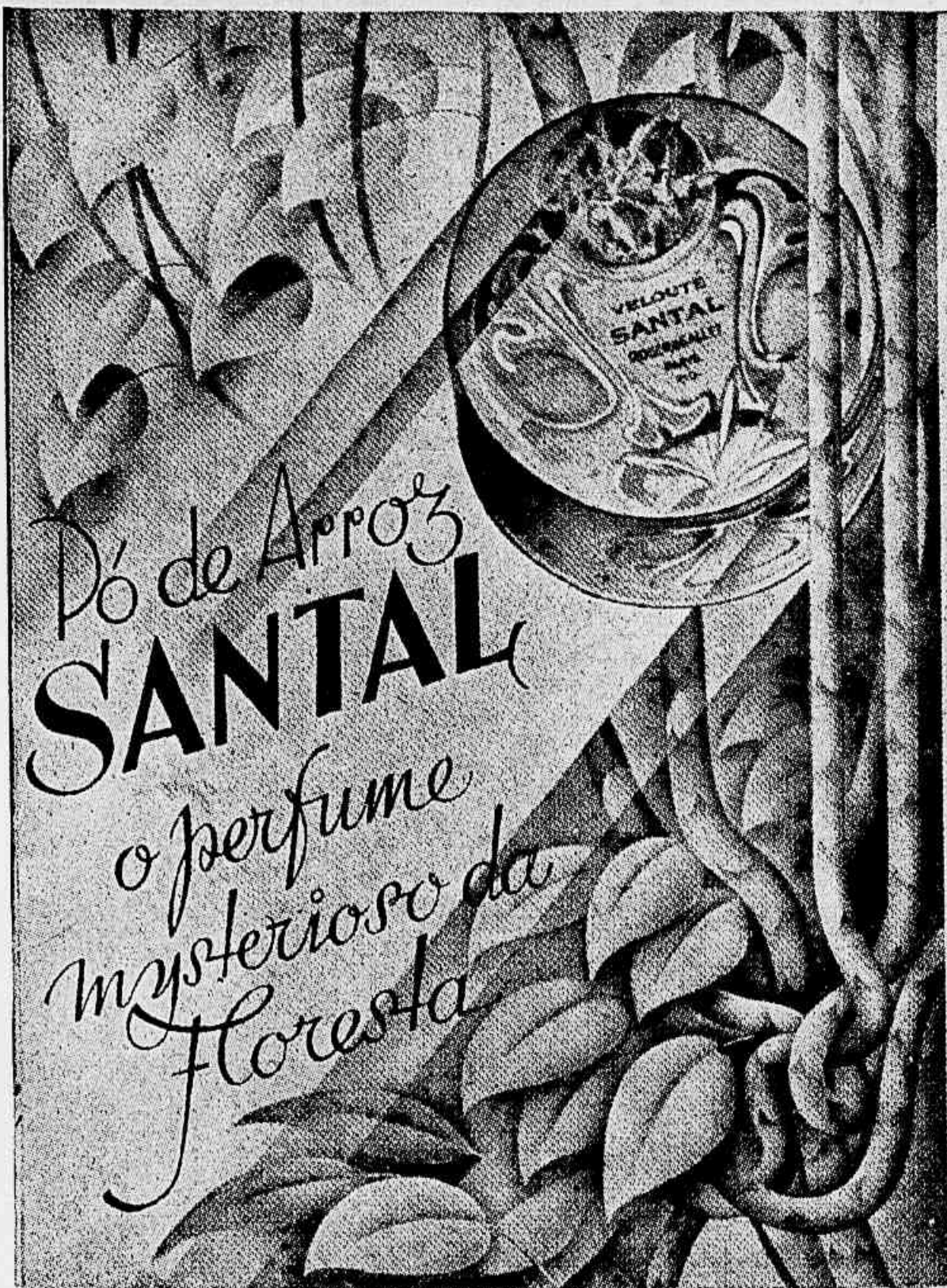
... sua ação protetora permanece! Faça esta fácil experiência: lave as mãos com Lifebuoy e enxágue-as bem. V. já, então, como já desapareceu seu odor antisséptico. Contudo, por muito tempo ainda, permanece sua ação protetora!

LIFEBUOY

LIFEBUOY
SABONETE DE SAÚDE

PARA TOUCADOR E
PARA BANHO

LINTAS LHS 84-052



ROGER & GALLET

quartos eram tão espaçosos quanto os das casas e as salas de estar um pouco maiores.

Foi então que a minha amiga decidiu-se finalmente e escreveu o nome na lista como pretendente ao apartamento, para depois da guerra. O que a preocupava era a falta do "belo jardimzinho". Esse problema, disseram-nos, seria resolvido com a divisão do terreno, nos fundos, em duas partes, de maneira que cada locatário tivesse o seu jardim separado.

Duas das casas remanescentes eram construídas de aço, podendo ser erigidas numa quinzena de dias, e a sua duração será de sessenta anos.



"Sala de estar de uma das casas de aço, separada da sala de jantar por uma grande porta dobradiça.

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE É SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

poderia acontecer que ninguém passasse por ali até o amanhecer.

Entre trevas de mar e, vinha ao mundo um novo ser que era preciso salvar, livrar das garras da fatalidade. Irina já não percebia o estralo das explosões nem as explosões das bombas. Ajudou a mulher a dar à luz como se estivesse

numa enfermaria e como habitualmente se faz...

Levantou no ar o recém-nascido, como se quisesse mostrá-lo a toda aquela grande cidade, mergulhada na sanha. Depois o levou, estreitando-o contra seu seio e envolto o úbio carpinho no seu abrigo. Caminhava sobre

neve virgem, não marcada ainda por pés humanos.

Atrás dela, sustida pelo servente do hospital e o transeunte que a descobriu, ia sendo conduzida, como uma ave ferida, a parturiente. Tropeçava nos montões de neve, mas seus lábios secos murmuravam: "Eu só..." O padoleiro,

cansadíssimo por ter trabalhado muito naquele dia, repetia constantemente: "Já chegamos, já está petinho..."

A borrasca agitou os tostos. As cercanias uns vidros caíram em fagulhas depois das explosões ensurdecedoras. Porém eles avançavam, sobrepondo-se à escuridão da noite, ao frio, às descargas. E se fosse preciso atravessariam toda a cidade, levando essa vida nova, esse pequeno novo ser, vindo ao mundo em nossa cidade numa hora tão incerta.

A mãe já sabia que tinha dado à luz uma menina. Às vezes estendia os braços para Irina, num gesto de detê-la, na ansiedade de abraçar sua filhinha, mas tornava a baixá-los.

Assim chegaram à Maternidade. E quando a mulher estava já deitada na cama e a gente se ocupava dela e a ajudava a se acomodar melhor, chamou Irina e, com muita seriedade, quase com rispidez, perguntou-lhe:

— Como te chamas?

— Para que quer sabê-lo? — respondeu Irina.

— Quero sabê-lo!

— Chamo-me Irina. Que lhe pode interessar meu nome?

— Será esse o nome de minha filha para que te recorde. Tu a selvaste. Agradeço-te de todo o coração!... E beijou-a três vezes.

Irina voltou-se e seus olhos marejaram-se de lágrimas sem que ela mesma soubesse por quê.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA

PASTA DE AMENDOAS

RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

A VENDA EM TODA A PARTE

MALTA

(Continuação da página 20.)

arte diplomática e os avisos imprescindíveis à sua cultura e trabalho. Infelizmente, só depois de morte do grande brasileiro, eu pude fotografar o seu gabinete de trabalho, sagrado recanto em que ele resolvia com mestria as grandes questões que deitam à Pátria situação de relevo no cenário internacional. Foi um grande "furo" na verdade, mas fi-lo com o coração pesado de tristeza e de saudade.

• CREPUSCULO

— Neste crepusculo da vida — prossegue Augusto Malta — gosto de reviver na memória o nome daqueles figuras; compulso, de quando em vez, com alegria, o meu arquivo e eles todos passam aos meus olhos, na minha saudade e veneração, com a mesma vivacidade e simpatia que irradiavam de sua pessoa. Para mim eles não são fantasmas, vivem servindo a Pátria, por que são imortais nas obras que realizaram. Releio as cartas que Paulo de Frontin, Pereira Passos, Rio Branco me mandaram da Europa, cheias de amizade e carinho para o humilde fotógrafo que soube compreendê-los, amá-los e servi-los. Deus quiz que sobrevivesse a todos. Confesso, tenho saudade e gostaria de vê-los ainda servindo à Pátria e novamente apertar lhes as mãos.

E depois de uma pausa, como que despertando:

— Ah! Isso são folices de velho.

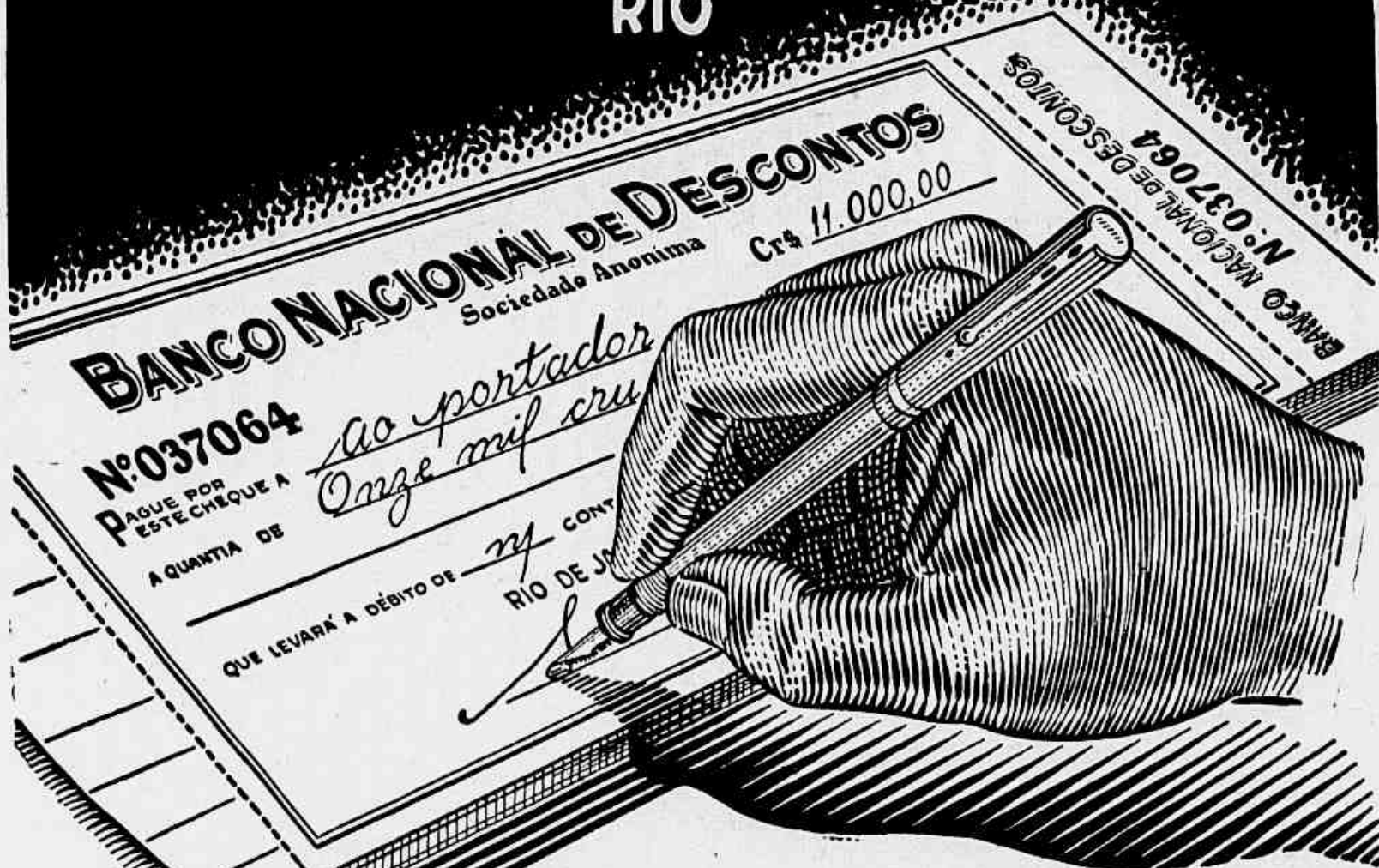
E Augusto Malta, despedindo-se põe o chapéu de Chile na sua bonita cabeça branca.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

50 ALFANDEGA 50

RIO

Funciona até às
19 horasDEPOSITOS
CAUÇÕES
DESCONTOS



Meu amigo. — Para responder a sua carta, que atravessou as grades da sua célula e entrou como uma ave da noite, ferida de morte, as janelas abertas do meu coração solitário, faz-se mister transcrevê-la. As palavras que me envia do cárcere trazem a força dos ferros que o separam do mundo. A sua resignação surda e o seu sêgrêdo trágico reclamam simpatia fraterna. Deixe-me, pois, dizer aos outros aquilo que você me diz. E escutem, os homens felizes, a voz de um homem desgraçado.

"Casa de Detenção, 23 de dezembro de 1933. — Exmo. Sr. Humberto de Campos. — Como viu, esta carta vai do cárcere, de um homem a quem a Fatalidade atirou à tristeza do presidio, e, assim, deixo a seu critério rasgá-la de início, solidário com a infalível e respeitabilíssima sociedade que me segregou, ou prosseguir, apreciando e atendendo ao que mal se acha expresso no seu conteúdo.

"Não importa a minha pessoa nem o meu crime; a própria liberdade de que me privaram nada é ante a grande dor, a pungentíssima aflição que me esfauma o peito hoje, vésperas

de Natal, ao recordar-me da minha filhinha Didi que, tendo completado dois anos, balbucia pela primeira vez o nome de Papai Noel, e pede pela primeira vez um brinquedinho, um "pinano", como ela diz ao piano, a Papai Noel, e põe o seu único sapatinho rôto no fogão e amanhã terá a primeira desilusão da vida, quando, ao amanhecer, encontrar, tão inocente, o sapatinho vazio, porque o Papai Noel que lhe poderia, com grande e dulcíssimo sacrifício, satisfazer o seu primeiro sonho de anjo se acha entre as grades de um cubículo. Minha primeira filhinha...

"O senhor, que é pai extremoso que procurou, para agradecer, o pequeno jornalista que socorreu o seu filhinho em situação difícil, compreenderá bem a minha dor, e, assim, de pai para pai, eu lhe peço que seja o Papai Noel para aquele meu tesouro, depositando no sapatinho que lhe saltita dentro do peito algumas palavras consoladoras, presente esse que amanhã lhe faltará, mas quando moça receberá comovida ao saber oriundo do Papai Noel da literatura brasileira, nos prodigalizar mimos diariamente, grandes doses de conforto espiritual, enriquecendo os nossos conhecimentos e encorajando-nos na luta pela vida com seu exemplo e as suas lições.

"Esse grande presente que peço para minha filha não faltará, estou certo, e grato deponho a seus pés os fragmentos de meu coração partido, coração de pai brasileiro, que dificilmente resiste a esses caprichos do destino.

"Um feliz Natal ao senhor e aos que lhe são caros é o que pede a Deus um preso, pai amoroso e grande admirador, indesejável decerto."

Esta carta, meu amigo, só ontem a recebi. E uma tristeza irresistível entrou pelo meu coração. Esperou você, provavelmente, a minha resposta, no dia de Natal. Esperou-a, ainda, no dia seguinte. E o meu silêncio foi, talvez, um golpe a mais no seu orgulho de homem. Supôs você, com certeza, que este escritor, amigo de todos os humildes, companheiro de todos os pobres, consolador de todos os desgraçados, repella a sua mão, recusava a sua estima, evitava o seu contacto, na hora trágica do infortúnio marcada no claro relógio de Deus pelo dedo escuro do Diabo. E, no entanto, como sofri eu próprio, com a suposição do seu sofrimento! E como teria ido, eu mesmo, à Casa de Detenção, levar-lhe o conforto da minha visita, e a desculpa da minha falta, se a sua carta não me viesse anônima e não me falecessem todos os meios de estabelecer a sua identidade!?

A demoia na entrega da sua súplica escrita foi a causa única, e poderosa, não de não haver você recebido as palavras destinadas a Didi, quando moça, mas de não ter a Didi, inocente e menina, encontrado no seu sapatinho rôto, na noite de Natal, o "pinano" do seu desejo. Porque, ao contrário do que você imagina, eu não me envergonho da sua amizade nem tenho horror à sua mão. Não sei qual foi o seu crime. Ignoro o seu nome. Basta-me, porém, para que lhe dê, como aqui lhe dou, o tratamento de amigo, e para que me não constranja em apertar o seu peito de encontro ao meu peito, a certeza, que a sua carta me dá, de que bate, dentro desse peito, um grande coração desgraçado. Sem acreditar, ainda, na irremediabilidade dos destinos, assaltam-me, ante a idéia de um cárcere, aquelas reflexões severas e sinistras, embebidas de fatalidade, que enchiam de terror, ao ver um homem algemado, o Ivan Timirich da mais famosa novela de

Tchekoff. O criminoso não sai de si mesmo, nem sai do berço com passagem para a prisão: ele é, na maior parte das vezes, uma vítima da cumplicidade das circunstâncias. Nenhum homem, por menos que se ame a si próprio, comprará, jamais, sob o domínio da consciência, um minuto de vingança por trinta anos de liberdade. E como as circunstâncias se podem acumplicar contra o homem mais morigerado da terra, por que fechar a alma ao apêlo daqueles que tombaram na sua rede e, sozinhos, se debatem dentro dela?

O seu grito não foi, portanto, meu amigo, lançado aos surdos ventos dos Desertos nem aos mudos penedos do mar. Se o meu coração é um sino que ressoa à simples passagem da brisa matutina, por que ficaria calado às pancadas rudes das palavras de ferro da sua carta? E de tal modo, que, ao ler, no cárcere, este recado que lhe mando, já estará aqui a meu lado, pronto para seguir o seu destino, o "pinano" de sua Didi. Irei eu próprio entregá-lo ao diretor da Casa de Detenção. Não perguntarei, jamais, o seu nome. Não quero conhecer a sua história. O seu diretor entregará-lhe a minha lembrança, quando você mandar procurá-la, e, enquanto eu for vivo, e você me disser, em carta, que continua preso, a sua Didi não passará mais um Natal sem brinquedos. Senti, pela extensão de sua desgraça, e pelo amor que tem à sua filha pequenina, o tamanho do seu coração.

Alguns varões de ferro que mãos humanas forjaram e as leis puseram diante de uma porta, o separam neste momento dos homens. Cada um desses homens tem porém uma filha, sendo portanto iguais perante a Natureza e perante Deus. Eu beijo, pois, — ó meu irmão desgraçado! — nesta véspera de fim de ano, na testa dos meus filhos que tiveram tudo na noite de Natal, porque tinham ao lado sua mãe e seu pai, a fronte pura da sua filhinha, que, nessa noite, sem culpa nenhuma, não teve nada...

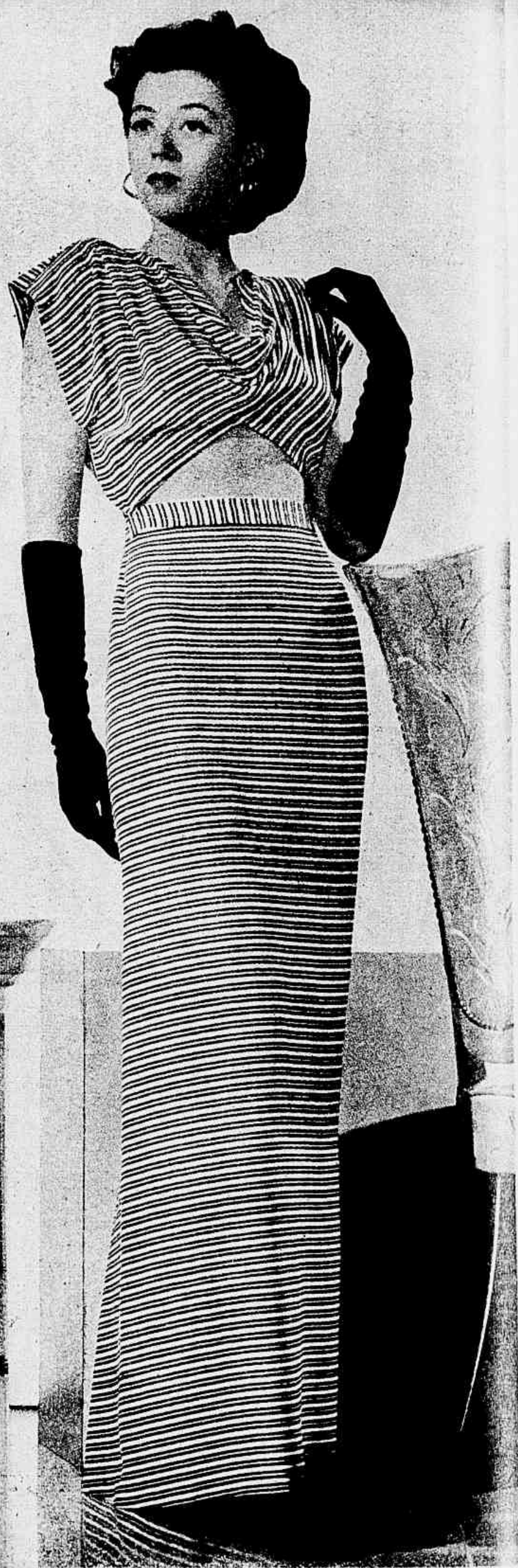
Conto de HUMBERTO DE CAMPOS --- Ilustração de José Antonio

Carta a um detento





Pois que mais sedutores presentes devem elas esperar de Papai Noel, senão vestidos novos, sapatos e todos os adornos para se enfeitarem e se tornarem ainda mais bonitas! Elas se enfeitam para fêles. E a êles, cabe, logicamente, bancar o velhote das barbas brancas, trazendo ao hombro derreado, ao pêso da idade, o saco não menos pesado com que se embelezam o ano inteiro. Também as "estrelas" de Hollywood recebem presentes de Papai Noel. E aqui vão alguns exibidos por duas bonitas pequenas — Rita Corday e Jeff Dannel. A postos, Papais Noel... de carteira abastecida...



↑ INTERESSANTÍSSIMO MODELO DE LISTAS PRETAS E BRANCAS, CREAÇÃO DE HOWARD GREER PARA JEFF DONNELL, DA COLUMBIA. É UM MODELO ORIGINAL PARA JANTAR OU MESMO PARA AS FESTAS DE FIM DE ANO. A BLUSA É DRAPEADA, COM AS MODERNÍSSIMAS MANGAS JAPONESAS, E SUBINDO NA FRENTE, SEPARADA DA SAIA. É SEM DUVIDA UM TANTO AUDACIOSO ESSE MODELO, MAS NÃO DEIXA DE SER ATRAENTE.

← VESTIDO PARA A CEIA, DE SAIA CURTA, É O QUE NOS APRESENTA RITA CORDAY DA RKO RÁDIO. O VESTIDO É DECOTADO, PRENDENDO-SE AOS OMBROS APENAS POR DUAS ALÇAS. AS MANGAS COMPRIDAS DÃO IDÉIA DE LUVAS. UM GRANDE RAMO DE FLORES COMPLETA O "CHIC" DESSA ELEGANTE "TOILETTE".

→ PARA ESPERAR PAPAI NOEL, RITA CORDAY SUGERE ESSE PIJAMA ORIGINAL, COMPOSTO DE UMA CALÇA DE PELE DE LEOPARDO E UMA BLUSA VERDE DE MANGAS LARGAS PRESAS AO PULSO POR PUNHOS DA MESMA FAZENDA. TAMBÉM AS SANDÁLIAS DE MISS CORDAY SÃO DE PELE DE LEOPARDO







MOVEIS

grupos estofados

TAPETES

de lã e algodão

CORTINAS

novidades em
tecidos para
decoração

*Presentes
uteis*

AVENIDA TIJUCA



MILTON FERREIRA DE CARVALHO

Rio de Janeiro

São Paulo

RUA MIGUEL COUTO, 51 - 1.º AND.

ED. AMERICA (Ant. "Martinelli")



1 dos 4 lhe agradará

RÓTULO DOURADO

Incomparável com bananas assadas, panquecas, biscoitos, bolachas, manjares, etc.

RÓTULO CHOCOLATE

Uma colher, das de sopa, num copo de leite, quente ou gelado, sabor inigualado. Delicioso com sorvete de baunilha.

RÓTULO AZUL

Com um delicioso sabor de melado. Substitue o caramelo, nos pudins.

RÓTULO VERMELHO

Para fins culinários, balas, sorvetes, etc. Saborosa sobremesa. Usado na dietética infantil.

REFINAÇÕES DE MILHO, BRAZIL S/A.

Caixa 151-B

São Paulo

Alvará de Publicidade 120

Karo um alimento à base de

